

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Noeli Reck Maggi

A FRATURA DA FUNÇÃO PATERNA E O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO:  
UM ESTUDO COM CRIANÇAS DE PERIFERIA URBANA  
EM FASE DE ESCOLARIDADE INICIAL

474948

T  
159.964.2131  
M193f  
2005

Porto Alegre  
2005

UFRS  
BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO

Noeli Reck Maggi

A FRATURA DA FUNÇÃO PATERNA E O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO:  
UM ESTUDO COM CRIANÇAS DE PERIFERIA URBANA  
EM FASE DE ESCOLARIDADE INICIAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora:  
Profª Drª Maria Nestrovsky Folberg

Porto Alegre  
2005

UFRGS  
BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO

Noeli Reck Maggi

A FRATURA DA FUNÇÃO PATERNA E O PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO:  
UM ESTUDO COM CRIANÇAS DE PERIFERIA URBANA  
EM FASE DE ESCOLARIDADE INICIAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em

---

PROFª DRª MARIA NESTROVSKY FOLBERG – ORIENTADORA

---

PROFª DRª REJANE CZERMAK – PPG-PSICOLOGIA/UNISINOS

---

PROF. DR. HUGO OTTO BEYER – PPGEDU/UFRGS

---

PROFª DRª MARTA D'AGORD – PPG-PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL/UFRGS

---

PROF. DR. CELSO GUTFREIND - ULBRA

Aos meus pais,  
Joaquim André e Joana Maria,  
que me inscreveram na  
função paterna.

## AGRADECIMENTOS

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, pelo incentivo e desafios proporcionados ao longo do curso.

À minha orientadora, Professora Maria Nestrovsky Folberg, pelo acolhimento e pelo criterioso respeito à singularidade.

Ao Natal Fachini, pela aposta, sustentação e escuta perseverantes.

À Irene, Marise, Ema, Terezinha e Feliciano Flores, minhas irmãs e meus amigos. Com vocês aprendi a buscar nos meus limites o incentivo para novas descobertas.

Agradeço a todos que acompanharam, participaram e apoiaram este estudo: Beatriz Felipe, Célia, Maria de Nazareth, Lúcia, Maria de Lourdes, Maria Ely, Maria Beatriz e Jane.

Agradeço à Gisele e às crianças que fizeram parte da pesquisa falando das suas histórias e inventando outras. Agradeço especialmente à Jéssica e ao Roberto que me ajudaram a compreender outras crianças com suas histórias.

## RESUMO

Este trabalho investiga a capacidade de simbolização em crianças que sofreram fratura da função paterna no seu desenvolvimento inicial. A pesquisa foi realizada com crianças em fase de escolaridade inicial que pertencem a uma comunidade de periferia urbana da cidade de Porto Alegre.

A metodologia de caráter descritivo e qualitativo utilizou como instrumentos de coleta de dados observações, entrevistas, grupo focal, narrativas infantis e brinquedo. Para analisar o material empírico, foram levantadas categorias conceituais e de generalização científica a fim de melhor compreender a criatividade e o processo de simbolização dos sujeitos investigados nesta pesquisa.

Foram analisados os efeitos da função paterna fraturada no desenvolvimento do espaço potencial de criatividade na vida das crianças. O estudo buscou fundamentação teórica na psicanálise, especialmente nos referenciais de Freud, Winnicott, Lacan e Piera Aulagnier para fazer a reflexão metapsicológica na construção dos dois estudos de caso.

Os resultados indicam que, mesmo sofrendo profundas privações no desenvolvimento inicial, as crianças preservam a capacidade de operar no nível simbólico com recursos do imaginário, especialmente através do brinquedo.

Este estudo pretende confirmar a tese de que os sujeitos com função paterna fraturada desenvolvem capacidade de simbolização de modo eficaz, na medida em que os pais ou responsáveis pela educação da criança sejam continentais e também tenham sido inscritos pela função paterna.

**PALAVRAS-CHAVE:** função paterna fraturada, simbolização, espaço potencial de criatividade.

## ABSTRACT

This study investigates the capacity of symbolization in children who have suffered fracture from their fatherly function in their initial development. The research was done with children at an early phase in their schooling, who live in a poor community at the outskirts of the city of Porto Alegre.

Methodologically both descriptive and qualitative, the study has made use of instruments of data collection such as observations, interviews, focal group, children storytelling and playing. In order to analyse the empirical material, conceptual and scientific generalization categories have been postulated so that the investigated subjects' creativity and process of symbolization could be better understood.

The effects of the fatherly fracture function on the development of the potential space of creativity in the children's lives have then been analysed. The study has found theoretical grounds in psychoanalysis, especially in the works of Freud, Winnicott, Lacan, and Piera Aulagnier, in order to achieve a metapsychological reflection on the construction of both case studies.

The results indicate that, while suffering from deep privations in their initial development, children preserve the capacity to operate on the symbolic level with resources from their imagination, especially through playing.

This study is an attempt to confirm the thesis that subjects with fatherly fracture function can still develop the capacity of symbolization in an efficient way, provided that their parents or some other adults responsible for their education are supportive enough, and have also been inscribed by the fatherly function.

**KEYWORDS:** fatherly fracture function, symbolization, potential space of creativity.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>2 A CULTURA DA CRIANÇA DE PERIFERIA URBANA – UM MODO DE VIDA</b> .....	20
2.1 A INVESTIGAÇÃO SOBRE A CULTURA DA CRIANÇA.....	20
2.2 UM OLHAR SOBRE A PERIFERIA URBANA .....	23
2.3 O COTIDIANO DA CRIANÇA – UM MODO DE VIDA .....	26
2.4 A COMUNIDADE INVESTIGADA – APROXIMAÇÕES COM A TEORIA .....	31
2.5 OBSERVAÇÕES DA CRIANÇA NO SEU COTIDIANO .....	37
2.6 ENCAMINHAMENTOS .....	45
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	46
3.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA .....	46
3.2 MÉTODO DE ESTUDO .....	50
3.3 ESTUDO DE CASO .....	53
3.4 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....	56
3.5 GRUPO FOCAL .....	57
3.6 NARRATIVAS INFANTIS E O BRINQUEDO .....	58
3.7 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS .....	60
3.8 ELEMENTOS CONCEITUAIS DA TEORIA PSICANALÍTICA – CATEGORIAS DE ANÁLISE .....	60
3.9 DA PSICOPATOLOGIA DO ESPAÇO POTENCIAL PARA A CRIATIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE .....	67
<b>4 CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO</b> .....	72
4.1 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO – UMA LEITURA DE FREUD .....	72
4.2 A CONSTITUIÇÃO DO EU E A RELAÇÃO ESPECULAR EM LACAN .....	76
4.3 O PICTOGRAMA, A ENUNCIÇÃO DO SUJEITO NA CONCEPÇÃO DE PIERA AULAGNIER .....	80
4.4 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA CONCEPÇÃO DE DONALD WINNICOTT .....	87
4.4.1 AS FASES DO DESENVOLVIMENTO E AS FUNÇÕES DA MÃE .....	88
4.4.2 O ESPAÇO POTENCIAL E A ORIGEM DA CRIATIVIDADE .....	93
4.5 A ORIGEM DA SIMBOLIZAÇÃO EM PIERA AULAGNIER, WINNICOTT E LACAN ..	96
4.6 COMO OCORRE A SIMBOLIZAÇÃO NA NEUROSE E NA PSICOSE .....	102

4.7 ENCAMINHAMENTOS .....	104
<b>5 A FUNÇÃO PATERNA .....</b>	<b>105</b>
5.1 QUESTÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS DA FUNÇÃO PATERNA .....	105
5.2 A FUNÇÃO PATERNA E O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA .....	110
5.3 DO REAL AO IMAGINÁRIO – DO IMAGINÁRIO AO SIMBÓLICO - COMO TRANSITAM OS REGISTROS .....	118
5.4 PAI SIMBÓLICO .....	120
5.5 PAI IMAGINÁRIO .....	121
5.6 PAI REAL .....	121
5.7 A FUNÇÃO MATERNA, A FUNÇÃO PATERNA E A TRANSGERACIONALIDADE ...	121
5.8 A FUNÇÃO PATERNA, A CRIATIVIDADE E O PENSAMENTO .....	124
5.9 O PAI E SUA FUNÇÃO INOPERANTE .....	126
5.10 ENCAMINHAMENTOS .....	129
<b>6 A CRIANÇA DE ESCOLARIDADE INICIAL .....</b>	<b>130</b>
6.1 UMA CRIANÇA EM DESENVOLVIMENTO INGRESSA NA ESCOLA .....	130
6.2 O PERÍODO DE LATÊNCIA E A ESCOLARIDADE INICIAL .....	140
6.3 AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DAS CRIANÇAS .....	145
6.4 A CRIANÇA E A PULSÃO DE CONHECER .....	147
6.5 ENCAMINHAMENTOS .....	151
<b>7 CONSTRUÇÃO DO CASO JÉSSICA .....</b>	<b>152</b>
7.1 UM POUCO DE HISTÓRIA .....	152
7.2 USO DO ESPAÇO POTENCIAL .....	157
7.3 OPERÂNCIA DO SIMBÓLICO: PRIMAZIA DO SIMBÓLICO SOBRE O REAL E O IMAGINÁRIO .....	164
7.4 AS INSCRIÇÕES DA FUNÇÃO PATERNA E DA FUNÇÃO PATERNA FRATURADA	170
7.5 ENCAMINHAMENTOS .....	178
<b>8 CONSTRUÇÃO DO CASO ROBERTO .....</b>	<b>179</b>
8.1 UM POUCO DE HISTÓRIA .....	179
8.2 USO DO ESPAÇO POTENCIAL .....	185
8.3 OPERÂNCIA DO SIMBÓLICO: PRIMAZIA DO SIMBÓLICO SOBRE O REAL E O IMAGINÁRIO .....	191
8.4 AS INSCRIÇÕES DA FUNÇÃO PATERNA E DA FUNÇÃO PATERNA FRATURADA	198
8.5 ENCAMINHAMENTOS .....	202
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>203</b>

9.1 REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO E REDAÇÃO DOS CASOS .....	203
9.2 ENCAMINHAMENTOS FINAIS .....	215
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	222
ANEXOS .....	228

## 1 APRESENTAÇÃO

O tema desta pesquisa é resultado, em primeiro lugar, da prática docente em turmas de pré-escola e primeiras séries com crianças que, marcadas pela história de suas vidas, tinham dificuldade para expressar de forma espontânea, e ao mesmo tempo criativa, o que desejavam. Havia necessidade de ir ao encontro delas, pois num estado de alienação perante o que estava sendo proposto, pareciam negar-se a pensar bem como ter dificuldade de entrar no processo simbólico para representar a realidade. Por vezes, a interdição era necessária, diante da impulsividade colocada em ação; por vezes, encontrar-se com a criança no seu mundo imaginário tornava-se alternativa para compreender a complexidade do seu funcionamento psíquico.

Uma preocupação instigante tornou-se presente quando, na função de orientadora educacional, eu era convocada pelos professores a buscar alternativas para compreender a história dessas crianças. As tentativas de encontro com os pais iam fortalecendo a hipótese de que as marcas originadas por um olhar seguro e confiante no desenvolvimento inicial ajudariam a criança a se organizar diante do caos pulsional. Essa compreensão foi consolidada no trabalho clínico como psicóloga, no atendimento às crianças e aos adolescentes e daí surgiu o interesse pela *função paterna*.

A fragilidade da presença parental (pai ou mãe) ou dos cuidadores na vida dessas crianças parecia aumentar a necessidade de fazer interdições e funcionar como uma lei anunciadora de um Outro na relação interpessoal. Questionamentos sobre as condições pessoais do professor e sobre suas funções começaram a surgir. Como ele poderia se aproximar da história dessas crianças? De que modo as crianças estavam falando a própria

história? Todas as inquietações anunciavam uma necessária revisão na forma de o professor relacionar-se a partir da sua função docente com esses sujeitos.

Em segundo lugar, meu interesse pelo estudo fortaleceu-se a partir da experiência como docente nos cursos de licenciatura para formação de professores. Os depoimentos dos graduandos revelava que, na relação cotidiana com as crianças, observavam-se atitudes impulsivas, com baixa tolerância perante obstáculos e dificuldade para pensar sobre a realidade. Parecia-me não ser uma dificuldade só das crianças, mas também dos professores. Esses últimos lidavam com crianças que apresentavam dificuldade para conviver com os conflitos e incertezas próprios do processo de aprendizagem. Os professores experimentavam vivências semelhantes numa espécie de espelhamento com seus alunos. Pensando no aluno como sujeito do conhecimento, também estaria referido o professor como parte da relação não só pedagógica, mas também transferencial. Se as crianças apresentavam dificuldade para tolerar e enfrentar pequenas carências, para pensar ou representar o desejo através da linguagem ou do brinquedo, havia necessidade de maior investigação sobre a forma como introjetaram as normas e os princípios norteadores de convivência tanto nas relações com o conhecimento como com o grupo.

O que falhou na vida das crianças que não conseguem entrar em contato com a realidade, enfrentar desafios ou buscar respostas ao que lhes falta? Se os pais não nomearam nem nortearam a criança para entrar na cultura e, portanto, dar sentido ao mundo dos objetos, como o professor poderá fazê-lo?

Assistimos, na contemporaneidade, a uma minimização do exercício da autoridade dos pais em forma de significação do mundo e do ambiente imediato e em forma de transmissão da capacidade de significar esse mundo na sua ausência. Os efeitos imediatos são presença de patologias narcisistas e graves transtornos de comportamento. A problemática da carência da lei como instituinte do desejo tem acompanhado o depoimento dos professores respondendo

eles também com sentimentos de impotência diante das frustrações, conflitos e desafios, próprios do processo de aprendizagem dos seus alunos.

O conhecimento exige a castração simbólica ou inserção no simbólico, sem o que não há condição de aprendizagem. Se os pais se conduzem como não estando inscritos na *lei*, ou seja, na ordem simbólica, a escola consegue desempenhar este papel? As crianças podem chegar à escola almejando o eterno gozo, buscando a qualquer custo satisfação imediata e constante de seus impulsos, cabendo à educação dar conta deste processo repressor e de adiamento? A interdição feita pela educação enquanto ação, função e consequência possibilita o nascimento do sujeito que é capaz de desejar?

A civilização segundo a psicanálise educa, enquadra e controla as pulsões ajudando a criança a aprofundar o processo de adiamento da satisfação primitiva e a integrar-se cada vez mais no princípio da realidade. O princípio básico para a criança sair da condição de objeto e tornar-se sujeito e agente é efeito da interdição exercida pela função paterna. A função paterna não é necessariamente um papel limitado ao espaço da família: na sua dinâmica triangular mãe-filho-pai, ela preexiste no registro imaginário dos genitores e também de cada sujeito que transita no grupo e que participa das relações interpessoais.

Se a entrada na escola convoca a criança a participar de forma partilhada com outros sujeitos, necessariamente ela deve ter introjetado valores éticos e morais, além da capacidade de submeter-se às exigências impostas na construção do conhecimento. Não se trata de fazer a criança introjetar uma *lei* tirânica ou permissiva, mas uma *lei* que proteja a criança da condição de natureza para regulamentar os relacionamentos e conviver com as diferenças.

A inoperância da função paterna marginaliza a criatura humana e gera a marginalidade na sociedade. A pedagogia é um ordenamento dos códigos, dos valores e dos conceitos formalmente construídos. Para estabelecer relação com o conhecimento, a criança necessita desdobrar o olhar sobre si, sobre o outro e sobre o objeto que está sendo conhecido.

A pedagogia trabalha com a singularidade do sujeito do conhecimento, mas esse mesmo sujeito não aprende de modo solitário na medida em que ele se relaciona com o texto, com o livro, com o professor e com o próprio signo apresentado como elemento a ser analisado. Em todos os momentos, a função paterna necessariamente será condição imprescindível destas ações. Quando na família não foi instituída essa função, a escola cujo fim maior é a educação, terá de fazê-lo. Mas será a escola capaz de suprir aquilo que na família não é feito?

A psicopedagogia, enquanto formação de profissionais que trabalham com as dificuldades de aprendizagem, e o curso de formação de professores na terminalidade em séries iniciais têm apontado para a necessidade de um aprofundamento sobre as formas de relação da criança com o conhecimento, a partir das questões propostas pela escola. As crianças trazem, desde a sua origem, um movimento próprio para falar de suas necessidades e pôr em ação os seus projetos. Para tanto, elas precisam de uma escuta diferenciada como a psicanálise tem. A escola e os professores expressam, na maioria das vezes, uma certa preocupação em compreender essas crianças, mas em geral o fazem preservando-se e preservando o próprio projeto de trabalho: é a alienação do processo de aquisição do conhecimento.

Enquanto problema, definiu-se como tema de investigação a *função paterna*<sup>1</sup>, lei e exercício da transmissão do saber viver dos pais. Ela é o pilar instituinte do simbólico e, portanto, da condição para a aprendizagem. O problema de investigação da pesquisa ficou assim constituído: *A função paterna mesmo fraturada, em crianças de periferia urbana em fase de escolaridade inicial, mantém operante o espaço potencial de criatividade?*

---

<sup>1</sup> Para Lacan, a metáfora paterna é uma primeira simbolização entre a criança e a mãe. Designa a função do pai no complexo de Édipo; o pai que não é um objeto real, embora intervenha para instituir a castração. A posição do nome-do-pai, como tal ou como procriador, é uma qualidade simbólica. A função paterna institui a falta da mãe e, portanto, a possibilidade de simbolização. LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5.

Alguns dos princípios sustentados pelos autores anunciados na presente pesquisa sugerem que a criança, ao nascer, necessita do atendimento às suas necessidades básicas através da disponibilidade adaptativa da mãe. Nessa mesma perspectiva, à medida que a criança se torna mais fortalecida, a mãe retoma suas atividades propiciando ao filho a experiência de pequenas faltas, isto é, o objeto gratificador não se encontrar disponível de forma imediata. A criança que tem a lembrança da mãe ou das experiências gratificantes inventa objetos ou situações substitutivas utilizando-se de brinquedos, da fala ou de objetos transicionais. São os cuidados maternos “suficientemente bons” que oportunizam o espaço de transição entre “ser” e “ter”, um “espaço potencial” em que a ausência é experimentada e substituída pela imaginação e pela criatividade.

As questões desta pesquisa centralizam-se na investigação sobre as crianças que apresentam dificuldade para expressar o seu desejo através do processo de simbolização<sup>2</sup>. Com base nisso, foram levantadas as seguintes questões de pesquisa:

a) Como as crianças se expressam e representam o pensamento diante de um desafio proposto nos espaços formais e não formais de aprendizagem?

b) O reconhecimento do outro, a aceitação da diferença e a repressão da impulsividade são processos inscritos no desenvolvimento inicial pela função paterna?

c) As crianças que sofreram “fratura na função paterna” conseguem operar no nível simbólico quando na relação com o outro necessitam enfrentar a realidade e desenvolver reflexão?

d) As crianças que sofreram “fratura na função paterna” porque foram excessivamente privadas do atendimento nas necessidades básicas tais como: cuidados com a saúde,

---

<sup>2</sup> Winnicott (1993), diz que se exigem os símbolos quando existe desejo; quando ocorre uma frustração proporcionada pela “mãe suficientemente boa”. Os símbolos surgem no espaço potencial entre a mãe e o bebê. São invenções e fazem parte da imaginação para substituir um objeto que não está presente, mas não está perdido. Para Laplanche e Pontalis (1992), trata-se de um modo de representação indireta e figurada de uma idéia, de um conflito, de um desejo inconscientes: em psicanálise, podemos considerar simbólica qualquer formação substitutiva.

alimentação, repouso, higiene ou que sofreram um abandono ou trauma quando pequenas mantêm operante o espaço potencial de criatividade?

e) A “função paterna fraturada” está mais presente com o abandono dos pais?

Esta pesquisa é pensada buscando na psicanálise uma sustentação conceitual e metodológica para a escuta e o olhar dispensados aos sujeitos ao longo de nossos estudos. Como matriz teórica maior, o trabalho sustenta-se na psicanálise, para falar de um sujeito determinado pelo inconsciente, funcionando a partir do recalçamento originário, marcado pelo Édipo e desvelado pelos sintomas e relações transferenciais.

Para desenvolver as noções sobre função paterna, o estudo orienta-se pelas concepções de Lacan<sup>3</sup>. Considerando que o sujeito nasce alienado no discurso do Outro, Lacan destaca a importância da *lei* como instituinte do desejo na criança. Assim entendido, toda a problemática anunciada pelos professores no trabalho com as crianças passa necessariamente pela função paterna. Crianças que não trazem um nome<sup>4</sup> suficientemente explicitado, isto é, uma inscrição forte no simbólico e que se mantêm numa posição narcísica junto aos cuidadores, especialmente a mãe ou substituto, carecem de um processo de separação e de diferenciação identificatória, como também da possibilidade de pensar. O referencial teórico de Lacan nos possibilita compreender de que modo as crianças manifestam a função paterna mesmo fraturada e nos ajuda a tirar as implicações de manejo e convívio junto a elas. O nome-do-pai, herança da função paterna, confere ao sujeito a possibilidade de sair de um estado de onipotência para operar no registro simbólico, dando-lhe a primeira condição, condição *sine qua non* para o processo de aprendizagem.

Para compreender a constituição psíquica do sujeito na sua origem mais originária (o originário do pictograma), busca-se em Piera Aulagnier<sup>5</sup> a fundamentação teórica,

---

<sup>3</sup> LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

<sup>4</sup> Ter um nome é muito mais que ser nomeado. É ter reconhecimento em primeiro lugar, proveniente da fala e do olhar dos pais.

<sup>5</sup> AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

especialmente no que se refere às primeiras nomeações dadas pela mãe. A partir da sua experiência clínica com crianças, essa autora refere a importância da reconstituição da história de vida com cada sujeito que não conseguiu anunciar aquilo que no presente parece não fazer sentido.

O quadro teórico de Aulagnier nos possibilita tanto compreender a constituição do psiquismo arcaico na criança como também compreender a importância da reconstrução da sua história a fim de dar continuidade ao desejo de ser e de aprender. A palavra da mãe nomeando o filho traz no seu discurso a presença do pai. A mãe, numa atitude onipotente, pode enunciar-se através do filho, ou, sendo portadora da palavra do pai dentro de si, enunciar o filho para além do seu desejo; isto é, a mãe pode referir o filho ao falo ou ao pai, simbolicamente. Sem essa constituição, o sujeito permanece alienado no Outro, impossibilitado também de interpretar ou dar sentido às situações de aprendizagem.

Para sustentar a idéia de subjetividade e dos modos de criar e inventar na criança, o espaço potencial teorizado por Winnicott<sup>6</sup> é analisado e utilizado como recurso para a investigação empírica desta pesquisa. Winnicott verificou, a partir da experiência clínica, a importância do papel dos pais ou cuidadores na criação de uma terceira área da experiência que se localiza entre a criatividade primária e a percepção objetiva do sujeito, lugar onde se originam os sonhos e a imaginação. A vida cultural do ser humano estaria relacionada com a forma como lhe foi introduzida a realidade pelos seus cuidadores; a apresentação gradativa e freqüente de pequenas carências no período inicial do desenvolvimento da criança possibilita a sua saída de um ilusório momento de onipotência junto aos pais para um possível contato com a realidade. A experiência da criança de sentir-se ao mesmo tempo alienada e separada da mãe será melhor suportada a partir de objetos e imagens substitutos que, transitando no seu

---

<sup>6</sup> WINNICOTT, Donald W. A Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

imaginário, viabilizam o acesso ao simbólico. Winnicott designa esta área de espaço potencial e a destaca como fonte para a criatividade e base da vida cultural dos sujeitos.

Servindo-nos do referencial teórico de Winnicott, é investigada a forma como as crianças inventam suas histórias e levam uma vida de relação e de inclusão social com os pares. A compreensão de como as crianças operam sobre o *real* e a realidade e respondem às solicitações que lhes são propostas pode indicar caminhos para o professor flexibilizar sua ação docente com vistas ao desenvolvimento do processo simbólico.

Para compreender a estrutura do trabalho, são apresentados subtítulos nas seções com a designação do seu conteúdo. Em sua redação, a pesquisa está dividida em duas partes desdobradas em seis seções. A primeira parte apresenta a comunidade onde foi realizada a pesquisa, situa o método e descreve os procedimentos utilizados e traz os elementos conceituais vistos a partir de autores básicos que serviram de referência para a caracterização dos sujeitos da investigação. A segunda parte apresenta a construção de dois estudos de caso e os encaminhamentos finais. Vejamos agora como o trabalho está estruturado em seções:

A primeira situa a cultura e o modo de vida dos sujeitos investigados para este estudo. São explicitadas as relações entre os moradores da comunidade, seus valores e o modo de vida das famílias residentes na periferia da cidade.

A segunda seção trata do método e dos procedimentos utilizados na pesquisa, dos dispositivos utilizados para leitura e interpretação dos dados e da descrição e organização dos elementos empíricos levantados. Os indicadores conceituais, empíricos e os descritores para análise dos dados estão fundamentados em autores básicos que fazem parte do referencial teórico.

A terceira seção trata da constituição psíquica do sujeito a partir da concepção psicanalítica de Freud, de Lacan, de Aulagnier e de Winnicott. Dedicase a cada um dos três últimos um espaço para realçar a importância dos pais ou de seus representantes nos cuidados

iniciais da criança. É destacada também a forma como a função paterna torna-se condição para o ser humano se constituir sujeito do próprio desejo.

A quarta seção traz uma revisão histórica e conceitual sobre a função paterna com um desdobramento sobre os modos de operância do simbólico na vida das crianças. Os elementos teóricos sobre o pai e sua função na transgeracionalidade são explorados por autores apoiados, especialmente, na perspectiva de Lacan.

A quinta seção situa a criança de escolaridade inicial e a origem da simbolização. Considerando que os sujeitos da pesquisa estão em fase de escolaridade inicial, a passagem pelo complexo de Édipo e as formas de sublimação e de representação do simbólico, serão tratadas a partir dos autores básicos deste trabalho.

A sexta seção apresenta o estudo denso e extenso de dois casos. O aprofundamento dos casos tem como referência os indicadores conceituais, empíricos e os descritores já apresentados na segunda seção com o referencial teórico apresentado nas seções terceira, quarta e quinta.

Para finalizar, são apresentadas as considerações finais da pesquisa. Entre estas considerações destaca-se o que foi levantado sobre a construção dos casos, as perspectivas futuras diante da realidade encontrada e os possíveis encaminhamentos. Procura trazer uma perspectiva de conclusão da pesquisa, com pontos de reflexão para a retomada de ação junto às crianças.

## 2 A CULTURA DA CRIANÇA DE PERIFERIA URBANA – UM MODO DE VIDA

Esta seção faz uma breve referência às questões teóricas sobre cultura, apontando idéias de alguns estudiosos das ciências humanas preocupados com a origem de classe dos sujeitos, seus modos de viver e de se relacionar em determinado estrato social. O presente estudo torna-se claro na medida em que os sujeitos da investigação sejam apresentados a partir de um espaço e de uma história. A palavra espaço deve ser entendida nos seus dois sentidos: o de espaço físico delimitado por um núcleo de moradores cuja vizinhança é representada por outras vilas, por uma escola ou por uma avenida e um espaço no sentido psíquico, possibilitando entender a lógica de algumas práticas presentes nos dados empíricos. Com a questão de espaço psíquico, pretende-se também analisar o modo como as crianças enfrentam os desafios e as solicitações do cotidiano. Este aspecto será mais explorado no subitem referente às questões teóricas e à aproximação com a realidade. Inicialmente é referido o que se observou na comunidade como um todo; análise que não está esgotada pela complexidade e riqueza de elementos que possui.

### 2.1 A INVESTIGAÇÃO SOBRE A CULTURA DA CRIANÇA

A criança constrói suas representações a partir do seu espaço e atribui significações em função das trocas que estabelece com a sua cultura. Para compreendê-la, faz-se necessário definir o seu lugar. Procurando fundamentar idéias a respeito do tema com suas representações simbólicas e valores, recorro ao campo da Antropologia. Na concepção de Kuper<sup>7</sup>, cultura tem um sentido amplo e envolve idéias, valores e atitude mental coletiva.

---

<sup>7</sup> KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. São Paulo: EDUSC, 2002. P. 288.

enquanto Brandão<sup>8</sup> faz referência a duas posições a respeito do assunto. A primeira sustenta a definição de cultura como um conjunto de estruturas de significado e de saber, permeadas por processos de comunicação, enquanto a segunda defende a idéia de sistemas de competição e de conflito, sustentados pela questão do poder.

Tomando a cultura como uma criação simbólica, Geertz<sup>9</sup> fala da importância do sentido das práticas individuais e de grupo. Para ele, o objetivo das ciências humanas não deve ser a busca de leis gerais e constantes, mas a procura dos significados que os sujeitos dão às formas pelas quais escolheram viver suas vidas. Assim, o tema desta pesquisa só pode ser investigado compreendendo o modo de vida dos sujeitos, os papéis e os espaços designados aos pais e demais representantes do grupo familiar, como também a forma de articulação das funções que são atribuídas dentro do grupo.

Para falar de função paterna no sentido proposto por Lacan<sup>10</sup>, é necessário compreender os modos de relação das crianças com a comunidade, situar quais operadores daquela cultura exercem a referida *função*. Bourdieu<sup>11</sup> faz referência às representações e práticas dos sujeitos numa determinada cultura como um modo já incorporado da condição de classe e dos seus possíveis condicionantes. Essa concepção auxilia na compreensão dos elementos apontados pela psicanálise a respeito da história trazida pela criança desde o seu desenvolvimento inicial. No contato com o ambiente social imediato, essa história opera dialeticamente através do processo de socialização.

→ Cultura está naquilo que torna de forma dinâmica, ativa e social o modo de vida de uma determinada classe social. A vida das pessoas no grupo assume sentido e significado no

---

<sup>8</sup> “A cultura é a possibilidade de unificação entre a ação e a representação, de tal sorte que tanto padrões culturais quanto as suas instituições não são nem atuam como valores “sobre”, a posteriori, mas, ao contrário, como esquemas simbólicos que ordenam a ação social, tornando-a possível, recobrando-a de significados, fazendo-a compreensível e, portanto, comunicável”. BRANDÃO, Carlos R. *A Educação como Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986. P. 101.

<sup>9</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

<sup>10</sup> LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5.

<sup>11</sup> BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma Teoria da Prática*. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Cientistas Sociais)

modo peculiar de cada um viver dentro da totalidade. Portanto, o que é identidade de cada um é também parte da totalidade<sup>12</sup>. Uma descrição da comunidade pressupõe um modo de olhar e de falar sobre um determinado espaço, sem a pretensão de referir os valores e o modo de vida mais genuíno daqueles moradores. O sujeito, como portador inalienável dos traços culturais, revela o que lhe marca o cotidiano das relações, sem, no entanto, abandonar as marcas originárias que o constituíram psicologicamente.

Quando falo de cultura em classes populares, retomo a experiência da pesquisa de campo realizada na vila<sup>13</sup>, cujas visitas oportunizaram um reconhecimento da identidade e das diferenças em relação à comunidade investigada. Estive sempre mais preocupada com o que causava estranhamento, porque naquele ponto da diferença poderia explorar as questões de identidade cultural e do que havia em comum. Com o mesmo olhar curioso, procurei conhecer como as crianças enfrentam as frustrações e os conflitos nos espaços formais e não formais de aprendizagem.

Este estudo com inspiração na etnografia procurou garantir não só uma familiarização com a comunidade, mas também reconhecê-la através do movimento dos sujeitos, das ações que desempenham, da expressão de seus desejos, mais do que a busca de “fatos” como objetos de pesquisa. Considero conveniente relativizar a expressão etnografia, tornando claro que um dos aspectos mais importantes é o deslocamento do olhar e da escuta para o ponto de vista do outro de modo a reconhecer e preservar a alteridade. Não basta reconhecer as diferenças sociais, mas compreender onde as contradições são originadas no sistema político, procurando minimizar as diferenças nas formas de comunicação entre os grupos.

---

<sup>12</sup> “Cultura inclui objetos, instrumentos, técnicas e atividades humanas socializadas e padronizadas de produção de bens, da ordem social, de normas, palavras, idéias, valores, símbolos, preceitos, crenças e sentimentos [ . . . ]”, “[ . . . ] abrange o universo do mundo criado pelo trabalho do homem sobre o mundo da natureza de que o homem é parte. Aquilo que ele faz sobre o que lhe foi dado”. BRANDÃO, Carlos R. *A Educação como Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986. P. 101.

<sup>13</sup> CAREGNATO, Célia Elizabete et al. *O que as Crianças Levam para a Escola: traços culturais na sala de aula em escolas da Vila Cruzeiro do Sul/Porto Alegre*. Porto Alegre: NIPE/UNIRITTER, 2002.

Assim, esta investigação procurou se despir do natural etnocentrismo que é julgar o outro a partir dos valores pessoais, muitas vezes inferiorizando tudo o que é diferente. A investigação foi realizada procurando reconhecer nos sujeitos pesquisados o modo de viver, de se relacionar e de conceber o mundo. Os registros não têm o objetivo de somente descrever dados, mas também de possibilitar, a partir da sua análise, uma compreensão aproximada daquela realidade. A sensação do encontro com o outro, a partir da leitura dos dados, foi o que pretendi com este estudo. As idas ao campo possibilitaram tanto reconhecer as nossas semelhanças tais como morar em Porto Alegre ou ser trabalhador, quanto identificar as nossas diferenças, como o tempo de escolaridade ou a condição social. Portanto, quando falo deles, falo também de mim e de nós todos que não estamos inseridos naquele grupo. O objetivo da pesquisa etnográfica foi, portanto, conhecer a cultura de origem das crianças, dos seus pais, dos familiares, da comunidade e da teia de relações estabelecidas entre tais elementos. A intenção dessa pesquisa é investigar o espaço potencial de criatividade das crianças diante dos desafios mesmo quando houve fratura na função paterna no início de suas vidas. Como os sujeitos da pesquisa pertencem a uma comunidade localizada nas imediações da cidade de Porto Alegre, destacarei alguns pontos sobre a condição de morador de periferia urbana.

## 2.2 UM OLHAR SOBRE A PERIFERIA URBANA

→ Periferia urbana refere-se não somente a um espaço geográfico, mas também designa a distância em relação a uma área central da cidade. Juntamente com esta distância física, outros afastamentos se fazem presentes, tais como as desigualdades nas condições sociais, nas ocupações e no estilo de vida em geral.

→ Na visão de Moura<sup>14</sup>, as periferias urbanas são áreas de concentração de moradias de população de baixa renda, carentes dos serviços básicos essenciais e que sofrem os efeitos de longos deslocamentos para o trabalho, o consumo e o lazer. Reforçam um ciclo de pobreza cada vez mais difícil de romper.

A imagem da periferia sofre rápida mutação transformando a paisagem em desalinhados contornos de novas construções. A lógica de organização de ruelas, passagens e becos rompe com uma visão simétrica e ordenada de que dispõe a grande cidade. As casas estão sempre em obras, e os habitantes, agregando um novo parente ou familiar a estes espaços.

Nesses lugares, ocorrem altas taxas de crescimento demográfico, conseqüentemente exigindo um modelo novo de ação para atender parte dos problemas e demandas que se verificam, garantindo, desta forma, o direito à vida<sup>15</sup>. Os moradores de periferia urbana experimentam uma situação singular, tanto em relação às condições físicas de espaço, quanto aos recursos de lazer e de infra-estrutura próprios de sujeitos desempregados ou desempenhando funções de subempregos. O fortalecimento de demandas básicas para a sobrevivência pessoal e familiar acena para a urgência no atendimento preventivo à saúde, à alimentação e ao modo de relação junto às crianças que ocupam um número significativo desta população.

O caminho que leva os sujeitos à periferia é a ocupação de áreas que sinalizam baixo custo de moradia com acesso fácil a trabalhos de diaristas, faxineiros, vigilantes e prestadores de serviços em estabelecimentos localizados no centro da cidade. Na comunidade investigada, as condições de desigualdade em relação aos bairros centrais da cidade são claramente

---

<sup>14</sup> MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. *O que é Periferia Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1996. P. 11.

<sup>15</sup> "Historicamente, a humanidade se urbaniza e, apesar de parecer irônico, obtém progressos quanto ao acesso a serviços e infra-estruturas, se comparado às condições dos moradores rurais. Do mesmo modo, esses, ao migrarem do campo para a cidade, ainda que vindo compor parcela segregada da população, passam a ter maiores chances de tomar parte em novas e transformadoras correntes civilizatórias." Ibidem, p. 31.

observadas, especialmente quanto ao saneamento básico, ao esgoto e à infra-estrutura em geral, incluindo o transporte e o acesso a postos de saúde. O aumento desordenado das construções, ocupando espaços irregulares entre casas e ruas, dificulta o acesso de veículos para a coleta do lixo e de outros serviços essenciais aos moradores. Um puxado ao lado do casebre abriga o novo ponto para comercializar desde pequenos objetos para distrair as crianças, até peças de roupas para adultos. A idéia de improvisação está presente em muitos dos espaços da comunidade, seja em termos de comércio, seja em termos de construção ou de alternativas para sobreviver ao cotidiano de um casal desempregado e com muitos filhos.

A criminalidade, as drogas e a prostituição podem ser situações desencadeadas pelo conjunto das condições de vida, como também pela inércia de medidas preventivas no fortalecimento do diálogo e no atendimento às demandas dessa população. As pessoas vivem em condições destacadamente inferiores em relação à classe média e raramente têm uma regularidade de trabalho que lhes possibilite sistematizar horários, prever orçamento ou ter perspectivas de uma ação futura. Nessas condições, prevalecem as tomadas de ação imediata num esforço de encontrar alternativas rápidas diante da busca de sobrevivência pessoal e familiar.

A periferia urbana abriga trabalhadores desempregados e subempregados, cujas necessidades básicas não têm prioridade de atendimento, embora tenham no seu cotidiano uma rotina semelhante a dos demais sujeitos com poder aquisitivo mais privilegiado. A busca de emprego, a necessidade das compras, o deslocamento em busca de atendimento médico ocorre sistematicamente com as famílias de periferia como as de outra localização. O que diferencia consideravelmente a vida destes moradores de periferia em relação aos moradores do centro da cidade é a sucessiva constatação das faltas nos mais variados sentidos.

As casas na grande maioria são compostas de duas ou três peças e se conjugam a tantas outras que se enfileiram, constituindo os acessos aos becos e ruelas. O que se observa

na comunidade investigada é uma superpopulação de famílias em espaços reduzidos, com uma grande concentração de crianças de todas as idades, incluindo adolescentes, utilizando a rua como espaço de brinquedo ou buscando no centro comunitário uma oportunidade para praticar oficinas, jogos e outros tipos de recreação.

Se por um lado a condição social e econômica dos moradores é claramente diferenciada da dos bairros com poder aquisitivo privilegiado, a aparência dos moradores no modo de vestir e na expressão do desejo para objetos de consumo é bastante semelhante à da população de alta renda. Com o processo de globalização, o que seria em princípio diferente parece igual: a busca por roupas e calçados de uma marca convencionada como portadora de prestígio social invade as moradias da periferia urbana. A comunicação globalizada termina vendendo as mesmas marcas e produtos. Como as pessoas de baixa renda não conseguem adquirir estes bens, terminam produzindo e fazendo circular todas as imitações possíveis para atender um mercado clandestino.

Cada vez mais próximos na aparência e também na ocupação de bairros considerados nobres, os moradores procuram romper com a dualidade presente em classes sociais que se distinguem não somente pela aparência. O cenário de contrastes é constantemente revisado de modo crítico pelos líderes comunitários através de assembleias de moradores para discutir as condições reais de vida daquela comunidade. Se uma parte da população se aliena nas ofertas do mercado, confundindo-se com um acesso imediato e idealizado a uma nova condição de vida, o chamamento a uma participação efetiva nos movimentos sociais da comunidade possibilita uma mudança no sentido de refletir o que se passa no meio social.

### 2.3 O COTIDIANO DA CRIANÇA – UM MODO DE VIDA

A comunidade de moradores investigada inicialmente era percebida como mais um aglomerado de casas como tantos outros em periferias de grandes cidades. Ao estabelecer os

primeiros contatos com os líderes comunitários e com famílias que se interessaram pela minha presença no local, fui me inserindo num modo de vida diferente do meu em alguns aspectos, embora semelhante em tantos outros. Inicialmente procurei conhecer a história da vila, os primeiros moradores e especialmente o modo como foram reguladas as leis para organizar as famílias a fim de ocupar os espaços e resistir às investidas dos órgãos públicos pela posse dos terrenos.

Após o reconhecimento por parte de algumas lideranças sobre o trabalho que desenvolveria na vila, passei a participar mais efetivamente das atividades desenvolvidas no interior daquela comunidade e que era comum aos moradores em geral, ou a um pequeno grupo deles. Em pouco tempo de contato com a comunidade, fui participando do cotidiano dos moradores acompanhando a luta pela sobrevivência financeira, ouvindo a mãe buscar na justiça o nome do pai para reconhecimento do filho, observando a disputa pelos espaços dos casebres, reconhecendo a solidariedade dos vizinhos diante de uma família marcada pela tragédia da perda dos filhos.

Inserida no núcleo de moradores como professora para uns, visitante para outros, fui ainda considerada uma amiga para tantos outros. Desde então, eram freqüentes os convites para participar de festas e comemorações na vila, tais como os eventos folclóricos previstos no calendário do centro comunitário, as festas de aniversário, os chás para comemorar casamentos e nascimentos; havia sempre um motivo para estabelecer uma continuidade na relação. Quanto mais se entra no universo que está sendo investigado, mais parece difícil manter o distanciamento necessário para que o semelhante não seja considerado diferente e a diferença não seja confundida com o que é semelhante.

O impacto provocado pela diferença e por uma realidade estranha ao que se postula como o que é esperado para o desenvolvimento de uma criança intensificaram a necessidade de pesquisar. Fui decodificando no discurso das pessoas o que fazia ressonância em mim para

continuar a recomposição do olhar e da escuta. Por um lado, a miséria andava lado a lado com o furto, a delinqüência e a droga; por outro, ela sobrevivia a todos estes elementos destruidores promovendo festas, confraternizando e estabelecendo ajuda entre os pares. O paradoxo desta polaridade de sentimentos e de expressões deveria fazer sentido para o que estava sendo investigado.

Minhas primeiras impressões sobre as falas das pessoas é que havia um caráter de exterioridade dos problemas e dos acontecimentos em geral. As questões referentes a assassinatos, furtos, drogas eram abordadas como se não tivessem o nível de gravidade devido. A mãe fala do filho que foi baleado há três meses e ela ainda hoje paga pelas despesas com o serviço funerário. O seu discurso revela orgulho por ter oportunizado “*um funeral digno ao filho que foi injustamente baleado*”. Na mesma continuidade de conversa e aparentando a mesma modulação de afeto, esta mãe mostra-se intensamente preocupada com o atendimento precário do posto de saúde para atendimento aos casos de resfriados. Fonseca<sup>16</sup>, a partir de pesquisa em comunidades de periferia, refere a importância do discurso parental glorificando a pessoa que morreu baleada, ou que foi vítima de uma briga entre pares. A autora destaca que o apoio moral, além de ser importante, tipifica o discurso de mulheres.

No decorrer do processo de investigação, o olhar e a escuta estiveram atentos ao que ocorria tanto do lado do investigador como do lado do investigado para manter a distância necessária e desenvolver uma análise menos comprometida com questões de subjetividade pessoal. Como diz Diógenes

a nossa subjetividade, essa eterna desconhecida, se desvenda para nós, em todo o processo de investigação, como matéria-prima dos esforços de decodificação das representações do outro, do desconhecido e como argila para que se possa moldar um mapa possível de interpretação de experiências estrangeiras e, muitas vezes, exiladas da nossa própria compreensão.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000. P. 81.

<sup>17</sup> DIÓGENES, Glória. *Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume, 1998. P. 17.

Aos poucos fui compreendendo o que me mantinha no campo por tanto tempo além dos dados a serem coletados. Noções conceituais sustentadas pela pesquisa e que me acompanharam a vida inteira sobre as reais necessidades das crianças para que sobrevivam e tenham possibilidade de ingressar no mundo do conhecimento estiveram sob suspeita durante esta investigação empírica. Se por um lado havia inquietações, elas se tornavam elementos significativos para análise e confrontação com os elementos conceituais. O imaginário que construí e me acompanhou ao longo da minha história de trabalho e de formação foi sendo confrontado a cada momento em que o processo de investigação anunciava novos elementos. O modo como a criança experimenta e vivencia o processo de filiação e as condições como utiliza o espaço potencial de criatividade tornaram-se elementos centrais à medida que a investigação empírica avançava.

Crianças conseguem brincar, apesar da ausência de adultos para possibilitar a necessária sustentação nas suas demandas. Brincam também sob condições de absoluta precariedade material. Numa manhã, em visita a uma das famílias, observei um menino de três anos trazendo nas mãos um carrinho em um espaço da casa que era destinado ao mesmo tempo à sala de visitas, à cozinha e ao quarto de um dos tios. A mãe, que tinha vinte e quatro anos, havia falecido naquela semana no hospital e a avó se refazia do luto, dizendo que sua vida não tinha mais sentido. Enquanto o menino manuseava o carrinho, observava a avó que expressava muito desamparo e tristeza. Passados alguns minutos, o menino levantou-se do chão, colocou no colo da sua avó um coelho de pelúcia e ficou observando. Enquanto a avó massageava o coelho, continuava a falar da doença que ocasionou a morte da filha. Ao mesmo tempo em que se encontrava *“sem esperança para continuar a viver”*, referia a *“necessidade de cuidar do neto que agora não tinha ninguém por ele”*.

Na porta de uma das casas, um menino de sete anos chorava desolado porque a sua mãe rasgou o desenho que ele entregaria como presente ao pai no domingo seguinte. Um

trabalho elaborado na escola com a professora oportunizaria um encontro com seu pai, se a mãe não tivesse impedido o desejo desse filho. A mãe disse que *“o pai não merece presente porque nunca olha para o filho”*, enquanto a criança se refazia do choro brincando com o animal de estimação. É especialmente no brinquedo que a criança se refugia e parece entregar-se à imaginação, fazendo do animal de estimação o seu interlocutor, ou criando histórias que aliviam a ansiedade causada pela dor da ausência ou da separação.

A precariedade de recursos não é mencionada no cotidiano das famílias, e tudo é resolvido para aquele dia em função da necessidade que emerge. As crianças referem a necessidade de recuperar a bola no pátio do vizinho, mas imediatamente se refazem daquela falta, buscando um objeto substituto. Continuam brincando sem lamentar o objeto perdido ou buscando outras formas de recreação.

O pai que abandona a família é lembrado pela criança a partir dos comentários feitos pela mãe ou é referido como uma pessoa que ainda vai buscar o filho para passear. *“Meu pai foi morar noutra cidade, mas um dia ele volta para buscar a mãe e meus irmãos”*; esse é o depoimento de um menino com nove anos, que está separado do pai desde os cinco anos de idade. Seus desenhos trazem a figura de um pai *“forte”* e *“protetor”* junto dos filhos.

As crianças trazem uma dor que é anunciada através dos depoimentos, dos desenhos, das histórias contadas e dos brinquedos dramatizados. Enquanto inventam suas histórias, há uma representação de objetos ausentes na vida real, embora presentes nas cenas improvisadas, tais como: o coelho de pelúcia no colo da avó que elabora o luto; o animal de estimação nas horas de desentendimento com a mãe; o desenho para falar de um pai ausente ou a busca de um brinquedo que substitui a bola perdida no pátio da casa ao lado. Observo que, não havendo espaços para brincar, as ruelas e os becos servem de esconderijo para a brincadeira de *“esconde-esconde”*, ou para montar um espaço para o *“jogo de botão”*.

Enquanto se entregam às cenas improvisadas com os recursos do simbólico, a partir do imaginário, as agressões físicas ou os comportamentos colocados em “ato” assumem um lugar secundário. Nos intervalos entre um brinquedo e outro, ou enquanto não brincam, as crianças se agridem fisicamente, brigam, dizem palavrões e excluem de modo arbitrário quem não atende aos desejos pessoais de um líder, ou daquele que se coloca como “*o mais forte*” do grupo.

Há freqüentemente uma ou outra criança que se encontra alerta aos assassinatos de vizinhos ou de parentes, ocorridos na comunidade, cujas causas são atribuídas a “brigas”, “doença dos nervos”, ou “furtos”. As crianças revelam necessidade de falar sobre o fato, expressando ansiedade e ao mesmo tempo uma justificativa que explique tais atitudes. Enquanto duas crianças jogavam, uma levantou-se e, aproximando-se do local em que me encontrava, revelou: “*Mataram um homem lá perto de casa. Minha mãe disse que ele tinha espírito ruim*”. Seu relato é complementado com as observações feitas pela mãe de que, freqüentando a igreja, as pessoas estariam livres desse espírito incontrolável. Uma palavra mágica ou uma superstição parece abrandar o assassinato, a doença ou o abandono.

#### 2.4 A COMUNIDADE INVESTIGADA – APROXIMAÇÕES COM A TEORIA

A Vila Cruzeiro, local onde foi desenvolvida a investigação, geograficamente faz limites com duas instituições de ensino privado e com duas vilas populares, todas em Porto Alegre. Para compreender o desenvolvimento deste trabalho, são explicitados alguns aspectos referentes ao espaço e ao modo de vida dos moradores. Foram realizadas visitas semanais ao campo, em um período de cinco meses, para coletar os dados empíricos preliminares e mais sete meses para complementar as informações. São apresentados a seguir alguns recortes dos

diários de campo<sup>18</sup>, para falar de contatos com a comunidade, reconhecendo que, embora as situações observadas se repetissem de modos diferentes, a releitura dos dados iam possibilitando um redimensionamento conceitual a partir dos elementos empíricos.

A Vila Cruzeiro é composta de inúmeras pequenas vilas, cada uma constituída no seu interior de ruelas e becos com acessos que se bifurcam, cuja assimetria faz com que as moradias se confundam entre vizinhos. As paredes das casas são conjugadas, e a janela de uma moradia faz divisa com a sala de outra. O espaço físico é disputado pelas crianças que jogam bola, pelo vizinho que carrega o material de construção para fazer os reparos em sua casa, pela dona de casa que põe a cadeira na rua para segurar o filho de alguns meses enquanto cuida de tantos outros.

A comunidade que abriga os operários da construção civil como os biscateiros e diaristas no preparo da matéria-prima para a edificação de grandes prédios residenciais se beneficia da experiência de seus trabalhadores para construir suas próprias casas. Construções improvisadas se ampliam a cada novo grupo de pessoas que chega. A família de parentes ou de amigos que buscam na cidade melhores condições de vida é sempre bem recebida. As casas são montadas e delimitadas por divisórias obtidas de restos de construções que se erguem nas proximidades da vila.

É nesse espaço que, enquanto algumas pessoas passam, outras vão chegando e contando sobre o que lhes aconteceu naquele dia. Os assuntos são contínuos, e os moradores que se aproximam daquela “sala de visitas” na rua, acompanham facilmente o que vem sendo comentado. Não há um tema particular a ser conversado e todos os assuntos parecem fazer parte do cotidiano dos que se aproximam: “o marido da vizinha ficou desempregado”, “a firma de limpeza vai contratar mais funcionário”, “a sogra da irmã está adoentada”, “o marido vai levantar cedo para pegar ficha no postão”, “a vizinha não pode mais com o filho”. Tudo é

---

<sup>18</sup> São os registros que fazem parte do banco de dados da parte empírica da presente pesquisa. O banco de dados contém os registros de observações e as entrevistas com os líderes da comunidade.

falado num clima de aparente descontração, ao mesmo tempo, intercalado com sorrisos e cumprimentos.

As homenagens de aniversário encomendadas através de alto-falantes, embora raras, causam grande mobilização na vila. Enquanto umas pessoas cantam juntas, outros choram, justificando a grande emoção daquele momento. Uma mulher, surpresa com o movimento na vila, comenta sobre a mensagem dizendo: *“meu coração fica apertado, acho lindo o que fazem para aqueles guris que não têm mãe”*, destacando a surpresa recebida pelos aniversariantes. Assinala que, ao dispor de dinheiro, fará esta homenagem na porta de sua casa no dia do seu aniversário. Parece que o mais importante é a alegria desfrutada pelo conjunto das pessoas, ao invés de particularizar a homenagem a uma ou outra apenas.

O grande aglomerado que se forma, independentemente da hora do dia ou da relação de parentesco com o aniversariante, evidencia que, entre o particular e o público, os limites não estão claramente demarcados. Isso evidencia a dificuldade de identificar a singularidade dos moradores entre si em relação a lazer, festas, bens materiais, entre outras formas de convivência social. Em uma das visitas à comunidade, as mulheres comentavam e trocavam endereços sobre os locais adequados para encontrar enfeites para o corpo, como colar, brinco, pulseira, e também de utensílios de casa. Parece haver uma circulação de informações entre os moradores, favorecendo a construção de uma identidade coletiva entre as famílias e com a vila onde moram.

Aparentemente, todos se conhecem. Uma pessoa que no quintal de outra casa estende as roupas no varal acena para cumprimentar. Mais distante, em uma casa com dois pisos, duas crianças olham a rua através de pequena janela. Aguardam o retorno da mãe, que saiu para trabalhar e, não tendo onde deixá-las, resolveu mantê-las brincando em casa como medida de segurança. O relato é de uma vizinha, que fala dessa situação com uma aparente familiaridade: *“as mulheres têm de sustentar a casa porque alguns maridos abandonaram a*

*família ou estão desempregados*". Na vila, algumas mulheres reparam as crianças de outras que estão empregadas. Por outro lado, mesmo cuidando dos filhos das vizinhas, pretendem conseguir uma vaga no mercado de trabalho. Sempre há um parente ou um conhecido que "repara as crianças". Isso nos lembra Dor<sup>19</sup>, quando fala do pai e de sua função em psicanálise. A função paterna pode ser exercida por um genitor, pelos pais da realidade, por um operador da cultura: vizinho, parente ou trabalho, que ocupe o lugar de um significante para substituir outro significante.

Enquanto aguardo o retorno de uma senhora que havia combinado um encontro para caminhar comigo pela vila, sou convidada por duas mulheres a aguardar dentro de uma das casas. Elas fazem fuxico<sup>20</sup> e conversam sem dar importância para a minha presença, embora o convite tenha sido para que eu esperasse sentada numa cadeira na casa. Uma das mulheres conta sobre o ocorrido em sua casa na noite anterior. Tem vinte e cinco anos e é separada do primeiro marido com quem tem um filho de dez anos. Mora atualmente com os pais e um filho de cinco anos. O filho mais velho está na casa da sogra, de quem ela se compadece. O ex-marido é usuário de droga e não cuida do filho, que "*anda solto fazendo bobagem pela rua*". Na noite anterior, mesmo adiantado da hora, este filho chegou tarde da noite em sua casa e pediu para que ela fizesse uma janta. Como ele estava com dinheiro, foi possível atender ao seu desejo. O ressentimento da mãe, aparentemente deslocado para a avó impossibilitada de cuidar do neto, não fazia referência ao furto cometido pelo filho.

O comentário das pessoas que moram na vila é de que o perigo se encontra na rua, fora daquela comunidade onde moram. A sobrevivência é experimentada com muita dor pelos moradores, que se ressentem de muitas "*faltas*", entre elas, da comida. A forma de falar desta dor ou de negá-la é representada de diferentes modos: "*o pai não se interessa, a avó está com*

---

<sup>19</sup> DOR, Joël. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

<sup>20</sup> Trabalho artesanal em que são costurados pequenos pedaços de pano formando mini-circunferências, a partir dos quais são confeccionadas bolsas, almofadas e outros utensílios que são posteriormente vendidos em feiras.

*idade avançada, as professoras não ensinam nada e o filho faz bobagem*"; são depoimentos que não incluem uma reflexão sobre os motivos que ocasionam determinada condição de vida.

A lei não é negada, mas deslocada para objetos e situações que não têm uma relação direta com o ato cometido. O filho traz um dinheiro que pode ter sido obtido de modo ilícito, mas essa questão não é falada, e a questão da dependência química do pai é apontada como a causa de todas as dificuldades. Esse recorte traduz um pouco das muitas inquietações, a partir das visitas a campo, tendo como referência o objeto da investigação: a fratura da função paterna e o uso do espaço potencial. Essas inquietações inevitavelmente aproximam as questões teóricas sobre a operância do simbólico e da capacidade de criação e do brincar. Interrogo-me também sobre a forma de relação da escola com as crianças desta comunidade, o modo como elas são atravessadas pelo registro simbólico.

Na vila, observo a permanência dos filhos na casa dos pais mesmo depois de casados ou de resolverem viver com outra pessoa. Muitas casas se estendem por meio de uma "peça", um "puxado", uma divisória com folhas de compensado ou cortinas de tecido. As pessoas abrem suas casas, falam de suas vidas, redimensionam o seu momento atual junto aos familiares, revisam a trajetória do casamento e do trabalho em poucos momentos, se comparados ao tempo do encontro e da familiaridade pessoal. Em qualquer hora do dia, encontro pessoas em casa e dificilmente uma vizinha não acena com um cumprimento, ou fica observando alguém estranho entrar na vila.

Há cenas que se repetem: as portas do centro comunitário estão sempre abertas e o espaço é respeitado. Uma das lideranças da comunidade afirma que, naquele lugar onde ficam as crianças, *"ninguém se mete"*. No seu depoimento, diz que antes tinha gente baleada ou morta na entrada da vila e próximo do centro. *"Agora não! Coloquei esta lei. Tem que respeitar este lugar"*. O depoimento anuncia a presença da função paterna. Ela se faz presente

pela voz desse senhor. Este líder comunitário parece ser o representante que interdita esse aparente caos na comunidade.

Na comunidade em estudo, cada novo encontro com uma pessoa ou família representa uma nova relação acompanhada de cumprimento, de atenção a algum detalhe da sua história de vida, fazendo laço com a pessoa do investigador. *“Nunca tínhamos nos olhado, mas parecia que tínhamos uma familiaridade de muitos anos”*, assim as pessoas vão se revelando e trazendo no discurso a trajetória de suas vidas.

Paralelamente a isso, há uma preocupação por parte da liderança comunitária quanto ao uso de drogas. Uma mãe relata que, na noite anterior à nossa conversa, um menino de dezesseis anos tinha matado um companheiro de grupo por não ter cumprido a promessa de um pagamento de quatro mil reais. Ao invés de pagá-lo com a venda das drogas, comprou um carro. O depoimento dessa senhora revela a preocupação com a vida desses meninos e meninas da vila. *“Não adiantou matar, porque agora mesmo que não vai receber o dinheiro [ . . . ], eles são uns guris que não têm paciência e se metem com essas coisas [ . . . ], os pais das crianças, que são ex-presidiários, sabem respeitar”*. A preocupação dos jovens não é com a transgressão da lei pela vida, mas com a transgressão da lei pelo objeto da realidade: o dinheiro.

Fonseca<sup>21</sup>, em seus estudos em comunidades de classe popular, revela que existem leis dentro dos grupos e que se convencionam os limites que podem ser tolerados na resolução dos conflitos. Em muitos casos não há tempo para elaborar as dificuldades e então as resoluções se transformam em ato. O assassinato, a gravidez, o furto, a droga e tantas outras

---

<sup>21</sup> “A violência é, portanto, uma arma mais ou menos aceita (ou pelo menos esperada) para a resolução dos conflitos e, nesse sentido, podemos dizer que a força física é um elemento importante na organização da vila. Contudo, estamos longe de sugerir que essa organização representa uma forma “menos civilizada” ou mais “natural” da vida social. Existem limites específicos ao exercício da violência, revelados pelas sanções coletivas contra pessoas que vão além de tais limites. Ao que tudo indica, o assassinato jamais é aprovado”. FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000. P. 36.

formas de gratificação imediata não possibilitam adiar o desejo. Essas manifestações são indicadoras da impossibilidade de elaborar a perda, ou de adiar a gratificação, ou ainda de conviver com as frustrações.

Na vida desses jovens, houve a presença de uma “mãe suficientemente boa”, de uma “função paterna” interditora ou de um “pai simbólico” para instituir a falta e também a capacidade de simbolização? Como foi o processo de interdição desses jovens quando pequenos? Quem os acompanhou no seu desenvolvimento inicial? Essas e muitas outras questões apoiadas na teoria foram constituindo uma teia de hipóteses relacionadas com outros elementos empíricos, tais como as observações de crianças em praças, nos momentos de recreação livre, em salas de jogos, no refeitório, com as mães e com os adultos cuidadores.

## 2.5 AS OBSERVAÇÕES DA CRIANÇA NO SEU COTIDIANO

Chegando na vila, pude observar atentamente uma mãe segurando o seu bebê, com meses apenas. Dormia atirado, mas amparado nos braços e expressando muita tranqüilidade. Simbiose e onipotência é o que aparentava naquele momento. Estava aí sua majestade, o bebê. O “eu” dele tem a medida da sua onipotência, isto é, fragilidade total. Vivência em total ilusão. Estou vivendo Winnicott<sup>22</sup>. Dessa constatação, passei para a costura entre onipotência, ilusão, plenitude, simbiose, dois corpos numa só pessoa. Não é difícil conectar-se com processo primário, narcisismo primário, estado de dependência absoluta, traços mnêmicos e egóicos, limiar de movimento no fenômeno transicional de objeto transicional em que não existe um “eu” totalmente subjetivo e não há um objeto totalmente objetivo.

O eu começa a perceber algo objetivo, e o objeto conserva alguma coisa de subjetivo. É a fase da ilusão e desilusão, do princípio do prazer para o da realidade, da simbiose para a

---

<sup>22</sup> WINNICOTT, Donald W. Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro “Self”. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

diferenciação; da diferenciação para a individuação. Estou me referindo ao reino da necessidade, em que a onipotência consiste ainda na ilusão com a percepção remota de desilusão, de realidade e de fragilidade. O bebê descrito na cena exige cuidado absoluto.

Provavelmente não suportaria uma falha muito grande dos cuidados ambientais. Ele necessita estar abastecido de uma “mãe totalmente boa”, para, mais tarde, suportar pequenas frustrações, provocadas por uma “mãe suficientemente boa”. Assim teorizou Winnicott, a partir da clínica com crianças. As dificuldades de simbolização estão associadas às dificuldades da função paterna, geradoras do espaço potencial. Se por um lado, frustrar a criança de uma gratificação faz bem porque instala o desejo, por outro, privá-lo de uma necessidade básica traumatiza.

Trauma é um termo grego que significa “ferida narcísica”, uma lesão “grave” quando provocada no estado de onipotência. Dito de outra maneira, o trauma consistiria numa ruptura da “filiação”, numa quebra abrupta de confiabilidade, numa desilusão não metabolizada, isto é, o “eu” frágil não agüentou a força invasiva das emoções intensas e se lesou uma fronteira não fortificada para suportar o sofrimento emocional. Provocou-se uma ferida, porque foi violada a membrana ainda frágil do “eu” não suficientemente diferenciado, desiludido e individualizado. Podem acontecer traumas cumulativos na fase da onipotência. Nesse caso, há uma ruptura das necessidades egóicas definidas como pulsões preservativas ou impulsos preservadores do “eu”. Aquele que necessita é dependente de a necessidade ser satisfeita.

Estaria aquele bebê preparado para sofrer uma ruptura dos cuidados da mãe? Sem satisfação, o “eu” sofre “privação”. O “eu” que sofre “privação”, percebe-se “abandonado e desamparado”. Existe então pouco narcisismo para muito sofrimento. Quem sofre privação, sofre a dor da ferida, e surge, em algum lugar do “eu”, o transtorno narcísico grave. Nomear um transtorno narcísico grave é relacioná-lo ao desinvestimento afetivo do “eu”. Quem sofre privação está denunciando a presença de uma falha grave na função paterna, traduzida num

“déficit” ou num “excesso” que desorganizou “repentinamente” ou insensivelmente o ambiente, até então, suficientemente bom. Esse processo de enunciação do “eu”, com possibilidade de pensar e simbolizar, foi extensivamente discutido por Aulagnier (1975) a partir da experiência clínica com crianças.

Quando é rompida a filiação, interrompidas a confiabilidade e a crença no objeto bom, a necessidade não foi satisfeita; a separação aconteceu de repente; a desilusão foi cortada pela metade; houve fratura da função paterna. Ampliando com lente de aumento, pode-se dizer que a capacidade para simbolizar ficou interrompida. Da incapacidade para simbolizar, surgem possibilidades de entrar em contato com a realidade de modo restrito ou alienar-se completamente dela, ou fazer compromissos para evitar a dor. A falta de confiança anula o espaço, impede a busca, a criatividade e o pensamento, ou prejudica em parte.

Os registros de observações foram revelando que, mesmo com o laço interrompido entre os pais e o filho, ainda restou uma possibilidade de a criança utilizar o simbólico com recursos do imaginário, em situações de brinquedo ou de histórias inventadas. O presente estudo investiga se o lugar falido enquanto fratura da função paterna ou presença invasiva que desorganizou a fragilidade do eu do bebê ainda preserva na criança a possibilidade de usar o espaço potencial.

No início, o ego está potencialmente fortalecido pelos cuidados maternos. As falhas gradativas da mãe num período do desmame instituem o espaço da falta dando origem ao símbolo. Imaginar é criar, é pensar; representa sair da onipotência e do delírio para reconhecer a alteridade e a diferença. Com a imaginação simboliza-se, utiliza-se a criatividade: com o trauma se fantasia, utiliza-se a alucinação.

Os pressupostos teóricos sobre um espaço ocupado por “fantasia” e “delírio” necessitam da confirmação da presença de cuidados invasivos ou negligentes dos pais ou cuidadores num período muito precoce da infância. É no período precoce do desenvolvimento

que a criança necessita apoiar-se no adulto e afastar-se dele, fazendo uso dos objetos internalizados para se relacionar com o mundo. Quando esses elementos não foram possíveis, mais tarde, as relações dessa criança com o brinquedo, com a escola, com outros cuidadores, podem favorecer a reedição e a recuperação da capacidade de simbolização. É no período do narcisismo primário que o ego encontra-se indiferenciado, período da onipotência e do princípio do prazer, em que os cuidados devem ser intensivos. Cuidados não no sentido de invasão, mas no sentido de preservação do que é indispensável para viver a fim de mais tarde suportar as falhas gradativas e necessárias dos cuidados maternos.

Quando as crianças se apegam aos monitores, necessitando do toque físico e da continuada e persistente aprovação, o Outro é tomado como o corpo da mãe real. Há um predomínio da fantasia e do delírio sobre a realidade, que se tornam menos evidentes na medida em que a criança inicia um jogo, ou uma atividade inventada. O bebê vive a fantasia no conforto do colo da mãe; permanece extasiado na gratificação. Não pode suportar a dor da falta. Então reina a fantasia de que ele sempre será “o colo da mãe”.

Observo as crianças se apegarem aos adultos cuidadores e manifestarem dificuldade para desprender-se do contato do corpo, parecendo viver um momento de fantasia. Não há possibilidade de vivenciar a separação, mesmo que momentânea. Enquanto não é suportada a realidade, prevalece o delírio. O “eu” se protege de vivenciar mais uma vez a dor da perda. Rompeu-se o vínculo de confiança. Não há dialética da simbolização porque no espaço onde faltou o “olhar”, o delírio ou a fantasia se instalou.

As crianças observadas no centro comunitário e em outros espaços da comunidade manifestam um apego corporal intenso junto aos monitores e adultos mais familiarizados. É necessário o toque, o contato, o olhar e a resposta imediata às muitas e insistentes perguntas: “Tu tem uma casa? “Quantos filhinhos tens”? “Tu tens pai”? Junto a esses questionamentos, é evidenciada uma forma de relação, indicando o lugar da filha segurada por uma mão, por

uma voz e por um olhar. Segundo Winnicott<sup>23</sup>, a falta de confiança anula o espaço, impede a busca, a criatividade e o pensamento, ou prejudica em parte.

O deslocamento dessa situação em que o processo de pensamento é dificultado pela necessidade de gratificação imediata pode ser rompido com uma tentativa de criar uma brincadeira, de simular uma história, ou de relatar um acontecimento. Por outro lado, a criança pode utilizar a realidade como defesa contra a fantasia. Nesse caso, a imaginação é excluída. Quem brinca com a boneca não é a criança, mas a própria mãe. A ausência da mãe não é simbolizada, mas é sentida como abandono. Não há espaço para o “faz-de-conta”. A defesa contra a imaginação é uma forma de proteger-se de que os desejos e temores tornem-se verdadeiros.

A criança cuja mãe sai para o trabalho e que experimenta o abandono poderá mostrar dificuldades de criar substitutos para trazer simbolicamente a mãe de volta. Um menino em observação relata que não vê o pai há muitos anos e justifica que o pai não pode visitá-lo. Está esperando pelo pai há muitos meses, sem imaginar que esse pai tenha abandonado a família. É uma criança triste, inquieta, isola-se por não conseguir participar do que deseja.

Quando a relação com o Outro se dá de forma cindida, há um apego absoluto ao objeto. Uma menina com nove anos não se desprende do objeto transicional. Permanece grande parte do dia com ela, impossibilitando a participação na brincadeira, a imaginação e o livre exercício de movimentos corporais. Uma parte do objeto é recortada e passa a representar o todo. Há uma divisão do eu. A boneca não pode ser utilizada como um objeto concreto, “o filho”, nem como um objeto “faz-de-conta”. Não é possível pensar na “castração simbólica”, na perda da mãe, na separação. Há uma recusa da castração. A boneca “é o objeto

---

<sup>23</sup> “O fracasso da fidedignidade ou a perda do objeto significa, para a criança, perda da área da brincadeira e perda de um símbolo significativo. Em circunstâncias favoráveis, o espaço potencial se preenche com os produtos da própria imaginação criativa do bebê. Nas desfavoráveis, há ausência do uso criativo de objetos, ou esse uso é relativamente incerto”. WINNICOT, Donald W. A Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, P. 141.

completo”, mesmo que inconscientemente ela continue sendo um objeto incompleto. As drogas, o furto, a mentira são todas formas fetichizadas de se relacionar com o objeto. A boneca é usada como fetiche porque a criança com ela nega a mãe e, ao mesmo tempo, necessita presentificá-la.

No centro comunitário, uma das crianças observadas isola-se e faz coreografia; faz só, não há participação dos colegas. Quando é solicitada a realizar uma atividade coletiva, movimenta-se e faz uso do corpo. Estaria essa criança fetichizando o corpo, o gesto? Por que reage dessa forma nos momentos de desafio? Uma menina esfrega o cabelo sempre que desafiada a criar alguma coisa a partir de si mesma. O que essa criança imagina? Há dialética da simbolização?

Entre os comportamentos observados, identifico crianças que não atribuem significado ao que realizam. Excluem a realidade e também a imaginação. Tudo se relaciona a tudo, ou seja, não há imaginação e não há realidade. A boneca é tão filha ou tão mãe como qualquer outro objeto ou situação. Há um sofrimento continuado, e a criança deixa de atribuir significado pessoal de qualquer ordem. É um estado de “não experiência”. Os relatos de Winnicott<sup>24</sup> e Aulagnier<sup>25</sup> convergem em seus princípios de que não há espaço potencial de imaginação quando os bebês são abandonados, ou precocemente separados da mãe.

Observo que o bebê trazido pela mãe ao centro comunitário é entregue para uma atendente enquanto ele “resmungua” e “choraminga”, para mais tarde se reconfortar num “outro colo”. Há outra “mãe suficientemente boa” que o acolhe e lhe possibilita a continuidade de “ser o bebê”. Quando deitado no berço, aconchega-se no travesseiro, faz movimentos de sucção. Não há mãe, não há atendente, mas existe uma situação diferente. Há um travesseiro e um movimento de sucção. Os olhos permanecem fechados, e a criança, longe

---

<sup>24</sup> WINNICOT, Donald W. O Desenvolvimento da Capacidade de Envolvimento. In: \_\_\_\_\_. *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>25</sup> AULAGNIER, Piera. *O Aprendiz de Historiador e o Mestre-Feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Escuta, 1989.

do objeto da realidade e, ao mesmo tempo, próximo dela, cria uma possibilidade de viver. Parece que a membrana de relação entre o interno e o externo não foi violentamente rompida; enquanto isso, o bebê vai criando um jeito de sobreviver na ausência e na presença da mãe.

Se é criado o processo dialético, poderá mais tarde simbolizar<sup>26</sup>. A psicopatologia da área em que a função paterna é fraturada pode se manifestar pelas dimensões acima referidas. Essa é uma forma de estudar a temática, embora haja um reconhecimento da existência de outras manifestações. Na polaridade entre predomínio de realidade, excluindo a imaginação, e predomínio do delírio, excluindo o contato com a realidade, a criança ainda pode se apegar a um objeto, fetichizando-o como defesa contra a frustração. A fratura da função paterna ou sua presença invasiva desorganiza a fragilidade do “eu” do bebê. A ferida narcísica pode fragilizar o espaço potencial, ou o prejudica em parte.

O símbolo nasce do espaço, o trauma ocupa o espaço e cria a fantasia<sup>27</sup>. Com a imaginação, simboliza-se; com uma situação traumática ou com a fratura, poderá haver predomínio da fantasia ou da realidade de modo exclusivo. Quando se quer dizer: “inoperância da função simbólica”, pode-se apenas citar a “fratura da função paterna”.

A teorização sobre o uso do espaço potencial reedita a presença do narcisismo primário em que o Eu transita vinculado à mãe: da onipotência para a fragilidade; da ilusão para a desilusão; da alienação do Eu no Outro para uma diferenciação; do princípio do prazer para o princípio da realidade. A profundidade da ruptura, da lesão ou da fratura pode determinar a possibilidade, ou o prejuízo na simbolização. Há crianças que não conseguem se posicionar diante dos colegas e monitores. Mesmo as que não são chamadas a participar, não

---

<sup>26</sup> Jacques Lacan apontou que o indivíduo que atingiu a capacidade de simbolização fica liberto de uma forma de aprisionamento (o da experiência sensorial imediata) apenas para ingressar em uma nova prisão, a da ordem simbólica. No reino desta última, a linguagem fornece-nos símbolos que por longo tempo preexistiram a nós e que, dessa maneira, determinam os nossos pensamentos, ainda que trabalhemos na ilusão de criarmos os nossos próprios símbolos. OGDEN, Thomas. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter L. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 95.

<sup>27</sup> Em Laplanche e Pontalis (1992), o termo fantasia evoca a oposição entre imaginação e realidade (percepção). Uma produção puramente ilusória que não resistiria a uma apreensão correta do real.

reagem. Há um aparente “aborrecimento” corporal. Parece não haver processo de imaginação que preencha esse vazio.

Quando o abandono e as situações invasivas na vida da criança atingiram em parte a sua capacidade de recuperar a confiança e de transitar no espaço entre a presença e a ausência do objeto gratificador, a realidade e a fantasia se complementam num processo dialético. No cotidiano dessas crianças, é possível que as histórias, os desenhos, os jogos, os diálogos transitem entre a imaginação e a realidade. O objeto não é completo, mas por outro lado tem existência. E pode ser usado. Quando o sujeito se frustra, encontra possibilidades de criar no espaço da falta. Foi instalado o vínculo que oportunizou a continuidade do “viver”.

Conforme já referido no item referente às observações das crianças no seu cotidiano, os elementos empíricos confirmam que elas criam alternativas no decorrer das brincadeiras e utilizam a linguagem simbólica para falar do que lhes falta. Para Winnicott,

o espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo.<sup>28</sup>

Duas crianças chegam no centro comunitário, conduzidas pela mãe, e se despedem. Olham para os lados e vão para baixo de uma mesa e começam brincar de “mamãe e filhinho”. O que essas crianças expressam nesse brinquedo? Qual a sobrevivência para elas de um dia inteiro sem a presença desta mãe? Há dialética do espaço potencial nesse brinquedo inventado por elas? Parece que a falta da mãe é vivenciada, mas ao mesmo tempo é substituída por uma simbolização.

As cenas descritas expressam o que a teoria já tem comprovado na clínica. O que se pretende, como algo inusitado na pesquisa, é analisar a criatividade a partir do espaço

---

<sup>28</sup> WINNICOTT, Donald W. O Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 142.

potencial que é instituído pela função paterna, mesmo que essa seja fraturada ou rompida pelas dificuldades na continuidade dos cuidados, no desenvolvimento inicial.

## 2.6 ENCAMINHAMENTOS

A comunidade investigada revela que as condições sociais e econômicas dos moradores é bastante precária em relação aos bairros centrais da cidade onde moram as famílias de renda média ou alta. O desemprego e a baixa escolaridade dos moradores dificulta o acesso ao mercado de trabalho, empobrecendo cada vez mais as famílias que procuram os biscates e as atividades alternativas para sobrevivência. As famílias são constituídas de mães que cuidam dos filhos ou de avós cuidando dos netos. As separações, assim como os recasamentos, são bastante freqüentes entre os casais. Em função do sofrimento causado pela miséria, pelas separações ou abandono pelos pais desde o desenvolvimento inicial, as crianças investigadas revelam um apego exagerado aos cuidadores, como também defesas contra a experiência de frustração no cotidiano de suas vidas. O uso do espaço potencial de criatividade está presente nas horas de brincar, quando as crianças simulam papéis, inventam personagens, desenham e contam histórias. A fratura da função paterna parece ter preservado na criança a possibilidade de operar no registro simbólico, com recursos do imaginário a partir de cenas do real.

### 3 METODOLOGIA

Esta seção explicita o conteúdo e a forma como a pesquisa foi desenvolvida, quais os procedimentos utilizados e o tratamento dispensado aos elementos empíricos investigados. Estão explicitadas as categorias conceituais e de observação empírica, apoiadas pela teoria psicanalítica e o modo como foram utilizadas nesta pesquisa. Os métodos utilizados estão acompanhados de fundamentação teórica e de uma breve reflexão sobre a utilização dos mesmos no contexto desta tese.

#### 3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa que busca na psicanálise a fundamentação para analisar os elementos conceituais e empíricos do presente objeto de investigação. A abordagem desta pesquisa é qualitativa e descritiva, do tipo estudo de caso, cujo foco essencial é conhecer com profundidade uma situação, representada através da construção de dois casos<sup>29</sup>.

Servimo-nos também de alguns achados da antropologia e da etnografia para buscar os elementos empíricos na realidade. Tudo isso nos possibilitou ver melhor a presença dos múltiplos elementos do universo cultural dos sujeitos, trazendo para a análise dos dados uma compreensão mais aproximada da realidade. Como se trata de estudo de caso com certa exaustividade, a pesquisa qualitativa preservou a maior quantidade de dados empíricos em contextos variados e de certa forma contínuos. Servimo-nos da observação participante, de entrevistas semi-estruturadas, de diários de campo, de grupos focais, de narrativas infantis e do brinquedo infantil adaptado ao estudo desta pesquisa.

---

<sup>29</sup> Refere-se ao estudo de um sujeito em que a análise é mais fina, mais densa e mais extensa do que numa história clínica convencional. Trata-se de um estudo metapsicológico em que a construção do personagem requer um caso base em que são utilizados fragmentos desse e de outros casos para analisá-los à luz da teoria.

Nem sempre o ambiente que é coordenado pela ação dos adultos como pais, monitores ou professores, permite a revelação dos reais sentimentos e vivências que a criança traz da sua cultura de origem. Há mecanismos próprios em cada ambiente capazes de dissimular os processos efetivos que operam subjacentemente. Exemplificando: o que é utilizado como recurso de sobrevivência num espaço como a escola é diferente do que é utilizado nos espaços não escolares. Tivemos oportunidade de verificar isso que afirmamos num estudo em forma de pesquisa realizado com crianças em espaços formais e não formais de aprendizagem<sup>30</sup>. Nessa perspectiva, o estudo presente amplia a busca de informações empíricas em outros espaços, além da família, como o centro comunitário, as festas, os espaços de lazer e de recreação. A singularidade da situação foi estudada com bastante extensão e densidade, pois que a investigação presente envolve análise dos psicodinamismos próprios das expressões de crianças perante sua realidade. Não tivemos pretensão de fazer comparações estatísticas, mas comparações permitidas e possibilitadas pelos métodos e teorias da psicanálise em algumas de suas vertentes, a saber: Piera Aulagnier, Winnicott e Lacan.

Os dados levantados foram analisados no sentido de captar a densidade das relações dos sujeitos considerando a complexidade dos elementos. Assim, a pesquisa empírica foi realizada no espaço delimitado de uma vila e num tempo de aproximadamente doze meses. Concordamos com André<sup>31</sup>, quando refere a importância de realizar o trabalho de campo complementando os dados da entrevista com os da observação para verificar a “variedade de significados” atribuídos pelos informantes, “retratando a situação pesquisada em suas múltiplas dimensões”.

---

<sup>30</sup> Artigo produzido a partir da pesquisa: MAGGI, Noeli R.; CAREGNATO, Célia; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. *O Saber que as Crianças Levam para a Escola: traços culturais na sala de aula em escolas da Vila Cruzeiro do Sul/Porto Alegre*. Porto Alegre: UNIRITTER, 2002. Relatório de pesquisa realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação, Cultura e Sociedade.

<sup>31</sup> ANDRÉ, Marli E. *Etnografia da Prática Escolar*. São Paulo: Papirus, 1995. P. 57.

Uma investigação de caráter qualitativo envolvendo estudo de caso com observações e entrevistas em profundidade não ignora o risco de focalizar estritamente o que pode ser observado e registrado de sujeitos, situações, objetos, fenômenos presentes em um contexto espaço-temporal específico. Esse reconhecimento alertou-nos para que as observações preservassem tanto quanto possível todos os elementos contidos na situação. Alertou-nos também para o fato de que os instrumentos utilizados fossem contínuos e concomitantes, a fim de minimizar a segmentação dos dados.

Nossa pesquisa empírica e teórica, fundamentada na psicanálise, buscou e busca uma constante revisão epistemológica. Teve e tem como base os elementos conceituais referentes à “função paterna” (Lacan) e suas formas de manifestação no simbólico e especificamente no uso do “espaço potencial” (Winnicott) do sujeito como expressão da criatividade. Desta forma, foram preservados momentos considerados fundamentais para a investigação, como: atenção aos fatos e acontecimentos relevantes para o estudo do objeto; atenção na aplicação dos métodos de investigação como recursos de apreensão do real e utilização da teoria na interpretação e análise.

Alguns aspectos foram reconhecidos como imprescindíveis na metodologia, tais como diferenciação epistemológica do objeto real e do objeto científico bem como entre constituição do objeto científico e demonstração das questões da pesquisa.

Nesse sentido, segundo Deshaies, a investigação do objeto nas ciências humanas exige uma diferenciação entre o real e realidade<sup>32</sup>. Para esse autor, o mundo externo representa aquilo que se designa como real; entretanto, o que é falado sobre o objeto já está representado

---

<sup>32</sup> “A realidade é sempre a nossa representação do mundo exterior. E essa representação está sob a influência de questões ou de hipóteses erguidas pela ciência; está também sob a dependência dos preconceitos, das crenças, das ideologias, dos mitos, etc. É por isso que a realidade é incrivelmente diferente segundo as épocas e as culturas. É, pois, a representação que formamos do mundo [ . . . ] com palavras, sons, utensílios, em suma a partir de nós próprios, [ . . . ] da nossa educação, da nossa orientação no mundo, dos nossos desejos e das nossas pulsões”. DESHAIES, Bruno. *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. P. 158.

por uma subjetividade. Assim, quando se falar do objeto tanto real quanto científico, ele está carregado de representações que formamos do mundo.

Na investigação de questões de pesquisa, a teoria tende a tornar-se ato. Na medida em que o objeto está sendo pesquisado, os elementos da realidade reorganizam-se. Por um lado, o presente estudo procura levantar princípios pelo caminho da “indução”. Inicia com a observação de elementos abstratos relacionados com a teoria e continua observando comportamentos cada vez mais próximos do concreto. Por outro lado, isso não impede que se parta de uma representação do todo para, através da análise, descobrir os conceitos e as idéias mais simples, procurando entender novamente o todo. Esse caminho de pesquisa é apontado por Santos (1991) para falar de uma investigação sobre o sujeito a partir de uma visão mais ampliada, considerando suas relações políticas e sociais.

Pode-se ver, pois, que nesse estudo, parte-se da observação da realidade mais ampla<sup>33</sup> para, num segundo momento, delimitar os elementos empíricos do comportamento através do estudo de alguns sujeitos e, mais tarde, voltar para um entendimento da realidade, mas, dessa vez, mais organizada e, portanto, interpretada de modo mais abstrato.

A pesquisa foi realizada com crianças de periferia urbana em fase de escolaridade inicial<sup>34</sup>. Para levantar os dados empíricos, foram investigados, além das crianças, seus pais ou cuidadores<sup>35</sup>, os monitores<sup>36</sup> do centro comunitário, os moradores e líderes comunitários<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> “A tarefa necessária é reencontrar a realidade, representando-a enquanto uma *totalidade de determinações e de relações diversas*, ou seja, reencontrando-a enquanto *realidade concreta* [ . . . ] Temos então, um *ponto de partida efetivo*, seja da intuição, seja das representações, seja do pensamento científico: consiste em um primeiro concreto, que deveríamos denominar *real*; sobre este *real*, opera-se com as *determinações mais simples*”. SANTOS, José V. T. A Construção da Viagem Inversa: ensaio sobre a investigação nas ciências sociais. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 55-88, jan./jul. 1991. P. 66.

<sup>34</sup> Crianças com idade entre 6 e 9 anos, pertencentes a uma comunidade de moradores localizada na Região da Vila Cruzeiro do Sul nas proximidades da cidade, cujos assentamentos de terrenos e casas encontram-se em fase de legalização junto aos órgãos públicos.

<sup>35</sup> São os responsáveis pela educação e abrigo da criança quando essa não se encontra sob os cuidados dos pais, tais como: tios, avós e famílias substitutas que adotaram a criança.

<sup>36</sup> São auxiliares de recreação que coordenam as atividades com a criança no centro comunitário em um dos turnos, enquanto os pais ou os responsáveis estão no trabalho. As crianças são acompanhadas pelos monitores nos espaços formais e não formais das atividades do centro. No outro turno do dia, elas freqüentam a escola, passando a ser acompanhadas pelo professor.

de uma vila de Porto Alegre<sup>38</sup>. O estudo aproximado ao tipo etnográfico foi utilizado para conhecer os traços culturais das crianças e de suas famílias. O universo da pesquisa abrangeu as crianças que freqüentam, em um dos turnos do dia, o centro comunitário, e, no outro turno, a escola. Para interpretação e análise dos dados, tomou-se como referência o estudo e a construção do caso, mais extenso e denso, como já referimos, do que a história clínica convencional. São dois casos tendo a psicanálise, seu método e metapsicologia, como suportes subjacentes e orientadores.

### 3.2 MÉTODO DE ESTUDO

O método de estudo utilizado é o método da pesquisa psicanalítica. Através desse método, a escuta e o olhar dirigidos para o objeto da investigação têm como referência a psicanálise, enquanto paradigma de concepções destinadas ao entendimento e interpretação dos elementos da realidade. Freud, nas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, trata da importância da palavra e da escuta como método psicanalítico. Para ele, interpretar significa achar um sentido oculto em algo.

O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixa-se, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais. O médico escuta, procura orientar os processos de pensamento do paciente, exorta, dirige sua atenção em certas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou rejeição que ele, analista, suscita no paciente.<sup>39</sup>

A pesquisa procura sustentar conceitos abstratos fundamentais que foram submetidos desde o início ao material da experiência empírica, buscando uma significação do que foi sendo observado ou constatado no momento. O que indicou o caminho do emprego da

---

<sup>37</sup> Pessoas eleitas pela comunidade para representar os moradores nas questões de moradia, saneamento básico, legalização de terrenos e situações que envolvem o coletivo de suas vidas junto aos órgãos públicos.

<sup>38</sup> O estudo foi realizado na região da Vila Cruzeiro em Porto Alegre.

psicanálise foi a exploração do fenômeno empírico que pôde sustentar ou reconstituir os conceitos fundamentais e indispensáveis na elaboração do objeto de investigação. O contato com a realidade possibilitou a experiência de pensar o fenômeno como uma consequência do que a teoria já havia referido, ou de retomá-la em outro sentido, criando novos conceitos e idéias. Nosso estudo de pesquisa parte de conceitos abstratos que, embora não tenham sido buscados arbitrariamente, estão determinados pelas relações com o material empírico. Após uma exploração aprofundada do fenômeno investigado, é que esses conceitos são redefinidos em novas conceitualizações. Para Caon,

o progresso do conhecimento não sofre de rigidez nas definições. [ . . . ] o novo pesquisador psicanalítico reconstrói o campo conceptual metapsicológico já conquistado pelos pesquisadores psicanalíticos que o precederam e, na esteira dessa mesma proposta, poderá, ele mesmo, acrescentar novos conceitos metapsicológicos ao campo conceptual da metapsicologia. Foi dessa maneira que Winnicott gestou o conceito metapsicológico de “objeto transicional” e Lacan, o “objeto a pequeno”.<sup>40</sup>

Na pesquisa psicanalítica os fundamentos da subjetividade do pesquisador estão presentes em todos os momentos, uma vez que o objeto de investigação reedita a sua experiência vivida na situação psicanalítica. Como na pesquisa psicanalítica, o fenômeno da transferência está presente no ato da investigação, o embaraço e sofrimento pelas resistências pessoais podem acompanhar o pesquisador na reinvenção do texto metapsicológico. Sobre as resistências, Freud<sup>41</sup> afirma que as recusas e as negações tendem a variar em quantidade

<sup>39</sup> FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 15, p. 29.

<sup>40</sup> CAON, José L. O Pesquisador Psicanalítico e a Pesquisa Psicanalítica. In: MACHADO, Jorge A. (Org.). *Filosofia e Psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. P. 54.

<sup>41</sup> “Se uma criança recusa abrir sua mão fechada, para mostrar o que tem escondido, podemos nos sentir seguros de que se trata de algo equívoco, algo que ela não devia ter [ . . . ] Se a resistência é pequena, o substituto não pode estar muito distante do material inconsciente; contudo, uma resistência maior significa que o material inconsciente está muito distorcido e que será longo o caminho que se estende desde o substituto ao material inconsciente”. FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 15, p. 143.

revelando algo que não pode ser mostrado. Ele não dissociava em seus trabalhos a teoria da técnica psicanalítica.

A partir de 1912, escreve artigos sobre psicoterapia, onde aborda questões relacionadas à técnica. Há muitos tipos de escuta ou de observação segundo a psicanálise. Os gestos, as atitudes, a tonalidade da voz, o silêncio podem representar aspectos importantes para análise dos depoimentos. De acordo com a psicanálise, o trabalho de interpretação está condicionado pela escuta do que é falado e do que é silenciado, do que se repete e do que é deslocado através dos sintomas e de outras linguagens do corpo.

A seleção do material bruto que parece relevante a essa pesquisa foi realizada a partir da escuta e atenção flutuantes tendo presente a fala dos pais, o brinquedo e o relato das crianças durante as narrativas entre outros momentos da investigação. Quando o trabalho estava sendo desenvolvido através do grupo focal com as mães, interessamo-nos em verificar como os filhos são falados, isto é, referidos, qual o lugar que ocupam na família, como os pais das crianças são anunciados nas suas relações pessoais, quais os objetos causadores de frustrações e como reagem às mesmas. No caso das crianças, a psicanálise nos aponta que elas têm uma forma de ordenar o desejo que difere muito em relação à dos adultos. Elas se gratificam intensamente através da estimulação de partes do corpo (pulsões parciais), sublimam algumas de suas gratificações primárias através do brinquedo, das histórias, dos desenhos e não manifestam resistência na expressão do sofrimento originado pelos conflitos.

As singularidades, no caso das crianças, são faladas através do brinquedo ou das narrativas que estão expressando o real de suas vidas através do imaginário<sup>42</sup>, recobertas pelo simbólico. A singularidade também está presente ao analisar a fala das mães, as quais, ao se referirem aos filhos, omitem seus maridos enquanto pais dos filhos delas. A resistência que é manifestada pelo ocultamento e omissão da figura do pai, especialmente por parte da mãe,

---

<sup>42</sup> Imaginário (imajário), representa um conjunto de imagens, de fantasmas, de sombras que se superpõem ou que constituem um entramado que sustenta e é sustentado pelo psiquismo.

pode estar associada a pactos de silêncios, tranqüilizadores para as mães, mas inquietadores para os filhos.

A metodologia combinada de entrevista e grupo focal procurou assistir a necessidade de levantamento de dados sobre as relações parentais e familiares. Todos os elementos coletados e analisados serviram para constituir os estudos de caso.

### 3.3 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso consiste na investigação aprofundada de um sujeito e de seu contexto, envolvendo a análise das variáveis relacionadas à investigação que foi realizada. Esse recurso metodológico é considerado por Bogdan<sup>43</sup> e Becker<sup>44</sup> como uma forma de aprofundar a análise tanto dos sujeitos implicados na pesquisa, quanto da teoria que apoia a investigação.

Na presente pesquisa, utilizam-se dois estudos de caso com planos de estudo delineados a partir das primeiras observações empíricas. Foi utilizada uma metodologia de investigação intensa e extensa de dois sujeitos a respeito das suas expressões, das formas de lidar com a realidade e demais comportamentos grupais, supondo deste modo conhecer a problemática da “função paterna” e do “espaço potencial”. Para tanto, lidou-se com um quadro teórico amplo e profundo para que os elementos observados fossem analisados, recebendo a necessária compreensão. Ao mesmo tempo em que consideraram-se fenômenos

---

<sup>43</sup> “Os investigadores [ . . . ] começam pela coleta de dados, revendo-os e explorando-os, e vão tomando decisões acerca do objetivo do trabalho. Organizam e distribuem o seu tempo, escolhem as pessoas que irão entrevistar e quais os aspectos a aprofundar. Podem pôr de lado algumas idéias e planos iniciais e desenvolver outros novos”. BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Ed., 1994. P. 89.

<sup>44</sup> “O estudo de caso geralmente tem um propósito duplo. Por um lado, tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo: quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividade e interação recorrentes e estáveis? Como elas se relacionam umas com as outras e como o grupo está relacionado com o resto do mundo? Ao mesmo tempo, o estudo de caso também tenta desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estrutura sociais”. BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC Ed., 1999. P. 118.

específicos de uma determinada situação, também possibilitou estudar as múltiplas inter-relações entre os indicadores dos comportamentos observados.

Foram entrevistadas pessoas da comunidade, coletados seus depoimentos em situação de assembléias de moradores, em festas da comunidade e em momentos de comemoração de nascimentos e de casamentos. Frequentemente acompanhavam-se os funcionários na hora do café da manhã e nos lanches da tarde. Havia convites para participar do almoço e das reuniões de integração do grupo. As observações feitas neste momento eram de extrema importância para enriquecer os dados levantados. Estes elementos permitiram também constatar dados sobre a regularidade dos comportamentos, sobre as expressões e linguagem dos sujeitos em situação de grupo.

Para exemplificar, em um dos encontros com o grupo focal, as mulheres da comunidade estavam preocupadas com os bebês recém-nascidos e que não dispunham de lugar para permanecer, enquanto as mães buscavam emprego para sobrevivência. Uma senhora falava da filha que necessitava trabalhar para ajudar o marido, também desempregado e que já tinha sob responsabilidade do casal mais duas crianças de um casamento anterior. Nesse caso, a avó se disponibilizou a permanecer com a criança enquanto os pais encontrassem uma forma mais adequada de atendimento aos filhos. No mesmo grupo, outra senhora apontava a situação de risco que havia experimentado no dia anterior. Uma tentativa de assalto foi fracassada quando o adolescente reconheceu que o alvo do ataque era uma pessoa conhecida dos seus familiares. Em meio a esses comentários, o grupo planeja também a decoração de um salão de festas para a cerimônia de casamento de uma adolescente.

Todas essas falas e expressões e os indicadores levantados para análise do material auxiliaram mais tarde nas conclusões do estudo de caso. Em primeiro lugar, as evidências ou provas regulares das manifestações e a variação das mesmas se constituíram em dado importante para análise. Para o estudo de casos realizado nesta pesquisa, foram considerados

indicadores conceituais mais amplos e abstratos (Anexo 1), para análise metapsicológica. Esses indicadores ou categorias<sup>45</sup> de generalização científica foram desdobrados em indicadores ou categorias para observação empírica, a fim de registrar as manifestações dos sujeitos nos diversos momentos da pesquisa.

O estudo de caso desenvolvido nesta pesquisa permitiu não somente preservar o que é singular na história dos sujeitos, como também contemplar as especificidades mais genéricas do grupo e da comunidade. A análise foi revelando que as manifestações dos moradores, quando tomadas isoladamente ou em seu conjunto, iam se repetindo em alguns aspectos e se diferenciando em outros. Por exemplo: no estudo promovido pela assistente social para verificar se as condições sócio-econômicas das famílias justificam a necessidade de auxílio financeiro para subsistência das crianças, as mães não revelam a ausência e a omissão dos companheiros como dificuldade a ser considerada. A figura paterna é preservada em alguns casos ou denegada em outros, no depoimento das mães, em situações de grupo, nas visitas às famílias ou na hora de negociar pagamento da creche ou mensalidade no centro comunitário. Por outro lado, as dificuldades para enfrentar a vida cuidando sozinhas dos filhos manifestam-se através de queixas sobre doenças e falta de atendimento nos postos de saúde.

Trata-se de um estudo metapsicológico em que os comportamentos explicitados pela fala ou pelos gestos corporais anunciam os elementos para análise da realidade psíquica. Para investigar esta realidade psíquica, foi realizada uma abstração do comportamento observado a partir de indicadores conceituais e empíricos. D'Agord, quando aponta as condições para a construção de um caso em psicanálise, apresenta elementos para diferenciar o estudo de fenômenos conscientes em que a descrição do comportamento observado prevalece em oposição a uma construção metapsicológica, em que o fenômeno empírico está sempre

---

<sup>45</sup> Modelo auxiliar utilizado para orientar a pesquisa empírica. Uma forma de ordenar os achados da pesquisa e de descrever e identificar suas características. Freud, no texto sobre *O mal-estar na civilização* utiliza o modelo auxiliar de Goethe para descrever os valores do homem. Freud, ao escrever o texto sobre *Tipos libidinais*, faz uma descrição caracterológica para situar os sujeitos no quadro clínico geral da humanidade.

desafiado pela teoria. O pesquisador tem como interlocutor a teoria que serve tanto de alteridade e referencial para as hipóteses de investigação como de suporte para revisar constantemente os dados empíricos levantados. A teoria ocupa o lugar da alteridade no diálogo presente na reconstituição do que está sendo observado ou escutado.

O caso psicanalítico não se confunde com a observação clínica. A observação clínica repousa sobre a atenção perceptiva consciente do observador, pois a meta é a descrição minuciosa dos doentes e de seus sintomas com a finalidade de recensear os sinais dos quais se deduzirá uma visão sintética da doença. [ . . . ] Diferentemente da observação clínica, o caso em psicanálise se inscreve em uma clínica da escuta [ . . . ] O material que é objeto dessa atenção não dirigida nunca corresponderá ao conjunto do material clínico.<sup>46</sup>

Um caso tipo único agrega leis que atendem ao critério de universalidade. Para tornar o estudo mais generalizável a partir do referencial teórico que sustentou a discussão desta pesquisa, foram realizados, como se disse, dois estudos de caso.

### 3.4 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante utilizada envolveu a interação do observador na coleta dos dados empíricos a respeito dos sujeitos e da comunidade em diferentes momentos da pesquisa<sup>47</sup>, através do registro cuidadoso dos elementos observados. Para os estudos de caso realizados, a observação participante foi exaustivamente utilizada.

---

<sup>46</sup> D'AGORD, Marta. Uma Construção de Caso na Aprendizagem. *Pulsional*: revista de psicanálise, Porto Alegre, ano 13, n. 140/141, p. 14-15, 2000.

<sup>47</sup> "A primeira coisa que observamos nas pesquisas baseadas em observação participante é que a análise é conduzida seqüencialmente, partes importantes dela sendo realizadas enquanto o pesquisador está coletando seus dados. Isto tem duas conseqüências óbvias: a coleta ulterior de dados toma sua direção a partir de análises condicionais; e o montante e o tipo de análise condicional realizado são limitados pelas exigências da situação do trabalho de campo, de modo que a análise abrangente final pode não ser possível até que o trabalho de campo esteja terminado". BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC Ed., 1999. P. 49.

Observou-se intensamente a vida da comunidade<sup>48</sup>, registrando o mapa de localização das pessoas, o relato do que normalmente faziam nas suas atividades diárias, como interagiam, o que expressavam e como se organizavam diante das dificuldades.

As crianças observadas na etapa inicial da pesquisa solicitavam a participação constante do investigador nos jogos, brinquedos, conversas informais e na vida cotidiana do grupo. Foram observados nas pessoas o comportamento, seus modos de expressão, a forma como se relacionam com as situações e acontecimentos enfrentados no cotidiano. Este método possibilitou permanecer em companhia de pessoas e de grupos, facilitando o registro de comportamentos, tendo presente o foco pretendido para estudo.

A credibilidade no depoimento dos informantes, as condições em que as declarações foram realizadas e a relação entre os sujeitos e a pesquisadora possibilitaram o uso deste recurso. Os moradores da comunidade tinham informações sobre as minhas visitas no campo, e algumas famílias disponibilizavam suas casas para me receber.

Neste trabalho, a observação participante foi usada como forma de aprofundar o conhecimento sobre a comunidade, identificar o modo de relação dos seus moradores, suas rotinas e especialmente, a relação dos pais e cuidadores com as crianças. Foram destacados para observar especialmente os seguintes aspectos: o modo de relação dos adultos com as crianças, as reações dessas diante das restrições, os limites impostos ou conflitos a serem enfrentados (Anexo 2).

### 3.5 GRUPO FOCAL

O grupo focal permitiu a obtenção de dados de natureza qualitativa a partir de sessões em grupo em que dez mulheres, compartilhando alguns traços comuns, discutiam aspectos de um tema sugerido. Essa técnica possibilitou a identificação e o levantamento de opiniões que

---

<sup>48</sup> As visitas à comunidade eram semanais, em um dos turnos, (manhã ou tarde) num período de doze meses.

refletiam o grupo em um tempo relativamente curto, otimizado pelo confronto de idéias sobre as dificuldades no cotidiano de suas vidas. O grupo focal auxiliou também a constatação de idéias comuns e contrárias sobre o tema em discussão. O coordenador apresentava questões para o grupo interagir, debater e trazer opiniões sobre o tema. Na medida em que um ouvia o parecer do outro, os depoimentos tornavam-se originalmente dinâmicos e a oportunidade de interação favorecia a reconstrução dos posicionamentos dos participantes. Tratando-se de mães das crianças investigadas, o grupo pôde ser fonte de revelação sobre o exercício de autoridade, sobre a forma de educação dos filhos e especialmente sobre a experiência de administrar o cotidiano familiar muitas vezes sem os companheiros.

Para Jovchelovitch<sup>49</sup>, através dos grupos focais, as pessoas se familiarizam e incorporam os objetos que fazem parte da vida social, interagindo, conversando e compreendendo os diversos mecanismos de relação com os mesmos. Os elementos de investigação aparecem do modo natural e pouco estruturado, mantendo o direcionamento dado pelo pesquisador e pelo movimento do grupo. No grupo de mulheres que era constituído de mães das crianças investigadas, os temas referentes à educação e aprendizagem dos filhos, o manejo dos conflitos e das frustrações são verbalizados com muita espontaneidade embora sendo da ordem do senso comum<sup>50</sup>.

### 3.6 NARRATIVAS INFANTIS E O BRINQUEDO

Segundo a psicanálise, a criança fala o discurso do adulto que está incorporado desde as identificações primárias no seu Eu. As histórias inventadas pela criança refletem o seu imaginário povoado de personagens que fazem parte de sua vida, transformados pela fala em

---

<sup>49</sup> JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações Sociais e Esfera Pública: a construção dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 224.

<sup>50</sup> Trata-se do conhecimento intuitivo e espontâneo; uma mistura de saberes, reduzindo-os a uma simplificação teórica.

diálogos nos quais o locutor e o interlocutor podem ser a mesma pessoa. As histórias inventadas e dramatizadas pela criança ajudam-na a liberar suas emoções reprimidas e a reconstituir a realidade com os recursos da imaginação e do processo simbólico. Na medida em que a criança inventa suas histórias, está falando dos seus medos e desejos representados pelas cenas de comer, dormir, conviver com pessoas, perder e vencer competições, dominar e submeter-se, odiar e amar, tudo isso acompanhado de atores e figurantes orientados pelo desejo inconsciente de expressão.

As crianças conseguem organizar-se através do seu mundo imaginário buscando uma lógica que dê sentido aos seus temores e desejos mais imediatos. Parece ser uma das formas de a criança não adoecer ou de não se sentir privada de vivenciar seus sonhos. As narrativas infantis, assim como no conto de fadas, trazem a magia do encantamento dos sonhos e da realização dos desejos. Segundo Freud, adultos rememoram situações da infância através de contos e de narrativas plenas de significado que, tanto na época de criança como na atual, reeditam as experiências mais arcaicas portadoras de lembranças encobridoras.

A narrativa infantil foi utilizada como um dos recursos para investigar como a criança expressa e regula o seu desejo e como evoca suas experiências pessoais vivenciadas especialmente com os pais. É na perspectiva da linguagem como forma de relação com o mundo e expressão dos mecanismos psíquicos que as narrativas e o brinquedo são intensamente explorados na presente investigação.

Considerou-se narrativa infantil para este estudo toda a história contada, inventada ou dramatizada pela criança em situações dirigidas e espontâneas, individualmente e em situações de grupo. Este recurso de investigação buscou a forma do discurso oral das crianças com a utilização de alguns recursos materiais (Anexo 3). Esse tema é explorado com mais profundidade na quinta seção, ao analisarem-se questões sobre a pulsão de conhecer na criança de escolaridade inicial.

O brinquedo foi observado no cotidiano das crianças e em todas as formas de expressão incluindo as narrativas. O espaço potencial de criação foi investigado através dos mecanismos psicodinâmicos implicados nas construções verbais e demais formas de expressar os conflitos gerados em cada situação observada.

### 3.7 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Nas entrevistas são utilizadas questões amplas para investigar a expressão de idéias e para incluir no discurso do sujeito investigado suas reflexões sobre o tema sugerido de modo espontâneo. Os dados das entrevistas tornaram-se cumulativos na medida em que os encontros com os sujeitos investigados foram se sucedendo.

As questões apresentavam questionamentos semelhantes considerando o objeto da investigação, embora se diferenciassem na modalidade de encaminhamento das perguntas (Anexo 4).

### 3.8 ELEMENTOS CONCEITUAIS DA TEORIA PSICANALÍTICA – CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para analisar a função paterna (Lacan) e o espaço potencial (Winnicott) nas crianças investigadas, foram levantados elementos conceituais da teoria que, fundamentados na leitura psicanalítica, possibilitam a análise dos dados empíricos.

Os conceitos de *função paterna e função paterna fraturada, operância do simbólico e o uso do espaço potencial* têm uma estreita relação entre si, na medida em que o uso do espaço potencial é uma forma de expressão do simbólico originado pela função paterna. Mais recentemente Green (2003), Macedo (1999), Abadi (1998), apenas para citar alguns, sugerem uma investigação mais profunda nesta área do desenvolvimento psíquico ainda pouco explorada.

Apresenta-se a seguir o que representam essas categorias conceituais.

a) Uso do espaço potencial

Com o uso do espaço potencial, há representação da realidade pela vivência do imaginário, do simbólico e do real; momento em que a criança transita entre a criatividade primária e a percepção da realidade. Para Winnicott,

onde há confiança e fidedignidade, há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural.<sup>51</sup>

Com o uso do espaço potencial, há distinção entre o símbolo, o simbolizado e o sujeito da criação. A criança, ao fazer a narrativa, se diferencia do objeto sobre o qual está pensando. Segundo Winnicott (1975), o espaço potencial é originado na experiência de separação da criança com a mãe. Um interditor representado pelo afastamento temporário da mãe ou pela presença do pai possibilita à criança o uso de objetos substitutos que, além de aliviar a dor causada pela falta, representam simbolicamente o objeto perdido. O uso do espaço potencial é representado pela vivência do imaginário onde a existência do real é recoberta pelo simbólico.

Segundo Lacan (1998), mesmo que o sujeito tenha se libertado de uma experiência sensorial imediata ao atingir a capacidade de simbolização, continua aprisionado na ordem simbólica, uma vez que a linguagem fornece os símbolos que por muito tempo já preexistiam. Mesmo que o ser humano trabalhe na ilusão de criar os próprios símbolos, eles já estavam circulando na cultura.

Ogden<sup>52</sup> apontou indicadores de psicopatologia no uso do espaço potencial. Essa área de criatividade originalmente proposta por Winnicott e anunciadora da existência da função

<sup>51</sup> WINNICOTT, Donald W. O Lugar em que Vivemos. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 150.

<sup>52</sup> OGDEN, Thomas H. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter L. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 79.

paterna instituída por Lacan aponta para a necessidade de investigar esse espaço, tema que continua enigmático.

b) A operância do simbólico - a primazia do simbólico sobre o real e o imaginário

A operância do simbólico torna-se efetiva a partir da castração simbólica. No recalque originário, a castração simbólica é bem sucedida. Na medida que a mãe nomeia o pai por sentir-se incompleta, anulará a onipotência da criança sobre a idéia imaginária de completude, e essa perceberá que também a mãe é castrada. Este recuo da pulsão exercerá uma função diferente na ordem dos acontecimentos do ponto de vista econômico. A operância do simbólico atenua o valor do processo primário, próprio da alucinação e da ilusão, para dar lugar aos processos de percepção, representação e da linguagem como condição de entrada do humano para o estatuto de sujeito.

Segundo Lacan<sup>53</sup>, o que não veio à luz do simbólico aparece no real. Uma vez suprimida a castração, não há possibilidade de transferência. Para esse autor, “na ordem simbólica, os vazios são tão significativos quanto os cheios”, ou seja, é a partir da “ausência” que se busca e que se procura recuperar os objetos interminavelmente.

O simbólico instaura o sujeito nas relações nomeadas pelo reconhecimento, diferenciação, flexibilidade, uma vez que contempla as “esperas”, as “faltas” e a reconciliação com a “busca”. Através da linguagem metaforizada das crianças investigadas que se utilizam do brinquedo e da narrativa, o significante primordial está buscando continuamente em outro lugar e de diversas formas novas possibilidades e novos encontros. Nesse sentido, quando o sujeito passa pelo processo da castração simbólica, ou seja, pela inscrição do nome-do-pai, está utilizando os processos secundários do aparelho psíquico como “pensar”, “inventar”, “substituir” e “criar”. Esses processos são utilizados na observação dos dados e servem como elementos intermediários entre o objeto científico e os fenômenos empíricos.

---

<sup>53</sup> LACAN, Jacques. Resposta ao Comentário de Jean Hypolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. P. 390-394.

Quando não há primazia do simbólico sobre o real e o imaginário, é observada a dificuldade da criança em vivenciar a dialética do espaço potencial<sup>54</sup>, seja através de suas expressões no brincar, nas narrativas ou na relação com o grupo. Nesse caso, a criança descreve a situação vivenciada sem colocar enredo na história.

As possibilidades para o objeto, situação ou personagem deslocarem de papel ou de experiência são absolutas. A realidade e a fantasia são vivenciadas como elementos dissociados, impedindo o reconhecimento de alguma falta. Os objetos são distorcidos, excluídos, modificados, descritos e negados na sua significância. A imaginação é excluída nas narrativas, prevalecendo a descrição do fato. Em nível inconsciente, o sujeito teme assumir verdadeiramente o fato na fantasia.

O perigo de os desejos e fantasias tornarem-se verdadeiros de maneira destrutiva e assustadora torna demasiadamente real o que o sujeito pode ter experienciado anteriormente em sua vida. Prevalece a dificuldade de inventar, trocar papéis, dramatizar, levantar possibilidades. Nesse caso, as narrativas expressam situações onde a castração simbólica é negada. Há um predomínio da onipotência e do narcisismo nas situações do brincar e nas histórias, onde a impulsividade colocada em ato impede o mecanismo da reparação.

As experiências são vivenciadas como acontecimentos em si mesmos. A criança fica aprisionada aos objetos da fantasia como coisas em si. Há uma relação de transferência delirante em que a criança percebe a figura imaginada como se fosse real. Não há possibilidade de representar uma coisa pela outra, as coisas são o que são. Ogden buscou em Winnicott sustentação teórica para levantar indicadores de psicopatologia ou do uso criativo do espaço potencial. Para explicar as formas de enfrentar a realidade, o autor define:

quando nos aproximamos do estado em que nada é sentido como representando alguma coisa, exceto a própria coisa, ficamos cada vez mais aprisionados no

---

<sup>54</sup> OGDEN, Thomas. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter L. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

domínio da coisa em si. [...] a ilusão se torna delírio, [...] o brinquedo se torna compulsão. Compreender o significado da própria experiência de alguém só é possível quando uma coisa pode representar outra sem ser essa outra.<sup>55</sup>

Para exemplificar esta questão, nos sujeitos investigados o relato de uma narrativa constituída pela fantasia estaria sendo vivenciado como um fato em si mesmo. A imaginação se torna delírio, o que foi “pensado” transforma-se em ação e em brinquedo compulsivo.

### c) Função paterna e função paterna fraturada

A função paterna é um conceito psicanalítico, proposto por Lacan<sup>56</sup> para designar a Lei que institui no desenvolvimento do sujeito a passagem do registro imaginário para o registro simbólico, a partir do discurso do Outro. Para que esta passagem tenha a sua confirmação, o sujeito insatisfeito com o que lhe falta expressa-se através das continuadas e múltiplas alternativas para suas necessidades.

A função simbólica é a condição que distingue o homem de outros seres da natureza. Constituído pelo discurso do Outro, é também um ser da linguagem em busca de uma gratificação que possa lhe aliviar dos efeitos da falta provocados pela presença faltosa (essencialmente incompleta) da mãe. Para tanto, é necessário o recalque das pulsões. A criança expressa seu subjugamento à castração simbólica por meio de significantes com os quais desloca os conflitos originados pela falta fundante. A realidade é compreendida através de significados atribuídos pela criança. Portanto, o efeito da função paterna aparece nas marcas do recalque originário do significante representado pelo desejo da mãe. Esse é o aspecto nodal para a constituição da subjetividade e efetividade do registro simbólico sobre o real e o imaginário. A criança que expressa tolerância às frustrações reconhece as diferenças e convive com as regras da cultura através do brinquedo, das histórias inventadas ou da

<sup>55</sup> OGDEN, Thomas. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter L. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 85-86.

<sup>56</sup> LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

capacidade de elaborar alternativas de ação diante das dificuldades; está operando no registro simbólico com o auxílio do imaginário sobre o real.

A função paterna fraturada, segundo Bleichmar (1994), representa uma interrupção no encadeamento entre o que o sujeito viveu num momento prévio da vida e o momento atual. A fratura é uma representação mal localizada, refere-se a algo que ficou nas margens do sujeito significando um rompimento. O sujeito ficou aprisionado numa posição imaginária, sem condições de reordenar o desejo na ordem simbólica. A libido materna busca inconscientemente o objeto procurando arrancar o filho de um destino “natural”, mas esse permanece ordenado pelo desejo da mãe, condenando-o ao puro imediatismo e improdutividade psíquica, quando a cultura lhe solicita uma postura de decisão e de encontro com as diferenças.

As primeiras inscrições maternas parecem definir as possibilidades do metabolismo das referidas marcas por parte da criança. O suporte do acolhimento materno tem de estar presente desde os primeiros tempos de instalação do processo arcaico e originário, mas terá de ceder lugar ao pai (função paterna) para poder enfrentar as rupturas subseqüentes. A criança que se constitui ao ser separada do objeto originário e não transcreve esta experiência revela através do *ato* alguns nexos que não permitem a interpretação do seu estatuto. A análise pode tecer o entramado do que não foi falado, mas reendereça a uma representação mal localizada. Quando se fala dos primeiros tempos da constituição psíquica, abre-se a possibilidade de pensar os movimentos e as falhas no ordenamento do desejo e no processo de subjetivação.

Piera Aulagnier (1990) fala no movimento da cura na criança quando essa transforma os fragmentos mnêmicos dos primeiros tempos de vida em uma construção histórica. Através do *pictograma e das identificações primárias*, um tempo não falado pode ser recapturado pelo simbólico. A fratura existe quando os elementos se perderam, quando não houve inscrição, ou

ainda quando houve uma interrupção no processo de identificação da criança com um terceiro na relação mãe-filho.

A *fratura da função paterna* para Winnicott representa o rompimento no processo desadaptativo da mãe em relação ao bebê. Pode-se falar de trauma, ruptura, quebra de fé. No momento em que a função paterna começa a se instalar, há uma ruptura no vínculo. O fracasso ambiental se situou além dos limites da capacidade do sujeito para lidar com a frustração.

[ . . . ] no complexo Edipiano, nos inter-relacionamentos com os que se dão entre três pessoas totais, a criança precisa passar por um período em que a confiabilidade pessoal dos pais seja experienciada a fim de que o equipamento total (mecanismos de projeção e introjeção) possa ser usado, e no qual possa tornar-se estabelecida uma realidade psíquica pessoal e interior que torna a fantasia uma experiência comparável ao relacionamento objetal real.<sup>57</sup>

Para Winnicott, o trauma representa a destruição da experiência individual por uma intensa e súbita intrusão de fatos reais no sujeito, provocando uma interrupção na continuidade do processo de integração. Por outro lado, a criança poderá desenvolver o espaço potencial de criatividade se a intrusão de um terceiro na vida da criança for suportável em função das suas defesas. Este é o ponto central de investigação desta pesquisa. Segundo Nasio<sup>58</sup>, as manifestações clínicas tanto duradouras quanto transitórias são ocasionadas por uma desordem na simbolização e são decorrentes da experiência de castração mal sucedida. Para o autor, a forclusão é o nome que a psicanálise dá à falta de inscrição, no inconsciente, da experiência normativa da castração, experiência crucial que, na medida em que é simbolizada, permite à criança assumir seu próprio sexo e, desse modo, tornar-se capaz de reconhecer seus limites.

---

<sup>57</sup> WINNICOTT, Donald W. O Conceito de Trauma em Relação ao Desenvolvimento do Indivíduo dentro da Família. In: WINNICOTT, Clare et al. Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. P. 114.

<sup>58</sup> NASIO, Juan D. *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991. P. 149.

### 3.9 DA PSICOPATOLOGIA DO ESPAÇO POTENCIAL PARA A CRIATIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Para conceber o espaço potencial, é necessário que o bebê se perceba no olhar da mãe. Neste ponto há uma diferença, um significado, um campo não homogêneo, o início da constituição da subjetividade.

Metade da teoria do relacionamento paterno-infantil se refere ao lactente, e é a teoria da jornada do lactente da dependência absoluta, passando pela dependência relativa, à independência, e paralelamente, a jornada do lactente do princípio do prazer ao princípio da realidade, e do auto-erotismo às relações objetais. A outra metade da teoria do relacionamento paterno-infantil se refere ao cuidado materno, isto é, às qualidades e mudanças nas mães que satisfazem as necessidades específicas e de desenvolvimento do lactente para as quais ela se orienta.<sup>59</sup>

Winnicott utiliza o conceito de espaço potencial para explicar a origem da subjetividade. Da unidade mãe-bebê, há um deslocamento para uma relação a três onde a criança, reconhecendo-se separada, cria símbolos para manter-se unida na separação.

Inspirado nas idéias de Winnicott, Ogden (1995) sustenta que, quando a dialética do espaço potencial não pode ser mantida, o sujeito não expressa criatividade e tende a manifestar expressões psicopatológicas com o predomínio da fantasia ou formas específicas de fracasso na criação de símbolos.

Uma desadaptação parcial da mãe às necessidades do bebê é necessária, para que ele se reconheça nessas faltas e possa manifestar o seu desejo, mas não podem ser demasiadamente repetitivas para que não se tornem traumas cumulativos. Ogden (1995) partiu da experiência clínica para incluir as seguintes hipóteses sobre a patologia do espaço potencial: o rompimento prematuro na unidade mãe-bebê, a hipersensibilidade constitucional

---

<sup>59</sup> WINNICOTT, Donald W. Teoria do Relacionamento Paterno-Infantil. In: \_\_\_\_\_. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes médicas, 1982. P. 43.

do bebê e o trauma resultante desde a doença física até a morte de um dos genitores ou de um familiar.

O rompimento prematuro da relação mãe-bebê (fratura da função paterna) pode ocasionar diferentes formas de fracasso em criar ou manter a dialética do espaço potencial. Ogden apresenta quatro categorias como exemplos de tipos de limitação do processo dialético:

(1) A dialética da realidade e da fantasia sofre um colapso na direção da fantasia (isto é, a realidade fica subordinada à fantasia), de maneira que esta se torna uma coisa em si, tão tangível, poderosa, perigosa e gratificante quanto a realidade externa, da qual não pode ser diferenciada. (2) A dialética da realidade e da fantasia pode tornar-se limitada ou sofrer um colapso na direção da realidade, quando esta é usada predominantemente como defesa contra a fantasia. Em tais circunstâncias, a realidade despoja a fantasia de sua vitalidade. A imaginação é excluída. (3) A dialética da realidade e da fantasia torna-se restrita quando ambas são dissociadas de maneira a evitar um conjunto específico de significados (ex., a 'cisão do ego' no fetichismo). (4) Quando a mãe e o bebê encontram dificuldades sérias e continuadas em serem mãe-bebê, a percepção prematura e traumática, por parte do bebê, de sua separação torna a experiência tão insuportável que são instituídas medidas defensivas extremadas que assumem a forma de uma cessação da atribuição de significado à percepção. A experiência é excluída. Não é tanto que a fantasia ou a realidade sejam negadas; antes, nenhuma delas é criada.<sup>60</sup>

Enquanto estas categorias ou indicadores<sup>61</sup> apontam o fracasso no uso do espaço potencial, o presente trabalho se propõe a investigar se, mesmo com a função paterna fraturada, as crianças encontram formas de manifestar a subjetividade mantendo a dialética do espaço potencial. Isso pressupõe por parte da criança uma necessária distinção entre o símbolo e o simbolizado.

O estabelecimento da distinção entre o símbolo e o simbolizado é inseparável do estabelecimento da subjetividade: as duas realizações são duas facetas do mesmo acontecimento evolutivo. Parafraseando Winnicott, poder-se-ia dizer que o espaço potencial jaz entre o símbolo e o simbolizado. Distinguir entre símbolo e simbolizado é distinguir o próprio pensamento daquilo sobre o que se está pensando, o próprio sentimento daquilo a que se está reagindo. Para que o símbolo se erga de

<sup>60</sup> OGDEN, Thomas H. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter L. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 84-85.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 84-92.

modo independente do simbolizado, tem de haver um sujeito engajado no processo de interpretar as suas percepções.<sup>62</sup>

Uma aproximação com esses princípios teóricos sugerem o levantamento de categorias de observação empírica, indicadoras da manutenção da dialética do espaço potencial. São apresentadas quatro situações em que o processo dialético se faz presente, já anunciadas no Anexo I.

1) *Flexibilidade*: observada pela tolerância às frustrações nos momentos de perda e de espera. Ela foi observada também pela capacidade da criança em relativizar os fatos. O uso do espaço potencial se faz presente pelo processo dialético que se move no sentido da integração, embora nunca completa. Há um movimento no sentido da busca do objeto, mas este nunca satisfaz completamente, provocando novas buscas.

Exemplo de uma história inventada pela criança brincando com os pares. *“Um menino ficou sozinho dentro de casa, na caminha dele. Ele quer sair porque está sozinho. A mãe foi buscar comida para ele. Depois que ele come a mãe vai ficar com ele”*. Nessa construção oral, a criança expressa a ausência do objeto, o seu sentimento de abandono e ao mesmo tempo o encontro com uma mãe provedora. O objeto está ausente, mas pode ser recuperado.

2) *Discriminação*: observada pela capacidade de ouvir o outro, estabelecer diálogo e perceber o que ocorre no meio ambiente. Ao mesmo tempo em que a criança inventa, narra a história e cria papéis, desloca personagens e traz o real numa vivência imaginária com recursos do simbólico. A criança usa o brinquedo como se fosse um personagem, embora ocasionalmente se dê conta de que é apenas um brinquedo.

Exemplo de uma história narrada pela criança ao descrever um desenho. *“A mãe está cuidando do filhinho e pedindo para ele não sumir. As crianças têm de obedecer o pai e a mãe. A mãe depois foi numa festa”*. Nessa descrição a criança revela o que a mãe deseja,

---

<sup>62</sup> OGDEN, Thomas H. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter L. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 89.

embora ela verbalize a partir do objetos introjetados dos próprios pais. A criança projeta na mãe o seu desejo e diferencia o que ocorre no meio ambiente a partir de um *suposto diálogo*.

3) *Capacidade reflexiva*: observada pela forma de tomar decisões considerando os fatores presentes na situação. É observada também através da fala a partir do diálogo e das explicações pela ocorrência dos fatos. Nas narrativas e no brinquedo, observaram-se os modos de expressão do desejo, o controle da impulsividade com o uso de recursos do simbólico.

Exemplo de história dramatizada pela criança. *“Um urso muito grande andava devagar. Parecia um rei. Ele andava em uma cadeira de roda. A cadeira do urso foi andando, andando, desceu uma lomba e quase morreu. A cadeira dele foi cair na cadeira de roda de outro urso. Tinha um passarinho na árvore olhando e comendo doce. Ele chamou outros bichos para socorrer”*. A criança vivencia uma cena onde o *grande urso* é colocado em uma cadeira de roda desgovernada e que entra em choque com outra semelhante. O passarinho, mesmo *desprotegido*, encontra alternativa para prestar socorro ao objeto que foi destruído na fantasia. A destruição do objeto é reparada com criatividade e recursos do simbólico.

4) *Percepção da realidade*: observada a partir do reconhecimento das possíveis conseqüências da própria ação diante do Outro. Observa-se o reconhecimento das diferenças de objeto, de papéis e de espaço nas situações vivenciadas. Observa-se no final das brincadeiras a capacidade para iniciar outra atividade com a ocupação de novos papéis. A criança faz uso ocasional do objeto transicional ou do amigo imaginário, mas consegue se desprender dos mesmos nos momentos de atividade ou reconhecê-los como sendo uma situação transitória.

Exemplo: Um menino carrega um gato recém-nascido aconchegando-o como se fosse o seu bebê. Na hora do lanche, mesmo em situação de completa entrega aos cuidados do

animal, a criança atende o pedido do monitor e se desloca para as atividades sugeridas no momento.

No jogo que envolve dramatização, uma criança vivencia o papel de filho que adocece e morre. Assim que termina o jogo, há o deslocamento para outro papel ou a busca de contato com a realidade. As situações não são vivenciadas como fetiche ou como uma experiência absoluta.

Na análise final, são consideradas a regularidade e modo de apresentação das declarações e expressões dos sujeitos investigados. Além disso, estabelecem-se as interconexões entre os dados empíricos e os princípios teóricos levantados.

## 4 CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO

Esta seção apresenta a fundamentação teórica sobre a constituição psíquica do sujeito desde o desenvolvimento inicial. Busca em Freud, Lacan, Aulagnier e Winnicott os elementos conceituais que explicam as primeiras inscrições no psiquismo da criança e o modo como o seu desejo vai operando na vida de relação com os pares e com a cultura em geral. Esses autores servirão de suporte para reflexão e análise dos estudos de caso construídos e apresentados na seção seis.

### 4.1 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO – UMA LEITURA EM FREUD

Na origem do psiquismo humano, há a inscrição das figuras parentais, que de alguma forma se fazem presentes através de imagens e expressões manifestadas no momento em que as necessidades básicas são atendidas. Desde cedo, a criança aprende a suportar os limites que a realidade impõe, alucinando ou criando substitutos imaginários. Os cuidados iniciais que garantem conforto e alívio para a ansiedade dos primeiros tempos de vida e a presença efetiva do olhar do cuidador que devolve para a criança a garantia de sua existência são elementos estruturantes do psiquismo humano. A forma de colocar os substitutos para as demandas pessoais e sociais é revelada no cotidiano, pressupondo a capacidade de simbolização. Como esse processo possibilita enfrentar frustrações, a função provedora da mãe e ao mesmo tempo não intrusiva é o elemento responsável pela gradativa e necessária diferenciação na vida da criança.

O sujeito anunciado por Freud remete sempre à reconstituição da criança, aos primeiros anos de vida, às experiências arcaicas desde a concepção e antes dela. Cada adulto reedita dentro de si uma experiência prévia cujas representações constituíram a base do

aparelho psíquico. Freud, preliminarmente estudando o comportamento humano através da hipnose e mais tarde através do tratamento das histéricas, foi simultaneamente reconstruindo a sua própria história e dando sentido à teoria da psicanálise. A idéia de pulsão como um elemento básico de constituição do sujeito põe em evidência a força ativa e mobilizadora de toda a ação humana.

No nascimento, o sujeito é governado pela energia pulsional em busca de prazer, encontrando resposta no atendimento materno que lhe é dispensado diante das suas necessidades. Ao escrever "Além do Princípio do Prazer"<sup>63</sup>, o autor alerta-nos sobre a tendência natural do psiquismo em manter um nível de excitação suportável.

Para pensar o sujeito psicanalítico na concepção freudiana, não basta definir o aparelho psíquico nas dimensões topológica, estrutural, dinâmica ou econômica. Se o homem percebeu-se descentrado em seu desejo por conta do inconsciente, faz-se necessário recorrer a ele como o pilar da psicanálise para compreender os mecanismos do funcionamento psíquico. O sujeito da psicanálise está simultaneamente centrado e descentrado na inter-relação dialética entre o pensamento e o desejo, entre a força da resistência e repressão e o caos pulsional. Consciente e inconsciente estão dialeticamente relacionados como elementos da topologia do aparelho psíquico. Freud reconhecia que o inconsciente não se constitui na totalidade do sujeito, como o consciente não é a sede da certeza; são instâncias concebidas como interdependentes e irreduzíveis.

Quando nasce, a criança se abastece dos cuidados maternos, gratificando-se através de pulsões parciais determinadas por áreas do corpo em que a erotização é mais intensa. Neste período do desenvolvimento, o discurso parental apresenta-se pleno de expectativas,

---

<sup>63</sup> "Se o trabalho do aparelho mental se dirige no sentido de manter baixa a quantidade de excitação, então qualquer coisa que seja calculada para aumentar essa quantidade está destinada a ser sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, ou seja, como desagradável. O princípio do prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer". FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 18, p. 19.

instituindo um lugar para aquele filho. Na família, centro onde gravitam forças dominadas por conflitos psíquicos, a criança provoca mobilidade de papéis, que de alguma forma anuncia a flexibilidade ou rigidez daquele grupo. A transgeracionalidade explicita valores, expectativas, ansiedades e mecanismos introjetados na história do desenvolvimento do casal parental. Os filhos reeditam a história do desenvolvimento dos próprios pais, que também não conseguem libertar-se da trama inconsciente que os envolve. Freud<sup>64</sup>, no seu texto sobre o narcisismo, alerta sobre os motivos do encantamento que muitos pais têm pelos filhos.

A passagem pelo complexo de Édipo coloca o sujeito na encruzilhada entre o amor e o ódio dirigido preliminarmente aos pais e mais tarde, aos objetos libidinalmente investidos. Pai e mãe estarão presentes no discurso da criança na medida em que tenham sido anunciados de modo claro, justo e devidamente reconhecidos pelo afeto. Será concedido a eles o que é devido aos próprios genitores ou responsáveis pelos cuidados com a criança.

O grupo familiar tem um funcionamento dinâmico especialmente pela transitoriedade de valores, crenças sustentando o processo de identificação, bastante intenso nos primeiros anos de vida. Cada sujeito traz no seu psiquismo as marcas de uma estrutura neurótica, psicótica, perversa ou narcísica, e também os pais têm sua subjetividade organizada em torno de alguns mecanismos que sustentam o funcionamento das referidas estruturas psíquicas. Pais que permanecem numa posição narcísica, onde há o predomínio da onipotência, em que o ego ideal tem supremacia sobre o ideal de ego, têm dificuldade para acompanhar o crescimento dos filhos e suportar as diferenças inevitáveis e necessárias ao desenvolvimento psíquico do sujeito. Os pais são portadores de um discurso, explícito ou velado, que expressa as relações

---

<sup>64</sup> “Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. [ . . . ] A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. [ . . . ] A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram. [ . . . ] O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”. FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 14, p. 107-108.

objetais mais arcaicas, inscrevendo marcas sobre o psiquismo da criança. Há um esforço persistente e intenso do sujeito para que o psiquismo rompa com o estado narcísico típico das primeiras experiências de gratificação.

O ideal do ego impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, pois ele faz com que alguns deles sejam rejeitados por seu censor como sendo incompatíveis. Onde não se formou tal ideal, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade sob a forma de uma perversão. Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras, isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade.<sup>65</sup>

Em cada pai e cada mãe, está presente um ideal de ego representado pelas características pessoais, pelo lugar que cada um reserva no discurso em que ambos se nomeiam. Se o pai não está presente no discurso da mãe, em função das próprias dificuldades de identificação, o seu filho, menino ou menina, terá dificuldade para construir uma imagem de pai bom e maduro. A nomeação das crianças e os papéis a serem ocupados estão presentes no discurso e registro psíquico dos próprios pais.

Freud<sup>66</sup>, ao falar dos romances familiares, destaca a importância da libertação da criança em relação aos pais, compreendendo-se que este crescimento repousa sobre um grande investimento de energia pulsional. Os pais estão representados como figuras de um valor absoluto para a criança, não restando outra possibilidade além de uma identificação total em relação às suas características intelectuais e afetivas. Com o desenvolvimento intelectual, a criança desinveste-os dos significados anteriormente atribuídos e reconhece valores em outros pais com os quais passa a compará-los.

---

<sup>65</sup> FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 14, p. 117-118.

<sup>66</sup> "Ao crescer o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento [ . . . ] Os pequenos fatos da vida da criança que a tornaram descontente, fornecem-lhe um pretexto para começar a criticar os pais; para manter essa atitude crítica, utiliza seu novo conhecimento de que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus". FREUD, Sigmund. Romances Familiares. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 9, p. 243.

Freud fez uma descrição cronológica do desenvolvimento afetivo situando as diversas fases numa ordem progressiva, mas com riscos de fixação pelo excesso de energia libidinal investida na zona erógena em desenvolvimento. O complexo de Édipo é o ponto central que institui a lei e a proibição do incesto, estrutura o ideal de ego e regula a vida de relação entre os pares. A teoria freudiana está ligada à noção de retomada dos eventos passados. Um evento pode ser real ou fictício, embora o aspecto mais importante seja a representação imaginária da experiência.

#### 4.2 A CONSTITUIÇÃO DO EU E A RELAÇÃO ESPECULAR EM LACAN

Lacan<sup>67</sup> interessou-se pela organização da personalidade humana partindo especialmente dos estudos sobre a paranóia e buscando em Freud a gênese do seu pensamento psicanalítico. Não seria possível falar da organização do Eu em Lacan, sem referir as principais áreas do psiquismo que mais aprofundou em seus estudos. São elas: a) o estágio do espelho; b) o período edípico, momento em que a função paterna interdita a relação simbiótica da criança com a mãe; c) a linguagem como estruturante do inconsciente; d) o desejo, que se expressa nos registros do imaginário, simbólico e real, os quais interagem de forma simultânea.

---

<sup>67</sup> LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

Segundo Folberg<sup>68</sup>, a tese desenvolvida por Lacan sobre o estágio do espelho como uma lógica do imaginário foi inovadora para refletir sobre desenvolvimento infantil. “A transformação de um corpo partido em um inteiro que vai se reconhecer no espelho, vai acontecendo ao mesmo tempo em que um falante se atualiza e enriquece os meios de expor-se ao mundo”. Nos seis primeiros meses, a criança vivencia uma experiência de totalidade e completude. Não há partes de um corpo; há uma reação de júbilo diante de uma imagem visual que é completa. Há um corpo único que é experimentado como ideal, embora seja emprestado pelos cuidados maternos. Mãe e bebê habitam o mesmo espaço de sensações e de bem-estar. Todas as partes deste corpo são percebidas pela criança como lhe pertencendo. Neste período, há um registro imaginário, também denominado de ego ideal, em que a criança se apropria de algo como sendo próprio dela.

Na segunda fase do “estágio do espelho”, a partir dos seis meses, a criança percebe-se como sendo “o desejo da mãe”. Ela se identifica como uma extensão do desejo materno, que lhe anuncia todas as possibilidades de conforto, sobrevivência e completude. O seu desejo é desejar aquilo que o Outro deseja. Trata-se de um período onde a relação narcísica da criança é forjada, uma vez que ela é única e ao mesmo tempo capaz de ser o objeto desejado por esse outro.

É em torno dos doze aos dezoito meses que a criança vivencia a terceira fase da relação especular; período em que percebe o pai como a presença da lei que “interdita” a relação simbiótica com a mãe, normatizando o ingresso de um terceiro na relação. O Édipo se

---

<sup>68</sup> “[ . . . ] Lacan em 1936, apresenta no Congresso Internacional de Marienbad, um estudo crítico do desenvolvimento infantil sobre a teoria do estágio do espelho [ . . . ]. O assim chamado *estádio do espelho* se transformou num ponto referencial no desenvolvimento da teoria. Baseado na observação longitudinal do desenvolvimento de um bebê doas seis aos dezoito meses, destaca a evolução de se perceber, primeiramente na ligação total com essa grande mãe, que sabe tudo e responde a tudo conforme sua onisciente interpretação. Há uma alegria imbutida na participação neste grande osmótico ser. A especularidade desperta o interesse, e o lúdico rege a busca da imagem do corpo, de suas partes, de seu reconhecimento até se enxergar como o próprio eu que começa a se instalar logo, logo separado dessa grande e absorvente mãe. [ . . . ] A mãe tem um discurso que ocupa a boca e, até mesmo o corpo do bebê em um momento inaugural. A partir dele, entretanto, vai se dando uma separação inevitável e, impossível de impedir, o surgimento do pequeno eu”. FOLBERG, Maria N. *Desdobrando o Averso da Psicanálise: relações com a educação*. Porto Alegre: Evangraf, 2002. P. 15.

faz presente com o conflito entre “ser” ou “ter” o objeto, entre “pertencer à relação” ou “estar excluído” dela. Ao reconhecer esta presença paterna interditora, ocorre o registro simbólico representando um grande obstáculo à ilusão da criança de que ela seja o objeto de desejo. Há duas razões para isto: a mãe não é “completa”, porque busca no pai um objeto de relação e a criança deixou de reconhecer-se como um representante único da expectativa materna. Aos poucos as ilusões narcisistas que foram instituídas no registro imaginário são destituídas, oportunizando ao bebê a sua entrada na cultura através do reconhecimento das diferenças e da busca de novas representações para as possíveis faltas experimentadas. Esses elementos estão transversalizados pelo discurso do Outro.

É à linguagem que Lacan dedica uma importância especial, declarando que, na gênese do psiquismo, o bebê só se torna humano porque está inserido em um universo discursivo. É no discurso da cultura, incluindo pais, educadores e os grupos sociais, que o inconsciente se converte em imagens de identificação. São predições que se inscrevem no psiquismo da criança, qualificando ou desvalorizando alguma atividade ou característica.

Folberg<sup>69</sup>, ao analisar a premissa da obra lacaniana de que *a psicanálise só é possível se, e somente se, o inconsciente está estruturado como uma linguagem*, aponta para a rede de significantes que ultrapassam uma realidade objetiva. O signo da linguagem, representado pelas imagens acústicas pode tornar-se significante de um objeto, situação ou experiência. Cada signo ocupa um lugar na cadeia dos significantes, dando um ou outro sentido conforme a especificidade do significado.

Lacan, ao referir o papel da linguagem, nos mostra que no processo de simbolização, a metáfora e a metonímia estão representadas respectivamente como um termo a ser substituído

---

<sup>69</sup> “Por caminhos da linguagem é que os signos vão se estruturando como baterias de significantes articulados em uma rede. Através da diferenciação destes mesmos significantes entre si, formam-se novas estruturas que permitem ultrapassar o dado imediato e fazer referência a um sentido mais individualizado e subjetivo, ao mesmo tempo que permitem extrapolar a uma decodificação mais social e objetiva. A possibilidade deste paralelismo só se efetiva quando a linguagem entranha o mundo dos conceitos científicos como uma unidade formal, logicamente determinada, e o mundo das formas, criadas quer seja pelo mito ou pela arte. FOLBERG, Maria N. *Desdobrando o Averso da Psicanálise: relações com a educação*. Porto Alegre: Evangraf, 2002. P. 14.

por outro, e como uma parte a representar o todo. Na perspectiva lacaniana, o psiquismo funciona através de condensações (metáforas), deslocamentos (metonímias) e de simbolizações. Compreender toda a construção narcísica de um sujeito é entender a articulação de um significante remetido a um outro significante, de modo a constituir uma cadeia, cujo significado só pode ser compreendido a partir desta reconstrução. O discurso dos pais e da cultura constitui o sujeito psíquico, podendo promover ou destituir a auto-estima, a confiança e o desejo de viver.

Como uma quarta área do psiquismo referida por Lacan<sup>70</sup>, temos o *desejo* operando de modo simultâneo através dos registros do imaginário, do simbólico e do real. Há no desenvolvimento inicial da criança, pela própria condição de prematuridade psíquica, o registro do imaginário fazendo supor que ela e a mãe se constituem na mesma coisa. Esta primeira fase do “estágio do espelho” será prolongada ou não, dependendo de como o pai do bebê está presente no psiquismo da mãe e de como é a representação que ela tem do seu próprio pai. Quanto mais a mãe fortalecer a ilusão de que a criança e ela se bastam, maior o risco de que o narcisismo seja prevaLENcente na vida da criança e também desta mãe.

Quando a criança reconhece um terceiro na relação, isto instala o registro simbólico, uma vez que remete esta criança a encontrar “saídas criativas” para preencher este lugar. Este espaço, porém, jamais será completado plenamente. Não se trata da instalação de uma falta relacionada à necessidade, uma vez que esta foi atendida com fins de sobrevivência física e psíquica, com grande prazer e gozo. Trata-se da instalação de um desejo, uma vez que surge a presença interditora do pai. O registro simbólico instala o desejo com a entrada do pai, cuja função é representar a lei e o contato com a realidade, levando o bebê a continuar desejando. A demanda desesperada por amor e reconhecimento pode estender-se ao longo da vida a fim de preencher uma ferida narcisista profunda e enunciativa de um grande vazio existencial.

---

<sup>70</sup> LACAN, Jacques. Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

Neste caso, o sujeito está à procura de uma pessoa ou objeto que lhe conceda o alívio pelo preenchimento do objeto faltante. Esta demanda pode estar anunciando um trauma, um abandono ou um sofrimento não nomeado em busca de um protagonista.

Para Lacan<sup>71</sup>, a cadeia de significantes está constantemente deslizando sobre os significados. O sujeito cria por meio da linguagem falsas denominações, iludindo-se que desta forma tem domínio sobre o que diz e pensa compreender. No pensamento lacaniano, não há cadeias associativas que permitam uma compreensão mais ampla dos significados. É na desconstrução do discurso que o sujeito pode evitar falsos reconhecimentos<sup>72</sup>.

Os sintomas, os chistes, atos falhos, os tropeços da linguagem proporcionam falhas no discurso, revelando o que não é desejável revelar por parte do sujeito falante. O sujeito é falado pelo outro e por isto está desconectado de si mesmo. O sujeito que fala e o sujeito do inconsciente estão separados pela repressão entre os significantes e significados.

#### 4.3 O PICTOGRAMA, A ENUNCIÇÃO DO SUJEITO NA CONCEPÇÃO DE PIERA AULAGNIER

Ao nascer, o sujeito é governado pela “pulsão”. Essa energia, já referida por Freud<sup>73</sup>, só conhece uma finalidade, que é a gratificação. Ao mesmo tempo em que é investida de

<sup>71</sup> “O efeito da linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta. Com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se apreende, e tão mais forçosamente quanto, antes de desaparecer como sujeito sob o significante em que se transforma, ele não é absolutamente nada. Mas esse nada se sustenta por seu advento, produzido agora pelo apelo, feito no Outro, ao segundo significante”. LACAN, Jacques. Posição do inconsciente. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. P. 849.

<sup>72</sup> “Se formos discernir na linguagem a constituição do objeto, só podemos constatar que ela se encontra apenas no nível do conceito, bem diferente de qualquer nominativo, e que a *coisa*, inevitavelmente ao se reduzir ao nome, cinde-se no duplo raio divergente: o da causa em que ela encontrou abrigo em nossa língua e o do nada ao qual abandonou sua veste latina. [ . . . ] Essas considerações, por mais existentes que sejam para o filósofo, desviam-nos do lugar de onde a linguagem nos interroga sobre sua natureza. E fracassaremos em sustentar sua questão enquanto não nos tivermos livrado da ilusão de que o significante atende à função de representar o significado, ou, de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer”. LACAN, Jacques. A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. P. 501.

<sup>73</sup> FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 7.

forma intensa e cega, encontra o prazer no estado de “não necessidade” e de “silêncio do corpo”. Os objetos que representam o atendimento da necessidade e que operam no sentido de fazê-la desaparecer tornam-se responsáveis e reconhecidos, quando há um retorno do desprazer, seja do corpo, seja de uma dor “não nomeada”. Portanto, à medida que surgem as demandas de um Eu a outro Eu, o sujeito começa a reconhecer a sua existência, a sua independência intelectual e a capacidade de gratificação a partir do pensamento. Na gênese de todo o processo, há a presença dos pais. Os adultos inicialmente fortalecem a criança, para mais tarde ela se autorizar rumo à autonomia.

A constituição do Eu e as condições que o tornam possível contam com o auxílio da mãe que registra os seus projetos e sonhos, falando pela criança. A voz é da mãe, como também são o toque e o olhar, reunindo as aspirações identificatórias que acenam para um futuro. Piera Aulagnier reconhece a antecipação da palavra da mãe para que a criança possa situar-se num registro de existência de um corpo e, portanto, de uma subjetividade, quando

a particularidade do Eu se encontra no fato de que, no início, ele foi efetivamente a idéia, o nome, o pensamento falado pelo discurso de um outro: sombra falada, projetada pelo porta-voz sobre uma psique que o ignora e de quem ele ignora as exigências. [ . . . ] Enunciados que vêm do exterior e dos quais a voz da criança se apropria inicialmente através da repetição.<sup>74</sup>

O Eu investido passa a apropriar-se do que lhe foi designado pela mãe, transformando-o em projeto pessoal. Neste momento, cujo tempo não é o cronológico, mas um tempo de separação e diferenciação em relação ao outro, o Eu transforma os elementos da construção pictográfica em atividade de prazer e de pensar. O risco para a constituição psíquica é que o destino do investimento libidinal tenha como único objetivo o prazer, em vez de ser transformado em “atividade de pensar”. O sujeito reitera a dúvida, o conflito e o

---

<sup>74</sup> AULAGNIER, Piera. *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985. P. 21.

sofrimento, ocupando-se do “já pensado” por um outro. Nesse sentido, a incerteza do “eu”, enquanto discurso é paralela à incerteza do “eu” enquanto imprevisibilidade das respostas.

Para Aulagnier<sup>75</sup>, a tarefa do “eu” é poder pensar a própria temporalidade, precariedade e imprevisibilidade, trabalhando sempre com a possibilidade da “falta”. O sujeito que permanece em estado de alienação está constantemente transformando os objetos de prazer e de demanda em um objeto que ocupa um lugar no registro da necessidade. Dessa forma, não há investimento em projetos pessoais, mas há investimento maciço em projetos já realizados pelo outro. Ao invés de pensar, há o delírio; ao invés da criação, há o sonho.

Se a mãe aspira pelo filho, esse, em algum momento, deverá dispor do seu desejo para estabelecer um ideal a ser alcançado. O bebê se desloca de um lugar de enunciado para o lugar de enunciante, do que é da ordem da necessidade, para o lugar da projeção futura. É necessário que a criança confira à palavra materna uma legitimidade para mais tarde poder interrogar-se sobre esta.

O que Aulagnier<sup>76</sup> propõe em seu estudo sobre constituição psíquica do sujeito é ver como se dão as atividades de representação. A autora entende por representação o equivalente psíquico do trabalho de metabolização própria do organismo. Na atividade psíquica, o corpo recebe as informações e as metaboliza. Existem três processos que se sucedem, sendo que a emergência de cada um resulta da necessidade que se impõe à psique de tomar conhecimento de propriedades do objeto. São eles os processos originário, primário e secundário e se expressam em função de atividades que lhes são próprias. Esses registros se constituem em período muito precoce do desenvolvimento da criança e a sucessão no tempo não é mensurável.

No texto “A violência da interpretação”, Aulagnier aponta um conjunto de idéias para explicar a constituição psíquica da criança desde os primórdios da relação com a mãe, até

---

<sup>75</sup> AULAGNIER, Piera. *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

<sup>76</sup> Idem. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

a fundação de um “eu” enunciante. Para explicar os tempos de amadurecimento psíquico do bebê, denomina o primeiro momento de processo originário. Nessa instância, prevalece o auto-engendramento, em que não se evidenciam os segmentos da relação e em que ainda não estão situados os sujeitos implicados nela. Porque prevalece a unidade Eu-outro, só pode haver registro no processo de memória do bebê quando o corpo materno inscreve suas marcas sobre o filho. A indiferenciação é prioritária nesta cena em que a mãe abastece o bebê de interpretações a respeito do que lhe emerge na situação.

Fome, dor, desejo de proteção são anunciados na fala mãe-bebê. Por que não se refere à fala da mãe sobre o bebê? Porque fala não somente uma mãe, mas também um bebê. Porque as interpretações feitas por esta mãe trazem as representações que foram inscritas na sua história pessoal. Cada ator nessa relação vai preenchendo os espaços que anunciam uma falta e que supostamente se completam por uma nomeação. A mãe atribui um “nome” a partir de sua história, do seu discurso que é subjetivado das marcas historicamente constituídas. Não é o bebê que chora, senão a mãe que interpreta a manifestação do filho como “choro” que anuncia a demanda de algo.

O registro do originário se dá através de um corpo falado a partir das funções sensoriais. O sistema sensorial do bebê é um canal por onde escoam as experiências de revitalização para a sobrevivência de um corpo tanto somático quanto psíquico. O corpo psíquico “empresta” sua vitalidade ao corpo físico constituindo um modo de funcionamento que se repete a partir do pictograma. O que representa o pictograma? De que modo ele se faz presente no corpo da criança?

Aulagnier afirma que no desenvolvimento inicial<sup>77</sup> a mãe olhando para o filho empresta a sua voz, o seu sorriso, todos os sentimentos e expectativas que possam conferir

---

<sup>77</sup> “Todo ato, toda experiência, todo vivido, dá lugar, simultaneamente, a um pictograma, a uma “mise-en-scène” e a uma “atribuição de sentido”. O sujeito não pode possuir nenhum conhecimento direto do pictograma, porém o analista pode entrever alguns de seus efeitos e tentar construir, dele, um modelo cognoscível para o Eu:

algum significado para a criança. Não é desta criança que ela fala, mas de si mesma num desejo de atribuir uma certa continuidade de existência.

O que marca no corpo do bebê é denominado pictograma. O toque, o olhar, o encontro com a voz da mãe são representações pictográficas. A partir das representações de prazer ou desprazer, as marcas que as originaram se constituem em pictogramas. Quando as situações de encontro do objeto com o corpo do bebê resultarem em sensação de prazer, haverá um investimento afetivo do objeto como também da função que assim o determinou. As experiências do sujeito ao longo da vida vão oscilando entre a aproximação diante de situações prazerosas e o distanciamento frente ao que causa desprazer. Esses movimentos subjetivados pelas formas de experiência sensorial, vivenciados em momentos anteriores da relação do bebê com a mãe, são determinados pelo pictograma.

A partir daí, surge o chamado *processo primário*, que é regido pela onipotência do desejo do outro. O discurso da mãe é prevalente sobre a imagem que a criança terá de si mesma. Há um pré-anúncio que situa o sujeito num determinado lugar. Através da identificação imaginária, representada pela onipotência do discurso materno, o processo secundário vai se organizando. O Eu emerge desta relação mãe-bebê, que é também especular.

Para compreender a relação especular, Aulagnier aponta, que em um primeiro momento, surge a imagem da mãe, a partir da qual o bebê se reconhece. A busca no olhar da mãe de uma confirmação dessa imagem é uma tentativa de encontrar a própria existência. Neste processo de identificação primária, aos poucos a criança vai se apropriando do discurso materno e vai ao mesmo tempo se alienando nele. A mãe interpreta e deseja o bebê com alguns “códigos” e qualificativos, e o bebê se reconhece nos mesmos, passando a aspirar a

---

inversamente, a obra do “metteur-em-scène” própria do primário, que é a fantasia, tem o poder de infiltrar-se no campo do secundário, ainda que este último se encontre dominado por um trabalho de sentido, característico da instância chamada Eu”. AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 22.

eles como se fossem originalmente seus. A partir desse momento, o papel de um terceiro passa a ter um valor bastante significativo na relação mãe-bebê.

É sobre este processo de identificação primária que Aulagnier anuncia a formação do Eu e a necessidade da presença do pai como uma referência demarcando a incompletude do discurso manifestado pela mãe. Se o pai é considerado como um representante do discurso da cultura, como representante da diferença, da lei, ou de um outro referente além do discurso materno, vai possibilitar ao bebê a renúncia de continuar sendo o desejo do desejo materno<sup>78</sup>.

O pai é necessário para interromper a relação narcísica do bebê junto à mãe. Na medida em que a criança observa o pai, ou um referente da cultura, ocupando um lugar no desejo da mãe, ela irá procurar se situar como elemento semelhante a este pai ou referente, a fim de aproximar-se da mãe. Poderá também buscar, na cultura, elementos que possam suprir esta falta já confirmada pela interdição instituída por esse terceiro elemento.

O pai pode, inicialmente, ser um elemento odiado e repudiado, uma vez que ele interdita o estado de prazer onipotentemente imaginado como sendo a própria existência do bebê. Quando ele se apresenta, confirmado pela mãe, não é mais possível manter a alucinação sobre a exclusividade de uma relação ou sobre a inexistência da falta. Quando o discurso da mãe já não é o único a ter expressão sobre a vida da criança, há necessariamente a entrada de um outro referente. É no reconhecimento da presença do pai que o Eu se percebe excluído, ocupando um outro lugar, diferente daquele imaginado como exclusivo no desejo da mãe. Se a mãe deseja o pai, é porque ela não se completa no filho, fazendo-a desejar para além da relação a dois. O reconhecimento de um interditor na relação mãe-bebê é constituinte do Eu na criança. A presença deste terceiro vai possibilitar a falta e a demanda. Há emergência de

---

<sup>78</sup> Para Zimmerman: “Segundo Lacan, nas primeiras fases da *etapa do espelho*, o registro imaginário da criança faz-lhe supor que ela e a mãe são a mesma coisa, que ela tem posse absoluta da mãe, e caso a mãe reforce essa ilusão, crescerá na criança a crença de que o seu desejo deve ser o de *ser o falo da mãe*, daí *o seu desejo passa a ser o de ser o desejo da mãe*. Quando a criança ingressa no registro simbólico, o que é conseguido pela ação interditora daquilo que Lacan chama como *a lei do pai*, ela vai descobrir que *o desejo de cada um deve-se*

uma falta porque já não existe a certeza da completude de uma mãe provedora, como também não há certeza dos atributos pessoais do filho em satisfazer essa mãe. A partir desse momento, a emergência do desejo torna-se inevitável porque o sujeito necessitará recorrer à cultura a fim de preencher o que ele não possui.

Segundo Aulagnier, para ocupar o lugar simbólico do pai, o referente deve estar investido de valor, autoridade e legitimidade. O pai terá espaço e poder de representar a lei, na medida em que a mãe nomeá-la como um referente de valor. Entretanto, a mãe, para isso, deve ter passado pela castração simbólica; deve ter sido submetida ao discurso da cultura; deve ter se submetido à repressão da própria sexualidade infantil.

No momento em que o pai assinala a sua presença, entrando em cena para destacar a sua relação com a mãe, o bebê reconhece que essa mãe não é plena. Se num primeiro momento o bebê estava ligado à mãe por uma questão de dependência absoluta, no sentido de ser alimentado e sobreviver à grande fragilidade da qual é portador, a presença do pai ampliará essa relação e será reconhecida como um elemento desejado pela mãe. No momento em que a mãe desloca seu olhar para outro objeto, pessoa ou situação, o bebê já não se reconhece como único. É a mãe que anuncia essa presença.

Com a interdição do incesto a partir da presença do pai, a criança compreende que ela terá que buscar o que lhe falta em outro lugar. A mãe, anunciando a presença do pai, rompe com a onipotência do bebê que se supõe possuidor de Outro, que lhe confere existência e conforto. A mãe, fazendo referência ao pai, também se mostra desejante e, logo, portadora de uma falta.

#### 4.4 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA CONCEPÇÃO DE DONALD WINNICOTT<sup>79</sup>

Winnicott, ao falar dos fatores de integração e de desintegração familiar, faz a seguinte colocação

A existência da família e a preservação de uma atmosfera familiar resultam do relacionamento entre os pais no quadro do contexto social em que vivem. A contribuição que os pais podem dar à família que estão construindo depende em grande medida de seu relacionamento geral com o círculo mais amplo que os envolve, ou seja, seu contexto social imediato. [ . . . ] Há forças muito poderosas de criação e conservação da família que resultam da própria relação entre os pais [ . . . ]. Essas forças estão ligadas à complexa fantasia sexual.<sup>80</sup>

Winnicott, tendo trabalhado na clínica com crianças, dedicou-se ao estudo do desenvolvimento psíquico do ser humano e, especialmente, sobre a influência do meio ambiente. Para esse psicanalista, o processo de maturação se faz presente no desenvolvimento inicial, tanto na formação, como na evolução dos mecanismos adaptativos do sujeito diante das exigências ambientais. Winnicott priorizou o papel da mãe, especialmente na função de “suficientemente boa”, para possibilitar ao filho a conquista de uma gradativa independência. A presença da mãe ou substituto é fundamental na fase dos seis primeiros meses em que a dependência do bebê é absoluta, para, aos poucos, proceder a uma gradativa *desadaptação*. A seguir, serão apresentadas as fases do desenvolvimento conforme este autor, bem como o papel da mãe para a constituição da subjetividade.

<sup>79</sup> Pediatra e psicanalista inglês, dedicou quarenta anos de sua vida à clínica com crianças. Foi influenciado por Freud e seus contemporâneos, em particular por Melanie Klein, de quem herda sua preocupação pela diade mãe-filho, na qual estudou as relações e suas conseqüências sobre o desenvolvimento. Winnicott introduziu uma nova noção sobre as relações complexas de filiação à teoria psicanalítica clássica; campo onde Freud já havia se interessado. Seus princípios teóricos revelam que um desenvolvimento afetivo bem-sucedido se realiza na arte de viver, no gesto espontâneo e na vida cultural, por intermédio do jogo e do espaço potencial. É autor de *A Família e o Desenvolvimento Individual*, *O Brincar & a Realidade*, *O Desenvolvimento e os Processos de Maturação*, *O Gesto Espontâneo*, *Privação e Delinqüência*, *Os Bebês e suas Mães*, *A Natureza Humana*, entre outros.

<sup>80</sup> WINNICOTT, Donald W. Fatores de Integração e Desintegração na Vida Familiar. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. P. 61.

#### 4.4.1 AS FASES DO DESENVOLVIMENTO E AS FUNÇÕES DA MÃE

De acordo com Winnicott<sup>81</sup>, existem fases do desenvolvimento psíquico em que o sujeito transita de uma situação de dependência absoluta para uma situação de relativa independência. O crescimento, para esse autor, é visto como um momento de maturidade, uma condição em que o sujeito não coloca em risco a espontaneidade pessoal. “A independência nunca é absoluta. O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes”.

No período da dependência absoluta, o ambiente favorável possibilita o desenvolvimento do processo de maturação que está em potencial na criança. O ambiente, através dos cuidados maternos dispensados à criança, garante-lhe a sobrevivência. Mais tarde, vem o pai e os demais elementos da família. A disponibilidade da mãe para com o filho denomina-se “preocupação materna primária”. Todo o processo de adaptação da mãe e demais pessoas do ambiente para com a criança começa gradativamente a ceder espaço, para que a criança possa solicitar o que lhe falta, esperneando ou até chorando. Para Winnicott<sup>82</sup>, esse momento também coincide com o retorno da mãe às suas atividades.

No período da dependência relativa, há uma possibilidade cada vez maior por parte da criança de esperar diante de alguma excitação, ruído ou ameaça do ambiente. Pela primeira vez, e em função da própria necessidade de esperar, o bebê se reconhece dependente. Não há somente um Eu; existem também outros elementos na cultura. Nesse período, há um

---

<sup>81</sup> WINNICOTT, Donald W. Da Dependência à Independência no Desenvolvimento do Indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. P. 80.

<sup>82</sup> “Muitas vezes o crescimento da criança corresponde muito precisamente à retomada pela mãe de sua própria independência, e se concordará que uma mãe que não pode gradualmente *falhar* deste modo em uma adaptação sensível está falhando de uma outra maneira; ela está falhando (por causa de sua própria imaturidade ou suas próprias ansiedades) em dar ao lactente razões para estrilar. Uma criança que não tem razão para estrilar, mas que naturalmente tem em si a quantidade usual de quaisquer ingredientes de agressividade, está em uma dificuldade especial, uma dificuldade em fundir a agressão com o amor. Na dependência absoluta o lactente não tem medo de se conscientizar da provisão materna”. *Ibidem*, p. 82-83.

entendimento de que a mãe é necessária e a criança faz uso disto. Aos poucos a criança vai lidando com a perda, e os fatores ambientais podem exercer importantes papéis tais como substituir a mãe, dando um suporte necessário à convivência com a falta.

No período em que a criança vive a fase de conquista da independência, a ampliação dos grupos e dos círculos de amizade vai se tornando uma realidade, uma vez que ela se torna gradativamente mais autônoma e diferenciada, embora a independência completa nunca seja atingida. Há, neste percurso de crescimento da dependência rumo à independência, momentos de imitação e estabelecimento de uma identidade para dar continuidade à vida pessoal.

No que se refere às funções da mãe, no início da vida, as necessidades do bebê relacionam-se ao corpo, embora não estejam dissociadas do desenvolvimento do “eu”. Para Winnicott<sup>83</sup>, as funções exercidas pela mãe oportunizam a sustentação para o desenvolvimento do psiquismo, confirmando o “Eu sou” da criança. Num momento de extrema imaturidade do bebê, a mãe “apresenta o objeto” seja ele o seio, o olhar ou o colo. A mãe proporciona o *holding*<sup>84</sup> e nessa fase a criança experimenta as sensações de toque e de olhar situando um “eu” e um “não eu”. Esta sensibilidade desperta processos secundários como a inteligência e a função simbólica.

Winnicott, ao explicar a afetividade da criança, concebe a separação da mãe e do bebê num espaço potencial que não está dentro e não está fora, mas entre ambos. A mãe cria o bebê, e esse cria a mãe, como tantas outras relações possíveis, entendendo-se essa criação não como um processo linear e unilateral, mas como um paradoxo de presença e ausência

---

<sup>83</sup> WINNICOTT, Donald W. Teoria do Relacionamento Paterno-Infantil. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: artes Médicas, 1982.

<sup>84</sup> “O termo *holding* é utilizado para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*. Em outras palavras, se refere à relação espacial ou em três dimensões com o fator tempo gradualmente adicionado. Isso se superpõe, mas na verdade se inicia antes das experiências instintivas que com o tempo determinaram as relações objetais. Inclui a elaboração de experiências que são inerentes à existência, tais como o completar (e portanto o não-completar) de processos, que de fora podem parecer puramente fisiológicos, mas que fazem parte da psicologia da criança e ocorrem em um campo psicológico complexo, determinados pela percepção e pela empatia da mãe”. Ibidem, p. 44.

simultânea de elementos. A criança cria esse espaço que também é possibilitado pela mãe, e é onde se inscrevem as experiências de presença e ausência cujos objetos e fenômenos substitutivos são denominados “transicionais” porque adquirem um “valor” diferente conforme as experiências são vivenciadas pelo sujeito.

A subjetividade winnicottiana é entendida a partir de uma dialética entre estar unido e separado, criar e destruir a mãe no espaço potencial através dos objetos que complementam essa dinâmica que acompanha o sujeito ao longo da vida, embora os elementos críticos se dêem no desenvolvimento inicial. A subjetividade se constitui na relação intersubjetiva da mãe com o bebê. A mãe vivencia as necessidades do bebê como sendo próprias e as interpreta como sendo dele.

A experiência do bebê é de estar junto e ao mesmo tempo separado, embora seja fortalecido pelo ego da mãe. Para Winnicott a mãe traz no olhar a sua condição pessoal ao cuidar do bebê. Na verdade, o bebê se vê através do olhar da mãe, que por sua vez traz uma concepção de si mesma. Há uma criação do que é emitido pelo bebê sem um significado psicológico em algo que toma sentido e que passa a ter importância. Embora o bebê possa enxergar-se através dos olhos da mãe, ele é o outro que está separado por um espaço, por uma diferença que lhe faz sentir-se observado e também observador. É uma experiência bastante rudimentar e primária: há uma descentração do sujeito no sentido de ele poder perceber a mãe e também perceber-se. Perceber o outro pressupõe primeiro poder sentir-se como um sujeito separado; essa possibilidade nos remete à idéia de começo da formação do eu, à origem de sua estruturação a partir do ego da mãe. Quanto à idéia dos objetos transicionais indicados por Winnicott<sup>85</sup>, há uma invenção e uma destruição deles. Há, portanto, uma ilusão de um prolongamento do mundo interno ao mesmo tempo em que o sujeito percebe fora dele um objeto “não eu”.

---

<sup>85</sup> WINNICOTT, Donald W. *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*. In: \_\_\_\_\_. *Textos Selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

Quando Winnicott concebeu a idéia de objeto transicional, fez referência a uma forma de relação em que o bebê está ao mesmo tempo conectado e separado. Na medida em que a mãe fortalece o ego do bebê a partir do seu gesto, do seu olhar e dos cuidados dispensados pela “preocupação materna primária”, estará criando uma extensão de si mesma que o bebê necessita representar, através de um objeto que tem propriedades do real e do psiquismo. Não se trata de objeto de brinquedo e de manipulação de um jogo simbólico, mas de um objeto de relação e de aconchego. Através dos objetos transicionais, o bebê cria uma realidade através da qual ele pode se beneficiar nos momentos de dificuldade, de desejo de companhia e de conforto. Entre o que é interno e o que é externo ao bebê, na zona entre a realidade e a fantasia, se originam a criatividade, a imaginação e os símbolos que representam as múltiplas possibilidades de organização psíquica.

E quando não há o papel de mãe na relação com o bebê criando as condições de um terceiro espaço?

A intersubjetividade só é possível ao bebê quando há uma vivência de relação entre dois; onde um cria o outro, mas ao mesmo tempo, permite que cada um seja ele mesmo. A mãe faz o percurso inicial ao bebê para, mais tarde, ele sentir-se independente. Quando o bebê reconhece a sua independência, ele destruiu a mãe como um objeto inventado por ele, mas trata-se de uma destruição criativa. Há um reconhecimento da mãe como um sujeito separado, emerge também a subjetividade da criança que, ao mesmo tempo, também se altera em função deste encontro não acabado e sempre sustentado pela dialética da afirmação e da negação. Se, para Freud, a subjetividade se constitui na dinâmica entre inconsciente e consciente, em função dos elementos reprimidos porque não tolerados pela consciência, para Winnicott ela se dá no espaço “entre” interno e externo, ilusão e desilusão, a partir das primeiras relações entre a mãe e o bebê.

As fantasias iniciais predominantemente onipotentes por parte da criança projetam na mãe fantasias de “completude” e de “indestrutibilidade”. Essas fantasias cedem lugar à realidade com o reconhecimento da mãe externa, que nutre e que frustra porque se mostra incompleta e “suficientemente boa”. Para que haja esta construção, é necessário que a mãe se disponibilize: primeiro para fortalecer no bebê a fantasia de um ser completo, que “tudo pode” e “permite”; mais tarde, ela também se autoriza a destruir essas fantasias de onipotência para entrar o espaço da “falta” e da “desilusão”. Na subjetividade concebida por Winnicott, mãe e bebê criam o espaço potencial a partir, num primeiro tempo, do objeto interno da mãe.

O que ocorre ao sujeito que não dispõe da função materna/paterna para construir e destruir o objeto interno, passando mais tarde, a depender totalmente dele? Se a criação humana e o processo de pensamento emergem do espaço potencial, como ocorrem as respostas às demandas da cultura quando os sujeitos não puderam desenvolvê-lo?

Os recursos de simbolização têm origem, segundo Aulagnier, com a presença de uma mãe inscrita na palavra do pai; segundo Lacan, a partir de uma relação “especular”; segundo Winnicott, através de uma “mãe suficientemente boa”. Neste sentido, a sustentação dos pais, segundo Winnicott, precede a subjetividade, e essa vai nomeando as experiências futuras em função do que lhe precedeu; processo dialético e infinito enquanto o sujeito acompanhar a própria evolução e der significado à sua existência.

No processo de simbolização, a criança constitui a mãe, quando já está submetida a uma privação. A mãe “suficientemente boa” de Winnicott oportuniza e permite a criação dos objetos e dos fenômenos transicionais no espaço potencial.

#### 4.4.2 O ESPAÇO POTENCIAL E A ORIGEM DA CRIATIVIDADE

Sobre o espaço potencial<sup>86</sup>, cujo tema tem sido pouco explorado na obra de Winnicott, poucos transitaram ou se arriscaram a fazer especulações: trata-se de uma área onde se desenvolve a criatividade, o brincar, a imaginação e o jogo. Trata-se de um espaço onde as pessoas se expressam e anunciam a localização do seu “brincar”, embora nem sempre essa área esteja tão disponível, uma vez que ela se constitui no momento da separação entre o bebê e a “mãe suficientemente boa”<sup>87</sup>. Uma exploração teórica na obra de Winnicott situará o espaço potencial e as relações com o processo de simbolização, bem como as diversas formas de manifestação.

Em que lugar e tempo ocorre o processo de simbolização?

Na linguagem de Winnicott<sup>88</sup>, a origem da criatividade e da expressão simbólica ocorre no espaço potencial, quando a criança inicia o processo de separação e de reencontro com a mãe. Não se trata de um espaço anatômico, mas de uma vivência, em que o sujeito vive sentimentos ambivalentes entre sentir-se unido e, ao mesmo tempo, separado, fantasiar e perceber a realidade, sentir-se só e ao mesmo tempo acompanhado. Um espaço onde prevalece a dialética da afirmação e da negação, o “lugar” da experiência cultural onde a criatividade se faz presente em todos os sentidos.

A *ilusão* de que o ser humano tenha criado algo confortável para sobreviver ao sofrimento causado pela necessidade é proporcionada pela função materna que se oferece para ficar no lugar imaginado pelo bebê; mais tarde, o objeto “*criado*” continua presente, mas

---

<sup>86</sup> Espaço potencial é o termo geral que Winnicott usou para referir-se a uma área do experienciar que se localiza entre o mundo interno e a realidade psíquica externa. Este é o espaço em que a criatividade se torna possível. Winnicott declara que é dentro do espaço potencial que os símbolos se originam.

<sup>87</sup> A “mãe suficientemente boa” é uma mãe pouco intrusiva e que é capaz de gratificar o bebê, possibilitando-lhe também perceber momentos de falta, de espera, para também poder desejar.

<sup>88</sup> WINNICOTT, Donald W. O Lugar em que Vivemos. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

há uma desadaptação dele frente ao desejo da criança. Winnicott<sup>89</sup> nos diz que nessa presença, que também está ausente à demanda, o sujeito cria formas alternativas de experienciar a falta. Por que a dialética está presente no processo de simbolização?

O processo dialético move-se integrando a experiência humana e ultrapassando-a, tornando-a dinâmica e simultaneamente incompleta. No funcionamento psíquico, não podemos controlar o conteúdo do inconsciente, embora a organização das defesas invista um esforço muito grande para que a resistência seja eficaz, mantendo reprimido tudo aquilo que não pode ser revelado.

A subjetividade se institui nos graus de consciência entre o ser e o seu inverso, só pode ser constituído o Eu, a partir do Outro; a individualidade é originária da alteridade. Entre ser um e ao mesmo tempo dois, entre ser idêntico e ser diferente, há necessidade de buscar alternativas. A partir da experiência vivenciada com e pelo outro, a criança encontra alternativas que substituem o objeto ausente, mas que não trazem o objeto em cena. Assim como a mãe cria o bebê e o bebê cria a mãe, o processo dialético inconsciente instala a subjetividade a partir da semelhança e da diferença.

Portanto, subjetividade e intersubjetividade se constituem na medida em que uma não existe sem a outra. Os teóricos da psicanálise que dão destaque às relações objetais, enfatizam o lugar privilegiado da mãe como norteadora e demarcadora da existência do bebê e os mecanismos primitivos emanados das fantasias arcaicas e da angústia de aniquilamento que são expressos pelo bebê, a identificação da mãe com as necessidades do filho e o acolhimento dos elementos que lhes são projetados dão origem a um espaço “entre” os dois; é o espaço da intersubjetividade.

---

<sup>89</sup> “A característica especial desse lugar em que a brincadeira e a experiência cultural têm uma posição, está em que ele depende, para sua existência, de experiências do viver, não de tendências herdadas. Um bebê recebe trato sensível na ocasião em que a mãe está separando-se dele, de modo que a área para a brincadeira é imensa; um outro bebê tem uma experiência tão infeliz nessa fase de seu desenvolvimento que lhe dá pouca oportunidade de desenvolver-se, exceto em termos de introversão ou extroversão. O espaço potencial, neste último caso, não tem significação”. WINNICOTT, Donald W. O Lugar em que Vivemos. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 150.

A experiência deste espaço é vivenciada de forma não linear e é geradora de ansiedade uma vez que ela vem acompanhada de gradativas desadaptações da mãe em relação às necessidades do bebê. Esse processo também é gerador de ansiedade, uma vez que o bebê vai se constituindo neste espaço como “um” e como “dois”, ou seja, como um “eu” e um “não eu”: esta descentração é uma conquista realizada por ambas as partes, momento em que mãe e filho se constituem. Segundo Winnicott<sup>90</sup>, é neste espaço de enriquecimento mútuo que se origina a criação, a invenção e também a simbolização com todos os desdobramentos que elas possam conter e que mais tarde se poderá nomear “o espaço transicional”.

O bebê se percebe no olhar da mãe. A unidade mãe-bebê imperturbada é apenas uma hipótese porque existe uma inevitável incompletude no ajustamento entre ambos. Graças a essa frustração dosada, é possível experimentar a percepção da separação. O reconhecimento desta separação inevitavelmente cria uma ausência da qual nasce o símbolo, como uma forma de representar o que não está lá. As conseqüências incluem a capacidade de buscar significados pessoais representados por símbolos que ajudam a atravessar este momento de falta ou solidão. Na criatividade existem três situações que se complementam e superpõem: o sujeito que gera a experiência, o objeto do desejo que não se encontra à disposição e o elemento que transita para substituir a falta, ou seja, os próprios símbolos.

Piera Aulagnier<sup>91</sup> diz que a aquisição dos primeiros sinais de linguagem possibilita a aquisição de uma nova função e de um novo lugar psíquico em que é possível num primeiro tempo “pensar” e também “dizer”; as informações terão acesso ao “eu” se puderem ser representadas. Na diferenciação da criança em relação ao Outro, o reconhecimento e as idéias decorrentes possibilitam o pensamento. As representações são como “traduções” que se expressam pela atividade do “pensar”.

---

<sup>90</sup> WINNICOTT, Donald W. *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*. In: *Textos Selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

<sup>91</sup> AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 59.

Para haver pensamento, o processo primário, envolvendo a relação especular da criança, necessita investir na função que preexiste no sujeito. A função materna já inscreveu na criança o pictograma que exercerá no momento em que a realidade solicita a expressão do pensamento. O prazer de ouvir é antecedente ao desejo de escutar. Quem elabora com a criança o prazer de ouvir o outro, ouvir a voz, sensibilizar-se com o contato? Esta função anunciada pela mãe no registro do pictograma possibilita mais tarde o desejo de escutar.

#### 4.5 A ORIGEM DA SIMBOLIZAÇÃO EM PIERA AULAGNIER, WINNICOTT E LACAN

Qual a origem da *formação simbólica*?

*Simbolismo*, no dicionário de Laplanche e Pontalis<sup>92</sup>, significa o modo de representação indireta, figurada e inconsciente de uma *idéia*, de um *conflito* ou de um *desejo*. É uma formação substitutiva representada de modo constante na relação que se observa nas expressões da linguagem, do mito e de outras manifestações culturais. A capacidade de simbolização indica a “aptidão do sujeito para diferenciar no seio do que é percebido uma ordem de realidade irreduzível às ‘coisas’ e que permite um manejo generalizado destas”. Quando a criança é capaz de utilizar símbolos, evidencia também a possibilidade de encontrar alternativas substitutivas diante de uma frustração, obstáculo ou situação que exija uma alternativa de ação.

Essas representações indiretas que o sujeito também manifesta através dos sintomas e dos sonhos ocorrem no nível inconsciente. O simbolismo envolve uma relação entre o conteúdo manifesto de um comportamento, de um sonho, de um discurso e as suas possíveis traduções.

---

<sup>92</sup> LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*: Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 1992. F. 482.

Retomando as idéias preliminares, a simbolização é um processo mental inconsciente que se estrutura sobre a base de associações e semelhanças, em que um objeto significa ou representa outro. A atividade simbólica transforma o mundo físico em símbolo, ou representantes do que o real quer dizer; esse trabalho confere à simbolização a idéia de representação, forma substitutiva de expressar o desejo em diferentes modos de representar o pensamento. Através da simbolização, surgem as idéias, cujo material é fornecido pelos sentidos. O jogo, a arte, os mitos, o brinquedo são originários da atividade simbólica.

Na concepção psicanalítica freudiana, o simbolismo é o representante de desejos reprimidos e ocorre por necessidade de distorção em todos os momentos que o psiquismo exige, especialmente quando as características do ego arcaico emergem. O processo simbólico é um “disfarce”, através do qual o eu relaciona-se com a censura. Como os processos inconscientes são pessoais, o conteúdo que subjaz ao processo simbólico traz as marcas da história de vida do sujeito. Segundo Freud, o inconsciente contém as experiências individuais reprimidas que vão emergindo no comportamento através do processo simbólico, mesmo sem o sujeito dar-se conta de tais mecanismos.

Na criança, segundo Speier<sup>93</sup>, “pensamento e fantasia, estão estreitamente entrelaçados e surgem do desenvolvimento da capacidade de representação simbólica”. A fantasia amplia a capacidade de deslocamento do sujeito frente ao objeto da realidade.

O Seminário de Jacques Lacan sobre *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* dedica parte da obra ao tema do simbólico e suas representações no psiquismo humano e diz que, na ordem humana, tudo o que emerge e se constitui na totalidade do universo é demarcado pela função simbólica. O humano só se constitui psiquicamente como

---

<sup>93</sup> “A fantasia serve à criança para elaborar interiormente a experiência. A criança toma contato com a realidade numa atitude social objetiva, que é seguida de uma retirada na fantasia, onde se cumpre a elaboração subjetiva que permite voltar logo ao nível da expressão subjetiva. Através destas oscilações entre as maneiras objetivas e subjetivas do pensar neste processo de crescimento intelectual, a criança encontra o princípio para os problemas, reais soluções que são do tipo simbólico”. SPEIER, Anny. *Los Procesos de Simbolización en la Infancia*. Buenos Aires: PROTEO, 1972. P. 43-48.

um ser desejante, capaz de descentrar-se em função do desejo do outro, a partir de uma ordenação de símbolos e significantes. A cultura, portadora de diversos conteúdos e estilos de linguagem, é a representação de uma rede simbólica.

A função simbólica não é nova como função; ela tem lineamentos em outros lugares que não na ordem humana, mas trata-se apenas de lineamentos. A ordem humana se caracteriza pelo seguinte – a função simbólica intervém em todos os momentos e em todos os níveis de sua existência.<sup>94</sup>

Não é possível compreender qual o universo de símbolos. Sabe-se, no entanto, que os elementos da natureza se ordenam em relação aos que surgem, e esse princípio serve também às representações humanas. Para explicar cientificamente um fenômeno, para classificá-lo e ordená-lo numa ordem de representação, estamos inseridos na função simbólica. Tudo na natureza está regido por uma forma de classificação ou de ordenação, com a flexibilidade e com os recursos próprios de cada organismo nela envolvido: as máquinas, como elementos da cultura, também fazem parte deste universo.

O diálogo que Lacan<sup>95</sup> estabelece com Jean Hyppolite a respeito da liberdade faz referência às máquinas como impossibilitadoras de livre expressão humana. O que Lacan defende é que a condição humana expressa-se como uma máquina, mas com a multiplicidade de escolhas possíveis. Ou seja, o mecanicismo no sentido humano não pode ser entendido como algo determinado, como ocorre com os animais, que permanecem fixados ao que lhes foi determinado pelo meio.

Enquanto Freud<sup>96</sup> faz referência aos sonhos como o conjunto de símbolos cuja significação é encontrada nas produções do inconsciente, Lacan<sup>97</sup> refere-se às máquinas para

<sup>94</sup> LACAN, Jacques. *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. Livro 2, p. 44.

<sup>95</sup> LACAN, Jacques. *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. Livro 2, p. 46-47.

<sup>96</sup> FREUD, Sigmund. A Interpretação de Sonhos. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 4.

<sup>97</sup> LACAN, Jacques, op. cit.

falar da complexidade do simbólico no humano. O autor menciona que, da mesma forma como as máquinas complexas são movidas pela fala, o homem é movido por uma estrutura de linguagem, tornando-o mais descentrado. A cadeia de significantes realçada pelo imaginário passa a ter prioridade, e, muitas vezes, o simbólico não tem uma relação referida ao objeto simbolizado. Já para Freud, há uma conexão entre o símbolo e o conteúdo da representação, pois Freud dirige sua atenção para as representações da linguagem universal, deduzida das particularidades das imagens e dos sintomas. Na ordem simbólica, há sempre o que é designado como universal e o que é da ordem do necessário. Segundo Lacan<sup>98</sup>, a metapsicologia freudiana, ao conceber a função do eu, nos remete às relações entre o simbólico, o imaginário e o real, dando realce à função imaginária.

Na natureza, essa função encontra-se nas formas de aproximação dos sujeitos da mesma espécie para a manutenção dos laços sexuais e no uso de recursos para sobrevivência no ambiente, entre tantas outras; é a partir de então que o homem fabrica símbolos para conviver com a realidade, para conviver com as relações assimétricas estabelecidas com outros homens e com a natureza; a subjetividade passa então a ser entendida como um sistema organizado de símbolos que procura falar de uma experiência, dando-lhe sentido.

Para Lacan, a estrutura imaginária do psiquismo humano anuncia a importância das funções simbólica e real: na categoria do imaginário, encontramos um sujeito indiferenciado, situado no estágio do espelho; o simbólico é representado na cadeia significante, e o real está demarcado pela impossibilidade de apreensão concreta do objeto de desejo. Estas categorias não estão anatomicamente situadas ou desenvolvidas num tempo lógico, mas se sobrepõem e

---

<sup>98</sup> “O eu, em seu aspecto mais essencial, é uma função imaginária. [ . . . ] A estrutura fundamental, central, de nossa experiência, é de ordem propriamente imaginária. E podemos até apreender o quanto esta função no homem já é distinta daquilo que ela é no conjunto da natureza”. LACAN, Jacques. *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. Livro 2, p. 53.

têm registro em todos os movimentos do psiquismo. É ao simbólico que o homem remete sua possibilidade de expressão e descentração.

No campo das representações, o psiquismo utiliza o simbolismo, considerado como um modo de falar do conflito ou de um desejo inconsciente. Dentro dessa perspectiva, o simbolismo significa qualquer formação substitutiva. Se há comportamentos simbólicos, é porque o sujeito é capaz de perceber, nos objetos, representações irredutíveis à realidade concreta em si. O simbólico é utilizado para representar uma situação, lembrança, palavra ou imagem inconsciente.

Entre a simbólica freudiana e o simbólico de Lacan, existe clara diferença: Freud acentua a relação que une, por mais complexas que sejam as conexões, o símbolo com aquilo que ele representa, enquanto para Lacan é a estrutura do sistema simbólico que é primordial; a ligação com o simbolizado (por exemplo, o fator de semelhança) é secundária e impregnada de imaginário.<sup>99</sup>

Lacan busca em Lévi-Strauss<sup>100</sup>, antropólogo estruturalista, explicação para a noção de simbólico com que a humanidade convive e dá sentido à vida através das suas formas de organização. A linguagem é uma das formas de manifestação de cultura e, a seguir, todos os sistemas que ela agrega, como as leis, as formas de organização institucional, incluindo a família e a escola. Nesse sentido, não é possível pensar o homem sem situá-lo numa ordem simbólica.

Assim, Lacan utiliza o termo simbólico para designar uma estrutura de signos, sinais e uma lei que normatiza e regula essa rede. Por outro lado, Freud refere que as manifestações

<sup>99</sup> LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*: Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 480.

<sup>100</sup> “A utilização por Lacan, em psicanálise, da noção de simbólico parece-nos corresponder a duas intenções: a) Aproximar a estrutura do inconsciente à da linguagem e aplicar-lhe o método que provou a sua fecundidade em lingüística; b) Mostrar como o sujeito humano se insere numa ordem preestabelecida, que é de natureza simbólica, no sentido de Lévi-Strauss. Pretender aprisionar o sentido do termo “simbólico” em limites estreitos, defini-lo, seria ir contra o próprio pensamento de Lacan, que se recusa a atribuir a um significante uma ligação fixa com um significado”. LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*: Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 481.

do inconsciente, aquilo que é expresso, não pode ser redutível a um puro real. Os gestos, palavras, atos falhos, chistes, são denominados símbolos daquilo que não consegue ser fielmente revelado. A essência do significado dos sonhos é encontrada na relação entre o que o inconsciente expressa e aquilo que representa. Não se trata de uma tradução fiel, mas situada num sistema de relações.

A formação inicial do símbolo parece estar relacionada ao estágio do espelho. Desde o início, há uma relação imaginária entre mãe e filho em que os dois se completam numa relação simbiótica, necessária para estruturar o psiquismo do bebê. Mais tarde, a mãe volta-se para outros objetos da cultura e, neste espaço, onde não há o olhar da mãe, a criança substitui o objeto faltante por outros representantes, tais como a fala, o brinquedo, o pensamento, o objeto transicional e demais recursos que possibilitem o alívio da ansiedade.

Lacan, ao referir o registro do imaginário, simbólico e real no funcionamento do psiquismo, situa o desejo humano entre o imaginário e o simbólico: do registro imaginário (situado onde tudo pode, onde o outro lhe completa), o sujeito passa para o registro simbólico (situação onde surge a necessidade de recorrer a um objeto que devolva o prazer). Nesse sentido, o psiquismo vai buscando formas de representar e nomear os significantes que parecem trazer um razoável conforto, minimizando o desprazer. A palavra é o lugar onde o símbolo se faz presente com toda a sua plenitude e é dela que podemos capturar as representações inconscientes. A criança brinca e, através dessa ação, ela se comunica “fazendo”. Entende-se que a criança tem o seu “fazer” como representante do que deseja e teme. É dessa ação que temos acesso ao sentido dos sintomas. Nas situações em que há o domínio do ato sobre a palavra, ou a indiferenciação entre a fantasia e a realidade, parece haver um prejuízo no processo de simbolização; tal processo emerge entre o corpo e a palavra, com o uso da imagem que agrega todo o sensorial e o perceptivo.

Piera Aulagnier<sup>101</sup> preocupou-se com a imposição especular da mãe sobre os desejos e fantasias do bebê. Precursora nestes estudos, anuncia em seus trabalhos os riscos de que o adulto faça uso abusivo de inscrições sobre a criança. A mãe, ou o adulto, pode submeter a criança aos desejos identificatórios pessoais, refletindo como ela deve ser, sentir ou expressar-se; isso faz referência à violência de uma suposta profecia a ser cumprida pela criança em atendimento ao funcionamento narcisístico materno. Confirma-se a hipótese de que a capacidade do ego na formação de símbolos parece estar vinculada com a relação especular desde o estágio inicial do desenvolvimento.

#### 4.6 COMO OCORRE A SIMBOLIZAÇÃO NA NEUROSE E NA PSICOSE

Na neurose, há possibilidade de imaginar e pensar a ausência do objeto faltante através da criação de símbolos representativos deste desejo não realizado. Na psicose, o sujeito age como estando fusionado e indiferenciado do objeto de desejo. Impedido de perceber a falta, reage a ela, alucinando o objeto do desejo numa relação de completude. Há neste caso, uma subordinação da realidade à fantasia, e esta torna-se tão poderosa quanto tangível e, ao mesmo tempo, perigosa.

Na psicose, a realidade não faz o par dialético com o que se percebe dela; a alucinação opera no nível do imaginário. Winnicott<sup>102</sup> fala da limitação do espaço potencial. Na neurose, a experiência do sujeito se aproxima daquilo que é sentido como representante de alguma coisa, embora não seja a coisa em si. O excesso de fantasia para não perceber a

---

<sup>101</sup> AULAGNIER, Piera. Observações sobre a Estrutura Psíquica. In: KATZ, Chaim S. (Org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991.

<sup>102</sup> "Existe em muitos um fracasso de confiança que restringe a capacidade lúdica, devido às limitações do espaço potencial; do mesmo modo, existe para muitos pobreza de brincadeiras e de vida cultural, porque, embora encontrem lugar para a erudição, houve um relativo fracasso por parte daqueles que, fazendo parte do mundo da criança, falharam em fornecer a ela elementos culturais nas fases apropriadas do desenvolvimento da personalidade. [ . . . ] as limitações surgem da relativa falta de erudição cultural ou mesmo da falta de familiaridade com a herança cultural que pode caracterizar aqueles que concretamente se acham encarregados de

realidade é indicador da dificuldade de simbolização; por outro lado, não fantasiar para que não haja riscos de ser capturado pela representação simbólica também faz par com o processo patológico da criatividade. Um sujeito que tem dificuldade de modular o afeto, de arriscar pensamentos, imagens e sonhos em outro lugar ou em outro tempo que não o seu teme a ocorrência do fenômeno como tal. Parece haver, nesse caso, a predominância de um sentimento de onipotência em que o simples pensar pressupõe a realização da cena desejada.

Nesses sujeitos, o “eu” se organiza em torno de descrições, carecendo da possibilidade de usar formas substitutivas diante da realidade. Por não poder imaginar ou brincar de ser o outro, resta o objeto em si mesmo. Enquanto o neurótico é capaz de falar dos seus sentimentos representados nas defesas identificatórias, projetivas, sublimatórias, entre outras, o psicótico utiliza uma comunicação direta onde não é permitida a representação da afirmação ou da negação simultânea.

Piera Aulagnier<sup>103</sup> afirma que na psicose a subjetividade encontra-se “acorrentada” ao discurso do outro. A mãe do psicótico não *faz* a lei, uma vez que ela já *é* a lei. A simbolização articula-se com o processo de diferenciação do sujeito, na medida em que, no estado de falta, há uma busca sustentada pela imaginação e, na ausência da mãe, a criança simbolicamente a substitui dizendo para o seu ursinho de estimação que a sua mãe não vai se demorar. A criança substitui a ausência real pela imagem do objeto, identificando-se com ela.

---

uma criança”. WINNICOTT, Donald W. O Lugar em que Vivemos. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 151-152.

<sup>103</sup> “Toda análise de psicótico nos obriga a nos interrogarmos continuamente sobre a essência deste Outro, este lugar da palavra, a fim de decifrar por que o sujeito só pode responder a este discurso pela alienação. Se, no campo da neurose, esta referência deve sempre ser analisada somente sob o ângulo projetivo, desde que tocamos a psicose somos obrigados a reconhecer, e não esquecer jamais que aquilo em que está submerso o Ego daquele que nos fala é uma falha, uma brecha real no Outro. [...] Com relação às mães de psicóticos [...], as regras do jogo jamais foram aceitas por elas [...], jamais compreendidas; poder-se-ia dizer que o único jogo que elas estabelecem é o sucesso, jogo sem parceiro e sem aposta, senão no nível de uma onipotência autista. [...] para ganhar não há nenhuma necessidade de conhecer o valor simbólico dos signos; o signo basta por si mesmo, e pode a cada vez recriar uma nova lei. Lei que não tem necessidade de nenhum suporte simbólico, que só depende da escolha arbitrária de quem joga”. AULAGNIER, Piera. Observações sobre a Estrutura Psicótica. In: KATZ, Chaim S. (Org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991. P. 55-58.

#### 4.7 ENCAMINHAMENTOS

O psiquismo tem inscrições desde o desenvolvimento fetal: a audição parece ser um receptor importante das primeiras aquisições, como mais tarde a visão através da relação especular, o toque e todas as formas de acolhimento. Acolhimento é um dos indicadores da função materna, quando inicialmente a mãe empresta ao bebê seus recursos egóicos para que ele possa existir. É a singularidade e a universalidade da função materna; condição de existência humana. Quando a mãe volta-se para outras atividades, o bebê se dirige ao caminho da relativa independência. É aí que falamos de função paterna. Paterna não apenas porque na maioria dos casos se refere ao pai biológico, mas porque estamos falando de um terceiro elemento, ocupando um espaço importante, na relação mãe-filho. O Édipo é instituinte dessa passagem. As questões sobre a função paterna e a origem da simbolização serão analisadas na seção seguinte.

## 5 A FUNÇÃO PATERNA

Ao nascer, a criança em estado de pura natureza ingressa na cultura pela palavra dos pais. É ele quem opera o registro necessário para interditar a relação entre a mãe e o filho a fim de dar origem à criatura humana. A função paterna é uma inscrição psíquica que institui a possibilidade de o sujeito sair de um estado de indiferenciação e de onipotência infantil, para entrar no mundo da cultura, onde a falta e a castração simbólica possam ser reconhecidas. É uma metáfora; representa uma separação entre a criança e a mãe em função de um terceiro elemento que vem instituir a lei, ou seja, a marca da falta que dará origem ao desejo. Freud indicou a função paterna a partir do mito do Édipo-Rei; Lacan a teoriza a partir da metáfora o nome-do-pai; e outros teóricos presentes neste estudo fizeram referência a partir da função da mãe e do tipo de cuidado dispensado ao bebê no desenvolvimento inicial.

Esta seção traz algumas concepções históricas da função paterna acompanhadas de princípios teóricos sobre o tema, a partir de autores que servirão de referência para fundamentar os estudos de caso do presente trabalho.

### 5.1 QUESTÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS DA FUNÇÃO PATERNA

A paternidade é uma construção simbólica que representa tanto o aspecto particular de uma nomeação, como a família designa uma forma de união, quanto o aspecto universal, de um lugar onde a autoridade se faz presente. São os amores da relação edipiana que sinalizam um lugar para o sujeito.

Aberastury & Salas<sup>104</sup> assinalam que nos últimos tempos começou-se a destacar importância da figura do pai desde os primeiros momentos de vida e, mais precisamente, desde a concepção. A psicanálise revelou que é fundamental para a vida da criança que seu

nascimento tenha sido desejado; sentir-se filho do pai é tão fundamental para o desenvolvimento do indivíduo como o próprio fato de sê-lo, o que também permitiu provar que, desde muito pequenos, os filhos percebem a realidade interna do pai, da mãe e de seus sentimentos frente a ele. Jéssica, a personagem apresentada na construção do primeiro caso deste estudo, mesmo tendo sido abandonada quando pequena e estando distante dos pais da realidade, percebe-se como filha na sua convivência com os avós. Falar do pai representa abordar a experiência psíquica que atinge cada ser humano em toda a sua existência. Estamos falando do pai como “função”, cuja inscrição ocorre desde o início da vida de cada ser.

A “função do pai” está representada em manifestações do sujeito, desde as formas de estabelecer vínculos através das relações interpessoais, até as expressões do pensamento, da linguagem e da leitura que se faz do mundo.

This<sup>105</sup> faz referência à palavra “pai” como a luz que se manifesta de múltiplas maneiras. Sem o significante “Pai”, não é possível dizer: “Eu sou pai ... eu sou seu pai ... tu és meu pai... ele é teu pai. Um pai não é forçosamente aquele que fez um filho, mas aquele que ocupa o lugar na cadeia significante; é uma função que se refere ao real, e não à verdade do real.

Para este autor<sup>106</sup>, não há pais felizes uma vez que o nascimento desperta no inconsciente desejos de morte e o cortejo das culpas infantis. Embora no homem haja desejo de ser pai, o nascimento anuncia e desperta um clima emocional que varia segundo o tempo e os indivíduos: cada um reage de acordo com a sua economia do desejo. A criança que nasce tem necessidade de seu pai e de sua mãe, pois é com eles que viverá. Por outro lado, promover um ideal de parentalidade ou de pais perfeitos representa correr o risco de suprimir

---

<sup>104</sup> ABERASTURY, Arminda; SALAS, Eduardo J. *A Paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. P. 68.

<sup>105</sup> THIS, Bernard. *O Pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. P. 30.

<sup>106</sup> Ibidem, p. 95-96.

o desejo da criança, impedindo-a de viver de modo livre. Felizmente, o pai imaginário não é o pai real.

Desde os tempos mais antigos, os “chefes” reuniram grandes multidões que se curvavam à sua imagem, representando a “lei” ou o “poder de sedução”. Os mitos são reveladores dessa busca, como refere Freud em *Totem e tabu*<sup>107</sup>, *Moisés e o monoteísmo*<sup>108</sup>, o *Complexo de Édipo*<sup>109</sup> e a história de Adão e Eva relatada na Bíblia. Freud explica os movimentos que levam a multidão ao chefe; movimentos coletivos em que há manifestações amorosas e introjeção da figura do “chefe”. A massa anseia pelo pai, pelo que representa em idéias, qualidades e pela personalidade. O “pai” exerce influência e constrói o vínculo libidinal pelo fascínio e sedução, mantém o povo unido pela força da libido, embora o seu destino seja ser morto pelo filho.

\* O pai é necessário para o crescimento do ser humano, é agente de castração e abusa sempre de qualquer poder. Inicialmente percebido pela criança como idealizado, poderoso, forte, detentor de todos os privilégios, mais tarde, com os atributos desse pai que lhe serviram de identificação, o filho ocupará esse lugar de poder e de autoria pelos seus atos. Cada filho traz internamente um pai que pode ser considerado vivo, porque os elementos que serviram de identificação estão presentes como marcas psíquicas, e morto, pois, ao desidealizá-lo do seu poder e prestígio absolutos, é vivenciada a separação pela morte do pai para ser possível a autonomia.

Assim como a função paterna gera contestação e é estruturante do psiquismo humano, também o assassinato do pai é um acontecimento da ordem da necessidade, uma vez que institui os vínculos e possibilita ao sujeito a entrada no mundo da cultura.

<sup>107</sup> FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 13

<sup>108</sup> Idem. Moisés e o Monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 23.

<sup>109</sup> Idem. Neurose e Psicose. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 19.

A identificação com os atributos e a morte simbólica desse pai possibilitará ao filho ocupar seu lugar; se permanecer somente ao nível da identificação, poderá também continuar dependente e infantilizado diante dos desafios que a cultura impõe. Em todas as sociedades, o pai morto pelo filho cria a “civilização”, é continuado por outros, para dar acesso à lei paterna; em todas as sociedades, repete-se o mesmo ato, mas não a repetição do idêntico, pois cada morte faz renascer um novo grupo. As construções mitológicas traduzem, de alguma forma, esses acontecimentos reais e que serão reproduzidos; para explicar a história das civilizações, os mitos referem a proibição, em seguida o assassinato e o pecado e posteriormente a culpa. Estes elementos são fundantes da castração simbólica e da formação do superego.

This<sup>110</sup>, ao referir os relatos sagrados e os mitos, destaca os mistérios de uma parentalidade trinificada onde a criança se faz criador, ser projetado. Se é um ser de palavra, não se aventura sozinha no deserto, posto que a palavra a precede, a guia, permite-lhe existir. No mito do paraíso, no Gênesis, Adão e Eva poderiam desfrutar de felicidade plena na qual nada lhes faltaria, mas não poderiam comer o fruto proibido da árvore da sabedoria: o paraíso nunca foi verdadeiramente pleno, pois havia uma interdição. A cultura se instala às custas da proibição, da lei do pai. Quando há a transgressão da lei, o pecado traz para o homem o sentimento de culpa. Por terem desobedecido, Adão e Eva são castigados, pois a lei impedia que a felicidade fosse completa, ao submetê-los a uma norma de outra hierarquia. Pensar no surgimento criativo fora da palavra não é possível no mundo bíblico porque Deus faz do vazio o lugar do surgimento criativo, da ausência o véu que encobre toda presença. Da divindade, não sabemos senão o que ela não é.

---

<sup>110</sup> THIS, Bernard. *O Pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. P. 176-177.

Freud, em *Totem e tabu*<sup>111</sup> revela a situação de desigualdade social e a forma primitiva em que viviam os sujeitos subjugados por um pai, detentor de todos os poderes e possuidor de todas as mulheres. Os filhos, identificados pela submissão a este chefe, reúnem-se para matá-lo e, a partir deste momento, assumem a culpa pelo ato cometido. A horda cria regras de modo a impedir que algum membro do grupo ocupe o lugar do chefe destituído, e os filhos, para se autorizarem como “pais”, assassinam o chefe e passam a carregar para sempre a culpa, instituindo desta forma a civilização. O pai é reconhecido no seu poder depois de morto, e os filhos, identificados com a força daquele, são inscritos na cultura e na civilização.

O que os mitos apontam como o centro do conflito e desencadeador da culpa pelo crime cometido é o desejo sexual. Este tema foi, de alguma forma, sempre tratado por Freud em toda sua obra; em *Moisés e o Monoteísmo*<sup>112</sup> suas idéias revelam sua preocupação com questões sobre o pai. Freud aborda a questão do pai e sua representação na cultura, nos grupos e na religião. Escrever sobre a origem, função e destino de Moisés é procurar compreender o que ele representa na estruturação de um grupo e de cada sujeito. Foi Moisés o judeu, que, segundo os escritos bíblicos, recebeu os Dez Mandamentos de Deus para entregá-los ao povo. Por tratar-se de um dos últimos escritos de Freud antes de sua morte e também pela intensidade dos vínculos que estabeleceu com este personagem, é que nos leva a muitos questionamentos. O que representava Moisés na vida de Freud e a preocupação com a sua história são evidências deixadas nos textos do fundador da psicanálise.

Freud, identificado com Moisés na trajetória de um grupo, em busca de uma pátria, tentou situá-lo em sua origem, dando explicações, levantando hipóteses sobre o destino de seu povo. Isto já não era tão estranho para um homem que havia mobilizado toda a comunidade científica da época, cujos adeptos já se tornavam ao mesmo tempo dissidentes de tais

---

<sup>111</sup> FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 13.

<sup>112</sup> Idem. Moisés e o Monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 23.

concepções, com a descoberta do inconsciente. O que parece claro no texto de Freud é a tentativa de encontrar a própria origem; as marcas que definiam sua maneira de ser e pensar, reconstruída no personagem de Moisés: de onde veio e para onde se dirige, que função social exerce e quais inscrições deixa para a humanidade.

Freud retoma a sua história no personagem de Moisés. Esta pode ser uma aproximação forçada ou uma forma de compreender o que subjaz na origem de todo homem e de sua história de vida em particular. Freud busca, através da reconstituição da história de Moisés, a origem de um homem e de um povo e talvez a sua própria origem. Já o havia feito em momentos anteriores, a reconstrução do seu pai através do contato com Breuer e Charcot<sup>113</sup>. O pai da psicanálise passou cinquenta anos escrevendo e desvelando sobre os mistérios do desejo, da ansiedade e da culpa. Transitou pela comunidade científica, idealizou e desfez alguns mitos até que, chegando em Moisés, procura resgatar a sua história para justificar que o pai procedia de outra origem que não a judaica. Decreta a morte simbólica do pai e representante do povo judeu para construir outro pai.

## 5.2 A FUNÇÃO PATERNA E O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA

→ O pai presente desde o nascimento junto aos dois, mãe e filho, trinifica permitindo o acesso ao simbólico: o pai não separa, mas une um e outro numa relação viva permitindo à criança viver em relação ao pai e à mãe nutrindo-se inicialmente de um imaginário para entrar em seguida na travessia de uma existência que lhe outorga maior autonomia. A criança se eternizaria num mundo imaginário e delirante se permanecesse sob os cuidados dos pais, recebendo um olhar contemplativo e transbordado de atenção de apenas um dos genitores,

---

<sup>113</sup> SLAVUTSKY, Abrão. A Última Paixão de Freud. In: \_\_\_\_\_ et al. *História, Clínica e Perspectiva nos Cem Anos de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. P. 88.

criando a ilusão de que ela seria a extensão do desejo deste genitor. O pai como agente do corte simbólico humanizante, embora recuado do atendimento imediato às funções maternantes ao recém-nascido, encontra-se disponível, ferido na sua onipotência, supondo-se também um sujeito castrado simbolicamente e pronto para ajudar aquele que está no mundo. Ser pai é poder ocupar um lugar, saber amar e separar-se num ato de amor, cumprindo duas funções fundamentais da existência humana: a união e o distanciamento, a vida e a morte, o prazer e o desprazer, assumindo todos os desafios que a existência viva supõe.

Lacan, na obra *Formações do inconsciente*, faz uma análise reflexiva sobre o papel do pai na estrutura psíquica da criança. A referência feita ao nome-do-pai, ou à metáfora paterna, refere-se tanto à ausência de uma figura que o represente, quanto à excessiva presença. Na análise dessa metáfora, Lacan faz um desdobramento do complexo de Édipo em três tempos. No primeiro tempo, a metáfora paterna é instituída pela cultura representada na pessoa da mãe. A criança se espelha no que a mãe deseja, constituindo-se assim no “desejo do desejo da mãe”. Além do que, a criança se abastece do contato e dos cuidados maternos, há um espelhamento naquilo que é desejado por ela. A mãe é vista como um ser completo que de nada necessita; ela é possuidora do falo<sup>114</sup>. Desta forma, o filho sendo uma extensão da mãe, encarna este poder. Nesse primeiro tempo, há uma identificação com a mãe, e isso é suficiente porque ser igual é ter o mesmo poder e força.

No segundo tempo, o pai entra na relação privando a mãe e o filho. Priva a mãe de sentir-se completa na relação com o filho e priva-o de continuar sendo uma extensão do desejo dela. O pai opera sobre a mãe a privação do falo, remetendo o filho a uma situação de renúncia do objeto do desejo. No terceiro tempo, o pai intervém como o portador do falo,

---

<sup>114</sup> “O uso desse termo sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo “pênis” é sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica. A organização fática, progressivamente reconhecida por Freud como fase de evolução da libido nos dois sexos, ocupa lugar central na medida em que tem correlação com o complexo de castração no seu apogeu e domina a posição e a dissolução do complexo de Édipo”. LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*: Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 166-167.

como um objeto a quem podem ser dirigidas identificações e com quem a mãe se completa. O ideal do eu se instala ao renunciar à posse do falo, identificando-se com as atitudes e formas de relação com quem o possui. O pai<sup>115</sup> opera neste sentido a interdição e a identificação. Não se trata de um pai onipotente ou interditor, mas doador e permissivo.

Joël Dor<sup>116</sup>, ao analisar a função do pai na cultura, destaca a importância do papel que lhe é atribuído, não da paternidade no sentido biológico, mas de um representante cultural que opera simbolicamente no psiquismo. A história do sujeito tem início na paternidade real; pai e mãe apostam na sobrevivência do filho concedendo-lhe possibilidades que se especificam através de ordenamentos como tempo, rotinas e alimento, entre outras medidas. Quando se fala em fratura da função paterna, podemos pensar no pai que abdica da sua função e podemos pensar no pai que é interditado em sua função simbólica: quando a palavra da mãe não dá espaço a uma paternidade. O próprio termo “fratura” procura designar a idéia de afastamento, de rompimento, de perda de potência, revelando, dessa forma, que isso só ocorre porque antes houve um momento de apogeu.

Segundo Peres<sup>117</sup>, a figura do pai está identificada com dureza e seriedade e sua missão ultrapassa os deveres puramente terrestres. A história da humanidade revela a luta do povo para contestar figuras de autoridade que desfrutavam do poder tais como imperadores e monarcas que dominavam grandes nações. Se os movimentos para contestar e anular este poder surgiram, é porque a figura do pai se fazia presente; ele estava lá seduzindo e

---

<sup>115</sup> “Em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada, ou que ainda não aparece. Isso não impede que o pai exista no mundo, em virtude de neste reinar a lei do símbolo. Por causa disso, a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la. Em segundo lugar, o pai se afirma em sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei, e isso já não é feito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei. Em terceiro lugar, o pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo. Essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se Ideal de eu”. LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5, p. 200.

<sup>116</sup> DOR, Joël. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

<sup>117</sup> PERES, Urania T. *O Pai*. [S.l.: s.n.], 2001. Trabalho apresentado no VI Fórum de Psicanálise - Psicanálise, poder e transgressão, realizado por Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul/UNISINOS, 2001, São Leopoldo.

produzindo desejo. A questão do pai marca a ruptura entre a ordem da natureza e a civilização, deixando-nos uma herança simbólica de amor.

Peres, ao analisar as funções do pai, refere o quanto Lacan problematiza e aprofunda o conceito de função paterna. Encontra-se em todo o seu ensino diferentes expressões: o pai, um pai, imago paterna, carência paterna, função paterna, metáfora paterna, nome do pai, nomes do pai e, sobretudo, pai simbólico e pai real. É sobre o pai mítico, todo poderoso e, ao mesmo tempo, assassinado pelos filhos que nasce a renúncia ao gozo.

Freud sente-se invadido pelo pai em toda a sua obra, inserindo-o como o “pai sedutor e do desejo”, quando trata das históricas. Em *Totem e tabu*, o pai é elevado a condição de todo poderoso, enquanto *Moisés e o monoteísmo* traz o pai da lei.

O mito do Complexo de Édipo<sup>118</sup> destaca de forma clara a função paterna, e por conseqüência o papel da mãe e dos filhos no grupo familiar. Como mito universal, o pai é sempre um referente inscrito pela experiência do sujeito, mas que é nomeado pela fé. No nível social ou psíquico, ele está presente para marcar a diferença e possibilitar ao sujeito a entrada no registro do simbólico. O Complexo de Édipo<sup>119</sup> não pode ser considerado como a influência exercida pelos pais da realidade. Ele ocorre desde que haja uma instância interdutora que barre o acesso à satisfação procurada ligando o desejo à lei.

Lacan, no seminário *As formações do inconsciente*, faz a distinção entre o pai no Complexo de Édipo e o pai social, que tem os qualificativos de cuidadoso, carente, delinqüente ou presente na família. Recorre à linguagem para dar sentido à metáfora paterna, falando de um significante que vem substituir um outro significante, introduzindo o sujeito na simbolização. A mãe, tendo sido marcada pela lei, e, portanto, sentindo-se incompleta e

<sup>118</sup> “O Complexo de Édipo é o conjunto organizado de desejos amorosos que a criança sente em relação aos pais. [...] Segundo Freud, o apogeu do Complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O Complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano”. LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*: Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 77.

<sup>119</sup> Ibidem, p. 80.

necessitada de encontrar outras alternativas pessoais para além do filho que a deseja, interditará a relação simbiótica, promovendo assim o acesso ao simbólico. O significante nome-do-pai é a metáfora que representa o corte, a ruptura ou a falta, instalando a origem do desejo enquanto significante materno o qual se faz presente pelo significante nome-do-pai, possibilitando ao sujeito entrar no universo simbólico em que o pai ocupa o lugar de representante da lei, mas quem mediatiza esse lugar de transmissão da lei é a mãe, concebida como um Outro primordial.

Para Lacan, a função paterna não está necessariamente associada a uma imagem ou a uma conduta do pai, mas se encontra na possibilidade do registro que tenha sentido e reconhecimento de pai. A mãe, supondo-se portadora do nome-do-pai, é transmissora dessa herança na medida em que nomeia esse pai, deslocando seu olhar para outro objeto de desejo, além do filho. Estes elementos na realidade psíquica dos sujeitos são confrontados com as leis institucionais, familiares e da sociedade em geral. É um desafio entender qual o operador lógico que exerce o papel de função paterna em crianças que necessitam transpor os desafios apresentados no campo do conhecimento formal que a escola traz.

A relação do sujeito com a função paterna pode dar origem a tipos de neurose. Enquanto instância mediadora do desejo, a função paterna opera de modo eficaz na medida em que exerce uma ressonância simbólica, rompendo com um estado imaginário da mãe e do filho e interditando a continuidade da relação simbiótica. Roberto, apresentado na construção do segundo caso desta pesquisa, parece ainda manter uma relação indiferenciada com a mãe encontrando dificuldade para enfrentar os conflitos que a vida cotidiana lhe impõe.

→ Lacan<sup>120</sup> refere que estar presente para sustentar a autenticidade da fala é diferente de autorizar o texto da lei: o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do pai simbólico, isto é, o nome-do-pai, o significante que dá esteio e promulga a lei. De acordo com esta afirmação, o sujeito, para enfrentar a lei, deve estar

investido psiquicamente de um valor, de uma nomeação para aquele que é submetido a esta ordem. No mito de Édipo, o assassinato do pai é uma forma de dizer que a norma é introjetada. O pai que cria a lei é o pai morto, isto é, o pai simbólico. O que é ordenado pelo pai não é necessariamente ouvido pelo filho, mas tudo vai depender do lugar que esse pai ocupa na cadeia significante. Isso nos remete a pensar que, se o pai não estiver investido do discurso da mãe, não há presença de pai, ou seja, a lei permanece na mãe. A formação do Ideal do Eu passa pela questão de o sujeito ter na vida “pais” ou representantes com quem possa se identificar.

Lacan<sup>121</sup> nos adverte sobre os inúmeros questionamentos a respeito da presença paterna e da constituição do Édipo. Nos casos em que a criança é acompanhada somente pela mãe ou pelo pai, poderá ter uma passagem normal pelo conflito edípico. Na verdade, o que interessa em termos do ideal do eu não é a presença ou ausência do pai, mas a sua posição na família. Portanto, no que se refere à carência da função paterna, parece pouco vantajoso falar de permissividade, ou de exigência excessiva, mas de expressividade e de “lugar” como membro da família.

Quando a criança evidencia seus medos, na verdade são medos deslocados devido ao retorno da projeção feita pela criança a um dos genitores rivais. Se o menino deseja a mãe e tem como rival o pai, projeta toda a sua agressividade contra essa pessoa que lhe interdita a posse; por outro lado, há um retorno de toda essa energia que foi projetada transformada em *objeto ameaçador* e a ameaça dirigida ao pai volta-se imediatamente a quem foi o emissor, restando à criança tentar fugir ou defender-se da eminência de uma destruição. Como ocorre no plano do mecanismo inconsciente, a criança desloca esse medo para objetos ou situações

---

<sup>120</sup> LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5, p. 152.

<sup>121</sup> “O pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto. É o pai, recordam-nos, que fica encarregado de representar essa proibição. Às vezes, tem de manifestá-la de maneira direta, quando a criança se deixa levar por suas expansões, manifestações e pendores, mas é para além disso que ele exerce esse papel. É por toda a sua presença, por seus efeitos no inconsciente, que ele realiza a interdição da mãe”. *Ibidem*, p. 174.

que não justificariam por si uma ameaça. Portanto, o medo que a criança sente diante do pai é sempre retroativo ao sujeito que o provocou. Nesse sentido, a castração simbólica dos neuróticos é uma representação que ocorre primordialmente no plano imaginário; está associada à agressão imaginária. Ou seja, é de tanto o filho desejar a mãe e de encontrar o impedimento na função paterna, que a fantasia da criança sobre um possível retorno da retaliação projetada sobre o pai fará com que o medo se instale como um acompanhante. Por isso, se diz que o superego é o herdeiro do complexo de Édipo. Para Lacan, o modo como a neurose encarna a ameaça de castração está ligada à agressão imaginária, a uma espécie de retaliação imaginária. Quando se fala da lei, da proibição, ou da interdição, fala-se do que o pai como função proíbe.

É no discurso materno que a existência do pai se faz presente, mediando como um terceiro elemento frente ao desejo da mãe e da criança. A função paterna considerada como um registro simbólico não tem cronologia e pode ser encarnada pelo pai real ou algum outro representante. Essa é uma condição primordial para que a criatura humana inicie a sua história de integração e apropriação do corpo, de identificação e reconhecimento do outro, de simbolização e representação do pensamento. A função paterna representa a inscrição do sujeito na cultura; passagem de uma posição imaginária para o registro simbólico, em que é possível não somente viver uma idéia de gratificação e de totalidade, mas principalmente um lugar de confronto com a falta, incitando o reconhecimento da diferença e da incompletude. A distinção entre o pai real, o pai imaginário e o pai simbólico constitui uma forma de situar a dimensão do complexo de Édipo. É essencialmente em torno da dimensão do pai imaginário que a criança encontra o pai no Édipo, como elemento interditor, capaz de colocar em questão a certeza de sua identificação fálica.

Nesse momento, há um deslocamento do olhar da mãe para outro lugar, possibilitando também ao bebê essa nova referência. Os pais da realidade, objeto ou situação

podem operar como interditores na relação mãe-filho, fundando, dessa forma, a possibilidade de desejar as saídas para essa falta que se instala. Fala-se do pai da realidade, mas isso não garante que a interdição entre mãe e bebê seja mantida pela existência do mesmo como na situação vivenciada por Roberto analisada na construção do segundo caso. A desadaptação gradativa da mãe frente à demanda do filho será feita em função da capacidade de este poder suportar as frustrações e do desejo de ela voltar-se para o pai.

Para que esse processo se desenvolva, o pai necessita ser significativo para demarcar sua presença junto à mãe. Essa função do pai ajudará o bebê a buscar o que lhe falta, desejar o que não tem, aliviando-o da ansiedade ocasionada pela relação incestuosa junto à mãe. Por outro lado, auxiliará esta mãe a se reconhecer como incompleta, castrada e, de certa forma, impedida de desejar tudo pelo seu filho. O caráter estruturante da função paterna tem sentido quando apoiado numa estrutura de conjunto em que a mobilidade de um dos elementos pode modificar a lógica das relações e leis internas desses elementos. Para a criança fundar a identidade sexual e psíquica na conflitiva edipiana, pai e mãe têm importância pela posição que ocupam na circulação dos lugares simbólicos em que ela vive.

O que torna legítima a presença do pai, simbolicamente representado, é o terceiro elemento com força suficiente para deslocar o desejo da mãe para outro lugar, além do filho. Essa interrupção na cadeia mãe-filho é fundante para a condição humana, uma vez que a cultura com todos os ideais e desejos se realiza onde a falta está instalada. Seja no lugar da clínica ou no lugar da escola, recorre-se à função paterna como um tributo necessário na constituição da subjetividade. A busca de um referente para explicar o sofrimento psíquico na neurose, psicose ou perversão passa pela função paterna e pelas marcas deixadas pela sua presença ou pela sua trágica ausência. A possibilidade de representar a pulsão, centro de energia psíquica, em palavras, gestos, sentimentos e pensamento é iniciada com a função

paterna. Lá onde se instalou a falta provocada por uma frustração, tem origem o desejo que pode ser simbolizado de diferentes formas.

### 5.3 DO REAL AO IMAGINÁRIO - DO IMAGINÁRIO AO SIMBÓLICO: COMO TRANSITAM OS REGISTROS

A função paterna é aquilo que Lacan<sup>122</sup> chama como “a lei do pai” e que normatiza o desejo da criança. A sua presença ou ausência ou o tipo de personalidade do pai não são considerados elementos centrais para garantir a existência da função paterna. Nos casos em que o pai não está presente, ou quando a criança é deixada sozinha com a mãe, o complexo de Édipo ocorre tanto para normalizar o desejo do sujeito com o reconhecimento simbólico da lei do pai, como para forcluir o seu registro. A função paterna trata da posição do pai na família e do modo como ele interdita a relação da mãe com o filho.

→ O que é o pai? Não é o pai real e nem um pai idealizado, mas aquele que substitui o primeiro significante introduzido pelo significante materno: portanto, tem um registro no complexo de Édipo. O desenvolvimento psíquico do bebê não dispensa objetos reais, pais ou seus representantes, para dar sentido ao imaginário da relação e também à castração, embora a presença dos mesmos não garanta que os mesmos ocupem o lugar de significação. A metáfora do nome-do-pai assegura sua eficácia se na estrutura psíquica da criança exercer a função de recalque do significante do desejo da mãe. Para Lacan<sup>123</sup>, o que autoriza o texto da lei é estar no nível significante que dá esteio à lei, que promulga a lei interditando o filho de tornar-se objeto de desejo da mãe.

Lacan, ao falar da metáfora paterna, a revela em três níveis: o pai inicialmente castra simbolicamente o filho, quando ocupa um lugar junto à mãe, gerando rivalidade. Se o pai

---

<sup>122</sup> LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5, p. 173.

<sup>123</sup> *Ibidem*. Livro 5, p. 152.

frustra o filho da posse da mãe, é porque ele é o detentor desse objeto. Estando presente ou não, até um telefonema pode simbolizar que ele existe e portanto é capaz de intervir. A frustração nesse segundo nível se faz presente diante de um objeto real e que é desejado. Num terceiro nível, a privação intervém uma vez que o pai é um objeto preferível para a mãe, não restando outra opção que não seja a da identificação. O Ideal de Eu é instituído nesse momento de amor ou de ódio. O importante é que, na passagem de ser a ter o falo, se faça presente o processo de identificação. O filho renuncia à posição narcísica imaginária de ser o objeto completo, para, através de identificações com o outro, passar a buscar o que ele tem.

Segundo Lacan<sup>124</sup>, o pai castra a mãe do que simbolicamente ela possui. Entretanto, é a mãe que se revela objeto privado, cabendo ao filho aceitar, registrar, simbolizar e dar valor de significação a essa privação. Esse ponto é definido como uma encruzilhada no complexo de Édipo uma vez que implica aceitar ou recusar a privação, assumir ou não a falta para que o simbólico exerça um valor operante.

A metáfora paterna é uma primeira simbolização entre a criança e a mãe; um símbolo é colocado no lugar da mãe. Nesse sentido, a posição do nome-do-pai como tal ou como procriador é uma qualidade simbólica. Essa posição pode ser materializada de diferentes formas ou através de representantes da cultura, dependendo especialmente da cadeia significante. As experiências do sujeito remetem-no a uma vivência primeira, acompanhada pela mãe e que têm um valor representativo de grande significação. Jöel Dor<sup>125</sup> refere que o

---

<sup>124</sup> LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5, p. 191.

<sup>125</sup> “O pai nunca é captado ou apreendido senão sob a forma dessa *imago paterna*, isto é, uma figura do pai tal como a criança tem interesse de perceber na economia do seu desejo, mas também, tal como consegue uma representação a partir do discurso que a mãe lhe sustenta. O que, para a criança, é estruturante, é que ela possa fantasmear um pai, isto é, elaborar a figura de um pai imaginário, a partir da qual ela investirá, ulteriormente, a dimensão de um pai simbólico. No caso extremo em que o pai real é ausente ou “designado inexistente” na realidade, nem assim deixa a função estruturante de ser ainda potencialmente operatória, na medida mesmo em que esta referência a um “outro” (heteros) é significada no discurso materno como uma instância terceira mediadora do desejo do Outro”. DOR, Jöel. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. P. 27-29.

pai terá um lugar no registro imaginário ou simbólico, dependendo de como foi investido de significado pela mãe na economia do desejo da criança.

A função paterna agrega o significante nome-do-pai, a fala articulada do pai e a lei que está relacionada a ele pela palavra da mãe. A função paterna representa a inscrição do sujeito na cultura; passagem de uma posição imaginária para o registro simbólico, em que é possível não somente viver uma idéia de gratificação e de totalidade, mas principalmente um lugar de confronto com a falta, incitando o reconhecimento da diferença e da incompletude.

#### 5.4 PAI SIMBÓLICO

Representa o confronto com a castração, deslocando o objeto de desejo da criança para outra instância além da mãe. O pai simbólico regula a lei do desejo que a criança tem pelo objeto, ou seja, ela deixa de ser o falo, recalca esta posição imaginária e ocupa o lugar de sujeito desejante regulado pelo nome-do-pai. A renúncia simbólica ao objeto fundamental de seu desejo assegura para a criança a possibilidade de poder se manifestar como sujeito desejante. O advento do simbólico é decorrente do reconhecimento pela criança, de que a ele foi atribuído um valor fálico e de que a mãe nele encontrará o objeto desejado. Se o pai no registro simbólico é castrador, também é investido da qualidade de doador para a falta na mãe. Uma criança que sofre maus tratos ou que é submetida a um pai tirânico, possivelmente terá dificuldade para entender a dialética da representação de um pai que castra, mas provê o outro daquilo que lhe falta.<sup>126</sup>

---

<sup>126</sup> “A metáfora do Nome-do-Pai, que atualiza a castração, é necessariamente isomórfica à simbolização da Lei. Em consequência, a castração só poderia intervir no complexo de Édipo sob o aspecto de uma castração simbólica, à falta da qual permaneceria radicalmente ininteligível”. DOR, Joël. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. P. 54.

## 5.5 PAI IMAGINÁRIO

Representa a identificação fálica da criança como objeto de desejo da mãe. Esta identificação imaginária de que ela é o objeto fálico a subtrai da castração. A criança, numa relação fusional com a mãe, mantém-se estranha à castração e presa como o único objeto que pode satisfazer o desejo da mãe. É na passagem do registro imaginário para o simbólico que a criança percebe a exclusão diante de um intruso que priva, frustra e interdita a sua relação com a mãe<sup>127</sup>. É essencialmente em torno da dimensão do pai imaginário que a criança encontra o pai no complexo de Édipo, como elemento interditor, capaz de colocar em questão a certeza de sua identificação fálica.

## 5.6 PAI REAL

O pai real assume consistência quando desloca o desejo da mãe para outro lugar, questionando a economia do desejo do filho. Inicialmente estranho à relação, intervém de forma intrusiva, suscitando incerteza psíquica quanto ao investimento fálico da posição imaginária. A incerteza do investimento psíquico da criança em relação ao objeto de desejo da mãe faz surgir o pai imaginário, capaz de privar, interditar e frustrar. Neste sentido, o pai real não é necessariamente o pai da realidade. Pode ser um significante que intervém na cadeia significante da relação mãe-filho.

## 5.7 A FUNÇÃO MATERNA, A FUNÇÃO PATERNA E A TRANSGERACIONALIDADE

A palavra existe para a criança desde antes da sua concepção quando ela já fazia parte do discurso parental. A criança é falada pelos pais e disto resulta a sua condição de sujeito,

saindo do estado de pura natureza para ingressar na cultura. A voz paterna é a ponte que faz a mediação simbólica entre o bebê e a mãe, assegurando que um significante se faça representar para outros significantes. O balbucio é uma forma de a criança falar da sua presença naquele espaço, de dizer que sua mãe pode aparecer e de que ela está se propondo a esta recuperação. A voz do pai invoca o nome do pai, rompendo com o desejo imaginário de ser o falo materno.

Só a dimensão simbólica permite à criança não pertencer exclusivamente a um ou outro, pai e mãe separados, e sim viver referida a um e a outro enquanto ser ternário, trinificado. Só nesse momento a criança pode nascer para a dimensão simbólica: é o fruto vivo de um encontro de amor, nesse lugar-tempo de concepção, mas também é esse ser em devir, que assume seu crescimento, seu trabalho, travessia na existência, sua autonomia, tão logo interiorize e exerça as funções que seus pais assumiam por ela: ela me levava - eu me levo; ela me alimentava - eu me alimento; ela me lavava - eu me lavo. Ser genitor é saber tomar parte, compartilhando, separar-se sem abandonar, participar, cumprir seu papel na partição da vida, no coração de um parto que reparte entre os diferentes parceiros um mesmo risco de morte, pois a vida é risco desde o início<sup>128</sup>. Portanto, uma criança existe a partir de uma preexistência: uma mãe e um pai.

O nascimento do filho reedita nos pais as identificações primárias e, quando não verbalizadas, são faladas através de sintomas psicossomáticos. A angústia do nascimento de um filho faz retornar nos genitores a ansiedade de separação experimentada primitivamente com seus pais internalizados. Para ser pai, o homem deve identificar-se com sua mulher? Não, certamente. Mas se a criança é pensada na relação mãe-filho, como fazendo parte do corpo da mãe, o pai será apenas um genitor. O pai que participa do nascimento do filho poderá despertar sofrimento naqueles que se sentem excluídos da cena por experimentarem a dor de não terem passado pela filiação. As emoções que impregnam o homem de dor, alegria,

---

<sup>127</sup> DOR, Joël. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. P. 48.

<sup>128</sup> THIS, Bernard. *O Pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. P. 176.

angústia junto do filho que nasce expressam as identificações com seu pai, herança singular na ordem das gerações. O que faz um pai ter tanta representabilidade para os filhos apesar da fragilidade corporal, da ausência física ou da própria morte?

Freud, e também This<sup>129</sup> utiliza uma metáfora bíblica para referir a nomeação do pai simbólico. Passador da margem de um rio, Cristóvão viu uma criança vir a ele; colocou-a em seus ombros para atravessar o rio, mas a lenda conta que esteve a ponto de sucumbir no meio das águas, sob o peso da criança que não era outro senão o Cristo. Para cumprir sua perigosa missão, o portador do menino se apoiou em seu bastão. “Cristóvão carregava Cristo, Cristo carregava o mundo. Quem pois carregava Cristóvão?” perguntam os lógicos. Para analisar esta metáfora, o autor refere o nome do pai; uma nomeação introduzida pelo pai simbólico cujo lugar já estava preservado no discurso da mãe.

A eclosão da psicose pode estar relacionada à rejeição da mediação paterna. Isto se explica porque no desenvolvimento inicial a criança depende dos cuidados da mãe para sobrevivência, tendo o pai como um provedor da casa que aparece e desaparece, sem ainda deixar marcas. Se ele desaparece temporariamente, o pai real, contudo, não desaparece definitivamente: o desejo de morte não o mata. Segundo This<sup>130</sup>, a palavra “pai” o representa, o evoca, o chama. Não há pai senão com a palavra, a partir das palavras. Sem palavra, haveria genitores, grandes machos copuladores, mas ninguém poderia dizer-se “pai”, “filho” ou “filha”. A paternidade está, pois, essencialmente ligada ao fato de falar. O interdito do incesto, exercendo seus efeitos, separará o filho de sua mãe: “Ela será sempre tua mãe, jamais tua mulher.”

Freud colocou a paternidade na origem da história através do drama da morte do pai em *Totem e Tabu*, momento em que o filho devora o pai e incorpora seus atributos através da identificação primária. Neste sentido, o pai simbólico não é forçosamente o genitor, mas o pai

---

<sup>129</sup> THIS, Bernard. *O Pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p. 161.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 193-194.

marcado pelo desejo de morte, aquele que marca a diferença. Separa a criança da mãe para inseri-lo na condição de simbolizado; o filho de um homem e de uma mulher. A marca da castração simbólica deve ter sido operante para que na condição de pai a criança possa reconhecer a diferença sexual sem confundir pai e mãe. A definição de paternidade pressupõe que ambos, pai e mãe, estejam inscritos na ordem simbólica. A mãe desloca o olhar em direção do pai e possibilita que este olhe para o filho. O pai, como invenção da linguagem, sinaliza a entrada no simbólico através do ato interditor, o corte humanizante que permite ser incorporado em seus atributos pelo filho. Aquela que diz: “Não, isso tu não podes fazer... Não podes ocupar meu lugar, entrar em meu corpo, ser minha palavra”<sup>131</sup>.

#### 5.8 A FUNÇÃO PATERNA, A CRIATIVIDADE E O PENSAMENTO

Ao nascer, o bebê e a mãe vivenciam uma relação a dois, momento em que prevalece o olhar de um sobre o outro. Se ambos se abastecem nessa relação, a tendência é de que os dois permaneçam nessa relação simbiótica onde não há mais o que desejar. Mãe e bebê se constituem em extensão narcísica de um corpo indiferenciado. Para romper com essa relação a dois, que basicamente representa um único sujeito, é que o pai surge como interditor e demarcador da diferença. As conseqüências deste rompimento podem resultar na possibilidade de o sujeito pensar, criar, estabelecer as relações possíveis a partir de uma rede conceitual. Piera Aulagnier<sup>132</sup> diz que o sujeito conhece o mundo quando o representa através de cenas que lhe sejam inteligíveis e que estejam inseridas num esquema relacional próprio. Embora o discurso cultural pretenda definir a realidade, ela só pode ser interpretada a partir do que possa representar ao sujeito que é efeito da onipotência do sistema que o representa. Se o sujeito é auto-engendrado pela atividade do sistema que o representa, pode-se questionar a

---

<sup>131</sup> THIS, Bernard. *O Pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. P. 206.

<sup>132</sup> AULAGNIER, Piera. *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985. P. 29.

originalidade do ser humano. A autora fala de “réplicas do outro”, para situar a alienação endógena gerada antes do estágio do espelho, na fase oral quando ocorre o confronto entre o ego e o ego especular.

Se este é o ponto de chegada para Aulagnier<sup>133</sup>, deve-se situar também o ponto de partida na história do sujeito que fala. Para esta autora, a história começa antes. O sujeito traz um nome “acorrentado” a uma subjetividade, cujo lugar no inconsciente materno teve início na concepção. Para que se instale a subjetividade, o corpo do bebê é imaginado, concebido como unificado e separado da mãe. Se a mãe não imagina o bebê separado e o vê como parte dela, ela o exclui da lei simbólica.

Aulagnier destaca a mãe como portadora do privilégio de aproximar a realidade à criança, mas é ela também quem porta as referências identificantes da marca paterna. Essas inscrições impostas dependem do lugar que pai e mãe ocupam um frente ao outro em sua relação com a criança. Quando a criança coloca o desejo da mãe como diferente do seu, ela também se coloca como um outro objeto, ocupando outro espaço e saindo da posição de interesse exclusivo; deixará de desejar o que a mãe deseja.

Maneira pela qual a mãe investirá a criança, o papel que esta última terá em sua economia afetiva é sempre parcialmente dependente da relação presente entre os dois genitores. A análise da interação criança-mãe não pode ser separada da análise da relação do casal: o ambiente psíquico que acolhe o recém-nascido foi antecipado por esse meio relacional no qual um casal evolui, e não uma mãe onipotente e única responsável pela organização desse meio.<sup>134</sup>

A possibilidade de pensar concede ao sujeito apropriar-se das significações nomeadas pela linguagem, reconhecendo necessidades, direitos e desejos próprios, a partir da relação com os iguais. Em “*Os destinos do prazer*”, Aulagnier refere a importância dos objetos que atendem as necessidades, como representantes das pulsões; são os responsáveis

<sup>133</sup> Idem. Observações sobre a Estrutura Psicótica. In: KATZ, Chaim S. (Org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991.

<sup>134</sup> AULAGNIER, Piera. *Um Intérprete em Busca de Sentido*. São Paulo: Escuta, 1990. V. 2, p. 121.

pelo retorno das demandas e pela atualização do desejo. Na relação mãe-bebê não há simetria perfeita, uma vez que as inscrições de desejo estão presentes no Eu materno, responsável pela instalação do amor, em oposição à paixão ou ao silêncio do corpo do filho.

A função epistemofílica surge com as demandas que um “eu” faz a um outro “eu” atendendo às solicitações da realidade, desacreditando, reivindicando e descobrindo sua independência intelectual. Assim nascem as representações de objeto, trazendo em cena a possibilidade de simbolização. Segundo Winnicott<sup>135</sup>, há uma relação entre o pensar e a formação de símbolos. O psicanalista que trabalhou durante quarenta anos na clínica com crianças defende que o pensar começa como uma maneira pessoal que o bebê tem para lidar com o fracasso graduado de adaptação da mãe. A patologia do processo de simbolização aparece quando há uma adaptação forçada, ou seja, um fracasso da adaptação em função de uma atitude inadequada da mãe.

O discurso antecipado da mãe, a oferta de significação e a adaptação total às necessidades da criança não dão espaço para que esta deseje e busque ideais próprios. Trata-se de uma relação fusional entre mãe e filho em que o caos permanece subjacente a uma situação aparentemente normatizadora. O efeito antecipador da palavra materna é necessário desde o início da vida da criança, mas é imprescindível que esta criança apreenda, a partir desse registro, o sentido do discurso para que o Eu se aproprie da atividade de pensar.

## 5.9 O PAI E SUA FUNÇÃO INOPERANTE

Não basta que o pai esteja presente para que ele ocupe o lugar que lhe é devido. Tornar-se um líder das multidões ou um tirano no uso abusivo das leis pode representar uma subjetividade que ainda clama pela ausência do significante nome-do-pai, o lugar do pai que

---

<sup>135</sup> WINNICOTT, D. W. O Pensar e a Formação de Símbolos. In: WINNICOTT, Clare et al. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ainda permanece vago. Quando o nome-do-pai não se faz presente, pode estar forcluído, e a função simbólica torna-se inoperante. A lei existe, mas não se faz representar; ela é negada pelo sujeito pela ineficácia do significante. A inoperância da função paterna pode designar o conceito de foraclusão; uma construção teórica que explica a origem da psicose, uma defesa inadequada e mórbida contra o perigo da lembrança da castração. A castração designa uma experiência inconscientemente vivida pela criança e consiste no reconhecimento da diferença sexual. A criança vivia a ilusão de que ela era completa e não necessitaria do outro para ordenar o seu desejo. Com a identificação das diferenças anatômicas entre homens e mulheres e com o reconhecimento dos papéis de pai e de mãe, a criança vai tomando consciência de que ela necessita do outro para suprir o que lhe falta.

Foraclusão é um conceito que designa desordem ou inoperância na simbolização. A castração não teve um registro eficaz no inconsciente. A foraclusão se manifesta através dos fetiches, somatizações, estereotípias, homossexualismo e especialmente através das defesas utilizadas pelo perverso. Os mecanismos utilizados pelo perverso são da ordem da foraclusão. A versão do perverso é fundada por ele e a sua trajetória é continuar burlando a lei.

A foraclusão reedita o confronto do sujeito com a negação da diferença sexual, ou seja, ela estabelece uma permanente e desafiante provocação à lei. Nasio<sup>136</sup> fala da experiência de castração na criança como uma consolidação da renúncia por um lado, mas do agravamento da dor por outro. A criança compreendeu estar incompleta, a partir da constatação da falta na mãe e da internalização da proibição do pai. Abandonando a mãe, objeto de seu desejo, ela se salva e atravessa uma crise estruturante, embora dolorosa. É desse intolerável registro da experiência de castração no inconsciente que o eu se defende através da foraclusão. Enquanto o psicótico se organiza forcluindo a lei, o perverso goza na foraclusão.

---

<sup>136</sup> NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

Freud<sup>137</sup> designa a negativa como um modo de tomar conhecimento do que está reprimido. A função intelectual aqui está separada do processo afetivo. Com o auxílio da repressão, apenas uma conseqüência do processo de repressão é desfeita, ou seja, o fato de o conteúdo ideativo daquilo que está reprimido não atingir a consciência. O resultado disso é uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, persistindo o que é essencial à repressão.

A forclusão é, portanto, uma falta desta falta do recalque originário. Freud refere a forclusão como a inscrição da castração no inconsciente e Lacan faz a forclusão referir-se aos dois tempos do complexo de castração: por um lado a crença de um pênis universal, e de outro, a percepção de sua ausência, confirmada pela interdição.

This<sup>138</sup> refere que na psicose há carência no simbólico, um significante fundamental parece ausente. Os homens, quando se tornam pais, ao se imaginarem filhos, estarão promovendo o nascimento de um sujeito não somente no sentido da procriação, mas também da função paterna. Para o autor, o que não foi simbolizado, o que foi subtraído, recusado, rejeitado, retorna no Real de uma maneira invasora. Quando um homem não foi “paternado” simbolicamente, ao ser confrontado com a paternidade, não pode assumir seu papel de pai: desmorona. A “forclusão” de um significante fundamental, rejeição da referência paterna, parece produzir efeitos definitivos: a ordenação simbólica já não organiza o mundo, é o caos. O imaginário e o real se confundem. Na forclusão, há rejeição de um significante primordial para fora do universo simbólico, retornando no real nas manifestações delirantes do sujeito.

Juan Nasio<sup>139</sup>, analisando o conceito de forclusão, declara que, desde seus primeiros textos, Freud se dedicou a destacar um mecanismo de defesa próprio da psicose, defendendo a

<sup>137</sup> “O desejo sexual de negar, o negativismo que é apresentado por alguns psicóticos, deve provavelmente ser encarado como sinal de uma desfunção de instintos efetuada através de uma retirada dos componentes libidinais. O desempenho da função de julgamento contudo não se tornou possível até que a criação do símbolo da negativa dotou o pensar de uma primeira medida de liberdade das conseqüências da repressão, e, com isso, da compulsão do princípio do prazer”. FREUD, Sigmund. A Negativa. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 19, p. 300.

<sup>138</sup> THIS, Bernard. *O Pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. P. 191-192.

<sup>139</sup> NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991. P. 150.

tese de que as doenças mentais se expressam pela inadequação das defesas. Tanto nas neuroses quanto nas psicoses, há uma incapacidade do sujeito de se defender contra o perigo de uma representação psíquica intolerável. O “eu” não resiste à ameaça de um ressurgimento de experiência dolorosa de castração excessivamente investida, cuja representação permanece no inconsciente. A experiência intolerável para o sujeito é a percepção de que a mãe seja castrada e, portanto, ele também é destituído do falo, ficando submetido à lei do pai. É esta experiência que é forcluída, pelas conseqüências intoleráveis e pela renúncia a que o sujeito tem de se submeter. Entendido o significado do nome-do-pai como a expressão de uma palavra, um gesto, uma ação que ocupa o lugar da metáfora do desejo da criança ou da mãe, ele será sempre um terceiro elemento a instituir e ordenar o limite do sujeito. Mãe e pai considerados como pessoas reais são atravessados pela lei simbólica garantindo ao filho que a ele também seja instituída a castração com todas as dificuldades que esta trajetória supõe. Na forclusão, suspende-se a solicitação de um objeto faltante.

#### 5.10 ENCAMINHAMENTOS

O processo de simbolização tem sua origem na função paterna. Ela é demarcadora de um espaço onde transitam a criatividade, o pensamento e a imaginação. A função paterna institui o paradoxo da separação e da união do bebê com a mãe. É nessa dialética da presença e da ausência que o bebê cria um objeto para substituir a falta instalada pela frustração dosada da lei paterna. A possibilidade de inventar alguma alternativa para trazer de volta o objeto de amor vai ocorrer na medida em que este objeto estiver preservado em lembrança, abastecendo o ego ainda frágil do bebê. A falta é suportada pelo bebê, dando origem ao desejo, quando no espaço potencial deixado pelo afastamento da mãe não houve ruptura da confiança.

## 6 A CRIANÇA DE ESCOLARIDADE INICIAL

Esta seção faz uma análise sobre a saída da criança de casa e a sua entrada na escola. Essa questão possibilita um marco no desenvolvimento do sujeito durante a infância, indicando a primeira grande ruptura da família para ingresso em um grupo mais amplo de pessoas com as quais se identificará. Esta criança necessita do apoio dos adultos, pais e cuidadores, para que este processo ocorra. Nesta seção são apresentadas idéias sobre o desenvolvimento da criança na escolaridade inicial, sobre a sexualidade e as atividades sublimatórias traduzidas na pulsão de saber. Um espaço é dedicado às narrativas infantis, especialmente em relação ao papel que desempenham na revisão dos conflitos vivenciados pela criança na sua infância inicial. São apresentados inicialmente os elementos teóricos e conceituais que explicam as aquisições iniciais da criança, permitindo-lhe o seu ingresso nas regras e modos de relação próprios da cultura escolar.

### 6.1 UMA CRIANÇA EM DESENVOLVIMENTO INGRESSA NA ESCOLA

A criança, quando ingressa na escola, traz marcas da cultura familiar instituídas a partir das relações que foram estabelecidas para a sua sobrevivência e que mais tarde transformam-se em representações de objetos internos. Os questionamentos<sup>140</sup> sobre a representação da função paterna na vida da criança que no início do processo de escolarização apresenta alguma problemática na elaboração dos seus saberes e conhecimentos têm sido tema de discussão inconclusa entre a escola e os demais responsáveis pela educação da criança.

---

<sup>140</sup> “As aprendizagens formais, exigidas da criança quando ingressa na escola, reativam a pulsão epistemofílica, dirigida agora ao conhecimento. A pulsão sexual é reprimida e representada pela busca do jogo, trabalho, desejo de conhecer, embora a significação da descoberta e do aprender traga consigo as experiências dos primeiros vínculos”. MAGGI, Noeli R. O Desenvolvimento Afetivo da Criança e a Aprendizagem na Escola. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 23/24, p. 156, 1998.

A dificuldade para elaborar as frustrações e os limites pessoais se constitui obstáculo para imaginar e criar; elementos fundamentais no processo de aprendizagem. Para explorar esse estudo, algumas reflexões teóricas anunciam elementos que são fundantes desta área do desenvolvimento humano.

O aprender, formal e não formal, está diretamente ligado à constituição subjetiva que é formada a partir de como o sujeito é anunciado e inscrito nas primeiras relações estabelecidas com os pais. O funcionamento psíquico da criança reedita e atualiza permanentemente essas relações. A resistência da criança diante dos desafios propostos pela aprendizagem e a dificuldade de reprimir os impulsos governados pelo princípio do prazer nos remetem às identificações primárias e às primeiras relações de objeto que a criança traz em sua história. Com o ingresso da criança na escola, há o constante desafio de enfrentar a realidade com suas diferenças, tanto em relação ao objeto do conhecimento como em relação às pessoas envolvidas no ato de aprender. Muitas escolas de psicanálise preocuparam-se com a constituição psíquica dos bebês e com as primeiras relações estabelecidas com os pais para compreender as possibilidades ou não dessas crianças desenvolverem o pensamento.

Freud<sup>141</sup>, ao falar dos dois princípios reguladores do funcionamento mental, princípio de prazer e princípio de realidade, explica que o desenvolvimento humano é um processo regulado pelo esforço contínuo do sujeito em afastar-se de qualquer evento que possa despertar sofrimento, ou seja, são mecanismos de defesa a serviço do princípio de prazer. Mesmo nos sonhos, a tendência é afastar impressões aflitivas, mostrando a força do princípio do prazer sobre o princípio da realidade. Esse princípio teórico da psicanálise não exclui o necessário investimento libidinal nos cuidados iniciais com o bebê que exige gratificação plena das suas necessidades, para que, mais abastecido e integrado, possa suportar a angústia de desamparo.

---

<sup>141</sup> SIGMUND, Freud. Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 12.

Para falar do desamparo, recorro a Winnicott<sup>142</sup>, cuja referência nos coloca de frente com a questão do olhar da mãe sobre o filho. É na presença de uma mãe “suficientemente boa” que a criança se reconhece nos cuidados maternos, no olhar e na busca de saídas para as dificuldades encontradas, rumo à independência. Os seres humanos maduros só se reconhecem como tal na medida em que, junto de um outro, cuja relação se confirma pela mútua interdependência, podem se olhar e continuar buscando em outros olhares e referenciais o objeto de desejo. Se a criança olha a mãe e se percebe, não vai se sentir só ou desamparada. A mãe lhe confirma, através do seu olhar, que o filho está ali e que, portanto, existe. Se a criança no olhar da mãe somente conseguisse percebê-la, ele não teria espaço de existência. Tudo estaria fora, na mãe. O olhar da mãe é o elemento impeditivo de um possível desamparo do filho.

Por outro lado, é Winnicott<sup>143</sup> quem também aponta a grande possibilidade de criação da criança quando experimenta o espaço do vazio. Um espaço virtual entre o bebê e a “mãe suficientemente boa”, em que há necessidade de criar algo para aliviar a ansiedade da separação. Se a “mãe suficientemente boa” provoca uma privação suportável no bebê, esse se obriga a inventar um substituto para esse vazio. Os objetos transicionais, comumente configurados pelo cobertor, bichos de pelúcia, objetos de cheirar, são criações do bebê, que, de alguma forma, confortam a ausência de um objeto que já esteve presente. O lugar que não é interno, mas também não é externo ao bebê, denomina-se “espaço potencial”, espaço da criação, da imaginação.

---

<sup>142</sup> WINNICOTT, Donald W. Da Dependência à Independência no Desenvolvimento do Indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

<sup>143</sup> “O lugar em que a experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente. O mesmo se pode dizer do brincar. A experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiramente na brincadeira. Para todo indivíduo, o uso desse espaço é determinado pelas experiências de vida que se efetuam nos estádios primitivos de sua existência. Desde o início, o bebê tem experiências maximamente intensas no espaço potencial existente entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre extensões do eu e o não-eu”. WINNICOTT, Donald W. O Lugar em que Vivemos. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 139.

Destacando o que se conhece da obra de Piera Aulagnier<sup>144</sup> sobre o início da vida psíquica, retomamos o papel da mãe como o grande privilegiado em levar a realidade à criança, permitindo as possíveis referências identificatórias portando a marca paterna. A existência e efetividade da marca paterna vai depender da posição que os pais ocupam entre eles e em relação à criança. As primeiras inscrições e representações na atividade psíquica da criança são designadas pela mãe ou representante dessa função.

Ao pensarmos o modo de funcionamento do psiquismo, retoma-se logo a condição do Eu, que assume um grau de autonomia necessário à atividade de pensar, relativo aos registros de significação interligados. A possibilidade de pensar permite ao sujeito apropriar-se das significações nomeadas pela linguagem, reconhecendo necessidades, direitos e desejos próprios, a partir da relação com os iguais. Essa relação poderá ser aparentemente tanto normatizadora, quanto fusional entre a mãe e o filho; se for fusional, permanecerá o caos subjacente. A autora afirma que a perda do objeto materno originário pela criança, tendo que ser criada pela mãe substituta, gera dificuldade de recapturar o cheiro, a textura, a voz do objeto primordial, podendo causar o fracasso na sua ressimbolização. Essa experiência é reeditada também em momentos de aprendizagem escolar.

É fundamentalmente em Piera Aulagnier<sup>145</sup> que vamos encontrar a necessidade de investimento da mãe sobre a criança. Neste caso, a mãe investe sobre a criança, dando-lhe um

---

<sup>144</sup> “Para a criança 'sobreviver' é necessário a persistência de um investimento libidinal que resista a uma vitória definitiva da pulsão de morte. Desde que estas condições sejam dadas, a presença de uma atividade psíquica é garantida, qualquer que seja seu modo de funcionamento e suas produções. [ . . . ] A partir daí, poderá se consolidar a aquisição de uma certa autonomia da atividade de pensar e do comportamento. Essa etapa coincidirá com o declínio do complexo de Édipo e com a repressão que exclui do espaço do Eu uma série de enunciados que formarão a repressão secundária. Eis porque, no que se refere ao Eu, existe um limite abaixo do qual este último se vê impossibilitado de adquirir, no registro da significação, o grau de autonomia indispensável para que o Eu se aproprie da atividade de pensar. [ . . . ] O efeito antecipador da resposta materna está presente desde o início; o efeito antecipador de sua palavra e do sentido que ela veicula, deverá ser, posteriormente apreendido pela criança. Antes de qualquer análise do que se passa nos dois espaços psíquicos, esclarecemos que, separar de um lado os fatores próprios ao representante e do outro, os que pertencem ao enunciante (mãe), é uma necessidade didática, mas na realidade a interação é constante”. AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 37-39.

<sup>145</sup> “O mundo só existe porque é suporte de investimento, a criança só existe porque representantes desse mundo o investem. Evidência que tem um corolário menos banal: o investimento de um mundo cuja exterioridade a psique não pode ainda reconhecer, exige que a psique possa dar-se uma representação dele que o metabolize em

suporte para a sua existência. Embora não haja ainda o reconhecimento desse investimento, a psique necessita metabolizar num espaço complementar essas representações, para, mais tarde, a criança se auto-apresentar num estado próprio de suposta completude.

Joyce McDougall<sup>146</sup> afirma que, na concepção de muitas mães, é natural que o filho seja um prolongamento dela mesma. Isso lhe permite interpretar, à sua maneira, os estados de sofrimento da criança e, portanto, decidir o que ela sente ou do que necessita. A afirmação da autora, a partir de sua experiência clínica, faz eco no trabalho desenvolvido com crianças em outros espaços como na escola. Quando se encontram fusionadas no desejo de adultos ou desamparadas de um olhar que as nomeie, não conseguem dar sentido ao que lhes é proposto, têm dificuldade para organizar sua própria realidade psíquica e para se proteger das situações que as ameaçam.

Se não houver criação do espaço psíquico potencial entre a mãe e o filho, ou se o espaço for deficiente, surgirão dificuldades para a criança simbolizar, podendo ocorrer transtornos efetivos na aprendizagem. A entrada na escola exige que a criança transponha os obstáculos sem a presença da mãe. Sílvia Bleichmar<sup>147</sup>, quando analisa os fundamentos da tópica psíquica que se assentam a partir do narcisismo materno, sugere que os cuidados primordiais que dão origem aos objetos internos sejam o único receptáculo possível do amor do ego, mesmo antes que este se estruture como instância na criança.

Se, por um lado, há preocupação em analisar como se enlaçam na origem psíquica os elementos oriundos do real externo, administrados primordialmente pela mãe, por outro, os

---

seu espaço complementar, metabolização necessária para que ela possa se auto-apresentar seu próprio estado de completude". AULAGNIER, Piera. *Um Intérprete em Busca de Sentido*. São Paulo: Escuta, 1990. V. 2, p. 132.

<sup>146</sup> McDOUGAL, Joyce. *Teatros do Corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>147</sup> "A mãe exerce um papel duplo e primeiro nas representações internas da criança, tanto no sentido de gerar prazer e amenizar a dor, como no sentido de possibilitar abertura do sistema desejante, buscando prazer em realizações secundárias. Seguindo o percurso teórico desta autora, deparamo-nos com as afirmações de que as representações que a criança tem dos pais não têm o mesmo caráter, não são todas da mesma ordem e ingressam de diferentes maneiras no psiquismo em função dos modos de investimento e das potencialidades simbólicas disponíveis no momento da relação". BLEICHMAR, Sílvia. *A Fundação do Inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. P. 4.

mecanismos de troca que o sujeito estabelecerá com o meio, inclusive as vias de poder saber e aprender, serão decorrentes da base originariamente constituída.

Folberg<sup>148</sup> faz referência a uma possível relação da mãe com o filho em que a “lei” única e impositiva desta dificultará a abertura de espaços para outras referências sociais compartilharem na vida da criança. A mãe que não se fez passar pela “lei paterna” terá dificuldade de abrir novas possibilidades de relação.

O que garante o acesso de novos elementos na ordem das relações e das representações, propiciando um enriquecimento psíquico é o substrato econômico do sujeito que permite a passagem e a troca de dados, oportunizando uma reatualização constante e uma possibilidade de encontro com o novo, o diferente, o distante. Esse sistema é exigido no momento em que a criança se encontra com o objeto do conhecimento e necessita, para apropriar-se dele, incluí-lo numa ordem de representação que lhe é própria.

As crianças encaminhadas para tratamento porque não conseguem dar significação aos novos elementos apresentados nas situações de ensino escolar podem encontrar-se numa relação fusional com a mãe e, portanto, não se resignam em deparar com a falta e com a incompletude pessoal, ou não permitem o acesso de instrumentos e trocas com o outro porque não foram investidas psiquicamente para desejar. Tem-se evidência de que a relação fusional, isto é, ausência de subjetividade, incapacita a criação do espaço potencial do qual se origina a incipiente simbolização.

Para compreender melhor a história da criança, Sílvia Bleichmar<sup>149</sup> faz ainda uma metáfora falando de uma reconstituição de documentos fragmentados, atemporais no sentido cronológico; assinalados pela subjetividade e pela convivência com a alteridade. Todo o processo arqueológico de reconstituição das influências que marcaram e operam na

---

<sup>148</sup> FOLBERG, Maria N. Criança Psicótica e Escola Pública. In: FLEIG, Mario (Org.). *Psicanálise e Sintoma Social*. São Leopoldo: UNISINOS, 1993.

<sup>149</sup> BLEICHMAR, Sílvia. *A Fundação do Inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

capacidade de simbolização da criança não é totalmente capturado e será sempre incompleto. Se o conhecimento não é redutível a uma competência cognitiva, os prejuízos, do ponto de vista simbólico, que impedem o processo identificatório poderão estar relacionados com as primeiras identificações registradas no psiquismo, especialmente tratando-se de crianças afastadas de suas mães desde os primeiros tempos. Conforme essa autora,

em uma criança, para quem o objeto materno originário se perdeu, que foi levada a uma mãe substituta, as inscrições primordiais serão metaforizadas, mas os laços metonímicos sofrerão uma fratura, retranscrições parciais do cheiro, da textura, da voz que guardam restos, enquanto humanos (sexualizantes e amorosos), do objeto primordial, mas com dificuldade de recaptura, por retransmissão de contigüidade, aberta a possibilidades potenciais ou ao fracasso de sua ressimbolização.<sup>150</sup>

As representações na criança, quando é privada das gratificações provenientes de necessidades básicas, podem ocupar uma posição de onipotência. Nesse caso, ela pode, embora com muita dificuldade, procurar uma substituição dessa falta, recriando substitutos, por meio de ações simbolizadas como o pensamento. A aprendizagem transita por contínuas construções elaboradas a partir dessas primeiras ritualizações entre a mãe e o bebê e se inscreve também no nível do organismo, do corpo e da inteligência.

Segundo Sara Pain, “um indivíduo recém-nascido, deixado por sua própria conta, não se tornaria um ser humano. Através do conhecimento, ele se constitui como ser humano e vai poder se definir como sujeito, como aquele lugar não repetível que cada um considera seu destino”<sup>151</sup>. O conhecimento no ser humano é construído em função do desejo provocado pela frustração das pulsões. Sendo assim, o desejo é sempre uma representação que vem ocupar o lugar da falta. Fala-se de representações porque não existe para o homem a realidade no sentido natural.

<sup>150</sup> BLEICHMAR, Silvia. *A Fundação do Inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. P. 69.

<sup>151</sup> PAIN, Sara. *Subjetividade-Objetividade: relações entre desejo e conhecimento*. São Paulo: CEVEC, 1996. P. 15.

Existe uma realidade objetiva, cujas leis não são modificadas, mas que cada sujeito pode repensar em função dos seus objetos internalizados. Na ausência do objeto esperado, o sujeito pode manter-se numa posição de onipotência e narcisismo, ou tentar uma substituição dessa falta. Quando a criança recria substitutos da falta, pode simbolizar, pensar, enfrentar obstáculos e desafios. Uma criança pode desejar muito ou, sentindo-se onipotente, de nada necessitar.

Sara Pain situa um exemplo:

se o bebê já se acostumou a esperar a mãe escutando o ruído das panelas nas quais a mamadeira é preparada, seu conhecimento lhe permite que não haja falta. E, se, de repente, ele sentir um silêncio na casa, então começará a se inquietar. E, como o inquietar-se por uma falta se dá na ordem do desejo, ele vai voltar a ter o desejo de não necessitar nada, ou de ter absolutamente tudo. Assim, quando a mãe vier, pode ser que esteja emburrado e não queira comer, ou que coma vorazmente.<sup>152</sup>

Na situação referida acima, percebe-se uma posição de onipotência da criança diante do Outro; momento em que ainda prevalece a necessidade de gratificação imediata. Para Freud<sup>153</sup>, é a ausência da satisfação esperada e o desapontamento experimentado que oportunizam à criança buscar no mundo externo uma nova apropriação, mesmo que isso cause uma espécie de desagrado. Se as crianças não toleram as tensões ocasionadas pelas ausências e pelas privações, possivelmente terão dificuldades para transpor obstáculos na elaboração de novos conhecimentos e de simbolizá-los através de outras representações.

O sistema psíquico trata de expulsar os estímulos desagradáveis, tentando permanecer de acordo com o princípio do prazer e essa é uma aprendizagem que a criança desenvolve na relação com os pais. É com esses que ela aprenderá a buscar substitutos para preencher o espaço da falta. Se a frustração pela falta for devida ao não atendimento de uma necessidade

<sup>152</sup> PAIN, Sara. *Subjetividade-Objetividade: relações entre desejo e conhecimento*. São Paulo: CEVEC, 1996. P. 34.

<sup>153</sup> SIGMUND, Freud. *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 12.

básica, poderá ser traumática, mas, se for devida ao não atendimento de uma gratificação, a criança terá condições de aprender a substituir o objeto do desejo e a esperá-lo, como um bebê que, em vez de chorar na ausência da mãe, se põe a balbuciar tomando a fala pelo outro.

Toda aprendizagem envolve um modo de relação e de criação onde os espaços de falta de resposta, ou de presença de questionamentos, mobilizam o sujeito à invenção. A criança, sujeito da aprendizagem, reatualiza, em cada desafio que a tarefa escolar apresenta, o seu aparato interno a partir da posição que ocupa em relação ao Outro. As aprendizagens revelam e reeditam os modos de relação inicial vividos pela criança. Relação de confiança, ou seja, de vínculo que só pode estar disponível caso esta experiência tenha sido vivenciada, primariamente pela mãe e, mais tarde, pelo bebê. Partindo desse pressuposto teórico, o que impede a criança de enfrentar a alteridade que o objeto do conhecimento impõe? Pais que transitam temporariamente no convívio com os filhos, substitutos eventuais utilizados como “cuidadores” da criança, o nascimento de irmãos em idades aproximadas, a transitoriedade de companheiros por parte de um dos genitores podem instaurar na criança um obstáculo à simbolização?

Segundo Bergès e Balbo<sup>154</sup>, a mãe, enquanto cuida da criança, articula um discurso, introduzindo-a no registro simbólico. Na relação mãe-filho, há diversas ordens tais como: o tocar, o olhar, embora não haja uma fala, há um símbolo que inscreve o discurso no corpo. O discurso da mãe produz representações do recalcado, do sexual, das zonas erógenas que são reeditadas nos momentos de enfrentar novas relações, inclusive a do conhecimento.

Bergès e Balbo referem que, já antes do nascimento, a criança ouve e, nesse momento em que entra em contato com a voz, acelera o seu coração; se a voz não lhe agrada, ela pára de ouvir. “O que é muito importante, nesse discurso que a mãe mantém, é o quanto ele produz

---

<sup>154</sup> BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. *A Atualidade das Teorias Sexuais Infantis*. Porto Alegre: CMC, 2001. P. 66.

do recalçado, do sexual e das zonas erógenas na criança”. A relação mãe-bebê favorece os sentimentos de amor e generosidade, embora o excesso de mimo pode obstaculizar a criança de continuar desejando e enfrentando as dificuldades diante de possíveis privações.

Quando a mãe, de forma onipotente, assumir todo espaço na relação com o filho, impedirá que o pai se faça presente. Não o pai no sentido físico, mas como um significante que representa o sujeito frente a outro significante. Considerando estes elementos, surge a questão: em que momento o sujeito é constituído? No momento em que um significante ocupa o lugar de um outro significante, como no caso da criança que elabora a perda e a recuperação da mãe abraçando a boneca e dizendo “não vou te deixar” ou “vou mas eu volto”, como no jogo do *Fort-Da*<sup>155</sup>. Os desafios da perda e da recuperação e elaboração estão presentes no cotidiano das aprendizagens.

Se, por um lado, na escolaridade inicial, as crianças vivem um tempo em que as potencialidades têm um desdobramento convertendo-se em novas possibilidades de ação, é nesse mesmo tempo que ocorrem desafios em que entra em jogo a constituição subjetiva marcada pelas relações primeiras com os pais. Com relação aos pais inscritos na realidade, não se pode garantir que eles tenham um poder legítimo de intervenção estruturante do ponto de vista do inconsciente, senão de um poder simbólico. A noção de pai parece ser um marco simbólico que é referente na constituição psíquica do sujeito e que opera independentemente de uma cronologia, no sentido de surgir como um elemento organizador da massa aparentemente informe.

Joël Dor<sup>156</sup> afirma que os pais encarnados são homens que representam uma autoridade junto à comunidade mãe - filho. Para esse autor, a entidade paterna, à qual a

---

<sup>155</sup> FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 18.

<sup>156</sup> “Nenhum pai, na realidade, é detentor e, a fortiori, fundador da função simbólica que representa. Ele é o seu vetor. Esta distinção instaura, sob alguns aspectos, o desvio que existe entre a paternidade e a filiação. Por se desenvolver num nível prioritariamente simbólico, a filiação, do ponto de vista de suas incidências próprias, é prevalecente sobre a paternidade real”. DOR, Joël. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. P. 15.

psicanálise faz alusão, depende de uma representação simbólica, podendo ancorar em outro operador da cultura que vá interceder frente à relação do filho com a mãe. Essa entidade pode ser assumida pelo pai genitor, que passa a ser um representante da lei. Para que essa função seja legítima, deverá ser nomeado como tal, deverá ocupar o lugar de reconhecimento e de representante simbólico para estabelecer essa intermediação diante da economia do desejo do filho.

A criança, diante das situações de aprendizagem, vivencia um paradoxo entre desejar e autorizar-se na apropriação do conhecimento e, ao mesmo tempo, necessita conviver com o estado de falta. Para aprender, ela necessita estar investida de um desejo e, ao mesmo tempo, diferenciá-lo como algo próprio, a fim de poder autorizar-se a buscar outros elementos e situações que cumpram a função de complementação das subseqüentes faltas. Todas essas idéias estão enlaçadas originariamente em Freud e, como desdobramento delas, Lacan, Aulagnier e Winnicott passam a reafirmá-las.

Como o referencial teórico da psicanálise é bastante amplo, selecionamos Lacan e Aulagnier, para as referências sobre a constituição do Eu e sobre a função paterna; e Winnicott para as questões sobre o espaço potencial e a simbolização. Os princípios trabalhados pelos autores referidos apontam uma complementaridade a respeito da temática em estudo. Há um verdadeiro enlaçamento das idéias.

## 6.2 O PERÍODO DE LATÊNCIA E A ESCOLARIDADE INICIAL

Aos seis anos de idade, a criança, tendo passado pela experiência do complexo de Édipo, entra no período de latência. Esta época de repressão da sexualidade infantil propicia uma amnésia em relação às primeiras experiências vivenciadas junto aos pais e um fortalecimento das defesas como um mecanismo adaptativo do ego. Sentindo-se demasiadamente exposta junto aos pais e tendo reconhecido a interdição simbólica, a criança

não só reprime a sexualidade frente aos genitores mas também buscando uma identificação através deles, sublima sua energia pulsional em atividades como a aprendizagem, o brinquedo e o pensamento. A entrada na latência consolida a formação do superego uma vez que o complexo de Édipo institui a passagem do eu ideal para o ideal de eu, na formação dos valores éticos e morais.

Folberg<sup>157</sup>, refletindo sobre o complexo de Édipo, faz uma análise da importância dos pais como interditores e, ao mesmo tempo, representantes dos processos de identificação e de sublimação. O período de latência, por caracterizar-se como um período de calma, tem sido pouco estudado e portanto pouco compreendido. Por outro lado, muitas dificuldades dos escolares são manifestadas em razão das dificuldades pessoais mais do que por conta das dificuldades de aprendizagem. Freud<sup>158</sup> designou latência para a condição psíquica em que as defesas do sujeito são organizadas para reprimir a pulsão sexual. Por isto o nome latência; a sexualidade encontra-se latente mas assumindo outro destino que não o prazer imediato e direto. A reordenação das pulsões dá um novo rumo às atividades da criança como o jogo com regras, o brinquedo livre no grupo, as aprendizagens formais e não formais, entre outros.

O mecanismo de sublimação torna-se o centro desta operação dinâmica do eu que mais tarde manifesta-se através do ressurgimento da pulsão sexual na adolescência. A entrada para a latência exige a superação de laços estabelecidos em momentos precoces da vida da criança.

---

<sup>157</sup> “Para Freud, o Complexo de Édipo é exponencial como conceito fundador na instalação do Sujeito. Articula-se também o Complexo de Castração na dupla interdição do desejo edípico: primeiro, define como proibido o incesto; segundo, proíbe o assassinato do pai. Abre-se assim a via privilegiada da marca cultural pela submissão à lei, seguida pelas marcas identificatórias que aproximam o pequeno ao progenitor que impôs a lei: a proximidade é importante já que é ele que dita as regras do jogo social. Esta forma de resolver o conflito traz consigo algumas conseqüências importantes de se considerar: 1) essa repressão à tendência sexual, que provavelmente permanecerá inconsciente, latente, até a puberdade, vai oportunizar interesses mais amplos levando a simbolizações e abstrações; 2) é por essa época que se inscrevem no Inconsciente uma hierarquia de valores identificados com as figuras parentais, suas permissões e suas proibições, configurando o que se chama de Superego como *herdeiro do Complexo de Édipo*; 3) paralelamente, surge a instância de um ideal de Ego, sublimando e apontando para perspectivas futuras, que ajudam a suportar o Sujeito emergente presente”. FOLBERG, Maria N. *Desdobrando o Averso da Psicanálise: relações com a educação*. Porto Alegre: Evangraf, 2002. P. 38.

<sup>158</sup> SIGMUND, Freud. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 7.

A relação simbiótica preliminarmente vivenciada com a mãe juntamente com o narcisismo e a onipotência dão lugar a um reconhecimento de que o ser humano é incompleto, necessitado, e carrega consigo a busca contínua de meios para sobreviver.

Na latência, a tolerância à frustração é condição necessária para que a criança ingresse no mundo do conhecimento. Isso possibilita formas mais maduras de desfrutar o prazer e conviver com as exigências próprias da cultura. A latência é um período em que as defesas são mais eficazes e, com uma repressão melhor sucedida, consegue manter-se por mais tempo persistindo com a mesma atividade, estabelecendo uma constância comportamental. O desenvolvimento da função simbólica é condição básica do período de latência em oposição à expressão direta dos impulsos. Observa-se uma independência progressiva dos pais ou cuidadores. Há também uma diferenciação entre fantasia e realidade. A evolução da capacidade de diferenciar fantasia/sonho e realidade permite um reconhecimento diferente do corpo e do controle do pensamento, facilitando, desta forma, os mecanismos de intelectualização e da consciência moral. O superego, herança do complexo de Édipo, assume as funções de ideal do ego, oportunizando a internalização da orientação apresentada pelos pais.

Os pais assumem um lugar destacado no processo de identificação das crianças. Agora, menos idealizados, tornam-se elementos importantes para estruturação da capacidade de empatia e de relação intersubjetiva. O equilíbrio da fase é consolidado quando os sentimentos de rivalidade, inveja e ciúmes cedem lugar à solidariedade, cooperação e compreensão do Outro. A imagem dos pais, comparada com a de outros pais e demais adultos, vai servindo de referência para que a criança possa se inserir em atividades esportivas, intelectuais, manuais, sublimando a sexualidade auto-erótica acompanhada de momentos de masturbação e desejos incestuosos do período pré-escolar.

A relação com os pais ainda é vivenciada por meio de conduta ora independente, ora submissa, numa situação ambivalente própria de quem está organizando o superego. A renúncia da posse dos pais ocasiona sentimentos de perda de referência, vazio interior e estranhamento, impulsionando o latente a buscar na escola e nos grupos sociais fora da família elementos para elaborar a ansiedade de castração, para desenvolver ações e obter reconhecimento pela produção pessoal.

Com uma capacidade de discriminação mais desenvolvida e menos egocêntrica nas expectativas e modos de operar a realidade, o latente desloca a imaginação e criatividade no brincar e em outras atividades sublimatórias. A abertura para o mundo permite romper alguns laços e consolidar a necessidade de conhecer o mundo com as leis que o regem. A forma concreta de falar das pessoas, situações e objetos passa gradativamente a ser apoiada pela capacidade de simbolização, que constitui um aspecto fundamental da condição humana.

O aparelho psíquico nos aspectos psicodinâmico e econômico possibilita à criança utilizar os mecanismos de defesa de modo eficaz. Com a repressão bem sucedida da pulsão sexual, o ego se organiza em torno de defesas que mascaram os conflitos decorrentes do confronto entre o desejo e a censura, intensificando o desenvolvimento do pensamento simbólico. Sintomas obsessivos e fantasias persecutórias tornam-se mais intensos como consequência do controle dos afetos e do intenso desejo de fazer coisas proibidas e de transgredir.

Freud, ao falar da sexualidade infantil, aponta equívocos de sérias consequências pelo fato de ignorarmos este elemento importante na formação psíquica da criança. A preocupação com aspectos relacionados à hereditariedade e maturação fortaleceram muito mais as conceitualizações sobre o desenvolvimento nos primeiros anos de vida. Segundo Freud, a normatividade da vida sexual na infância até meados de 1904 era totalmente desconhecida ou

ao menos, não era referida. A sexualidade na criança foi tratada durante muito tempo como um fenômeno degenerativo ou dominado pela amnésia infantil<sup>159</sup>.

Embora o adulto não preserve grande parte das experiências vivenciadas nos primeiros anos de vida, elas dão contorno, delimitam nossas ações e se tornam determinantes ao desenvolvimento posterior. Não há esmaecimento, enfraquecimento das experiências infantis, mas amnésia. Isto quer dizer que elas estão preservadas, mas por força da repressão não podem ser lembradas. Segundo Freud, a amnésia infantil que oculta do sujeito as primeiras experiências de sexualidade é carregada do sentimento de culpa pelo fato de não se dar valor ao período de grande importância no desenvolvimento da vida sexual e, portanto, da vida de relação.

Quanto às inibições sexuais<sup>160</sup>, o período de latência preserva de forma inconsciente a pulsão sexual, dando origem em seu lugar às exigências morais, os ideais estéticos como também o sentimento de vergonha. A necessidade de reprimir o desejo sexual remetido a um dos genitores faz com que a criança por vezes se mostre educada, e isto é devido ao ambiente civilizador. Entretanto, o fator econômico do psiquismo dá uma direção à pulsão sexual na medida em que a presença da lei do pai se fez presente na passagem pelo Édipo.

Se por um lado a criança reprime o seu impulso erótico que preliminarmente era dirigido a um dos genitores, parte dessa energia não fica reprimida e é utilizada nas atividades

---

<sup>159</sup> “Durante esses anos, dos quais só preservamos na memória algumas lembranças incompreensíveis e fragmentadas, reagíamos com vivacidade frente às impressões, sabíamos expressar dor e alegria de maneira humana, mostrávamos amor, ciúme e outras paixões que então nos agitavam violentamente, e até formulávamos frases que eram registradas pelos adultos como uma boa prova de discernimento e de uma capacidade incipiente de julgamento. Por que terá nossa memória ficado tão para trás em relação a nossas outras atividades anímicas? Ora, temos razões para crer que em nenhuma outra época da vida a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância”. SIGMUND, Freud. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 7, p. 162-163.

<sup>160</sup> “Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos, portanto, que o mesmo processo entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo, e situaríamos seu início no período de latência sexual da infância”. *Ibidem*, p. 166-167.

que envolvem o jogo, o pensamento operatório, as construções de linguagem oral e escrita, bem como os movimentos corporais em busca de uma relação mais integrada com o Outro.

### 6.3 AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DAS CRIANÇAS

A criança, ao nascer em um mundo de signos e de palavras, desenvolve a atividade auto-erótica de escutar, emitir sons, imitar e por fim reconhecer que já não se encontra como elemento único dessa realidade. A quebra da fusão narcísica com a mãe inscreve a criança no mundo onde os gestos, os pensamentos, as palavras se fazem presentes. As representações simbólicas possibilitam aproximar o que está distante, reconhecendo a ausência do objeto.

A partir do momento em que a criança reconhece a diferença, torna-se uma necessidade estabelecer a unificação do objeto além de si mesma. Percebendo-se separada do outro e tendo que reagir à incompletude pessoal, a criança procura formas de enfrentar a realidade. Se há necessidade de buscar alternativas para suprir uma falta, é porque a sua confirmação da mesma já foi dada. Nesse sentido, a formação de símbolos é primordial no processo de deslocamento para o mundo exterior e do desenvolvimento do ego frente à realidade.

O investimento na realidade através do deslocamento de interesses e afetos em objetos e situações é uma forma de continuar a existir, mesmo na ausência da mãe. Os significados simbólicos atribuídos aos brinquedos, ao objeto transicional, à escuta, ao encontro com o desconhecido torna evidente o quanto a função paterna possibilitou as inscrições para o fortalecimento de um ego voltado para a realidade, rompendo com a onipotência indiferenciada, própria da relação fusional.

O processo de simbolização organiza a vida de relação do sujeito com os objetos, ameniza a ansiedade e o medo de enfrentar as diferenças e os desafios diante dos conflitos. À medida que a criança percebe-se menos onipotente e narcísica, terá melhores condições para

diferenciar o símbolo do objeto simbolizado. A ponta do cobertor utilizada como objeto transicional não é a mãe, mas pode representá-la, e é com esse recurso que a criança enfrenta a realidade. Da mesma forma, a palavra para expressar amor, ódio ou indiferença pode ser eficaz no enfrentamento da realidade no momento em que a gratificação imediata necessita ser adiada.

A intolerância à frustração desencadeia na criança um sentimento de que os impulsos e os desejos experimentados internamente são perigosos e devem ser expulsos para o exterior. Nessas situações, o que deveria ser pensado ou representado através de símbolos é transformado em objeto perigoso através da identificação projetiva, inviabilizando a possibilidade de estabelecer vínculos e de pensar. Os adultos em geral, pais ou representantes de modo particular, com capacidade de controle afetivo, recebem o que foi projetado pela criança: (agressões, medos, frustrações), dão significado e devolvem à criança a segurança e a possibilidade de pensar. Assim, a criança aprende a simbolizar.

A mãe que tem controle sobre suas emoções é capaz de transformar fome, dor, medo, solidão em satisfação, prazer e tranqüilidade. Os transtornos na formação dos símbolos são decorrentes da dificuldade para tolerar a ausência ocasionada pela separação do objeto de amor. Pensar algo para representar a ausência ou poder pensar na ausência, possibilita a simbolização do que é desejado. Quando a criança tem uma boa relação no desenvolvimento inicial, no sentido de estar atendida nas necessidades básicas e gradativamente ir convivendo com as frustrações imediatas, há espaço para a origem do pensamento.

Bion<sup>161</sup> faz referência ao déficit de simbolização como uma dificuldade de controlar as pulsões diante da percepção de uma frustração. Essa dificuldade é freqüente em crianças em meados do primeiro ano de vida, quando ainda vivenciam o desmame como um momento de perda e de substituição de objetos gratificantes. Quando a criança torna presente, através de

---

<sup>161</sup> BION, Wilfred R. *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

alguma representação, a ausência de algo, está simbolizando. Os símbolos são diferentes daquilo que representam e parece ser este o indicador de maturidade psíquica da criança. A boneca pode aproximar a criança da mãe, ao mesmo tempo em que anuncia o reconhecimento do seu afastamento. O mesmo ocorre com o pensamento, com o desenho, com a fala e o brinquedo. Esses elementos não representam a realidade da falta, mas anunciam que há uma carência e que ela está sendo representada por outro objeto.

Na psicose, não há distinção entre o real e o simbolizado, uma vez que a dificuldade de tolerar a frustração é negada, tornando o ausente concreto e presente. Neste caso, nada falta, uma vez que o sujeito ainda está indiferenciado e em estado de onipotência narcísica. A atividade de pensar está relacionada com a função simbólica, possibilitando substituir um objeto ou pessoa por uma palavra ou imagem.

#### 6.4 A CRIANÇA E A PULSÃO DE CONHECER

O conhecimento da criança inicia com a descoberta de sua vida sexual, com a curiosidade sobre o corpo e seu funcionamento, sobre a sua origem e conseqüente destino. Há um incipiente processo de sublimação acompanhado do gosto e prazer de dominar e conhecer. Freud denomina este processo de pulsão epistemofílica<sup>162</sup>, uma energia direcionada para fins mais evoluídos do que o atendimento das necessidades básicas; portanto, um processo que é conseqüência da repressão ocasionada pela passagem pelo conflito edípico.

---

<sup>162</sup> “Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica. Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles”. FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 7, p. 182.

A possibilidade sempre presente de que um novo bebê centralize a atenção de todos tirando-lhe o amor e dedicação que lhes são dispensados, faz com que a criança passe a investigar a origem dos bebês. Mais tarde surgem as preocupações com as diferenças sexuais e também com os papéis desempenhados pelo homem e pela mulher.

O complexo de castração e a inveja do pênis tornam-se experiências dolorosas vivenciadas pela criança, que, na medida em que vai superando-as, torna-se mais tolerante e ao mesmo tempo organizada em torno de defesas reativas para desviar toda a carga pulsional em atividades produtivas. A criança se interessa pela investigação prática e o permanente estado de alerta sobre os acontecimentos reedita a ansiedade básica do conflito familiar permeado pela relação entre os genitores, pela competição e ciúme entre os irmãos e pela interminável dúvida sobre a origem e o destino das pessoas. A repressão da sexualidade promove na criança a diminuição da fantasia e dos interesses eróticos sobre partes do corpo, oportunizando o realce das atividades sublimatórias.

A socialização entre os pares do mesmo sexo e o exercício do pensamento constituem as atividades reativas típicas da fase escolar. Com a passagem pelo Édipo, a sexualidade sofre a repressão, mantendo-se preservada a energia que impulsiona a criança na busca do conhecimento. Através de elaboração pessoal no plano simbólico, a energia que estava a serviço de gratificações imediatas passa a ser canalizada para situações substitutivas como o jogo, o pensamento, a linguagem e diferentes formas de brinquedo. Segundo a teoria psicanalítica, a pulsão sexual sublimada se transforma em “desejo de conhecer” e possibilita à criança o enfrentamento da realidade com todos os desafios que ela traz consigo.

Entre as atividades que realçam as gratificações da criança neste período, estão as narrativas infantis. Elas auxiliam na organização das defesas contra os riscos da expressão direta da sexualidade que se encontra reprimida. As crianças, quando narram suas histórias, conseguem se organizar através do seu mundo imaginário, buscando uma lógica que dê

sentido aos seus temores e desejos mais imediatos. Segundo Freud<sup>163</sup>, adultos rememoram situações da infância através de contos e de narrativas plenas de significado que tanto na época de criança como na atual, reeditam as experiências mais arcaicas portadoras de lembranças encobridoras.

Segundo Perroni<sup>164</sup>, as histórias narradas ou inventadas são agentes de socialização para a criança e facilitam a mediação com a realidade através de valores, papéis e modos de relação cultural. A autora refere que as crianças menores têm dificuldade de reconhecer a diferença entre fato e ficção, diferentemente do que ocorre com os adultos ou com as crianças mais velhas que diferenciam a realidade do faz-de-conta. A criança no início da fase escolar incorpora nas suas narrativas parte do discurso do adulto evidenciando um acentuado papel de complementar a enunciação feita a ela e por ela. Assim, através das narrativas, as crianças expressam sua criatividade e revelam seus desejos por meio de uma realidade fictícia, deslocando personagens e papéis.

Perroni, ao referir o aspecto discursivo da narrativa, explica que nos casos inventados, o narrador faz combinações de forma livre expressando espontaneamente as expectativas e o desfecho para determinada situação. A criança estabelece a interlocução com os personagens internalizados atribuindo-lhes o sentido e o lugar que lhes é devido. Desta forma, a criança que inventa uma história estabelece o seu roteiro, afirmando ou negando a ocorrência de um evento, revelando nas suas construções imaginárias de que modo a realidade de sua vida se expressa no registro simbólico.

Encontramos em Gutfreind<sup>165</sup> uma extensa revisão da literatura sobre contos infantis revelando a importância que os mesmos oferecem na área clínica como também nas

<sup>163</sup> FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 13.

<sup>164</sup> PERRONI, Maria Cecília. *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 71.

<sup>165</sup> GUTFREIND, Celso. *O Terapeuta e o Lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

atividades cotidianas do sujeito, como forma de elaboração dos espaços vazios de suas vidas. Ao mesmo tempo em que o autor revela o valor terapêutico do conto, trazendo elementos sobre pesquisas realizadas com a utilização desse recurso, alerta-nos também sobre a necessidade de relativizar a sua importância buscando e criando novas formas de utilização nas investigações<sup>166</sup>. O autor refere que o conto pode ser utilizado de duas formas, além de outras também referidas: em primeiro lugar estando atento ao que o sujeito traz como material a ser utilizado na interpretação e em segundo lugar propondo o conto ou criando novas histórias.

Considerando o objeto de estudo da presente investigação, o espaço potencial referido por Winnicott<sup>167</sup> nos possibilita buscar nas histórias inventadas pelas crianças um modo de percebê-las transitando entre a realidade experimentada internamente e a experiência compartilhada pela realidade externa. Pretendemos verificar se as crianças, mesmo com a função paterna fraturada, encontram meios de simbolizar, criar, imaginar, pensar e portanto encontrar saídas para as dificuldades do cotidiano. Assim como o urso de pelúcia, os paninhos ou partes do corpo se prestam como “objetos transicionais” para auxiliar a criança a transitar entre a presença e a ausência da mãe, o amigo imaginário e as histórias inventadas trazem à cena do discurso os elementos de transição para a vida cultural com os recursos da simbolização.

---

<sup>166</sup> “Pelas experiências relatadas, o terreno, ainda novo, se presta a improvisações, o que inclui o uso simultâneo de outros mediadores ou o reemprego do conto em novas atividades como o desenho ou o teatro. É possível, portanto, perceber que existe uma grande variedade de abordagens a respeito da utilização do conto como mediador” GUTFREIND, Celso. *O Terapeuta e o Lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. P. 31.

<sup>167</sup> WINNICOTT, Donald W. A Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio De Janeiro, Imago, 1975.

## 6.5 ENCAMINHAMENTOS

A passagem pelo Édipo, a repressão da sexualidade representada pela gratificação imediata das necessidades e pela erotização de partes do corpo deve ceder lugar ao reconhecimento do Outro como portador de singularidades a serem conhecidas e partilhadas. Isso se faz presente no exercício do jogo, na combinação de regras e no convívio com as frustrações. As histórias inventadas pela criança, o brinquedo espontâneo ou dirigido expressam na linguagem da criança o uso do simbólico para falar do real, utilizando o que figura no imaginário.

## 7 CONSTRUÇÃO DO CASO JÉSSICA

Esta seção apresenta um estudo de caso em profundidade de um sujeito escutado através da sua história de vida, da história dos seus genitores e progenitores e do que falam em suas histórias narradas, seus gestos e suas expressões de linguagem. As inscrições da função paterna estão lá, inscritas em seu psiquismo que fala criativamente por meio das possibilidades de uso do espaço potencial. A história de um sujeito reedita todas as histórias que antecedem uma geração e possivelmente, no plano filogenético, a história da humanidade. Após investigados os elementos que envolvem o seu modo de relação com os pais, com os acompanhantes e com o ambiente de modo geral, seu modo de criar e inventar fatos em situações de brincar, passei a analisá-lo a partir de uma escuta metapsicológica. Para análise metapsicológica desse estudo, foi utilizado o referencial teórico da psicanálise, sustentado especialmente por Freud, Lacan e Winnicott.

### 7.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

A história de Jéssica se confunde com a de muitas crianças da comunidade investigada e que vivem situações semelhantes à sua quanto ao número de irmãos, quanto ao abandono dos pais quando os filhos ainda são bebês, quanto aos cuidadores designados judicialmente como os responsáveis pela educação, quanto à precariedade de recursos físicos das moradias e também pela intensa vontade de viver. Vontade que se expressa pelo brincar, pelas narrativas traduzidas em histórias e pelas manifestações de sorriso e de apego aos que, na qualidade de colegas, educadores, pesquisadores ou visitantes, se aproximam para desenvolver algum tipo de atividade. Preservadas as semelhanças entre Jéssica e outras crianças dessa comunidade, destacam-se as diferenças que por si só já referem o seu oposto ou aquilo que é particular em cada uma das histórias.

O que é singular em Jéssica pode ser entendido em Roberto como em tantas outras crianças que, mesmo no anonimato, apresentam suas inscrições psíquicas reveladas nas mais diversas formas de expressão, mas especialmente, neste estudo, através de narrativas e do brinquedo. Além da descrição do que expressa Jéssica, busca-se compreender o ordenamento do desejo que mobiliza tais expressões. A compreensão metapsicológica do caso é o que se pretende desenvolver.

Encontro uma menina, com sete anos, a quem chamarei de Jéssica, que mora com os avós e mais cinco irmãos. Mesmo sendo a terceira filha de um casal, atualmente impossibilitado de ter a guarda das crianças, outras pessoas circulam por esta família como filhos adotivos, tios e irmãos que, não reconhecendo a verdadeira paternidade, se entregam a uma relação de parentesco supostamente real. A mãe de Jéssica abandonou a família deixando-a ainda bebê aos cuidados dos avós como fez com tantos outros. Essa mãe, lamenta o nascimento de tantas crianças, deseja exterminá-las, embora continue mantendo relações indiscriminadas com os homens e engravidando. O retorno com os bebês recém-nascidos é sempre o mesmo; a casa dos avós das crianças. O pai de Jéssica cometeu delito e por isto está impossibilitado de ter a guarda dos filhos. Está sob controle da justiça. Encontro Jéssica entre outras crianças que se movimentam num espaço reservado para a família viver. A sala de visitas é também a cozinha, o quarto, o espaço onde pessoas transitam e onde também repousa o animal de estimação de quem os irmãos menores não conseguem se separar. As crianças preservam seus brinquedos, os esconderijos das caixinhas e as novidades que não podem ser partilhadas pelos adultos no mesmo espaço em que os avós discutem onde buscar as verduras concedidas pelos feirantes para preparar o alimento da família. No mesmo local onde não é preservada a disciplina geométrica, há uma disciplina vital realçada pelo acolhimento dos avós ao pedido de ajuda feito por uma das crianças ou pela escuta atenta ao relato de um dos meninos que perdeu o jogo disputado com um amigo. Jéssica, com uma estatura pequena

devido à subnutrição, tem reconhecimento da sua condição física bem como do lugar que ocupa no grupo familiar. Faz intermediação entre as dificuldades de um irmão menor dominado por crises de asma, apegado ao seu animal de estimação e o temperamental e impulsivo irmão mais velho, necessitado de expressar verbalmente o que deseja, inclusive suas necessidades mais imediatas.

A história de Jéssica se confunde com a idéia de abandono e de privação. Deixada após o nascimento pela mãe na casa dos avós, toda a sua trajetória de vida foi marcada pelo esforço pessoal na expressão de cuidados em relação aos objetos e pessoas da casa onde mora ou dos locais por onde passa. Entre uma palavra de carinho ao avô e um chamado para atendimento ao irmão, Jéssica vai representando, através da fala, do brinquedo e das histórias inventadas, o que restou das suas primeiras relações. Um cuidado atento e não menos preocupado foi dispensado por um grupo familiar caótico do ponto de vista convencional, mas acolhedor e continente<sup>168</sup> do ponto de vista psíquico. *“Tenho doze filhos”*, diz a avó. *“Cinco são meus, dois peguei para cuidar porque eram crianças que minha irmã não conseguiu criar e cinco são meus netos”*. Esse depoimento revela o lugar em que essa avó se coloca: considera-se mãe adotiva, mãe biológica e avó, mas essencialmente uma mãe de “doze filhos”.

E assim a história de Jéssica vai sendo desvelada com detalhes por uma mulher que administra os cuidados básicos às crianças designadas como “netos” ou “filhos” e que procura protegê-las de possíveis sofrimentos sobre a verdadeira paternidade, sobre o abandono dos pais e também a respeito das dificuldades enfrentadas para cuidar desses *meninos*. *“Tem dois netos que provavelmente são filhos da minha nora com outro homem, mas eu não posso falar nada. A mãe já falou para as crianças que não são do mesmo pai, mas eu procuro não dizer nada”*.

---

<sup>168</sup> Designado por Bion para referir a relação entre a mãe e o filho, favorecendo a comunicação e o estabelecimento dos vínculos.

Enquanto faz o relato, o tom de voz se reduz ao mesmo tempo em que observa algum suposto olhar no ambiente próximo. Fala quase sussurrando para que sua voz permaneça neste diálogo entre ela e eu. *“As crianças não se sentem bem quando lembram que a mãe se prostitui. A Jéssica é a que mais sente falta dos pais”*. A avó parece se confundir sobre o lugar que ocupa diante das crianças, embora seja ocasionalmente reconhecida como mãe das crianças. *“Às vezes me chamam de mãe e às vezes me chamam de vó. Isso confunde a cabecinha deles, mas eu digo: vocês me chamem como quiserem. Se quiserem me chamar de vó, podem me chamar, mas se quiserem me chamar de mãe, também pode”*.

Segue a avó justificando o desencanto que sente por esses pais que, estando próximos das crianças, não as reconhecem como filhos. Estes, diante do desamparo, buscam a parentalidade em outros cuidadores. *“Eles sabem que têm o pai e sabem que têm a mãe, porque, quando nasceram, trouxeram as crianças aqui e ficaram um pouco por perto.”* Esse é o desejo da avó; acolher e ajudar essas crianças a entrar num mundo onde a vontade de viver seja preservada pelos limites e cuidados de um adulto que possa conter esse desamparo. Dentro dela ressoa a função paterna que a constituiu desde seu desenvolvimento inicial. Funciona agora como Lei, ao ocupar o lugar de substituta dos pais originais dessas crianças que são os seus netos.

A história de Jéssica se repete com a dos outros irmãos, que também após o nascimento tiveram o acolhimento dos mesmos progenitores. A repetição está no nascimento das crianças, no abandono dos pais e no acolhimento por parte dos avós. Jéssica confirma através da sua capacidade conciliatória e de reparação dos conflitos o que Lacan<sup>169</sup> refere sobre o significante que atesta a presença da lei. Como no caso de Jéssica, não são os pais que estiveram presentes nos primeiros tempos de vida.

---

<sup>169</sup> “Não é necessário que uma pessoa esteja presente para sustentar a autenticidade da fala ou a existência de uma lei. O que autoriza o texto da lei e que ele chama de Nome-do-Pai é o pai simbólico. É o significante que está no Outro”. LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5, p. 152.

Trata-se de uma menina aparentemente desassistida, se pensarmos que o abandono e o desejo de morte por parte da mãe foi um acontecimento da realidade. *“Ela ia terminar com a criança. A mãe falou para uma prima que ela queria matar a guria porque ela não agüentava tanta criança. Ela tinha que dar um jeito de não trazer tanta criança no mundo. Depois que nasce, tem de criar”*, conclui a avó.

Jéssica expressa seu ressentimento pelo seu afastamento do pai, que, condenado à prisão numa cidade do interior, não está autorizado a permanecer com os filhos. Este fato lhe causou a necessidade de justificar os cuidados que deveria assumir para proteger o pai dos inimigos, caso fosse liberado da justiça oficial. *“Quando meu pai sair do presídio, tenho que cuidar para ele não sair na rua. Se ele vai para a rua, os bandidos matam meu pai e eu não posso deixar”*.

Sem entender os reais motivos da prisão do pai, uma vez que a avó diz que ele cometeu uma bobagem, a menina repete a ocultação da cena escondendo o pai dentro de casa como também lhe esconderam sobre o tipo de delito cometido. Segundo depoimento da avó, não existe um motivo claro para a prisão do filho. *“O pai dessas crianças aqui está preso numa cidade perto daqui. No final deste ano vai fazer dois anos que ele está no presídio e pegou mais vinte e cinco anos. Ele se drogou e fez uma besteira. Disse que fez, mas eu não sei porque não vi. Foi condenado por vinte e cinco anos”*.

Há um *“saber não sabido”* sobre o delito cometido, e este segredo é preservado pelos filhos, que não podem expressar os reais sentimentos em relação aos pais. Subjacente a esse segredo, há uma expectativa da avó sobre a libertação do filho e que é acompanhada por Jéssica e os demais irmãos. *“Já tem dois anos que o meu filho está preso e ele já está louco para sair de lá. Ele quer trabalhar, é novo e vai ajudar o pai e também me ajudar”*. Jéssica frequenta a primeira série do ensino fundamental em um dos turnos do dia e, no outro, permanece no centro de lazer e recreação do centro comunitário. Acompanho Jéssica em

muitos momentos de brincadeira livre e orientada, observo-a interagindo com outras crianças dramatizando e narrando histórias. Ao mesmo tempo em que participo com Jéssica das brincadeiras, observo se consegue expressar-se com flexibilidade, se discrimina estímulos internos dos externos, investigo se manifesta a capacidade reflexiva e de que modo percebe a realidade (Anexo 1). Essas variáveis ou indicadores da observação empírica foram considerados para analisar o uso do espaço potencial, para verificar a operância do simbólico e a função paterna fraturada.

## 7.2 USO DO ESPAÇO POTENCIAL

Para Winnicott, quando a criança sai do estado de onipotência e é capaz de fazer representações de objetos subjetivos, estará entrando numa área de diferenciação entre ela e a mãe. Esta área intermediária, que não é dominada pela criança mas que estaria mais próxima do imaginário, é o que Winnicott denomina de espaço potencial, ou seja a área da criatividade. Desta forma, um princípio teórico aproxima Lacan e Winnicott: o simbólico e o espaço potencial.

Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na função da herança cultural [ . . . ]. A característica especial desse lugar em que a brincadeira e a experiência cultural têm uma posição, está em que ele depende, para sua existência, de experiência do viver, não de tendências herdadas.<sup>170</sup>

Se para Winnicott, a saúde psíquica depende de um ambiente capaz de adaptar-se às necessidades do bebê, é também a presença de uma mãe suficientemente boa<sup>171</sup> que poderá

<sup>170</sup> WINNICOTT, Donald W. O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 150.

<sup>171</sup> "Significa aquela mãe capaz de satisfazer as necessidades do bebê tão bem no início que a criança, ao sair da matriz do relacionamento mãe-filho, tem uma breve experiência de onipotência. Mãe suficientemente boa não significa apenas atender aos impulsos orais, mas principalmente atender a uma *ansiedade inimaginável* do bebê

garantir uma desadaptação gradativa frente a estas necessidades possibilitando a presença de um terceiro na relação. Mãe e bebê preliminarmente se abastecem num processo de ilusão potencializado pela preocupação materna primária<sup>172</sup> para mais tarde provocar uma gradativa desilusão com a criação da terceira área do desenvolvimento denominada de espaço potencial.

Jéssica, durante a brincadeira livre, constrói a seguinte narrativa: “*Vou contar uma história que tem nos filmes. Dois homens são muito amigos e vão brincar. Eles lutam de brincadeira para ver quem ganha. São amigos e felizes. Um fica triste porque sempre perde o jogo. Ele nunca ganha. Mesmo assim ele convida o outro para brincar*”. Um filme, uma cena que se passa no imaginário de Jéssica onde existe a luta entre o amor e o ódio. Disso fala a sua história. Embora a representação dos personagens é feita como sendo amigos, também são apresentados como inimigos, acentuando-se a diferença pelas contínuas derrotas. Não há como vencer a força oposta senão pela formação reativa, ou seja, “*convida o outro para brincar*”.

Recorrendo a Winnicott pode-se falar do espaço entre a ausência e a presença do objeto; pode-se falar da força para continuar buscando: “*triste porque perde*”, mas continua a brincar. Na história narrada há frustração e recuperação do dano ocasionado pela perda. A flexibilidade se faz presente na medida em que os amigos jogam, mas um sempre perde e, apesar disso, há possibilidade de continuar brincando, inventando e convivendo juntos. O uso do espaço potencial é indicador de que o sujeito pode criar como também de perceber a realidade. Se para Winnicott, a saúde psíquica depende de um ambiente capaz de adaptar-se às necessidades do bebê, é também a presença de uma mãe suficientemente boa que poderá

---

pondo-se no seu lugar para mais tarde ele poder criar o próprio gesto governado pelo verdadeiro self’. Idem. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: WINNICOTT, Donald R. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. P. 56.

<sup>172</sup> “Profundas mudanças que ocorrem na mulher que tem um bebê recém-nascido e que propiciam uma disponibilidade natural para identificar-se com as necessidades maturacionais das primeiras semanas e meses. Provisão ambiental básica que facilita o desenvolvimento inicial do bebê em período de dependência absoluta”. WINNICOTT, Donald R. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. P. 231.

garantir uma desadaptação gradativa frente a estas necessidades possibilitando a entrada de um terceiro na relação.

Em outra narrativa, a criança revela a sua possibilidade de discriminação entre o que se passa com ela e com o Outro. “*O macaquinho roubou um móbile. Veio um lobo grande e quando o macaquinho viu, se escondeu numa toca. Ele foi crescendo e não pode mais ficar nesta toca. Ele foi dançando e se mexendo e se livrou desta casa. Veio o lobo e deu um soco no olho do macaquinho que ficou todo machucado e fugiu*”. Enquanto Jéssica inventa suas histórias parece encontrar-se com os personagens reais. Sorri, fala com os bonecos, gesticula como se estivesse vivenciando a cena real. Ao mesmo tempo em que inventa seus personagens, volta-se para mim dizendo: “*espera aqui [ . . . ] já volto*”. Interrompe a cena para ir ao banheiro. Faz da companhia do adulto um objeto de relação, mas não brinca junto. A criança discrimina o faz-de-conta do que ocorre na realidade. Na narrativa o “macaquinho” é perseguido, procura libertar-se, mas termina sendo punido. Este sentimento persecutório pode revelar o seu desejo projetado no Outro. “*O lobo deu um soco e fugiu*”. Enquanto ela inventa narrando, alivia a sua ansiedade e procura reparar os danos causados na imaginação.

A criança vive seus conflitos relacionados às fantasias de perda e de recuperação do objeto através de suas histórias inventadas. “*O gurizinho morava com o pai e a mãe. Enquanto eles dormiam chegou o ladrão. O gurizinho chamou os pais e colocaram o homem na jaula. Era um homem mau. Daí quebraram a jaula e mataram o ladrão. O gurizinho depois ficou com os pais*”. Nas cenas dramatizadas e nas histórias inventadas por Jéssica, há freqüentemente um *ladrão*, ou um *homem mau*, ou um *lobo que ataca*, mas a criança é protegida finalmente por um adulto que intervém para salvá-la. Um intenso sentimento de exclusão é expressado na cena anteriormente relatada, como também são revelados os recursos pessoais para enfrentar a dificuldade imaginada.

Em visita à casa de Jéssica, também observo que seu irmão permanece abraçado com o animal de estimação a quem a família dispensa muita atenção. Partilha desses cuidados a menina que ora assume lugar de responsável pelo irmão e ora partilha da cena de aconchego com o objeto de relação. Quando a criança usa os objetos transicionais através dos animais de estimação, do apego corporal nos cuidadores, de bonecos e brinquedos que ainda não se tornaram *fetiches*<sup>173</sup>, está transitando entre o imaginário e o simbólico.

O mesmo ocorre quando ela brincando dramatiza a cena que reproduz o seu cotidiano, como na seguinte narrativa encenada: *“uma mãe não tinha coisa para dar para o filhinho na Páscoa. Ela ficou dormindo. - Por que você não deu os ovos? Perguntou o filhinho. Ela continuou dormindo. Veio uma gangue e mataram a mãe. Depois enterraram. A ganguezinha achou outra pessoa que tinha ovos para dar. Depois caçaram os que mataram a mãe. Um caçador matou a ganguezinha”*. A função paterna é referida na omissão da mãe que de alguma forma nega essa criança. Há na narrativa um personagem que percebe a realidade quando substitui a mãe ineficiente por uma operante. *“A ganguezinha achou outra pessoa que tinha ovos para dar”*. Os objetos, as histórias inventadas estão no plano imaginário e podem representar cenas da realidade.

Enquanto acompanho Jéssica a um dos passeios na praça de recreação, ela conta que no dia anterior mataram um homem em um dos becos da vila. Aponta uma das meninas que acompanha o passeio e diz: *“foi o tio dela que os bandidos mataram”*, e segue falando como se a violência fizesse parte do cotidiano de sua vida. Essa narrativa oral representa uma etapa da elaboração simbólica. Enquanto fala e representa a cena, não está atuando na realidade através da expressão direta da pulsão. Por outro lado, os fatos parece não ter uma distinção de valor ou de prioridade. A morte do tio da colega no dia anterior, a febre que levou a mãe a consultar o médico no posto de saúde assumem aparentemente a mesma dimensão.

---

<sup>173</sup> “Consiste em privilegiar uma parte do corpo do parceiro (pé, boca, seio, cabelos) ou objetos relacionados com o corpo (sapatos, chapéus, tecidos) para serem tomados como objetos exclusivos de uma excitação ou um ato

Winnicott<sup>174</sup> afirma que a condição para a criança chegar ao simbólico é preservar a confiança estabelecida desde as relações iniciais com a mãe. Jéssica fala da mãe e do pai como se fossem objetos presentes nas relações cotidianas em sua vida. Confirmando o que a avó referiu na entrevista, por vezes fala dos pais ausentes como se estivessem junto da criança e em outros momentos identifica a paternidade nos avós.

Parece haver nas brincadeiras de Jéssica um vínculo primário com o objeto, uma ligação quase instintiva com o corpo da mãe. *“Um menino está junto com os pais, mas tem de se separar [ . . . ] O menino foi brincar e se machucou. Os pais saíram de casa. O menino ficou doente e depois quase morreu”*. Enquanto faz esta elaboração, vai representando o simbólico; um atravessamento pela cadeia dos significantes. Brincando com outra criança, inventa um diálogo entre a mãe e o filho que representa uma cena do cotidiano. *“O guri está com a mamãe. A mamãe briga porque ele fez xixi fora do vaso. A mamãe diz: - Por que tu fez? A criança diz: - Eu não sabia mamãe! Como tu sabes que foi eu? A mãe diz: - Eu sei! Depois apareceu um homem trazendo um presente para a mamãe. Ela estava braba e tocou um boneco na cabeça do homem porque ele mentiu que era presente”*. Através desse diálogo, há uma reconstituição das vivências diárias em que as crianças são responsabilizadas pelas tarefas de rotina, na casa da avó.

No registro imaginário do filho, a mãe sabe do seu desagrado. No relato da criança, a mãe assume a posição de agente da ação como também do personagem que vivencia passivamente as conseqüências de um engano. Quando Winnicott analisa a função da mãe no desenvolvimento do espaço potencial, faz a seguinte referência:

---

sexual”. ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998. P. 235.

<sup>174</sup> “O espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo”. WINNICOTT, Donald W. *A Localização da Experiência Cultural*. In: \_\_\_\_\_ *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 142.

é necessário examinar o papel representado pela mãe, e ao fazê-lo acho conveniente comparar dois extremos; em um extremo está a mãe suficientemente boa e no outro está a que é uma mãe não suficientemente boa. (...) a mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactente.<sup>175</sup>

No início do desenvolvimento, a mãe se oferece para satisfazer a criança nas necessidades mais primárias e partilha com o pai destas funções. Na medida em que esta criança, através do processo de identificação transforma a mãe no objeto de relação, o pai já se fez presente. Entre a percepção do objeto e a realidade subjetiva, entre fantasia e fato, entre o interno e o externo, há o espaço potencial de criação mais ou menos operante segundo a força do imaginário que ainda prevalece na criança.

A criatividade da criança repousa no ideal de eu, instância formada a partir da interdição junto a figuras que serviram de identificação. "*A menina gosta de fazer travessuras. Ela queria fazer bagunça. Ela foi para casa e levou um xingão, porque ela não gosta de comer aquela comida. A mãe xingou porque ela era grande. A mãe disse que ela tem que comer*". A menina fala que não gosta de comer daquela comida, incluindo as interdições da mãe e ao mesmo tempo necessita desta referência como objeto de identificação. Essa criança fala o que a desagrada, referindo a *comida* o *xingão* e a displicência vivenciada desde a sua origem e ao longo do seu desenvolvimento. A vida de Jéssica é marcada pela separação dos pais e pela busca do acolhimento na pessoa dos avós, que não somente exercem a função materna, mas estabelecem a interdição necessária no exercício da função paterna.

Encontro a menina entre colegas no grupo de recreação cuidando de um gato abandonado, protegendo-o de possíveis ataques ou danos. Providencia uma cama, colocando ao lado o alimento. Diz que levará para casa, se ocupará dos cuidados com ele até que fique maior. Parece haver uma reedição do que lhe ocorreu em sua vida inicial. Identifica-se com a

---

<sup>175</sup> WINNICOTT, Donald W. Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro "Self". In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. P. 133.

avó que lhe oportunizou a sobrevivência nos primeiros tempos de separação da mãe. O espaço potencial de Jéssica se revela nos diversos momentos em que se relaciona com os pares, com os adultos e também em suas narrativas, embora com algumas cenas colocadas em ato.

Quando diz: “*A menina foi para a rua e uns bandidos mataram o padre. Deram um tiro nele porque ele não queria fazer o casamento dos bandidos*”, há expressão do simbólico com o conteúdo da realidade onde o ato assume primazia nas relações entre os moradores da comunidade. Jéssica mostra necessidade de proteção diante do perigo ou de ameaça e inventa possibilidades de reagir frente aos riscos enfrentados. Sento ao lado dela para conversar a respeito do seu fim de semana enquanto me relata o que lhe ocorreu: “*Meu tio fica nervoso porque os bandidos ficam na sombra espiando. Minha tia sonhou que os bandidos mataram o meu tio porque ele tinha medo. Agora meu tio vai mostrar para eles quem é o super herói [ . . . ] Eles vão ter que sair correndo*”.

Jéssica interioriza o tio super-herói, fazendo referência ao que ocorre no seu cotidiano. Enquanto relata a história, encontra saídas alternativas para as dificuldades, mas, quando termina a narração, o cotidiano se torna a expressão direta do ato. Enquanto brinca, diz que “*a irmãzinha faz arte e estraga as coisas do irmão. Ele xingou e depois arrumou as coisas estragadas*”. Terminado o brinquedo, observo Jéssica que empurra o colega por tê-la ultrapassado na fila. Enquanto brinca ou narra história, a criança vai se resolvendo. Se a narrativa revela condições reparadoras por parte da criança, isso não se confirma através da cena vivenciada por Jéssica no dia anterior. O irmão foi fortemente agredido quando experimentava manusear os brinquedos que lhe pertenciam. Há operância do espaço potencial, embora as crianças ainda tenham dificuldade de vivenciar criativamente a própria realidade.

Em outro momento do trabalho com as crianças, anuncio que vou iniciar uma história para que elas continuem, imaginando um fechamento ou conclusão para a mesma. O estímulo

inicial é: *“uma menina está junto com os pais, mas tem de se separar [ . . . ]*; então como essa história continua? *“A menina saiu andando longe de casa porque tinha um lugar para ir. Ela sumiu porque estava cansada. Os bichos pegaram ela e levaram para bem longe. Depois uma pessoa cuidou dela. Ela ficou com uma perna machucada. Ela tinha um cachorrinho. O cachorrinho morreu envenenado. Não gostam do bichinho”*. Os personagens enfrentam restrições ao se separar dos pais, necessitando cuidados de outras pessoas. O objeto de relação, o “cachorrinho” também sofre danos. As expressões de Jéssica não se alteram, fala enquanto coloca roupa em uma boneca. Ocasionalmente se levanta para pegar algum objeto e continua dialogando, perguntando, falando sozinha, ao mesmo tempo em que se ocupa de alguma atividade manual. Na história inventada, ao mesmo tempo em que cria o objeto transicional, não consegue recuperá-lo na relação. *“Não gostam do bichinho”* parece revelar a própria história de exclusão. Nos relatos ou comentários sobre o cotidiano da escola, no relacionamento entre irmãos, há sempre alguns riscos para serem enfrentados, embora estejam acompanhados de possibilidades de superação dos mesmos, através da imaginação. Ao comentar sobre a vizinha e colega de aula refere: *“a Juliana tem medo de ir sozinha para a escola. Uma pessoa vai levar. A mãe dela pede para ela não sumir. Ela diz que quando ficar grande vai ganhar um carro, bastante roupa e vai ser dançarina. Ela contou para o pai”*.

### 7.3 OPERÂNCIA DO SIMBÓLICO: PRIMAZIA DO SIMBÓLICO SOBRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Segundo Lacan<sup>176</sup> a palavra é uma presença feita de ausência, não situa a verdade do sujeito, mas o reconhece na condição de homem graças ao simbólico. “Numa palavra, em parte alguma evidencia-se mais claramente que o desejo do homem encontra seu sentido no

<sup>176</sup> LACAN, Jacques. Função e Campo da Fala. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. P. 269.

desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro”.

Na medida em que Jéssica fala dos acontecimentos, brinca dramatizando a partir de suas lembranças o cotidiano da vila. “*Um homem ficou brabo com a criança. Ela fugiu porque o homem queria bater. O homem correu e a menina ficou muito cansada. O homem não pegou a menina. A menina se escondeu do homem*”. Quem constitui a Lei no cotidiano de Jéssica? Como são representadas suas imagens sobrepostas pelos riscos enfrentados nas cenas da realidade? No seu relato o imaginário opera com os recursos do simbólico ordenando o desejo com as representações do real. Revela flexibilidade nas ações diante do objeto perseguidor. “*Um homem fica brabo, quer bater, a menina corre [ . . . ]*” Há também capacidade reflexiva e percepção da realidade na medida em que a criança desloca papéis e reconhece as conseqüências da própria ação.

No registro simbólico, Jéssica faz a discriminação entre os estímulos internos e externos. Embora transforme o seu desejo de bater no medo de ser atacada, há fora dela um objeto diferente e que opera de forma direta em sua vida.

Nos relatos de Jéssica há freqüentemente pessoas que perseguem causando danos físicos, mas também ocorrem fugas que supõem alternativas para enfrentar as dificuldades. Conta que “*dois homens conversavam*”, eles iriam brigar porque “*um queria bater no outro*”. Enquanto um foge e se esconde, o outro corre atrás e se enreda numa armadilha. “*Ficou preso e não conseguiu mais sair*”. O homem que se salvou não voltou mais lá. Na seqüência do relato fala de um menino que estava em casa brincando de carrinho. “*A mãe estava varrendo a casa, bateu com a vassoura no menino e ele quebrou a perna.*”

Nesses relatos percebe-se expressão do simbólico, embora na própria narrativa haja uma passagem ao ato quando o homem “*quer bater, foge e prende o inimigo em armadilha* ou a mãe varre a casa e quebra a perna do filho”. Desde o momento em que a criança está

inscrita na linguagem, há presença do simbólico, embora o mesmo não seja operante como se pretende no cotidiano do sujeito psíquico, para que possa estar inserido na cultura.

Jéssica, junto com as demais crianças inventa suas histórias enquanto brinca e consegue manter diálogo com os personagens, que embora imaginados, estão bastante próximos de cenas reais. Parece encontrar-se entre o registro imaginário e simbólico uma vez que enquanto fala está elaborando os conflitos<sup>177</sup>.

Por outro lado, no cotidiano das brincadeiras, as crianças manifestam no registro simbólico cenas que seriam manifestadas como uma “passagem ao ato”<sup>178</sup>, como as manifestadas na brincadeira relatada a seguir. Nove crianças, cinco meninos e quatro meninas desenvolvem um jogo simbólico. Há uma distribuição de papéis e de lugares uma vez que o tema já fora escolhido: “*um ataque dos bandidos*”.

Quatro meninas, entre elas Jéssica, exercem papéis diferentes no interior da casa. “*Jéssica é a mamãe! – Paula é a vizinha. – Aline é a empregada. – Melissa, tu é a filhinha*”. Um menino faz o papel de guarda da casa. O grupo designa Paulo como o homem que cuida da casa. Esse recebe um dinheiro pela sua tarefa e uma gratificação pelo “*dia de folga*”. Cinco meninos simulam a rua que passa na frente da casa. Estabelecem limites territoriais através de “*marcas*” no chão, separam pedrinhas e organizam o espaço onde supostamente os transeuntes estariam localizados. Os cinco meninos dramatizam uma situação de ataque dos invasores. Eles, no papel de supostos “*ladrões*”, forçam a entrada da casa, mas o porteiro, na pessoa de Paulo, resiste intensamente ao ataque. O menino escolhido para ser o porteiro da casa é o maior em tamanho, idade e força física no grupo das crianças.

---

<sup>177</sup> FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 18, p. 45.

<sup>178</sup> “Quando um sujeito não consegue se lembrar de um elemento recalcado, ele age por vezes sem saber o que está retornando então na forma de ação”. KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996. P. 4.

Finalmente, um dos meninos simula entrar na casa enquanto as meninas procuram expulsá-lo. Jéssica, como “*responsável pela casa*”, investe com força física sobre o menino. A brincadeira é representada através de atos e gestos corporais, com a expressão de violência. O invasor é levado para a cadeia. Simultaneamente os meninos assumem o papel de policial e punem o “*assaltante*”. A brincadeira se dissolve com a solicitação de troca de papéis. O ataque é o papel mais importante desempenhado pelo grupo. Mais uma vez aqui estão representados as variáveis de observação empírica como a discriminação entre os estímulos internos e externos, a flexibilidade, a capacidade reflexiva e a percepção da realidade enquanto instância simbólica.

Observa-se, nesse jogo relatado, uma história elaborada pelo grupo que se mostra ansioso por parecer estar próximo de um acontecimento no seu cotidiano de vida. Há uma representação do real recoberto pelo simbólico. Observa-se na brincadeira o predomínio de ações que expressam agressividade, luta pelo poder, ansiedade pelo esforço dispensado em preservar os espaços que são próprios de cada um.

Enquanto o conflito psíquico é traduzido no jogo, na fala, na representação corporal, há expressão do simbólico, mas nas atividades cotidianas o imaginário parece confundir-se com as cenas da realidade sem que as representações simbólicas possam estar presentes. Na organização dos brinquedos, na seqüência das rotinas com o grupo de colegas, em momentos de estabelecer as regras para os jogos, a tolerância à frustração é bastante precária. Por outro lado, enquanto brinca, Jéssica reconhece as regras, discrimina os papéis e administra as interdições próprias da situação a ser vivida. Isto mostra o quanto há uma lei internalizada, embora esses elementos tornem-se frágeis quando se dissolve a brincadeira entre os pares.

Crianças brincam e desaparece o material de Jéssica. Há o reconhecimento pelo grupo de duas meninas que teriam se apossado do material. Os monitores convocam os pais para

conversar junto das crianças acusadas. Todo o grupo verbaliza a cena, embora não haja sinais de desaprovação ou de expectativa frente ao ocorrido.

Nos espaços do centro de recreação há sempre um grupo de crianças brincando, competindo no jogo de xadrez, cuidando das bonecas ou inventando uma cena para ser dramatizada. Há também necessidade da intervenção do monitor na organização do grupo, porque as crianças, quando contrariadas no seu desejo, manifestam fisicamente seu desagrado batendo, gritando ou ainda danificando os objetos disponíveis para o lazer. Jéssica é parte integrante desse grupo. Quando inicia o jogo, imediatamente as diferentes opiniões parece nunca terem existido uma vez que as crianças se entregam totalmente ao imaginário da situação encenada.

Existem jogos que se repetem enquanto as crianças não expressam nenhum gesto de reconhecimento prévio ou descaso por ter sido repetido inúmeras vezes. *O rei do silêncio* é um dos jogos que assume prioridade para ser encenado. Uma criança é apontada no grupo para fazer o papel de rei. Este será desafiado por todos os participantes que se mantêm em círculo fazendo caretas e gestos para romper com o silêncio do rei. Os que fazem papel de rainha ao lado do rei, também não podem rir ou romper com o silêncio. A regra básica é manter uma postura de corpo e um olhar com expressão facial totalmente imóveis. Será soberano o rei que mantiver indiferença a tudo o que se passa ao seu redor. Se um dos parceiros, rei ou rainha, romper com as regras, será imediatamente substituído. Manter o silêncio é o que gratifica e faz as crianças repetirem a brincadeira. Jéssica se oferece para fazer esse papel. A interdição ou a regra é preservada em toda a extensão exigida, embora somente na hora do brinquedo.

Há uma insistente opção para que o jogo do silêncio seja repetido. Segundo Freud<sup>179</sup>, o impulso que leva as crianças a brincar são formas de repetir a experiência, para além do princípio do prazer. No registro simbólico, há elaboração da perda com possibilidade de recuperar e ao mesmo tempo se distanciar do objeto, com recursos do registro imaginário. Quando Jéssica diz “*as crianças saíram da casinha no dia de Natal, elas foram passear na amiga, [ . . . ] ganharam bolsa, boneca e ficaram felizes, [ . . . ] foram para casa, [ . . . ]*”, fala do que deseja através dos personagens sobrepostos em imagens, pessoas ou objetos. Nesse caso há operância do simbólico sobre o real e o imaginário.

Para Lacan (1956), a inoperância do simbólico significa forcluir, ou seja, excluir da realidade um acontecimento que não deveria ter existido. O sujeito expulsa o conteúdo ou experiência para fora do eu pela rejeição do significante. O significante primordial é rejeitado e, não sendo recalçado, retorna sob a forma alucinatória de puro real<sup>180</sup>. Segundo Freud, a inoperância do simbólico está relacionada à idéia de fragilidade nos mecanismos de resistência e repressão. Winnicott<sup>181</sup> afirma que a ausência do espaço potencial impede a formação dos símbolos; neste caso, há apenas fantasia ou apenas realidade.

Winnicott desenvolve a idéia de *verdadeiro* e de *falso self* para explicar a origem da criatividade. A patologia do espaço potencial origina comportamentos de rigidez, estereotípias e valorização do objeto de modo absoluto. Um certo grau de fracasso na relação mãe-bebê é

<sup>179</sup> “As manifestações de uma compulsão à repetição, que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como entre os eventos do tratamento psicanalítico, apresentam em alto grau um caráter instintual e, quando atuam em oposição ao princípio do prazer, dão a aparência de alguma força demoníaca em ação. No caso da brincadeira, parece que percebemos que as crianças repetem experiências desagradáveis pela razão adicional de poderem dominar uma impressão poderosa muito mais completamente de modo ativo do que poderiam fazê-lo parece fortalecer a supremacia que buscam. Tampouco podem as crianças ter as suas experiências agradáveis repetidas com frequência suficiente, e elas são inexoráveis em sua insistência de que a repetição seja idêntica”. FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 18, p. 52.

<sup>180</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998. P. 245.

<sup>181</sup> “Entre o lactente e o objeto existe algo, ou alguma atividade ou sensação. À medida que isto une o lactente ao objeto (como o objeto parcial materno), se torna a base da formação de símbolos. Por outro lado, à medida que há algo separando ao invés de unir, sua função de levar à formação de símbolos fica bloqueada. WINNICOTT, Donald W. Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro “Self”. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. P. 134.

necessário para que a criança possa entrar em contato com suas necessidades. O fracasso na relação dual mãe-bebê introduz a terceira área, o terceiro elemento na vida da criança salvando-a da psicose. Não são as condições precárias do ponto de vista físico que impedem as crianças de operar no nível simbólico, mas a forma de relação que elas têm com seus pais.

A 'criança privada' é notoriamente inquieta e incapaz de brincar, apresentando um empobrecimento da capacidade de experiência no campo cultural. [ . . . ] O estudo dos efeitos da perda em qualquer estágio primitivo envolve-nos no exame dessa área intermediária, ou espaço potencial entre sujeito e objeto. O fracasso da fidedignidade ou perda do objeto significa, para a criança, perda da área da brincadeira e perda de um símbolo significativo.<sup>182</sup>

#### 7.4 AS INSCRIÇÕES DE UMA FUNÇÃO PATERNA E DA FUNÇÃO PATERNA FRATURADA

Winnicott, ao destacar o papel dos pais no desenvolvimento do filho, realça também o papel da mãe.

O termo 'paternal' tem de vir necessariamente depois do termo 'maternal'. Gradativamente, o pai, como indivíduo do sexo masculino, torna-se um fator significativo. Depois, segue-se a família, cuja base é a união de pais e mães, numa partilha de responsabilidade por aquilo que fizeram juntos, aquilo que chamamos de um novo ser humano, um bebê.<sup>183</sup>

Freud, ao escrever o texto "O mal-estar na civilização", refere que nenhuma necessidade pode ser mais intensa na infância do que a proteção de um pai. Essa necessidade pode derivar deslocamentos para outras áreas como o gosto pela arte ou até mesmo pela religião. As crianças buscam nas narrativas formas sublimadas de conviver com os conflitos das perdas, separações e continuadas frustrações provocadas pelas exigências do cotidiano.

---

<sup>182</sup> WINNICOTT, Donald W. A Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 141.

Jéssica é capaz de reparar uma perda ou ainda de conciliar pontos de vista contrários. Uma história inventada por ela e já analisada pelo uso do espaço potencial indica que, embora experimente um fracasso persistente, suporta a frustração, reconhece a vitória do outro e se reconcilia no convite para continuar a viver.

Parece ter sido esta a trajetória da menina: perder o objeto de amor e construir mecanismos que auxiliem na mediação criadora. Jéssica utiliza um mecanismo reativo para negar a existência de um inimigo, ou, tendo percebido, passar a conviver com o mesmo. Quando pergunto o que está acontecendo naquela brincadeira com bonecos montada num recanto da sala de jogos, ela responde: “o menino está na cama e quando se acorda vai brincar com os amiguinhos. [...] A mãe chama: - Vem tomar café, comer e dormir! [...] O menino diz para a mãe que quer brincar. Agora ele vai ficar com a mãe”. Observa-se uma construção em que a criança se reconcilia com a ordem, mesmo desejando ampliar seus espaços. “Quer brincar [...] vai ficar com a mãe”. O que escuto em Jéssica nesse momento é a operância da lei enquanto brinca, embora na realidade evidencie momentos em que se torna difícil atender às solicitações da avó.

Na narrativa seguinte, Jéssica fala da criança, fala de uma lei que deveria estar presente na sua vida, uma mãe que possa lhe assistir. Por fim não somente ela como também o interditor são capazes de reparar o dano cometido. Ao mesmo tempo em que se coloca numa posição passiva, desloca-se para uma condição de atividade junto ao interditor. Vejamos o que a criança relata: “a menina vai para a escola, e a mãe diz que é para ela obedecer. A menina gosta da mãe e gosta do pai também. Ela não vai fazer arte. Agora a mãe vai gostar da menina. Ela joga, brinca e aprende a escrever. O pai fica brabo porque a menina vai para a rua. O pai xinga a menina e ela fica triste. Agora o pai vai fazer uma festa de aniversário para a guriazinha”.

---

<sup>183</sup> Idem. Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 191.

Freud<sup>184</sup>, no texto “Além do princípio do prazer” faz referência à gratificação da criança por meio de suas expressões nas falas, no jogo simbólico e nas brincadeiras. Refere também a importância da passagem de uma posição passiva para a atividade do jogo ou experiência, transferindo o que é desagradável para um elemento que possa conter a situação de conflito. Jéssica é um agente passivo e ao mesmo tempo se desloca para uma condição ativa: faz arte, nega, reconhece o dano e sugere uma reparação por parte da lei através da festa concedida pelo pai e pelo amor dispensado pela mãe. A menina parece reelaborar a sua história. Houve uma experiência de filiação marcada pela ruptura e a reconstituição dessa perda no reencontro com outros personagens.

Por outro lado, a flexibilidade na forma de pensar o cotidiano parece bem presente na situação de Jéssica enquanto conta a história de uma menina que volta para a casa dos pais. “*A menina chega em casa e pá! pá! pá!, bate e diz que é o cachinho dourado. A dona de casa manda ela entrar. Ela entrou e o cachinho dourado está com medo. Deixaram o cachinho dourado sozinho e saíram de casa. Por fim não aconteceu nada com o cachinho. Agora, o cachinho dourado está com os pais. Ela está feliz*”.

Cenas como essa e outras semelhantes se repetem em momentos sucessivos de narração de histórias, nas atividades livres e nos jogos em grupo. Há expressão da castração simbólica em Jéssica quando reedita nas histórias o medo incessante de um pai que pode puni-la. Não basta que a avó traga no seu discurso que é ela quem determina tudo em casa como na seguinte expressão: “*o meu marido não faz nada sem falar comigo. Ele não compra uma bala*

---

<sup>184</sup> “Em suas brincadeiras as crianças repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim procedendo, ab-reagem a intensidade da impressão, tornando-se, por assim dizer, senhoras da situação. Por outro lado, porém, é óbvio que todas as suas brincadeiras são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem. Pode-se também observar que a natureza desagradável de uma experiência nem sempre a torna inapropriada para a brincadeira”. FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: . *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 1980. V. 18, p. 28.

*sem me consultar. Ele já cansou de perder negócio. Então eu costumo incentivar, vai lá, mete o peito! Faz assim! Faz assado!”.*

Segundo Lacan<sup>185</sup> a carência do pai não pode ser confundida com o papel de normatizador nas tarefas da família, mas de normatizador no complexo de Édipo. Embora a avó se coloque como a representante da ordem e o ponto central nas decisões do companheiro, Jéssica faz relatos de histórias onde a agressão preliminarmente dirigida ao pai terrível e castrador retorna como uma ameaça de retaliação. Nas suas narrativas parece elaborar os conflitos vivenciados junto dos avós.

Jéssica conta uma passagem ocorrida com a prima. “*Ela foi brincar, fez bagunça e se machucou. [ . . . ] Foi para casa e levou um xingão porque ela já é grande. [ . . . ] Saíram de casa, ela ficou triste e quase ficou doente. [ . . . ] Agora ela diz que vai ser uma princesa”.* Nessa história a criança sofre os efeitos da punição, há ressonância de função paterna e identificação com os pais simbólicos: “*ficou princesa*”. O conflito de Jéssica permanece latente; ao mesmo tempo que se submete à castração, revela sentimento de onipotência diante das figuras parentais.

Conforme Freud<sup>186</sup>, reafirmado por Lacan (1999), o lugar do pai no processo de identificação da criança com a lei passa pelo ódio, mas também pelo amor. A avó de Jéssica ocupa a cena de chefe de família e delimita a presença da autoridade como texto da lei, mas isso não impede que a criança tenha fantasias de força, poder e de controle dirigidos ao pai. Quando se fala de Lei, trata-se antes de tudo de uma interdição que não está definida pelo

<sup>185</sup> LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5, p. 174.

<sup>186</sup> “As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas, coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição”. FREUD, Sigmund. *Neurose e Psicose*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. P. 221.

gênero ou por alguma instância física. Percebe-se a presença de fantasias de punição que se revela no *“fez bagunça, se machucou e ficou sozinha”*.

Lacan, quando introduz a fase do espelho no desenvolvimento inicial da criança, faz referência à importância do pai no discurso da mãe, que, estando atravessada pelo simbólico, oportunizará ao filho o registro do significante nome-do-pai. É através da linguagem que o sujeito chega no simbólico e o que garante a instância do pai será o significante “terceiro objeto” remetido a outro significante.

Ao dar continuidade a uma história iniciada em que um menino que vai para a escola e recebe recomendações da mãe, sugere obediência e identificação com as tarefas de leitura e escrita. *“Ele joga, brinca e aprende a escrever. Agora o pai vai fazer uma festa de aniversário para ele”*.

Quanto ao uso do espaço potencial, observa-se que “a morte”, “o roubo”, “o abandono da família pelo pai”, “a reprovação escolar”, “a fala da criança que diz ser abandonada pela mãe” fazem parte do mesmo cenário enquanto as crianças brincam, falam ou montam alguns cenários. O que a investigação empírica indica é que na comunidade dos moradores onde a criança permanece grande parte de sua jornada, a lei parece estar forcluída.

Mães não falam dos seus companheiros que abandonaram a família e que estão vivendo um namoro com a vizinha que mora ao lado. Morador da comunidade abusa sexualmente das meninas e os pais simulam o desconhecimento decorrente do ganho secundário, por tratar-se de mais uma ajuda financeira à família. Os pais também silenciam sobre a prática da prostituição das filhas adolescentes que estão sob os cuidados de traficantes. Por outro lado, enquanto falam dessas e de outras dificuldades através das histórias, do jogo e do brinquedo, há uma vivência em que a lei parece estar presente.

Para Winnicott,

outra fonte de confusão é a suposição corrente de que, se as mães e os pais criarem bem seus bebês e filhos, haverá menos problemas. Longe disso! [ . . . ] Com alguns de nossos filhos teremos sorte se nossa ajuda lhes permitir o pronto uso de símbolos, e o brincar, o sonhar, ser criativo de maneiras satisfatórias; entretanto, mesmo assim, a estrada que leva até aí pode ser pedregosa. Em qualquer caso, cometeremos equívocos, e esses equívocos serão vistos e sentidos como desastrosos, e nossos filhos tentarão fazer-nos sentir responsáveis por contratempos, mesmo quando não o formos realmente.<sup>187</sup>

Jéssica silencia o que se passa na família. Fala na mãe como um objeto distante e com quem gostaria de se relacionar. Nas narrativas a mãe tem de sair de casa à noite e deixa os filhinhos dormindo. A prostituição é negada, embora possa num determinado momento inventar um modo de se libertar do ódio contra a mãe. Fala do seu apego às figuras dos avós, mas diz que quando “*ficar grande*” vai morar em outra casa.

A palavra tem uma função simbolizante. As narrativas evidenciam de formas diferentes as expressões de desejo da criança. Jéssica é uma menina silenciosa, quieta, fala pouco sobre a mãe, mas na hora de inventar, a menina da sua história foge, arruma outro cuidador e rompe sua relação com a mãe má. Ao mesmo tempo em que foge, se reconcilia na culpa, revisando “*a arte cometida, a fuga, a briga com alguém*”. A mãe que Jéssica traz no cotidiano é pouco anunciada, mas cuida dos filhos, arruma a casa e gosta de ser uma boa mãe. Trata-se da avó que a acolheu desde o nascimento e lhe dispensa cuidados essenciais através de estima e de reconhecimento como integrante da família de origem. Winnicott, ao falar das manifestações estereotipadas das crianças e da ausência de símbolos, retoma os aspectos do desenvolvimento inicial:

Em casos de fracasso prematuro da fidedignidade ambiental, ocorre um perigo alternativo, o de que esse espaço potencial possa ser preenchido com o que nele é injetado a partir de outrem que não o bebê. Parece que tudo o que provenha de outrem, nesse espaço, constitui material persecutório, sem que o bebê disponha de meios para rejeitá-lo. Os analistas precisam estar atentos para evitar a criação de um sentimento de confiança e uma área intermediária em que a brincadeira se possa

<sup>187</sup> WINNICOTT, Donald W. Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 193.

efetuar, e, depois, injetar nessa área ou inflá-la com interpretações que, com efeito, provém de suas próprias imaginações criativas.<sup>188</sup>

As colocações de Winnicott nos remetem à idéia de que no espaço potencial, a vivência do registro imaginário pela criança é uma forma de elaboração, para que ela possa construir através dos processos de identificação o mundo simbólico com os recursos da linguagem. Para Lacan<sup>189</sup>, a função da linguagem mais do que informar é evocar. Nos deslizos do discurso, Jéssica vai evocando fragmentos dos sentimentos em relação à mãe, à sua história pessoal, aos objetos de sua relação. No discurso em que o sujeito mais do que fala é falado, a linguagem está presente.

Na inoperância do simbólico os objetos, situações ou experiências são tomados no sentido absoluto. O uso do fetiche é uma forma de absolutizar o objeto de relação, assim como as doenças psicossomáticas e o próprio delírio. Quando a criança se liga aos pais ou demais cuidadores e junto aos mesmos se torna impedida de separar-se deles ou de olhá-los como diferentes, o símbolo se confunde com o objeto que o representa.

Para Ogden<sup>190</sup>, a distinção entre símbolo e simbolizado ocorre ao mesmo tempo em que se constitui a subjetividade, uma vez que são duas realizações do mesmo processo evolutivo. É a partir dessa distinção que se constitui o espaço potencial. Para que o símbolo se diferencie do objeto simbolizado, a criança necessita interpretar suas percepções. Em outras palavras, os cuidados e a atenção dispensados pelos genitores representam o afeto e o desejo de que a criança possa crescer. Não havendo reconhecimento por parte da criança como um

---

<sup>188</sup> WINNICOTT, Donald W. A Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 141.

<sup>189</sup> “A ausência da fala manifesta-se nela pelas estereotípias de um discurso em que o sujeito, pode-se dizer, é mais falado do que fala: ali reconhecemos os símbolos do inconsciente sob formas petrificadas, que, ao lado das formas embalsamadas com que se apresentam os mitos em nossas coletâneas, encontram seu lugar numa história natural desses símbolos. Mas é um erro dizer que o sujeito os assume: a resistência a seu reconhecimento não é menor do que nas neuroses, quando o sujeito é induzido a ela por uma tentativa de tratamento”. LACAN, Jacques. Função e Campo da Fala e da Linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. P. 281.

<sup>190</sup> OGDEN, Thomas H. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 89.

terceiro observador, os cuidados seriam personificados como sendo os próprios genitores, não restando outra alternativa além de permanecer recebendo os cuidados e atenção de um bebê.

Não parece ter sido essa a ocorrência dos fatos em relação à trajetória de Jéssica, que desde os primeiros tempos de vida foi retirada da situação de abandono e de perda para recuperar dentro de si a função materna e, ao mesmo tempo, experimentar as primeiras privações introduzidas através das rotinas e regras de convivência.

Um olhar cuidadoso, um ambiente facilitador à expressão de um verdadeiro self podem expandir a criatividade do sujeito viabilizando sua entrada no mundo cultural, fazendo-o sentir-se sujeito criador da realidade. Para Winnicott<sup>191</sup>, na mesma posição de importância ou necessidade daquele que cuida do bebê está o professor, que fornece à criança instrumentos e técnicas para o trabalho e o brincar construtivos dando oportunidade para avaliação pessoal.

Ao mesmo tempo que o professor ou a pessoa que cuida da criança respondem de modo sincrônico ao seu desejo, deve também promover uma gradativa desadaptação para oportunizar a experiência de desapontamento ou de desilusão. A interação envolvendo fusão e separação com o objeto de amor é normativa, estruturante e condição para o desenvolvimento da criatividade. Enquanto Winnicott<sup>192</sup> refere o uso do espaço potencial, originalmente provocado pela experiência de separação da criança com a mãe a partir das sucessivas frustrações como origem da criatividade, Lacan<sup>193</sup> refere a função paterna como instituinte do desejo no sujeito. O nome-do-pai serve de suporte à função simbólica.

---

<sup>191</sup> WINNICOTT, Donald W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. P. 94.

<sup>192</sup> “Dirigimos nosso olhar em direção à miséria e à pobreza não apenas com horror, mas também com os olhos abertos para a possibilidade de que, para um bebê ou criança pequena, uma família pobre pode ser mais segura e “melhor” como meio ambiente facilitante do que uma família numa casa encantadora, onde haja ausência das personagens comuns”. WINNICOTT, Donald W. *Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior*. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 192.

<sup>193</sup> “É o nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei. Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara, na análise de um caso, entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas, ou entre eles e as relações reais que o sujeito mantém com a imagem e a ação da pessoa que a encarna, daí resultando um modo

O símbolo da lei que cada sujeito traduz em atos, pensamentos e linguagem de modo geral, está recalcado no inconsciente. Para Lacan<sup>194</sup>, basta que o sujeito se faça ouvir para que esses efeitos tenham sentido, embora as tentativas de explicação escapem à lógica do consciente. O símbolo não traz em si nenhum índice de regressão nem de imaturação.

## 7.5 ENCAMINHAMENTOS

Jéssica é uma menina que experimentou o afastamento dos pais desde o desenvolvimento inicial. Não teve oportunidade de recorrer a eles nos momentos de necessidade, mas contou com a presença dos avós que estiveram ao seu lado prestando ajuda e acolhimento nos momentos difíceis da sua vida. Uma criança que desloca o olhar e a escuta quando brinca, vivencia os papéis de personagens que lhes são designados e recorre aos pais quando necessita de apoio para suas inquietações traz representações claras das figuras parentais, especialmente de onde se encontram e o que poderia fazer por eles. Jéssica mostra sua filiação a partir dos cuidados recebidos dos avós e assim vai inventando suas histórias, reconstruindo-as a partir das outras crianças, que, por circunstâncias muito semelhantes, experimentam a dor da separação precoce dos genitores. O pai que se encontra impossibilitado de contatar com a filha e a mãe que a abandonou após o nascimento estão na lembrança de Jéssica, mas a função paterna exercida pelos avós não impediu que essa criança desenvolvesse o espaço potencial de criatividade. O processo de simbolização está presente, especialmente no brincar e nas horas em que a criança necessita criar alternativas diante das dificuldades.

---

de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções". LACAN, Jacques. *Função e Campo da Fala e da Linguagem*. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. P. 279-280.

<sup>194</sup> LACAN, Jacques. *Função e Campo da Fala e da Linguagem*. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. P. 295.

## 8 CONSTRUÇÃO DO CASO ROBERTO

Apresento a construção de um caso em que são descritas as manifestações de uma criança observada nos espaços de relação com a família, nos momentos em que esteve com os monitores do centro comunitário e no seu cotidiano quando necessitou enfrentar as solicitações decorrentes do convívio entre adultos e crianças. Foi acompanhada também nas atividades que envolviam brinquedo orientado e brinquedo livre para observar suas expressões verbais e não-verbais, o conteúdo das narrativas e o modo de relação com os objetos, com os pares e adultos em geral. A história de um menino é contada, privilegiando a escuta do seu discurso que parece entrelaçado numa intensa regressão diante dos desafios e uma ocasional adulez nos momentos em que brinca. A criança foi observada e escutada desde o discurso dos genitores até na sua disputa com os outros irmãos com quem divide os espaços onde mora .

Enquanto Jéssica, apresentada no primeiro estudo de caso, vive com os avós por ter sido abandonada logo após o nascimento, Roberto permanece sob os cuidados dos pais com mais quatro filhos do mesmo casal. A análise desse caso procura compreender as inscrições da função paterna numa criança de nove anos, sustentada pelos princípios teóricos de Winnicott, Lacan e Aulagnier.

### 8.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

Roberto pertence ao grupo de crianças privilegiadas, se quisermos pensar que um sujeito na sua infância deve morar com os pais e conviver com os irmãos em uma família que do ponto de vista convencional, é considerada bem estruturada. Além dos pais, mora também com a avó paterna, quatro irmãos mais velhos e uma senhora que auxilia nos serviços da casa. O pai trabalha como servente de obras e por vezes se ausenta dos familiares no período de até

uma semana para prestar serviço em outras comunidades. A mãe é funcionária de uma firma que presta serviços gerais.

O nascimento de Roberto foi marcado pela coincidente tragédia da morte do avô materno. Assim refere-se a mãe quando fala dos primeiros tempos de vida do filho, lembrados pelo luto e pelas dificuldades experimentadas em gestações anteriores. Lamenta não ter conseguido cuidar da criança porque passava os dias deitada ou chorando por sentir-se sozinha. *“Passei por muita tristeza e não tinha prazer pela vida. Não pude cuidar do meu filho. Uma senhora decidida e parecida com minha mãe tomou conta de Roberto. Os outros filhos já eram maiores e iam se virando”*.

Enquanto comenta sobre suas dificuldades diárias, especialmente em relação aos problemas enfrentados com Roberto, chora e diz sentir-se desamparada. Lembra os momentos de intensa depressão e melancolia, vividos após a morte do pai. Era apegada a ele e agora, passados nove anos, ainda vivencia uma certa tristeza. Refere que parte da elaboração dessa perda foi acompanhada por médicos. Expressa-se com angústia e diz sentir-se culpada, especialmente por ter sido chamada na escola em função das dificuldades manifestadas pelo filho.

As queixas estão relacionadas com problemas de conduta, dificuldade de relação com os colegas e a professora, manifestações regressivas quando contrariado no seu desejo e intolerância nos momentos em que *“esperar”* é uma necessidade. Refere que *“faria qualquer coisa para que alguém ajudasse seu filho”*. Manifesta vontade de colaborar com a escola e ao mesmo tempo diz sentir-se incapacitada, pelas solicitações constantes da criança. *“Sinto que o meu filho me consome, não tenho descanso, faço tudo por ele e nunca chega o momento em que ele esteja melhor”*. Em relação ao marido, refere que é uma pessoa bastante autoritária e ao mesmo tempo colaboradora nos momentos em que está presente. *“Meu marido se ocupa pouco com os filhos, principalmente com o Roberto, cuidado pela senhora que também nos*

*ajuda nos serviços da casa enquanto trabalhamos fora, ou pela avó. Não dá para deixar criança sozinha na vila sem um adulto que olhe”.*

Nos sucessivos encontros com a mãe, há uma persistente solicitação de ajuda para lidar com a impulsividade do filho e com o caos provocado após seus acessos de cólera. Manifesta grande sofrimento pela incapacidade de compreender as reações agressivas de Roberto e para conviver com o ódio que ele provoca. Expressa alívio da ansiedade quando sente-se acolhida por um ajudante ou em alguma palavra que traga conforto para o seu sofrimento. Os filhos mais velhos são anunciados para falar do que fazem nos momentos em que não estão na escola, ou de como se encontram atualmente, após enfrentar muitas dificuldades nos cuidados quando ainda eram pequenos. *“O mais velho que já passou por muitas dificuldades, agora trabalha, estuda e acho que está se encaminhando na vida. Os outros estudam, ajudam no serviço da casa e participam de cursos na escola. [ . . . ] Eles não têm paciência com o irmão menor”.*

No relato feito pela mãe, Roberto é bastante persistente naquilo que deseja, mesmo quando os adultos não dispõem de formas para atendê-lo. Resiste às dificuldades que se apresentam e manifesta comportamento agressivo quando contrariado. Busca apoio na mãe e, quando essa se encontra ausente, encontra na avó a sustentação para o seu comportamento regressivo. *“A avó mimma o guri e, quando não estamos juntos, deixa ele fazer todas as coisas que está proibido. [ . . . ] Eu também fazia isso há algum tempo porque senão ele entrava em crise, mas agora vejo que não dá para continuar. Cada vez ele exige mais.”*

Fala no marido como alguém que sempre se ocupou do trabalho, atendendo as necessidades da família com os suprimentos materiais necessários. Refere que a enérgica ação do pai sobre os filhos é no sentido de mantê-los sob controle para que assumam com responsabilidade o que lhes é devido. *“Meu marido é enérgico, gosta que as coisas estejam em ordem quando chega em casa, mas termina entregando tudo para mim. Dedicava maior*

*atenção para os quatro mais velhos. Estou cansada de tanto problema com essa criança”.*

Enquanto faz um depoimento sobre a sua condição de esposa e mãe, chora manifestando irritabilidade.

O pai de Roberto expressa-se com uma linguagem firme e objetiva. Faz questão de contar que assume comportamento autoritário, não oportunizando diálogo ou “*negociações*”. Na medida em que verbaliza, faz referência à precária condição da esposa em assumir uma atitude confiante junto aos filhos. “*Quando eu chego em casa, já vou determinando o que cada um deve fazer. Eles conseguem tudo o que querem com a mãe, mas comigo não*”. Orgulha-se ao dizer que passou por muitas dificuldades até conseguir um emprego que lhe possibilita atualmente sustentar sua família.

Na casa de Roberto circulam pessoas adultas, entre elas a avó e uma senhora já anunciadas anteriormente, que exercem o papel de mãe desde o nascimento da criança. É uma família que dispõe de um padrão de vida um pouco diferenciado em relação aos demais moradores da comunidade. O cotidiano de Roberto transcorre em parte na sua casa manuseando jogos de videogame ou assistindo televisão, no convívio com a avó e mais quatro irmãos. Em outros momentos, disputa espaço entre becos e ruelas da vila enquanto brinca com seus amigos que por lá transitam.

Roberto se reconhece como morador da vila porque nasceu naquela comunidade e seus pais não verbalizam a intenção de mudar de residência, fato pouco comum entre os moradores. Contempla quando os pais saem para o trabalho e ocasionalmente solicita que no retorno lhe tragam um novo brinquedo. Geralmente este pedido é acompanhado de manifestações regressivas como o choro ou a masturbação. Os pedidos feitos ao pai dificilmente são atendidos, com a justificativa de que as crianças devem assumir responsabilidade desde pequenas. “*Eu procuro mostrar que não é o presente que prova a preocupação de um pai para com o filho. O Roberto já tem idade para compreender suas*

*obrigações e eu procuro mostrar como consegui desde o meu primeiro emprego até o esforço que faço para manter as crianças na escola".*

Na presença do pai, o menino se esconde atrás de outra pessoa, fala como bebê e ao solicitar alguma coisa, expressa-se através do choro. O temor de ser reconhecido numa atitude inadequada ou o desejo de fazer coisas às escondidas e sem o consentimento dos adultos parece ser uma atitude constante no cotidiano de Roberto. Insiste para que o pai ou os responsáveis pelos seus cuidados, não reconheçam suas dificuldades de relacionamento com os colegas, suas manifestações impulsivas nas atividades de grupo, temendo uma punição.

Aproxima-se dos irmãos mais velhos para dialogar ou informar-se sobre o manuseio de jogos, mas não é correspondido nessa busca de atenção. Parece estar mais vinculado à avó que costuma conceder ajuda ao menino, sem restrições, ou à senhora que presta serviços em sua casa, recorrendo a elas nos momentos de maior dificuldade. Quando Roberto está com a mãe, tenta dominá-la através de persistentes pedidos de comida, de contato físico ou de auxílio no que realiza. Expressa irritabilidade quando não é atendido no seu desejo, desorganizando-se numa crise de choro e de resistência à aproximação de outras pessoas. Observo que as regressões são acompanhadas de ataques físicos, gritos e de enurese. Nos momentos mais regressivos apega-se ao pescoço da mãe ou da pessoa que lhe presta atendimento, utilizando-se dele como objeto transicional.

A diferenciação que a criança vai construindo na sua relação com os objetos e pessoas do ambiente concedendo-lhe a possibilidade de inventar um elemento mágico que transite entre um dentro e um fora de si e que Winnicott denominou de objeto transicional, está relacionada com a experiência do desmame. Para Lacan<sup>195</sup>, desde a investigação kleiniana, o desmame está situado na fantasia de partição do corpo da mãe. Nesse sentido, desde os

---

<sup>195</sup> LACAN, Jacques. Posição do Inconsciente. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

primeiros tempos de vida, a criança necessita perceber-se numa imagem especular integrada, para que possa resistir ao fracasso na continuidade dessa ilusão, buscando objetos substitutos.

Lacan<sup>196</sup>, ao referir sobre as incertezas do efeito do tratamento no sujeito, realça a importância das relações de objeto estabelecidas desde os primeiros tempos de vida através dos cuidados maternos. Para o autor, foi nessa direção que Winnicott introduziu a noção de objeto transicional e que se tornou o ponto-chave para explicar a origem do fetichismo. Se Roberto com a idade de nove anos ainda necessita de uma parte do corpo do Outro para substituir um “estado de falta”, o pescoço da mãe ou de um adulto cuidador utilizado para transitar nesse momento de regressão, encontra-se fetichizado. Não é um objeto tomado como apoio e para estabelecer relação, mas tomado como substituto real de uma ausência.

Ao participar das oficinas no centro comunitário, tem dificuldade de competir com o grupo, resistindo ao convívio com as regras de esperar a sua vez de jogar ou de reconhecer a vitória de um dos participantes. Nas rotinas diárias, as manifestações de cooperação parecem mais frequentes quando está distante dos pais. Observa outros trabalhadores erguendo moradias e trocando idéias com os vizinhos. A relação com os amigos é sempre um risco de perda porque as invasões clandestinas de barracos desocupados ou a venda de um casebre bastante disputado é feito de uma semana para outra. Vive entre a incerteza de não encontrar, no dia seguinte, os amigos com quem realiza suas competições e a certeza de que disponibilizará os mesmos espaços da rua para suas brincadeiras.

Desde pequeno, Roberto expressava comportamentos de insatisfação pelos lugares, pessoas e jogos disponibilizados para brinquedo. Manifestava muita dificuldade para tolerar frustração e facilmente ficava impaciente quando contrariado. Assim atualmente se comporta. Ocasionalmente se irrita e, quando percebe que o seu desejo não é atendido, desorganiza-se empurrando objetos e pessoas numa atitude pouco familiar para uma criança de nove anos.

---

<sup>196</sup> LACAN, Jacques. A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

Nesses momentos predomina a impulsividade e o choro compulsivo, acompanhado de comportamento regressivo, passada a crise aguda.

## 8.2 USO DO ESPAÇO POTENCIAL

Roberto se locomove numa sala em que estão disponibilizados materiais a serem utilizados para montagem de teatro, desenhos, jogos, leitura e invenção de histórias. Os primeiros encontros provocam em mim sentimentos de desintegração vendo-o tomar os objetos de um lado para outro, sem olhá-los ou fixar-se nos mesmos com alguma finalidade. Em pouco tempo tudo é manipulado, arrastado, trocado de posição, sem o menor cuidado ou esforço para estabelecer uma relação com os mesmos.

A desorganização interna e a dificuldade de estabelecer laço social com alguma coisa que se encontra no ambiente transmitem um sentimento de angústia acompanhada de caos e solidão pessoal. A experiência de Winnicott<sup>197</sup> na clínica com crianças destaca o princípio de que o brinquedo provoca ansiedade por se tratar de uma elaboração das fantasias primitivas do sujeito. A atividade exploratória da criança é utilizada como exercício do corpo, enquanto ela ainda está indiferenciada quanto aos seus elementos internos e os do meio exterior. Percebo essa expressão de ansiedade no menino que se identifica de modo precário com pessoas ou situações da realidade.

Encontro-me com Roberto para uma atividade em que são contadas ou inventadas algumas histórias. Enquanto combinamos o trabalho, percebo que ele incorpora o personagem de um poderoso dinossauro. Anda pela sala com os braços estendidos e emite sons como se estivesse comunicando alguma mensagem. Em seguida põe-se a desenhar revelando que trata-se de um alienígena. Um ser do outro mundo que tenta libertar-se das garras do inimigo.

---

<sup>197</sup> WINNICOTT, Donald W. Notas sobre o Brinquedo. In: WINNICOTT, Clare. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Observo que faz sozinho o relato de uma cena que viveu recentemente com a irmã. Utiliza-se do monólogo enquanto desenha e vai reconhecendo que uma nave espacial está próxima do “alienígena”. Nesse momento lembra da irmã, levanta-se irritado, interrompe o que estava fazendo e diz: “*não vou mais comer o que não gosto; preciso mentir para a minha irmã. Ela não pode me obrigar a engolir o que não quero*”.

Observo que manifesta um comportamento agressivo diante do que realiza, onde o alienígena e a nave espacial do desenho representam a relação dele com a irmã. A partir desse momento, assume atitude de oposição, e o desenho é incorporado como o objeto da realidade com todas as suas propriedades. Traz a cena do real para o momento do jogo, da história, do desenho ou daquilo que realiza no momento como brincadeira, evidenciando dificuldade para compreender que se trata apenas de uma situação “inventada” ou “criada” por ele. Parece confundir-se entre o que expressa através do desenho e dos movimentos do corpo. O espaço entre a realidade e a fantasia é restrito, e o jogo faz-de-conta torna-se pura realidade.

Winnicott<sup>198</sup>, quando dedica seus estudos clínicos ao tema do relacionamento paterno-infantil, realça o papel dos genitores ou responsáveis pelos cuidados iniciais da criança em dar-lhe sustentação às necessidades, fortalecendo o processo de ilusão através de gratificações. Mais tarde, ao dar-se conta da necessidade de detalhes no cuidado materno, essa criança além da desilusão provocada pela falta, no espaço entre ela e o outro vai inventado os objetos do mundo. Quando as lembranças do cuidado são precárias, ou quando pai e mãe mantiveram o estado fusional junto do filho, o espaço potencial de criação também se mantém reduzido a objetos ou situações perigosas. O autor reafirma essas idéias quando explora o tema da criatividade.

---

<sup>198</sup> “O espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo. Em contraste, a exploração dessa área leva a uma condição patológica em que o indivíduo sofre o estorvo de elementos persecutórios dos quais não consegue livrar-se, já que não dispõe de meios para tanto”. WINNICOTT, Donald W. Teoria do Relacionamento Paterno-Infantil. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. P. 142-143.

As histórias criadas por Roberto têm um conteúdo breve e os personagens expressam dependência em relação aos adultos aos quais se apegam para sobrevivência. Na história inventada “*um menino tem de se separar dos pais. Ele cai, machuca o braço e tem de ficar em casa. Quando o menino volta, a mãe faz comida para ele [ . . . ]*”, observo o menino repetindo situação semelhante no seu cotidiano. Constrói narrativas com enredo em que prevalece a descrição das situações, destinando ao objeto perseguidor um lugar de destaque. Enquanto olha um livro de histórias infantis, observa algumas ilustrações e diz: “*tem um homem triste e sério. É perigoso porque ele mata as crianças e faz cigarro com elas. Um guri enfeitiçou o homem, mas ele continuou vivo. Veio outro homem bandido e malvado e matou o guri*”.

Observo que, enquanto fala na história, fica impaciente, esfrega a cabeça e rola pelo chão. Terminada a narrativa, mostra-se disponível para continuar falando sobre ela. O contato inicial com a narrativa ou caso inventado causa desconforto, e isso é explicitado pelos movimentos contraídos do corpo e expressões de aborrecimento. Winnicott, ao longo do seu trabalho clínico, buscou na relação terapêutica através da transferência os recursos do sujeito para simbolizar por meio do brinquedo que se fazia presente nos rabiscos ou nas demais formas de linguagem. Reconheceu que a dificuldade para brincar<sup>199</sup> advém do restrito espaço potencial de criatividade não só dos sujeitos em tratamento, como também dos pais e responsáveis pela educação destes em épocas remotas de suas vidas.

Acompanho Roberto fazendo gestos no ar, emitindo sons incompreensíveis, como se estivesse conversando com alguém. Proponho a ele que trabalhe com nossas histórias de outro jeito, diferente daquele em que estávamos acostumados. Sem falar, cada um teria de adivinhar o que o outro estivesse contando sobre a história que começava assim: “*uma*

---

<sup>199</sup> “Existe em muitos um fracasso de confiança que restringe a capacidade lúdica, devido às limitações do espaço potencial; do mesmo modo, existe para muitos pobreza de brincadeiras e de vida cultural, porque, embora encontrem lugar para a erudição, houve um relativo fracasso por parte daqueles que, fazendo parte do mundo da criança, falharam em fornecer a ela elementos culturais nas fases apropriadas do desenvolvimento da personalidade”. WINNICOTT, Donald W. O Lugar em que Vivemos. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 151-152.

*criança sai de casa e [ . . . ]*". A partir desse instante percebo um gesto repetitivo de movimento dos braços na mesma direção simulando um "arremesso" ou um "lançamento de objeto", representando a história de acampamento com a família que montava a barraca para abrigá-los naqueles dias. Toda a história foi representada com os mesmos gestos de braços estendidos para a frente e para os lados numa seqüência repetitiva aguardando que eu pudesse explicar o que estava sendo contado. Os gestos contínuos e pouco expressivos pareciam estar desvinculados do pensamento, indicando que o corpo não estava se apropriando do que estava desejando manifestar. Poderia ser indicativo de um processo de desintegração segundo Winnicott<sup>200</sup>, ou de uma falta de apropriação corporal, segundo Pain<sup>201</sup>.

Ao mesmo tempo em que expressa dificuldade para inventar, criar ou se locomover, sua expectativa é de que todos reconheçam o que demonstra no corpo ou o que ocorre em seu pensamento. Isso lembra o processo alucinatório dos bebês no desenvolvimento inicial, trazendo a imagem do seio quando esse ainda não se encontra disponível para saciar a sua fome. Quando percebe que a cena dramatizada não é compreendida ou é interpretada de modo diferente do que imaginou, o seu desagrado é acompanhado de intensa irritabilidade. Na atividade clínica com crianças, Winnicott<sup>202</sup> constatou essa manifestação em crianças que se encontram no desenvolvimento inicial.

Se a invenção na hora de brincar está relacionada com a capacidade de o indivíduo estabelecer elo entre a realidade interna e a realidade externa, observo que Roberto tem muita dificuldade para se locomover no espaço potencial de criatividade. Seus gestos são repetitivos

---

<sup>200</sup> WINNICOTT, Donald W. Provisão para a Criança na Saúde e na Crise. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

<sup>201</sup> PAIN, Sara. Olhar-se. In: \_\_\_\_\_. *A Função da Ignorância*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. V. 2.

<sup>202</sup> "Uma criança brincando pode querer tentar mostrar, pelo menos, uma parte tanto do interior como do exterior a pessoas escolhidas no meio ambiente. [ . . . ] A criança de três anos de idade tem uma grande crença na nossa capacidade de compreensão, de modo que o psicanalista conhece enormes dificuldades para corresponder ao que a criança dele espera. Grande azedume pode sobrevir ao desapontamento da criança a tal respeito e não poderia haver maior estímulo para o analista em busca de uma compreensão mais profunda do que a aflição da criança perante o nosso fracasso em entendermos o que ela (confiante de início) comunica através das suas

e limitados a movimentos específicos para representar uma constelação de elementos em situações diversas. A decepção é intensa quando não se sente reconhecido no que deseja explicitar demonstrando imediatamente crises de choro ou gritos para reclamar de uma interpretação inadequada em função da cena demonstrada. A flexibilidade na relação com os objetos é restrita, prevalecendo o seu modo de lidar com a realidade. Isso evidencia também que há precária discriminação entre o que é seu e o que é do Outro, entre o que ele deseja e a diversidade do desejo dos outros, entre a realidade interna e a externa.

A manifestação de um comportamento impulsivo, em que Roberto opera com o puro real, ou com predominância da fantasia, ou ainda quando se aliena de ambos os pólos, é claramente percebida nos momentos de jogo e nas histórias inventadas. Quando a mãe expressa seu desagrado em conviver com um filho que lhe causa tanta angústia: “*não sei o que fazer com essa criança*”, parece reconhecer-se na relação fusional. Winnicott comenta alguns princípios da sua teoria, a partir das produções com a criança, em situação clínica.

Do mesmo modo, quando se nos depara uma criança em que a relação com a realidade interior não está conjugada com a relação à realidade exterior, por outras palavras, uma criança cuja personalidade está seriamente dividida a tal respeito, vemos com maior nitidez como a brincadeira (tal como o recordar e contar sonhos) é uma das coisas que propendem para a integração da personalidade. Uma criança com uma tão grave cisão da personalidade não pode brincar, pelo menos, em formas reconhecíveis, por parte dos outros, como relacionadas com o mundo.<sup>203</sup>

Acompanhando o relato de uma narrativa inventada por Roberto, percebo que os movimentos de destruição e de reparação estão presentes no seu imaginário. Ao falar da situação de um menino que freqüenta a escola e convive entre familiares diz: “*o menino quando saía da escola, estava passando na rua e viu um homem com um machucado na*

---

brincadeiras”. WINNICOTT, Donald W. Por que as Crianças Brincam. In: \_\_\_\_\_. *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979. P. 164-165.

<sup>203</sup> Idem. Notas sobre o Brinquedo. In: WINNICOTT, Clare. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. P. 50.

*cabeça. Foi porque ele brigou com o ladrão e quase morreu. O menino volta com medo para casa e vai brincar de carrinho. O pai deu de mangueira no filho. Foram dormir. Quando cresceram mataram o pai e foram para o presídio. Os amigos foram lá e tiraram do presídio. A polícia está atrás porque mataram o pai”.* A concepção que Winnicott<sup>204</sup> nos deixa sobre o acesso ao simbólico é de que o brinquedo exerce uma função vital, uma vez que a criança através dele vai administrando a sua agressão e destrutividade.

Em alguns momentos, observo Roberto mais integrado no que diz, ou no que expressa através de gestos e da fala. Essa situação é mais freqüente quando os adultos prestam ajuda com firmeza, impedindo manifestações regressivas diante das suas solicitações. Entre a realidade e a fantasia, circulam muitos sentimentos que nem sempre são compreendidos a partir da história pessoal da criança. O mesmo menino que vai à escola *“faz um presente para uma mulher que usa brinco. O pai botou o menino de castigo e agora ele não sai mais [ . . . ] Ainda bem que a mãe comprou um jogo de xadrez para ele brincar [ . . . ]”*.

O menino da história é castigado por ter se aproximado da mãe, embora a história seja construída para que a lei do pai seja transgredida. E continua falando sobre o destino desse menino que: *“gosta muito de futebol, mas tem medo de monstro e de fantasma [ . . . ]”*. O medo do castigo, o sentimento de culpa prevalecem nas histórias narradas; momento em que a lei do pai pode se fazer presente através do monstro e do fantasma. A vivência do complexo de Édipo é recorrente e observada especialmente na forte resistência para aceitar os limites ordenados pelo grupo, ou ainda na dificuldade em reconhecer a impotência pessoal.

Enquanto brinca sozinho, narra histórias, simula gestos com as mãos emitindo sons que são referidos como “dos monstros” e “dos bandidos”, parece mais integrado como sujeito e menos vulnerável a explosões de cólera e angústia no contato com outras pessoas que lhes solicitam o cumprimento de algumas rotinas e tarefas.

---

<sup>204</sup> WINNICOTT, Donald W. Notas sobre o Brinquedo. In: WINNICOTT, Clare. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. P. 50.

### 8.3 OPERÂNCIA DO SIMBÓLICO: PRIMAZIA DO SIMBÓLICO SOBRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Se pensarmos que operar no simbólico significa refugiar-se na invenção de um jogo “faz-de-conta” com deslocamento de papéis onde a impossibilidade e ausências se fazem presentes e, ao mesmo tempo, são enfrentadas com objetos e situações substitutas, reconheço esses elementos quando acompanho Roberto no seu cotidiano. Locomove-se na construção de cenas em que o personagem assume papéis fixos, delimitados pelo personagem inventor do drama. Enquanto brinca e vivencia uma história, tem dificuldade de voltar à situação que experimentava no momento anterior.

Quando Roberto bate no colega e reivindica um lugar de destaque na relação, só se percebe como o único e singular figurante daquele espaço. O fenômeno da alucinação prevalece, embora o fantasma do pai seja experimentado com muita dor e dificuldade, quando percebe que a distância entre ele e os outros é marcada pelas diferenças. O efeito da função paterna aparece nas marcas do recalque originário do significante representado pelo desejo da mãe. Para Calligaris<sup>205</sup>, “a posição do pai voltando no real é uma posição ocupada por uma constelação simbólica e imaginária, apesar de estar no Real. [ . . . ] a constituição do delírio e da metáfora delirante dependerão das possibilidades do sujeito lidar com este lugar”. O que fala e quando fala no Real é porque não está simbolizado. Roberto manifesta um apego persistente a objetos e pessoas de modo ainda pouco discriminado.

Em momentos de regressão e quando não consegue ficar sozinho, dirige-se ao adulto que lhe concede atenção apegando-se ao seu pescoço destinado como “objeto transicional” aparentemente já fetichizado. Apresenta dificuldades de se desprender do imaginário para

---

<sup>205</sup> CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. P. 80.

operar no simbólico. Roberto se locomove impaciente entre os colegas com quem brinca. Entre o toque no corpo de um e o sorriso dirigido a outro, a criança orienta-se nos espaços da sala de recreação. O olhar é desviado por vezes de modo fixo para algum objeto e, nesse momento, quando chamado por alguém, tem dificuldade de atender. Prefere brincar sozinho, falando com alienígenas e naves espaciais denominadas como “do bem” e “do mal”. Designa cores e formas distintas a cada uma das representações a que se refere. Tratando-se de seres do bem, a cor é verde, mas tratando-se de seres do mal, a cor é vermelha. Os códigos se repetem e, enquanto orienta-se pelo monólogo, gesticula de modo indecifrável reclamando do interlocutor que está oculto aos olhos do outro, mas presente na sua fantasia.

Para Winnicott<sup>206</sup>, a estereotipia no brinquedo pode ser ocasionada pela ansiedade diante de uma fantasia livre, como pode também indicar uma defesa em perceber a realidade através da fuga para o devaneio. Quando isso ocorre, as atitudes da criança se expressam de modo sensualizado, ou através de manifestações instintuais grosseiras em função do fracasso da simbolização. Assim Roberto permanece grande parte do seu tempo fazendo gestos no ar e emitindo sons entre os dentes. Quando chamado para trabalhar, responde com uma expressão que repete com insistência: “o que é!”. Há um risco recorrente de instabilidade no comportamento da criança que ora se expressa numa relação compreensiva com o adulto, ora mostra profunda insatisfação com tudo e todos que se encontram fisicamente próximos.

Demonstra interesse por animais e preocupa-se em imitá-los, interessa-se também pela organização de espaços que indiquem seu “habitat”, compondo cenas que envolvem verdadeira dramatização com os humanos. Nesses momentos em que se envolve com objetos de interesse, dificilmente torna-se possível deslocar sua atenção para outro fato.

Organizo com a criança um cenário para animais terrestres para o qual ele me convida na montagem dos materiais. Observo que sua busca por cercados e linhas divisórias é

---

<sup>206</sup> WINNICOTT, Donald W. Notas sobre o Brinquedo. In: WINNICOTT, Clare. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

persistente, solicitando minha ajuda para encontrar esse material. Quando percebe que esse tipo de objeto não está disponibilizado naquele momento, o menino expressa ansiedade e numa atitude descontrolada põe-se a chorar. Todo esse tempo de desorganização e perda de controle é acompanhado de angústia que se expressa pela tensão corporal. Um tom baixo de voz em que seu nome é pronunciado de modo claro, possibilita o deslocamento imediato do olhar para o encontro com quem lhe dirige a palavra.

Recompõe-se gradativamente da crise, reduzindo o choro e expressando-se através de linguagem compreensiva a frustração ocasionada pela não gratificação imediata do seu desejo. Situações muito semelhantes observo na relação com os companheiros de grupo, especialmente quando o não atendimento de um pedido seu pode converter-se em expressões de desespero e angústia acompanhadas de desorganização corporal. Um breve comentário feito pelo colega que transita próximo de sua mesa de trabalho sobre o desenho que realiza pode ser motivo de intenso conflito. Na concepção de Winnicott<sup>207</sup>, a criança manifesta dificuldade nas representações simbólicas quando só é capaz de brincar o próprio jogo, submetendo as demais crianças às regras estabelecidas por ela, ou quando a inquietude e a privação impossibilitam o uso de regras com flexibilidade e diferenciação.

Há manifestações críticas quando alguém fala algo que não coincide com a realidade como no caso para a nomeação de animais que já conhece. A preocupação é de que os nomes sejam claramente distinguíveis. Não há tolerância para o erro do adulto, que passa a ser deixado de lado como *“deixa para lá”*, ou seja, *“não quero ouvir mais”*. Para algumas cenas do cotidiano, Roberto mostra-se sensível, especialmente nas histórias infantis narradas para crianças. Prefere ler a ouvir histórias e reconhece o papel dos personagens que, acompanhados dos seus amigos, são pessoas *“do bem”* ou *“do mal”*, mas dificilmente portadoras dos dois

---

<sup>207</sup> WINNICOTT, Donald W. Notas sobre o Brinquedo. In: WINNICOTT, Clare. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

qualificativos. A dissociação está presente tanto nos momentos em que brinca, como nos espaços de inventar novas histórias.

Essa posição de Roberto lembra o que Aulagnier<sup>208</sup> teoriza sobre a representação do simbólico em sujeitos que ainda encontram-se alienados no discurso da mãe. Persiste nas brincadeiras com outras crianças, na defesa de um tema próprio e de interesse pessoal, deixando de partilhar com o grupo situações iniciadas por outra criança. Entrando na sala de jogos, busca a família de bonecos para simular a vida em família dentro de uma casa. Fala que os bebês devem dormir junto com os pais e que necessitam de cuidados especiais. Cobre-os com cobertas e os alimenta.

Confirma-se ainda, a partir de Winnicott, que a satisfação e o sentimento de conquista decorrentes do brinquedo dependem da possibilidade de o sujeito operar com símbolos. A cena expressa sentimentos de reparação e de estima. Meninas brincam no mesmo espaço, mas ele mantém sua atenção aos objetos manipulados e deslocados de um lado para outro falando baixo como se estivesse se comunicando com os personagens daquela história. Seria um brinquedo para meninas, se pensarmos que os seus pares naquele momento vestiam as roupas de animais ou manuseavam livros de histórias, mas isso não impediu que Roberto continuasse fazendo o que havia iniciado. Faz referência ao fato de ter sido excluído do quarto dos pais na noite anterior, embora tenha permanecido ao lado de fora da porta, ouvindo o que era falado do lado de dentro. Justifica que conseguiu colocar-se em um lugar em que era possível escutar o que era falado entre os pais. Enquanto relata, expressa sinais de choro como se estivesse inconformado com a exclusão do espaço destinado ao casal.

---

<sup>208</sup> “Opera-se uma clivagem entre a possibilidade preservada pelo sujeito de se reconhecer no termo que o designa como este filho desta mãe e deste pai, ou como irmão deste outro e sua impossibilidade de se apropriar do símbolo, isto é, da função como conceito [ . . . ]. O universal se anula na singularidade e no acidental de um elemento; o conceito perde toda significação universalizável e, desta forma, toda possibilidade de simbolização, tornando-se prisioneiro da coisa corporal que o encarna. [ . . . ] a significação filho ou filha permanece prisioneira do reconhecimento ou do não reconhecimento que ele só pode esperar do Outro, identificado a um referente real”. AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 164.

Na narrativa inventada sobre a criança que está com os pais e tem de se separar refere que *“a criança grita porque não quer comer a comida que a mãe fez, [ . . . ] a mãe teve de dar comida na boca e depois foram dormir [ . . . ] De noite a criança fugiu e, quando a mãe acordou, fugiu também”*. Há uma expectativa de acolhimento da mãe junto da criança onde não somente as necessidades são atendidas, como também o adulto é submetido ao desejo do filho. Observa-se a operância do simbólico com o uso de imagens superpostas de mãe e filho, com situações da realidade. Da mesma forma, as crianças manifestam indignação quando não são atendidas no que desejam. *“A bicharada está braba porque pediram presentes e não ganharam. [ . . . ] Eles fizeram três pedidos: um castelo, um skate e uma bola. O monstro devorou os bichos e o lobo arranhou o rosto dele. [ . . . ] Veio um homem e matou o lobo”*. Na medida em que Roberto expressa um modo de operar a realidade, seja com o vínculo de amor, seja com a destruição do inimigo, está criando alguma possibilidade de sobreviver diante da angústia de castração e do abandono.

No mesmo instante em que opera com uma realidade inventada falando com o “amigo imaginário” ou “narrando um caso”, o aceno de um gesto originado pelo colega ou um comentário que faça eco na sua rotina torna-se o motivo para desencadear ataque físico e alteração da voz. Percebo que a discriminação entre o interno e o externo não tem fronteiras definidas, o que faz supor que ainda se abastece do objeto que se encontra fora dele. Green<sup>209</sup>, nos seus estudos sobre sujeito e objeto, destaca o papel do “outro similar” para permitir que a diferença possa emergir. A similaridade possibilita conhecimento e expressão do ódio porque o sujeito se recusa a reconhecer aspectos seus no Outro. O que o Outro apresenta de diferente, servirá como complemento de si mesmo. Para Green, “o mais completo alcance desta criação está na estrutura edipiana, que confronta o sujeito com a dupla diferença: a diferença entre os

---

<sup>209</sup> GREEN, André. Objeto(s) e Sujeito. In: ANDRÉ GREEN e a Fundação Squiggle. São Paulo: Roca, 2003. P. 22.

sexos e a diferença entre as gerações, que articula o sujeito tanto a seus pais quanto ao Outro que ele não é”.

Na praça onde as crianças brincam, um grupo se organiza para jogar futebol. Enquanto Roberto observa seu colega alterar a voz e agredir com palavras o recreacionista do grupo, recolhe-se numa atitude de defesa comentando seu desagrado: “*eu não brigo como esse guri, ele não pode jogar no nosso time*”. Recusa a ver-se no Outro porque não tolera perceber suas fantasias projetadas numa imagem especular.

Quando há o acesso ao simbólico, torna-se possível à criança destruir o objeto e recuperá-lo sem a necessidade de culpa ou de reparação pelo dano ocasionado. Ao narrar uma história em que mãe e filho enfrentam dificuldade, Roberto diz: “*a mãe foi dormir e mataram o filhinho. Quebraram ele com um machado. [ . . . ] Depois jogaram futebol e foram numa lancheria. A polícia veio atrás. [ . . . ] Mataram toda a polícia. Prenderam um homem. Depois toda a cambada foi para tirar ele da cadeia. Agora estão felizes*”. Há um conteúdo da realidade nas narrativas contadas, nas quais o herói se faz presente através do ladrão, do criminoso e daquele que subverte com força contra o inimigo.

Prevalece uma vingança a ser cumprida entre os personagens da cena. As pessoas não são preservadas dos castigos e submetem-se aos ataques mesmo sendo cruéis. Roberto inventa uma possibilidade de libertar-se dos inimigos imaginários. Utiliza a história para reorganizar-se diante das fantasias, o que evidencia uma possibilidade de operar no simbólico. Quando a criança expressa seu desagrado ou coloca a agressividade nos personagens da história, há operância do simbólico, com a primazia sobre o real e o imaginário.

Segundo Lacan<sup>210</sup>, para compreender as questões relacionadas ao imaginário e ao simbólico, não podemos escapar à lógica das identificações em que o sujeito necessariamente precisa transitar pelas diferenças. Imaginário e simbólico são registros que operam de modo simultâneo, com prevalência de um sobre o outro, sobrepondo as representações como num sonho em que o desmembramento das imagens é substituído pela condensação em muitas outras. Quando refiro-me à primazia do simbólico sobre o real e o imaginário, estão em jogo as possibilidades de Roberto locomover-se com flexibilidade nas representações das quais é protagonista, captando a realidade com a discriminação do que é seu e do que é do Outro. São consideradas também as possibilidades de a criança abstrair da realidade a significação dos objetos e pessoas mediada pelo processo de pensamento, refletindo sobre o que o une e o que o distancia no universo humano.

Roberto ainda percebe o Outro como uma extensão de si mesmo. Indiferenciado da mãe, angustia-se diante do que se apresenta como diferença e reconforta-se quando reserva suas realizações para o plano da fantasia. Quando se sente invadido pela incerteza sobre a sua condição de sujeito capaz de ordenar o seu desejo, apega-se ao corpo do Outro num gesto de incapacidade de sustentação pessoal. Na relação com a mãe, projeta de modo intenso seus sentimentos de retaliação e de voracidade através de exigências de gratificação imediata acompanhadas de sentimentos de abandono.

Segundo Aulagnier<sup>211</sup>, o registro do imaginário traz à cena os emblemas identificatórios que a imagem especular enunciou, servindo agora como pontos de ancoragem. Se o espelho representado pelo olhar da mãe não perde seus direitos de definir que é a

---

<sup>210</sup> “Levamos aqueles que nos seguem aos lugares em que a lógica é perturbada pela desencadeada disjunção entre o imaginário e o simbólico, não para nos comprazermos com os paradoxos que ali se geram, nem com nenhuma pretensa crise do pensamento, mas, ao contrário, para lhes reduzir o falso brilho à hiância que eles apontam, para nós sempre simplesmente edificante, e sobretudo para tentar forjar ali o método de uma espécie de cálculo cujo segredo a inadequação como tal faria revelar. Como acontece com o fantasma da causa, que perseguimos na mais pura simbolização do imaginário, pela alternância entre o semelhante e o dessemelhante”. LACAN, Jacques. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo*. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998. P. 835.

<sup>211</sup> AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 168.

imagem portadora de valores dos quais a criança se pretende também possuir, a onipotência da mãe prevalecerá sobre o ainda desejo do filho. Roberto se encontra em busca de uma filiação para encontrar na palavra da mãe os emblemas do nome-do-pai.

#### 8.4 AS INSCRIÇÕES DE UMA FUNÇÃO PATERNA E DA FUNÇÃO PATERNA FRATURADA

Uma mãe com excessiva ansiedade dizendo “*não sei o que faço com essa criança*”, e um pai onipotente que se contrapõe dizendo que tem um princípio na vida que é “*determinar e fazer cumprir*”, são os referenciais disponíveis para Roberto. Um menino em busca de paternidade que lhe dê condições de constituir-se como sujeito. Enquanto Freud<sup>212</sup> falou da satisfação alucinatória do desejo, Winnicott<sup>213</sup> descreveu como holding e Lacan<sup>214</sup> captura através de identificação.

O que Winnicott denominou holding<sup>215</sup> e o que Lacan<sup>216</sup> denomina captura de si no espelho parece ter sido a dificuldade básica de Roberto no estabelecimento dos vínculos com a mãe. Para que Roberto experimente a relação com o Outro, esse deveria estar disponível para ser incorporado, odiado e amado.

O que se observa em Roberto é um corpo que se aborrece ao encontrar os desafios impostos pela realidade e tende de modo recorrente a regredir para um estágio primitivo de

<sup>212</sup> FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 19.

<sup>213</sup> WINNICOTT, Donald W. Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro “Self”. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

<sup>214</sup> “O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica e para a armadura enfim assumida de uma totalidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. [ . . . ] Esse momento em que se conclui o estágio inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do cume primordial, [ . . . ] a dialética que desde então liga o eu a situações socialmente elaboradas. É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro”. LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. P. 100-101.

<sup>215</sup> Termo que designa sustentação do bebê; proteção da agressão física; inclui a rotina completa do cuidado dia e noite, inclui mudanças instantâneas do dia-a-dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactente, tanto físico como psicológico. WINNICOTT, Donald W. Teoria do Relacionamento Paterno-Infantil. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. P. 48.

comportamento. Se a identificação com a imagem do Outro possibilita a antecipação de um corpo integrado, no caso de Roberto, a mãe não pode ser capturada como uma imagem a ser identificada. Vivia um luto melancólico pela morte do pai e que persiste até hoje. Não é por acaso que Roberto não se reconhece através do desejo do outro; por vezes ele é o único a ter voz e autoria sobre os objetos de relação.

Segundo Lacan<sup>217</sup>, no registro simbólico as ausências são tão significativas quanto as presenças. Quando o sujeito se reconhece na falta, busca recursos no imaginário para representá-la simbolicamente como presença de algo. Na concepção de Winnicott<sup>218</sup>, o que diferencia os recursos do sujeito para substituir as marcas de uma suposta falta é o uso do espaço potencial. Quanto mais Roberto tiver uma imagem integrada da mãe a partir da relação especular, melhor se locomoverá nos momentos de falta buscando no espaço potencial possibilidades de reiterar seu desejo. Desta forma, estaria criando alternativas para a impossibilidade do real, com os recursos do simbólico. Em vez de buscar no corpo materno o objeto de relação que lhe arrancará da dúvida e da angústia de separação, poderá deslocar para o jogo uma possibilidade de conforto e de saída para superar a ausência de gratificação.

Para Mannoni<sup>219</sup>, os princípios teóricos de Winnicott e de Lacan que parecem opostos em pontos como as de relação de objeto, se complementam com as de presença/ausência ou a de mestria simbólica necessária à criança, para poder superar uma perda sem desorganizar-se como sujeito.

Roberto se locomove entre uma mãe impotente e aparentemente alienada no discurso materno, vivendo a melancolia do luto pelo objeto perdido e não mais recuperado e um pai

---

<sup>216</sup> LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

<sup>217</sup> LACAN, Jacques. Introdução ao Comentário de Jean Hyppolite. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. P. 394.

<sup>218</sup> WINNICOTT, Donald W. A Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>219</sup> MANNONI, Maud. A Contribuição de Winnicott para um Trajeto na Psicanálise. *Estilos da Clínica*, São Paulo, ano 3, n. 4, p. 8-19, 1998.

que estabelece limites absolutos, portador de uma lei intransponível. Diante desses objetos idealizados como totalmente provedores ou frustradores, recorre a brincadeiras solitárias onde cria um mundo povoado de imagens.

Para Aulagnier, a confrontação da criança ao discurso do pai ou do meio pode lhe revelar que:

o que pensava a respeito de sua relação à mãe e da relação desta a ele era um engodo [ . . . ] A castração pode ser definida como a descoberta, no registro identificatório, de que não ocupamos jamais o lugar que acreditávamos nosso e que inversamente já estávamos destinados a ocupar um lugar no qual não poderíamos ainda encontrar-nos. [ . . . ] Eis porque a castração é uma experiência na qual podemos entrar mas da qual, num certo sentido, não podemos sair; podemos nos recusar a participar dela, podemos empreender uma desesperada marcha-ré, mas é uma ilusão acreditar que dela podemos sair.<sup>220</sup>

A desintegração da própria imagem na relação com o outro torna precário o uso do espaço potencial, com exceção dos momentos em que inventa suas histórias povoadas de monstros e de objetos não identificados.

Encontro-me com Roberto quando relata-me seu sonho: *“um monstro que tinha chifres na cabeça, na bochecha, no rabo e com uma estrela e um dente grande no queixo”* desejava atacá-lo. Tratava-se de um monstro que, além de brabo, queria destruir tudo e nunca estava feliz. No sonho, alienígenas tentavam se esconder, mas não conseguiam. *“Os monstros são bichos estranhos, horrorosos e metem medo em todo mundo. São um pouco engraçados”*. Enquanto cria essas imagens, vai se constituindo como sujeito portador de uma história e capaz de enunciar-se como identificado e diferenciado do mundo criado por ele.

Roberto conta que na vila próximo da sua casa *“uma criança se perdeu da mãe e ficou escondida num cantinho. Uma vizinha que passava no beco levou a criança para a casa”*. Continua o seu comentário dizendo que esse menino que fora encontrado tem medo de monstros e que se não fosse a vizinha ele seria *“atacado pelos bandidos”*. Enquanto faz o

<sup>220</sup> AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 158.

relato, manipula bonecos colocando-os na mesma cama para repousar, aguardando a comida. Lembrando Winnicott<sup>221</sup>, o brinquedo é uma atividade criativa desempenhada a partir do real, onde o sujeito utiliza “*o próprio corpo e objetos que se encontrem à mão*”. Para isso, a confiança como resultado dos cuidados dispensados na experiência da criança fazem diminuir ou ampliar a capacidade de brincar.

A seqüência do brinquedo vai revelando outras histórias sonhadas, inventadas, trazendo no seu conteúdo o trágico do cotidiano de Roberto, embora sublimado pelo fato de se constituir em uma história. Essa é apenas mais uma história quando me conta *que “mataram um homem na vila e depois enterraram [ . . . ], os guardas que mataram porque ele estava fazendo bagunça. O bandido e matou os guarda. Depois veio outro guarda e matou os bandidos [ . . . ] eles conseguiram fugir”*. A imaginação de Roberto expressa-se em momentos que sozinho fala, elabora, conta, constrói, faz e desfaz situações envolvendo muitos personagens. O desafio para Roberto é enfrentar o diferente ou reconhecer-se naquilo que é semelhante.

A relação com Roberto é sempre uma surpresa e não há como iniciar uma atividade com a pretensão de concluí-la. Uma palavra inesperada, um toque acidental do colega, a contrariedade manifestada pelo coordenador do grupo são motivos suficientes para que a tarefa seja interrompida e o descontrole assuma lugar de destaque na relação com objetos e pessoas. Se por um lado o menino de nove anos mostra-se tão onipotente diante de um pequeno incidente que altera a ordem dos acontecimentos, é porque a insegurança e a fragilidade não suportam uma situação de conflito ou de reconhecimento da incompletude pessoal.

---

<sup>221</sup> WINNICOTT, Donald W. Notas sobre o Brinquedo. In: WINNICOTT, Clare. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. P. 50.

## 8.5 ENCAMINHAMENTOS

O caso apresentado refere-se tanto aos movimentos físicos quanto aos psíquicos apresentados por Roberto numa trajetória de sete meses acompanhando-o em alguns em que predominava a discriminação e controle sobre a realidade. A oscilação entre um estado de desorganização plena e um estado de discriminação e entendimento das diferenças possibilita um deslocamento da atenção dirigida inicialmente ao filho para os seus pais. Roberto expressa a ausência dos pais, que por sua vez também carecem de função paterna.

A mãe se reconhece na dificuldade de ordenar o seu desejo quando morre o pai e daí por diante não consegue atender o próprio filho. Impedida de assumir a separação ocasionada pela ruptura dos pais da infância, infantiliza-se diante do marido que lhe ordena assumir uma posição de mãe, para a qual não consegue. O pai se reconhece como a lei que faz calar a desordem na família e institui o que as pessoas devem fazer ou pensar. Roberto que se desenvolve com grande dificuldade de enfrentar a realidade em função da fratura da função paterna, se beneficia com o jogo, com as narrativas em que, mesmo de modo precário, consegue operar no nível simbólico. Trata-se de um caso de falência da função paterna nos pais da realidade, impedindo ou dificultando ao filho a identificação com a lei que ora é forcluída na pessoa da mãe, ora é apresentada como absoluta na pessoa do pai.

Roberto, apesar da resistência à passagem dos registros imaginário ao simbólico, se beneficia com o jogo e as diferentes formas de brincadeira quando acompanhado dos pais, num primeiro tempo sozinho, para mais tarde recorrer ao outro, quando o contato com a realidade interna, ocasionada pelo vazio do objeto de identificação já lhe é mais familiar.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 9.1 REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO E REDAÇÃO DOS CASOS<sup>222</sup>

Encaminho algumas considerações que não pretendem finalizar o trabalho, mas oportunizar novas modalidades de entendimento sobre a fratura da função paterna. A idéia de fratura sustenta o princípio de que as crianças que experimentam situações de privação ou de ruptura no desenvolvimento inicial, apresentam dificuldade de utilizar recursos simbólicos no processo de relação com o Outro.

Através dessa investigação com a psicanálise, enquanto método e teoria, foi possível verificar os efeitos da função paterna operando sobre o espaço potencial das crianças, oportunizando o uso da criatividade e da invenção. As crianças brincam e se beneficiam das atividades, na medida em que podem representar o que desejam no momento. Enquanto as crianças estão narrando suas histórias e na medida em que é dada a oportunidade de falar das suas dificuldades, há representação do processo de simbolização. Mesmo havendo fratura, interrupção, trauma no processo de acolhimento e de interdição no desenvolvimento dessas crianças, o uso do espaço potencial onde se originam a criação e o brincar parece estar preservado ou com o uso parcial, dependendo das condições de cada sujeito. Após o término do brincar, observa-se dificuldade de operar no nível simbólico, prevalecendo expressões de *atuação*.

Duas realidades psíquicas diferentes são apresentadas em circunstâncias e ambientes muito semelhantes. Uma comunidade de moradores desempregados ou subempregados temporários, habitando espaços que são disputados pela ocupação de casas construídas de

---

<sup>222</sup> O estudo de caso metapsicológico foi realizado através da construção de um personagem utilizando uma situação base com fragmentos de outros casos, tendo a psicanálise como apoio teórico para reflexão. Enquanto a história clínica descreve a posição psíquica do sujeito com interpretação e diagnóstico a partir do sintoma, o caso

modo precário e aglomerados familiares constituídos principalmente de crianças com menos de onze anos. Nos casos de Jéssica e de Roberto, a função paterna, mesmo fraturada, se constitui e opera de modo diferente.

Em Jéssica, a função paterna se faz presente pela presença dos avós, que trazem dentro de si a condição de serem acolhedores e continentos. A avó tem uma escuta atenta ao que se passa entre ela e seus netos, intermediada pelo discurso do companheiro que é o avô das crianças. Em nenhum momento a voz do pai está dispensada nessa casa em que habitam filhos adotivos, filhos legítimos e netos que, desde o nascimento, foram privados do olhar materno. Mesmo os pais estando distantes em função do abandono dos filhos pela mãe ou da prisão do pai como consequência do delito cometido, Jéssica se reconstitui através dos cuidados da avó que lhe transmite a “palavra justa”<sup>223</sup> e lhe oferece condições para desenvolvimento com adequado acolhimento e limites, oportunizando que o desejo se instale como uma condição para o convívio na cultura.

Parece ser essa a função dos avós de Jéssica, confirmando as idéias de Philippe Julien<sup>224</sup> de que “o pai é aquele que, por sua presença atenta, faz passar a criança da vida familiar à vida social; mediador entre o privado e o público, ele introduz a criança na condição de adulto, capaz de desembaraçar-se de sua mãe”. Essa experiência de parentalidade é vivida com os avós de Jéssica que emprestam voz à neta e, ao mesmo tempo, instauram uma separação. Julien destaca o cuidado necessário para que o lugar do pai esteja inscrito e preservado no discurso da mãe: “tu não és o que me falta”<sup>225</sup>. A confiança que orienta a vida

---

matapsicológico é construído na relação transferencial servindo-se dos fundamentos psicanalíticos para a construção do personagem falado. A construção do estudo de caso foi referida na seção sobre metodologia.

<sup>223</sup> Termo utilizado por Françoise Dolto para designar a comunicação clara e franca entre os pais e os filhos, facilitando o desenvolvimento psíquico da criança. DOLTO, Françoise. *Tudo é Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. P. xvi.

<sup>224</sup> JULIEN, Philippe. *A Feminilidade Velada: aliança conjugal e modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997. P. 24.

<sup>225</sup> “Mensagem transmitida à criança para falar do Pai como nome na palavra da mãe. O pai existe na palavra de uma mulher, do contrário ele não existe”. JULIEN, Philippe. *A Feminilidade Velada: aliança conjugal e modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997. P. 47.

da criança, mesmo sendo abandonada pela mãe, não está na confirmação de que ela possa recuperar-se dessa dor, mas no crédito concedido pela avó, que traz na sua palavra o amor pelos netos, mas também pelo seu companheiro e avô das crianças. Não se trata de um ato legal, mas de um ato de ordem, que se inscreve no psiquismo desde os primeiros tempos em que foram acolhidos.

Winnicott<sup>226</sup>, ao falar das perdas precoces na infância como a morte dos genitores ou a desagregação familiar, faz referência à necessidade de uma criança assumir prematuramente responsabilidades com o risco de perder a espontaneidade, a capacidade de brincar e o impulso criativo despreocupado. No estudo de caso onde Jéssica é a protagonista, as precárias condições materiais e de espaço, bem como os acontecimentos que marcaram sua história de desenvolvimento junto ao grande número de irmãos abandonados após o nascimento, poderiam sugerir não somente a fratura, mas a ausência da função paterna. No entanto, os resultados da investigação apontam que estas crianças se reconhecem no que se assemelham e no que se diferenciam, verbalizam sobre as suas dificuldades, criam possibilidades de conviver com a separação dos pais, seja através dos animais de estimação, seja através das brincadeiras compartilhadas.

A criatividade de Jéssica está presente na hora de ajudar o amigo a desvendar o mistério do jogo, como também a tolerância à frustração é percebida nos momentos em que é vencida pelo opositor. Demonstra flexibilidade no momento em que o protagonista da brincadeira necessita deslocar papéis e capacidade reflexiva acompanhada de discriminação quando ao final de um jogo reconhece o vencedor, reparando algum dano cometido de modo impulsivo.

As suas narrativas inventadas carregam a dureza do cotidiano, mas há uma representação do amor e do ódio traduzidos na linguagem oral que aparece deslocada para um

---

<sup>226</sup> WINNICOTT, Donald W. Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 197.

personagem. O oprimido da vida real transforma-se em opressor na história ou no teatro, dando a chance de realizar a justiça através de um processo ordenado e de uma suposta convivência com o outro. Para Winnicott, “sem o brinquedo, a criança é incapaz de ver criativamente o mundo, e, em consequência disso, é arrojada de volta à submissão e a um senso de futilidade, ou à exploração de satisfações instintuais diretas”<sup>227</sup>. Observo Jéssica lidando de modo criativo com a realidade externa, sentindo-se autônoma e presente diante da demanda do avô que lhe convoca a acompanhá-lo nas idas ao armazém, ou na confecção de pequenos brinquedos, construídos a partir de materiais concedidos pela avó. Enquanto brinca e discute com os pares no grupo ou responde às solicitações dos adultos, administra a agressão e o temor de confrontar-se com mais uma perda, uma vez que parece ainda preservar a capacidade de lidar com símbolos através do uso do espaço potencial.

Essa questão fica mais clara na medida em que os objetos, os animais e as situações enfrentadas com as pessoas são reconhecidos como elementos da realidade assumindo características próprias. Segundo Winnicott, “gradativamente, à medida que a criança se torna mais complexa como personalidade, com uma realidade pessoal ou interior, o brinquedo torna-se uma expressão, em termos de materiais externos, de relacionamentos e ansiedades internas”<sup>228</sup>. Enquanto brinca, Jéssica se expressa através de gestos assumindo o lugar ora da “dona de casa”, ora da “filha que vai à escola”, articulando, montando e desmontando papéis nos espaços destinados a cada personagem. Irrita-se mais quando assume o lugar de filha, expressando “rebeldia” diante das ordens que lhes são administradas.

Observo também o quanto esse processo tem um tempo de duração limitado e que, enquanto brincadeira, há possibilidade de construir e reconstruir as imagens que povoam os sonhos da criança. Jéssica se percebe como uma menina subnutrida pela sua estatura e peso

---

<sup>227</sup> WINNICOTT, Donald W. Notas sobre o Brinquedo. In: WINNICOTT, Clare et al. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. P. 50.

<sup>228</sup> *Ibidem*, loc. cit.

reduzidos; verbaliza sobre a ausência dos pais em sua vida, faz referência aos irmãos que sentem saudade da mãe e preocupa-se com o que terá de fazer quando o pai sair do presídio, para que os bandidos não o matem. Em meio a essa madura generosidade, também se desentende facilmente com os colegas na hora de escolher o time de que pretende participar durante as competições. As dificuldades se reduzem na hora de deslocamento para o jogo “faz-de-conta”, onde as possibilidades de criação não têm limites. Entretanto, isso só é possibilitado pelo fato de ser uma criança com recursos pessoais para usar o registro simbólico com o uso do espaço potencial onde as restrições são do próprio funcionamento psíquico. Se a criança “*quase morre*” na história narrada, mais tarde sobrevive porque alguém a acolheu. As situações limites são experimentadas com muita imaginação e possibilidades de retorno do objeto supostamente perdido.

Percebo em Jéssica a possibilidade de uso do espaço potencial dando-lhe condições de viver seus sonhos através das narrativas inventadas, dando vida aos personagens e transformando a sua dificuldade cotidiana em formas de relacionamento como ocorre na vida real. O que sustenta esse modo de operar a realidade e ordenar o desejo discriminando a experiência interna da externa, ou aceitando as diferenças é a função paterna dos avós que souberam renunciar ao Pai Ideal. Não somente renunciaram a um pai todo-poderoso, como também renunciam hoje, na condição de genitores e progenitores, o lugar de perfeição e completude, ajudando os filhos e netos a fazer o luto dessa imagem idealizada. Revelam suas dificuldades e reconhecem os equívocos cometidos no relacionamento com os netos. Após uma “injustiça” cometida no tratamento dispensado inadequadamente a uma das crianças, assumem o erro com o desejo de reparação.

O processo de luto vivenciado por Jéssica e seus irmãos não se deu através do esquecimento, mas da palavra veiculada pelos avós, dizendo e falando desses pais, que, mesmo ausentes, continuam sendo a origem da história individual de cada uma das crianças.

A origem de cada um está marcada por um laço, que mesmo tendo se rompido, pode ser elaborado por circunstâncias nomeadas pela linguagem. A palavra, como outras manifestações simbólicas, dá conta de justificar o lugar que ocupam os personagens na história de Jéssica, seja pela reparação de uma dívida, ou seja, pela busca de justiça. Num tempo muito precoce de sua vida, a menina que é sujeito desse estudo experimentou uma situação traumática de abandono e risco de integridade da própria vida, provocado pela mãe. Isso parece ter sido amenizado pela presença dos avós que, embora reconhecendo as muitas perdas e separações da neta, possibilitaram um ordenamento no desejo da criança através da função materna “suficientemente boa”.

Winnicott<sup>229</sup> inclui na maternagem suficientemente boa o termo “maternal” para referir uma atitude total para com os bebês e o cuidado destes. Gradativamente o termo “paternal” assume lugar significativo na partilha da responsabilidade com um novo ser humano que se chama bebê. A interdição administrada pela mãe a partir da apresentação de pequenas e suportáveis situações de frustração à criança origina o espaço da falta e a instalação do desejo que é subsidiário da aprendizagem. Portanto, na origem da função interditora apresentada pela mãe, está o pai, que é o representante simbólico da castração. Para explicar esse tipo de vivência, Aulagnier<sup>230</sup> fala do processo de identificação da criança e de sua perspectiva futura diante da experiência de castração. Para essa autora, trata-se de um movimento necessário e irreversível na vida do sujeito. Dessa forma, as perdas, apesar de traumáticas, foram faladas e renomeadas na ordem simbólica. Jéssica opera no nível simbólico mesmo nos momentos em que a intolerância pela frustração da espera tenha ganhado destaque.

---

<sup>229</sup> WINNICOTT, Donald W. Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 191.

<sup>230</sup> AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 158.

A “preocupação materna primária”<sup>231</sup>, na concepção de Winnicott, ou o processo de “constituição do Eu”<sup>232</sup>, na concepção de Aulagnier, ou ainda uma “relação especular”<sup>233</sup> sustentada pelo discurso de uma mãe inscrita pela linguagem, segundo Lacan, introduziram essa criança na ordem da cultura; todos esses elementos foram favorecidos possivelmente pela presença dos avós, que, portadores de um desejo, sustentaram um processo vital e de continuidade de existência.

Se a experiência de separação é vivenciada com Jéssica, o mesmo não ocorre com Roberto, que ainda necessita abastecer-se de parte do corpo da mãe para sentir-se integrado. Na casa de Roberto, encontro uma família aparentemente bem constituída, em que pai, mãe, filhos e avó vivem em condições materiais privilegiadas em relação às demais crianças da comunidade investigada. Os contatos com Roberto me fazem supor que se trata de uma criança em busca de filiação. Necessita da confirmação do olhar das pessoas com quem interage, revelando esse desejo através de uma persistente necessidade de opor-se ao que lhe é oferecido, ou de fazer prevalecer o que é de interesse pessoal. A fratura da função paterna já se fez presente pela ausência de cuidados maternos, especialmente no seu desenvolvimento inicial.

Para Bergès e Balbo<sup>234</sup>, no transitivismo representado pelo jogo de posições da mãe e do filho, há sempre um terceiro. “*É no crédito que a mãe dá à criança, em função do qual esta lhe faz uma demanda, endereçada a ela, à mãe, que está implicado esse elemento terceiro*”. Ou seja, a mãe supõe que para além do filho há uma demanda de nomeação e lhe concede os cuidados necessários. A mãe de Roberto não supôs para além do que o filho aparentava. Desesperou-se com a fragilidade do bebê recém-nascido tratando-o como um

<sup>231</sup> WINNICOTT, Donald W. Da Dependência à Independência no Desenvolvimento do Indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. P. 81.

<sup>232</sup> AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 110.

<sup>233</sup> LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. P. 100.

<sup>234</sup> BERGÈS, Jean. O Lugar do Genitor no Autismo e na Psicose. In: \_\_\_\_\_. *Há um Infantil na Psicose?* Porto Alegre: CMC, 2003. P. 37.

acontecimento da realidade ao mesmo tempo em que vivenciava um luto profundo pela morte do próprio pai.

Portanto, Roberto encontra na mãe a impossibilidade de levantar a hipótese de que ele, o filho, estaria demandando alguma coisa. Na própria mãe a função simbólica opera de modo restrito, ou seja, além de perceber um bebê impotente, frágil e impedido de viver sem os cuidados indispensáveis, necessitaria levantar hipóteses ou falar a essa criança, supondo a respeito da sua necessidade de “não morrer”. Enquanto os avós de Jéssica levantaram possibilidades hipotéticas para a continuidade de existência da criança, os pais de Roberto o reconheceram como um puro real.

A mãe, indiferenciada do filho, relaciona-se com ele evidenciando muita ansiedade em função da própria imaturidade psíquica. Ainda ligada ao pai e confusa pela não elaboração do luto após sua morte, sente-se culpada pela dificuldade de aceitar a condição da criança, mesmo vivendo num processo de simbiose junto dela. Rejeita essa condição porque sente-se identificada com a sua realidade psíquica interna. Essa questão de apego ao passado faz eco com a dificuldade de aproximação ao filho, obstruindo a circulação da palavra uma vez que a história pessoal não é nomeada. Procura compensar as dificuldades pessoais prestando favores à criança numa atitude paternalista inviabilizando no menino a capacidade de pensar sobre as crises de choro ou os ataques físicos quando não se sente gratificado.

Aulagnier faz um registro sobre a representação simbólica do lugar ocupado pela mãe.

Quando tratamos da função simbólica própria aos termos do sistema de parentesco, mostramos que sua função é a de separar o ocupante singular de uma função, do conceito que esta função deve veicular. A significação “ser mãe” deve se diferenciar do que pode ter sido a relação à mãe singular que cada um teve: o acesso ao conceito dificulta a repetição da experiência vivida.<sup>235</sup>

---

<sup>235</sup> AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 190.

Roberto está atado a uma mãe que não consegue ordenar o desejo em função da alienação vivida junto aos próprios pais. As crises depressivas anunciam a fragilidade na sustentação de um conflito, de uma dor ou de uma carência absoluta experimentada pelo filho recém-nascido.

Winnicott<sup>236</sup>, ao analisar os efeitos da depressão dos pais sobre o estado emocional das crianças que se encontram em fase inicial do desenvolvimento, expressa sua preocupação sobre os prováveis riscos de uma perturbação profunda no psiquismo infantil. No início, o filho necessita de uma adaptação materna quase completa às suas necessidades. Esta forma de tratamento é imprescindível para que mais tarde o bebê possa suportar o fracasso provocado pela mãe na continuidade dos cuidados. Percebo uma função materna impotente para o exercício do que Winnicott<sup>237</sup> denomina de “suficientemente boa”, pela própria dificuldade em conceber a incompletude da condição humana a partir da renúncia a um Pai idealizado.

A possibilidade de deixar os pais representa sair da condição de filha sustentada pela vida deles, para assumir a própria paternidade. Para que Roberto tenha existência própria e amplie seus espaços de simbolização, sua história tem de ser reeditada através da palavra da mãe, designando um lugar para o pai. Aqui não se trata do pai biológico, mas sobretudo do pai que estabelece a ordem a partir do caos. Não tendo espaço para um pai apresentado pela mãe, uma lei inflexível e absoluta se apresenta através do genitor, causando temor e angústia na criança que tende a regredir como uma forma de lidar com o infortúnio do momento.

Da parte do pai, incorpora uma lei absoluta e que restringe o uso do espaço potencial em função da inibição ocasionada pela opressão e pelo medo. A angústia sentida com a presença do pai dificulta a busca de objetos substitutos para as faltas, impedindo o uso de símbolos que podem ser observados em atitudes regressivas como a enurese, a fala como um

---

<sup>236</sup> WINNICOTT, Donald W. Conseqüências da Psicose Parental para o Desenvolvimento Emocional da Criança. In: \_\_\_\_\_. *A família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. P. 106.

<sup>237</sup> Idem. Objetos e Fenômenos Transicionais. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 25.

bebê ou as crises incontroladas de choro. Para o pai, o filho nada necessita e, portanto, deverá portar-se com atitudes maduras correspondentes a um menino de nove anos. Roberto é falado pela voz de um pai grandioso e potente e ainda assim o menino encontra recursos para identificar-se nas brincadeiras com os personagens intransponíveis.

As expressões de Roberto enquanto narra histórias e nos momentos de jogo com os pares do grupo revelam um gradativo controle da impulsividade. Embora com dificuldades, flexibiliza seu ponto de vista diante da contrariedade manifestada pelo colega. Discrimina papéis com a intervenção do grupo e, apesar da resistência, consegue através de uma nova experiência no jogo com regras refletir sobre o ocorrido nas cenas do cotidiano.

O que se observa em Roberto é a ausência da lei que oportuniza encontrar formas de conviver com a perda, com a frustração e com a experiência do próprio crescimento. Observo freqüentes tentativas de brincar através do retorno a um estágio primitivo em que as situações desafiadoras sejam facilitadas e, se possível, concedidas pelo outro, sem restrições. Neste sentido, uma busca continuada de alguém que lhe empreste a voz, os recursos para suprir as faltas e ainda o encontro com objetos de gratificação imediata, favorecem o declínio temporário da ansiedade originada pelo temor da separação em busca do crescimento. É somente na medida em que se fortalece nas identificações com os adultos que Roberto assume atitudes maduras e aproximadas com as restrições que a cultura lhe impõe.

Segundo Winnicott,

na medida em que a criança se desenvolve e os processos de amadurecimento se tornam mais apurados, e também as identificações se multiplicam, ela se torna cada vez menos dependente de obter de volta o eu (self) dos rostos da mãe e do pai, e dos rostos de outras pessoas com quem se encontra em relacionamento fraterno ou parental.<sup>238</sup>

---

<sup>238</sup> WINNICOTT, Donald W. O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 161.

A incerteza de Roberto a respeito de si e diante da novidade que experimenta na relação com o Outro, especialmente diante dos desafios a serem enfrentados, acentua a sua ansiedade e o descontrole pessoal.

Aulagnier<sup>239</sup> faz uma destacada referência à “angústia de castração como um tributo que todo sujeito paga a esta instância que se chama o Eu, e sem a qual ele não poderia ser sujeito de seu discurso”. Mesmo com nove anos, encontra conforto no colo, na ajuda do adulto fazendo-lhe a higiene pessoal, colocando-lhe os calçados e outros tantos apoios que o tornam incapacitado para buscar alternativas diante de possíveis faltas. A presença da mãe acolhedora não tem limites e por este motivo a criança exacerba sua gratificação com o desejo de destruição. Se por um lado a criança regride a um estágio primitivo do desenvolvimento na tentativa de encontrar apoio e conforto, por outro lado sente o infortúnio pelo fato de manter-se por tanto tempo num processo ilusório de que ela tem poder absoluto sobre o objeto de gratificação.

A castração designa o lugar do sujeito no registro identificatório. Isto é o que nos confirma Aulagnier<sup>240</sup> ao falar da angústia de que o ser humano é tomado quando percebe que jamais ocupou o lugar que imagina seu. Sentir-se deslocado de um lugar supostamente seu causa para Roberto ansiedade e frustração, especialmente pela necessidade da busca de um espaço que possa ser ocupado de modo criativo fortalecendo simultaneamente a autoria e o desejo de veicular um discurso próprio. Quando a voz materna não é mais reconhecida com o poder de dar uma resposta dotada de certeza, a dúvida e a contradição terão de arrancá-lo

---

<sup>239</sup> “Chegará o momento em que a compreensão da interdição de usufruir da mãe se imporá e ela inclui igualmente o passado, o presente e o futuro. É preciso, então, renunciar à crença de ter sido, de ser ou de vir a ser o objeto de seu desejo; a coincidência entre o Outro e a mãe deverá se dissolver definitivamente. A voz materna não tem mais o direito, nem o poder de dar uma resposta dotada de certeza, que exclua a possibilidade de dúvida e de contradição ao “quem sou eu?” e ao “o que deve o Eu tornar-se?” A estas duas questões que devem, entretanto, ter uma resposta, o Eu responderá em seu próprio nome, pela autoconstrução contínua de uma imagem ideal, que ele reivindica como seu bem inalienável e que lhe garante que o futuro não se revelará, nem como efeito do acaso, nem como forjado pelo desejo exclusivo de um outro Eu”. AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 150 -156.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p. 158.

desse lugar idealizado para buscar novas formas de relação com o desconforto provocado pelas exigências do cotidiano.

A função paterna fraturada parece estar presente especialmente nos pais que inviabilizam ao filho condições para suportar as frustrações e para ordenar o desejo em outro nível que não seja o de uma gratificação imediata. Roberto se locomove entre o excesso de limites imposto pela figura paterna e o excesso de gratificação concedido pela mãe, numa luta constante para desprender-se do ódio ocasionado pelo apego simbiótico especialmente com a presença materna. Quando consegue reparar os danos ocasionados pelas atitudes impulsivas e de descontrole, sente-se aliviado e verbaliza sobre o ocorrido reconhecendo sua atitude de atuação junto ao meio. Necessita do apoio, especialmente de um Outro que exerça a *função paterna*, para que suas manifestações agressivas nos momentos de crise sejam nomeadas na ordem simbólica.

Buscando uma aproximação com o referencial de Aulagnier<sup>241</sup>, constato que houve um reduzido espaço para instalação do pensamento ou, segundo Winnicott, a invasão de uma mãe impossibilitada de ser “suficientemente boa”<sup>242</sup> não oportunizou um processo de frustração gradativo, ou ainda no dizer de Lacan, a ausência do nome-do-pai<sup>243</sup>, mantém esta criança alienada no desejo da mãe. Para que Roberto sintasse-se criativo, necessita descobrir um modo de existir espontâneo, de relacionar-se com os objetos e situações como consigo mesmo.

O contato com familiares de Roberto me faz lembrar as afirmações de Winnicott<sup>244</sup> de que as crianças com experiências de relacionamento bastante restritas sentem uma ameaça de perda da capacidade de enfrentar a realidade externa.

---

<sup>241</sup> AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 60-61.

<sup>242</sup> WINNICOTT, Donald W. Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: \_\_\_\_\_. *Textos Selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. P. 401.

<sup>243</sup> LACAN, Jacques. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5, p. 173.

<sup>244</sup> WINNICOTT, Donald W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. P. 135.

As crianças para as quais “o mundo foi apresentado de maneira confusa crescem sem qualquer capacidade de ilusão de contato com a realidade externa; ou então esta sua capacidade é tão frágil, que facilmente se quebra num momento de frustração”. A preferência pelas brincadeiras solitárias ou a busca de livros, jogos individuais e demais objetos que exigem um manuseio individual confirmam a expressão de dificuldade para o enfrentamento da realidade e do contato com o Outro. Observo no entanto, que no brinquedo há uma primazia de satisfação em dialogar com personagens invisíveis e que satisfazem de alguma forma o que deseja.

## 9.2 ENCAMINHAMENTOS FINAIS

A experiência como professora de crianças em fase de escolaridade inicial alertou-me para o fato de que, enquanto umas crianças enfrentam desafios com criatividade, outras expressam-se com impulsividade ou evitam o contato com a realidade e que esse modo de expressar as necessidades e desejos revela a capacidade de simbolização influenciada pela função paterna. Compreender a história dessas crianças e o que lhes marcou no seu desenvolvimento inicial tornou-se uma preocupação instigante, resultando nesse estudo.

Sensibilizada pelas dificuldades das crianças que sofrem as mais severas privações desde o seu desenvolvimento inicial e inspirada na leitura dos estudos teórico-clínicos na área da psicanálise, esta investigação buscou elementos empíricos em uma comunidade de moradores excluídos social e economicamente para refletir sobre as questões de pesquisa. As privações dos sujeitos deste estudo incluem desde as precárias condições de moradia até a presença incerta dos pais na responsabilidade de cuidar o filho logo após o nascimento.

A comunidade de moradores pertence a um complexo de vilas, cujos terrenos foram inicialmente invadidos, e mais tarde tornaram-se propriedade privada com aglomerados de

famílias, constituídas especialmente de crianças. Os espaços físicos reduzidos, as condições de desemprego e subemprego, o grande número de crianças, as freqüentes separações dos casais acompanhadas do abandono dos filhos fazem aumentar as disputas internas e o desamparo das crianças numa fase precoce de suas vidas.

Uma *lei ordenadora*, representada pelos líderes comunitários, expressa o exercício da função paterna. A repressão de condutas homicidas entre os moradores da comunidade e a proteção das crianças em relação aos adultos abusadores físicos e sexuais representam o efeito da função paterna presente nestas lideranças. Além de identificar esta lei ordenativa, a presente pesquisa investigou a *lei constitutiva*, ou seja, a *lei das inscrições* representadas pelo discurso dos pais. Esta, embora não sendo perfeita e em função dessa condição, dá origem a um tipo de estrutura psíquica disponibilizando o sujeito para utilizar de modo mais ou menos eficaz o processo de simbolização.

As crianças com capacidade para simbolizar têm acesso à imaginação e à criatividade próprias do ser humano. Entretanto, essa possibilidade torna-se efetiva quando ela já é capaz de se deparar com a realidade mesmo que frustrante, proporcionada pelo cuidador capaz de ser “*suficientemente bom*”. Provocar o “*estado de falta*” suportável à criança, a fim de instalar nela o desejo de continuar buscando alternativas para as suas ações, só poderá ser desempenhado por uma pessoa que tenha vivido essa experiência.

Busquei em Winnicott (1975), Aulagnier (1979), Lacan (1998), e Freud (1980) elementos conceituais a partir de seus estudos de que a *presença da lei*, ou de um *terceiro* representado pela função do pai na relação mãe-filho, possibilitam ao sujeito sair da condição de natureza, ou seja, de expressar diretamente a energia pulsional, para entrar na condição de um ser civilizado, ordenando as suas necessidades em função do grupo e da cultura à qual pertence.

A fratura da função paterna ocasionada por um trauma ou pelo trágico rompimento da relação entre a mãe e o filho, pode fragilizar o processo de simbolização. Este tema foi explorado por Winnicott (1982), Lacan (1998), Aulagnier (1990), Nasio (1991), Bleichmar, (1994), Ogden (1995), já referidos nas seções três, quatro e cinco, mas especialmente destacados na seção sobre metodologia, quando são apresentadas as categorias de análise. De tudo isto resta saber como esse referencial teórico possibilitou a compreensão sobre os sujeitos da presente pesquisa uma vez que se tratava de crianças que sofreram perdas tais como abandono logo após o nascimento, desnutrição, morte de um dos pais e de familiar próximo, separação judicial da família em função de delitos cometidos pelos pais e tentativas de homicídio dentro da família.

À medida que as crianças brincavam, iam construindo histórias e falando da própria história, possibilitando que eu entrasse como mais um protagonista nas situações improvisadas pelo grupo. Ao refletir sobre as categorias de análise para investigar o uso do espaço potencial, observo como as crianças se locomovem através dos personagens criados bem como os espaços a eles designados atribuindo significados e estabelecendo relações de amor e de ódio como forma de falar das suas vidas. Dentro dessa perspectiva, percebo que os sujeitos investigados expressam tolerância às frustrações, mesmo que de modo restrito, como no caso de Roberto, ou ainda de relativizar os fatos e tomar posição diante de um conflito quando se fez necessário, como no caso de Jéssica.

Através do brincar, das narrativas inventadas e especialmente na forma de se relacionar e de representar os objetos, personagens e situações em cada momento vivido, foi possível refletir sobre a operância no processo de simbolização. Em um dos casos, foi possível perceber de modo claro, que ainda que as privações iniciais de Jéssica tenham sensibilizado o grupo familiar, os avós que trazem da sua história pessoal uma lei interiorizada conseguem proporcionar conforto, segurança e uma crescente e gradativa

diferenciação nos cuidados com a neta; condição essa necessária para mais tarde a criança expressar-se no grupo, conviver com os pares e suportar as frustrações com um bom teste de realidade.

Observei que os sujeitos desse estudo, embora privados da presença dos pais da realidade, como no caso de Jéssica, e da invasiva presença da mãe anulada pelo companheiro, como no caso de Roberto, enquanto narravam suas histórias e combinavam situações de jogo, conseguiam discriminar os papéis, os lugares e as pessoas. Junto com esses elementos representados no brinquedo, os personagens eram pensados em nível imaginário, ao mesmo tempo em que a expressividade do jogo simbólico “faz-de-conta” trazia um diálogo onde se fazia presente o reconhecimento do Outro.

Buscando em Aulagnier um paralelo às afirmações teóricas sobre a constituição psíquica do sujeito, identifico a necessidade de desejar não só a criança, mas pela criança. Da mesma forma, terão mais êxito em desempenhar esse papel tanto os pais na família, quanto os professores na escola, se estiverem inscritos pelo *nome-do-pai* segundo Lacan. A capacidade para a criança suportar as *faltas* ou para *expressar o desejo* com recursos do *simbólico* necessita do suporte de um adulto capaz de acolhê-la tanto na sua dor como na sua onipotência.

A função paterna é concebida de diferentes modos. Em Freud, temos uma criança que anseia pelo pai ou que compete com ele na busca de um lugar junto à mãe. Freud anuncia o pai totêmico que só é reconhecido como tal depois de morto. Na evolução psíquica humana, o pai interdita o filho de ter acesso à mãe instalando na criança a falta que instigará nela o desejo de continuar buscando o objeto desejado.

Lacan apresenta-nos um pai relacionado a uma “função” para designar a *lei*, antecipada pela mãe que concede este espaço no discurso junto do filho. A originalidade da função paterna em Lacan faz parceria com os conceitos de “*mãe suficientemente boa*” de

Winnicott, que dá origem ao *espaço potencial*; espaço esse da criatividade e da subjetivação no desenvolvimento da criança. Na mesma perspectiva Aulagnier fala do processo de identificação da criança diante de uma mãe que se anuncia como nomeada pelo pai e, portanto, incompleta para atender toda a demanda oriunda da criança. Esses pensadores da psicanálise anunciaram através dos seus estudos e dos casos clínicos as conseqüências psíquicas para o sujeito que carece da presença da lei ou de quando essa lei foi inoperante.

Winnicott<sup>245</sup> faz referência à desesperança do anti-social, enfatizando que dele foi retirado o objeto interno bom. Ele foi desapossado do objeto de amor, causando uma privação originadora de uma busca externa reivindicadora desse objeto perdido. Os anti-sociais estudados por Winnicott parecem não disponibilizar do espaço potencial de criatividade e reivindicam através de objetos substitutos a presença da mãe por meio de *atos* como furtos, mentiras, delitos e outros meios de transgressão. Assim, a inoperância da função paterna, além de marginalizar a criatura humana, gera a marginalidade social. O espaço potencial, objeto deste estudo e que também é resultado da função paterna, traz as inscrições que marcam o sujeito desde os primeiros tempos de sua vida.

A capacidade reflexiva nos personagens de Jéssica e de Roberto se faz presente de modo diferente. Enquanto Jéssica toma decisões com capacidade de antecipar os riscos possíveis na situação imaginada, há também a verbalização dos atos com explicações dos efeitos do comportamento assumido. Roberto age por impulso, reconhecendo os efeitos da ação cometida em momentos bastante posteriores. Os sentimentos de reparação são expressados de modo mais regular por Jéssica, que antecipa os efeitos de suas ações. Em Roberto, o sentimento de reparação é vivenciado de modo restrito e com efeito mais retardado. É possível constatar como essas crianças que sofreram fratura da função paterna

---

<sup>245</sup> WINNICOTT, Donald W. A Tendência Anti-Social. In: \_\_\_\_\_. *Privação e Delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, P. 140.

ainda preservam possibilidades do uso do espaço potencial em níveis mais ou menos restritos, dependendo do que lhes marcou na história pessoal e na de seus genitores e progenitores.

Os pais trazem a representação interna dos próprios pais e que influirá de modo significativo o “lugar” designado a cada um dos companheiros no caso os pais da criança. Esta representação está claramente delimitada pelos avós de Jéssica, que expressam junto com a neta e os seus irmãos a existência de pais biológicos impossibilitados de cuidar dos próprios filhos, tarefa que eles ocupam nesse momento, trazendo para a relação familiar o discurso de ambos os progenitores.

Uma avó expressa amor pelos netos, deseja por eles, expressa expectativa e ao mesmo tempo se coloca como parceira do avô que a auxilia na tarefa da educação das crianças. A função paterna se faz presente pela transgeracionalidade dos avós para os netos. Na história de cada indivíduo, sempre esteve presente a relação pai-filho.

Às crianças que foram privadas do espaço potencial para criar, imaginar ou inventar saídas diante do caos pulsional manifesto, resta alguma esperança de que a escola como uma instância educacional possa delimitar desde o espaço geográfico até o espaço psíquico de criatividade com a presença de educadores generosos e firmes no que desejam de seus alunos.

É necessário destacar que os traumas no desenvolvimento inicial provocando a fratura da função paterna não estão restritos aos sujeitos com condições sócio-economicamente desfavoráveis. Como o desenvolvimento também está relacionado às condições psíquicas dos pais, o fator transgeracionalidade é um fator importante para a saúde psíquica do filho. Adultos responsáveis pela educação da criança, pais, avós ou demais cuidadores que tiverem vivido a experiência da função paterna e que respondem aos apelos libidinais e sociais com razoável capacidade de simbolização parecem conseguir exercer esta função de modo eficaz. Por tratar-se de um estudo metapsicológico, este trabalho exclui as relações de causa e efeito tais como pais ausentes e função paterna fraturada, ou presença efetiva dos pais junto dos

filhos e expressão da criatividade e do processo de simbolização diante das exigências impostas pela realidade.

É somente na busca de soluções pensadas, recriadas, imaginadas que a criança consegue ordenar seu desejo e fortalecer o espaço potencial de subjetividade. A idéia de cultura e de civilização traz no seu bojo a função paterna como condição de sua existência. Ela necessita fazer marcas no sujeito para que este construa a cultura. A pedagogia parece melhor cumprir a sua função quando o sujeito vivenciou uma castração simbólica relativamente bem sucedida. Uma criança que inicia a escolaridade, preservada a sua singularidade, necessita ser acolhida com limites e inserida nos códigos e valores sociais para sentir-se segura e verdadeiramente participante do seu projeto de vida e do grupo social mais amplo.

## 10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABADI, Sonia. *Transições: o modelo terapêutico de D. W. Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- ABERASTURY, Arminda; SALAS, Eduardo J. *A Paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- ANDRÉ, Marli E. *Etnografia da Prática Escolar*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- AULAGNIER, Piera. *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O Aprendiz de Historiador e o Mestre-Feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Escuta, 1989.
- \_\_\_\_\_. Observações sobre a Estrutura Psicótica. In: KATZ, Chaim S. (Org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991.
- BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. *A Atualidade das Teorias Sexuais Infantis*. Porto Alegre: CMC Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. O Lugar do Genitor no Autismo e na Psicose. In: \_\_\_\_\_. *Há um infantil na psicose?* Porto Alegre: CMC, 2003.
- BION, Wilfred R. *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- BLEICHMAR, Silvia. *A Fundação do Inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Ed., 1994.
- BOSSA, Nadia. *Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma Teoria da Prática*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Cientistas Sociais)
- BRANDÃO, Carlos R. *A Educação como Cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CAON, José L. O Pesquisador Psicanalítico e a Situação Psicanalítica da Pesquisa. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 145-174, 1994.

CAON, José L. O Pesquisador Psicanalítico e a Situação Psicanalítica da Pesquisa. In: MACHADO, Jorge A. (Org.). *Filosofia e Psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CAREGNATO, Célia; HASSEN, Maria de Nazareth Agra; MAGGI, Noeli Reck. *O Saber que as Crianças Levam para a Escola: traços culturais na sala de aula em escolas da Vila Cruzeiro do Sul/Porto Alegre*. Porto Alegre: UNIRITTER, 2002. Relatório de pesquisa realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação, Cultura e Sociedade.

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

D'AGORD, Marta. Uma Construção de Caso na Aprendizagem. *Pulsional: revista de Psicanálise*, Porto Alegre, ano 13, n. 140-141, 12-21, 2000.

DESHAIES, Bruno. *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume, 1998.

DOLTO, Françoise. *Tudo é Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DOR, Joël. *Estruturas e Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

FOLBERG, Maria N. Criança Psicótica e Escola Pública. In: FLEIG, Mario (Org.). *Psicanálise e Sintoma Social*. São Leopoldo: UNISINOS, 1993.

\_\_\_\_\_. *Desdobrando o Averso da Psicanálise: relações com a educação*. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

FREUD, Sigmund. A Interpretação de Sonhos. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 4.

\_\_\_\_\_. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 7.

\_\_\_\_\_. Romances Familiares. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 9.

\_\_\_\_\_. Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 12.

\_\_\_\_\_. Totem e Tabu. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 13.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 14.

\_\_\_\_\_. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 15.

\_\_\_\_\_. Além do Princípio do Prazer. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 18.

\_\_\_\_\_. O Ego e o Id. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 19.

\_\_\_\_\_. Neurose e Psicose. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 19.

\_\_\_\_\_. A Negativa. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 19.

\_\_\_\_\_. O Mal-Estar na Civilização. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 21.

\_\_\_\_\_. Moisés e o Monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 23.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GREEN, André. Objeto(s) e Sujeito. In: ANDRÉ Green e a Fundação Squiggle. São Paulo: Roca, 2003.

GUTFREIND, Celso. *O Terapeuta e o Lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações Sociais e Esfera Pública*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JULIEN, Philippe. *A Feminilidade Velada: aliança conjugal e modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

KATZ, Chaim S. (Org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução: Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LACAN, Jacques. *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985. Livro 2.

\_\_\_\_\_. *O Seminário: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. Livro 17.

LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como formador da Função do Eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. Introdução ao Comentário de Jean Hyppolite. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. Posição do Inconsciente. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Livro 5.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*: Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MACEDO, Heitor O. *Do Amor ao Pensamento*: a psicanálise, a criação da criança e D. W. Winnicott. São Paulo: Via Lettera Ed., 1999.

MAGGI, Noeli R. O Desenvolvimento Afetivo da Criança e a Aprendizagem na Escola. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 23/24, p. 153-158, 1998.

\_\_\_\_\_. Por que as Crianças Resistem às Leis? *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 32, p. 105-115, jul./dez. 2002.

MANNONI, Maud. *O que Falta a Verdade para Ser Dita*. São Paulo: Papyrus, 1990.

\_\_\_\_\_. A Contribuição de Winnicott para um Trajeto na Psicanálise. *Estilos da Clínica*, São Paulo, ano 3, n. 4, p. 8-19, 1998.

McDOUGALL, Joyce. *Teatros do Corpo*: o psicossoma em psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. *O que é Periferia Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NASIO, Juan D. *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

OGDEN, Thomas H. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter L. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

OGDEN, Thomas H. *Os Sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PAIN, Sara. *Subjetividade-Objetividade: relações entre desejo e conhecimento*. São Paulo: CEVEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Olhar-se. In: \_\_\_\_\_. *A Função da Ignorância*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988. V. 2.

PERES, Urânia T. *O Pai*. [S.l.: s.n.], 2001. Trabalho apresentado no VI Fórum de Psicanálise: "Psicanálise, poder e transgressão", realizado por Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul/UNISINOS, 2001, São Leopoldo.

PERRONI, Maria C. *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

SANTOS, José V. T. A Construção da Viagem Inversa: ensaio sobre a investigação nas ciências sociais. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 55-88, jan./jul. 1991.

SLAVUTZKY, Abrão et al. A Última Paixão de Freud. In: \_\_\_\_\_. *História, Clínica e Perspectiva nos Cem Anos de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SPEIER, Anny. *Los Procesos de Simbolización en la Infancia*. Buenos Aires: PROTEO, 1972.

THIS, Bernard. *O Pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

WINNICOTT, Donald W. A Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. O Lugar em que Vivemos. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: \_\_\_\_\_. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. Por que as Crianças Brincam. In: \_\_\_\_\_. *A criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. Da Dependência à Independência no Desenvolvimento do Indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

WINNICOTT, Donald W. Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro "Self". In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

WINNICOTT, Donald W. A Integração do Ego no Desenvolvimento da criança. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

\_\_\_\_\_. Provisão para a Criança na Saúde e na Crise. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

\_\_\_\_\_. Teoria do Relacionamento Paterno-Infantil. In: \_\_\_\_\_. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

\_\_\_\_\_. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

\_\_\_\_\_. Conseqüências da Psicose Parental para o Desenvolvimento Emocional da Criança. In: \_\_\_\_\_. *A família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. Fatores de Integração e Desintegração na Vida Familiar. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: TEXTOS selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

\_\_\_\_\_. O Conceito de Trauma em Relação ao Desenvolvimento do Indivíduo dentro da Família. In: WINNICOTT, Clare et al. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_. Notas sobre o Brinquedo. In: WINNICOTT, Clare et al. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_. O Pensar e a Formação de Símbolos. In: WINNICOTT, Clare et al. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_. A Tendência Anti-Social. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. O Desenvolvimento da Capacidade de Envolvimento. In: \_\_\_\_\_. *Privação e Delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos Psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

A) CATEGORIAS CONCEITUAIS E DE GENERALIZAÇÃO CIENTÍFICA

B) CATEGORIAS CONCEITUAIS DE OBSERVAÇÃO EMPÍRICA

A) CATEGORIAS CONCEITUAIS DE GENERALIZAÇÃO CIENTÍFICA (Invariantes)	B) CATEGORIAS <sup>246</sup> CONCEITUAIS DE OBSERVAÇÃO EMPÍRICA (Variáveis)			
	Flexibilidade	Discriminação	Capacidade Reflexiva	Percepção da Realidade
Uso do Espaço Potencial				
Operância do Simbólico				
Função Paterna e Função Paterna Fraturada				

<sup>246</sup> Adaptado do texto: OGDEN, Thomas. Sobre o Espaço Potencial. In: GIOVACCHINI, Peter. L. *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 84-92.

## ANEXO 2

## COMPORTAMENTOS OBSERVADOS

Local da observação:  
 Situação observada:  
 Hora do início:

Idade da criança:  
 Sexo:  
 Hora do término:

## INDICADORES DE OBSERVAÇÃO EMPÍRICA (Variáveis)

	Flexibilidade	Discriminação	Capacidade Reflexiva	Percepção da Realidade
Histórias				
Brinquedo: - livre - dirigido				
Relação com: - familiares - pais ou cuidadores - pares				
Linguagem: - fala gestos - jogo faz-de-conta - desenho - brinquedo				

REGISTRO DESCRITIVO DA OBSERVAÇÃO:

### ANEXO 3

#### NARRATIVAS DAS CRIANÇAS

##### A) HISTÓRIAS INVENTADAS PELA CRIANÇA :

- Estímulo apresentado pelo adulto: *“Vamos inventar histórias!”*
- Local: uma sala com três ambientes – biblioteca, sala de vídeo, sala de teatro.
- Recursos: Uma casa de criança com quarto (roupeiro, cama), banheiro (vaso sanitário, pia, chuveiro), cozinha (fogão, geladeira, mesa, pratos talheres, panelas, utensílios básicos), família de bonecos (avô, avó, mãe, pai, empregada, filhos adolescentes, crianças menores e bebês).
- Uma caixa de brinquedo (caminhões, carros, animais, bonecas, pinturas, bola, cordões, material de construção, material de costura, material de encaixe, miniaturas de casas e de cercados).
- Uma caixa com fantoches (jacaré, lobo, chapeuzinho vermelho, leão, coelho, macaco, animais de estimação, personagens humanas masculinas e femininas) e uma janela com cortinas para encenar as peças.
- Uma caixa com vestuário para teatro, roupas de boneca, máscaras, material de costura.

##### B) HISTÓRIAS INVENTADAS PELA CRIANÇA:

Estímulo apresentado pelo adulto – *“Eu vou começar uma história e tu vais continuar”*.

###### 1ª História:

“Um menino está junto com os pais, mas tem de se separar ... “

###### 2ª História:

“O menino vai para a escola ...”

## ANEXO 4

### ENTREVISTAS

#### ÁREAS ABORDADAS NAS ENTREVISTAS:

##### *Pais*

- Situação da família na época em que a criança nasceu
- Cuidados no primeiro ano de vida
- Percepção sobre o bebê quando nasceu
- Reações da criança quando não gosta de alguma coisa. Reação diante das dificuldades.
- Relacionamento com os irmãos
- Reação diante das irritações
- Situações, momentos ou pessoas que mais o(a) descontrolam
- Administração de questões relacionadas ao horário, à ocupação do tempo e das rotinas
- Pessoas mais “ouvidas” entre os que estabelecem as ordens
- Identificação e relacionamento da criança
- Relato sobre atividade da criança nos fins de semana junto dos familiares e com o grupo de amigos

##### *Monitores*

- Modo como a criança chega ao centro comunitário
- Relação com os acompanhantes (pai, mãe ou algum familiar)
- Relação da criança às propostas do grupo
- Expressões da criança nos momentos de desafio
- Reações da criança quando está irritada
- Modo como a criança se relaciona com o grupo durante as atividades dirigidas
- Modo de expressão quando deseja alguma coisa
- Reações da criança nos momentos de lazer
- Manifestações diante das regras estabelecidas pelo grupo ou pelo monitor
- Reações quando lhe é solicitado criar ou inventar alguma coisa

*Impressão:*

